

MEMÓRIAS FEMININAS

DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

NARRATIVAS A PARTIR DO FILME POEIRA E BATOM -
A HUMANIZAÇÃO DO MONUMENTAL
(1957/1960)

TÂNIA MARIA FONTENELE MOURÃO





UnB

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

TÂNIA MARIA FONTENELE MOURÃO

**MEMÓRIAS FEMININAS DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA:
NARRATIVA A PARTIR DO FILME POEIRA E BATOM –
A HUMANIZAÇÃO DO MONUMENTAL
(1957/1960)**

**BRASÍLIA / DF
2022**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

TÂNIA MARIA FONTENELE MOURÃO

**MEMÓRIAS FEMININAS DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA:
NARRATIVAS A PARTIR DO FILME POEIRA E BATOM –
A HUMANIZAÇÃO DO MONUMENTAL
(1957/1960)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como requisito final à obtenção do grau de Doutorado em História.

Linha de pesquisa: História Cultural, Memórias e Identidade.

Orientadora: Prof. Dr. Luiz César de Sá

**BRASÍLIA - DF
2022**

TÂNIA MARIA FONTENELE MOURÃO

**MEMÓRIAS FEMININAS DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA:
NARRATIVAS A PARTIR DO FILME POEIRA E BATOM –
A HUMANIZAÇÃO DO MONUMENTAL
(1957/1960)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como requisito final à obtenção do grau de Doutorado em História.

Linha de pesquisa: História Cultural, Memórias e Identidade.

Orientadora: Prof. Dr. Luiz César de Sá

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz César de Sá
PPGHIS - Universidade de Brasília -UnB
(Presidente)

Profa. Dra. Eloísa Pereira Barroso
PPGHIS – Universidade de Brasília - UnB
(Membro Examinador)

Profa. Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai
Universidade de Alfenas - UNIFAL
(Membro Examinador)

Profa. Dra. Andréa Bandeira Silva de Farias
Universidade de Pernambuco – UPE
(Membro Examinador)

Profa. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
(Suplente)

M53

Mourão, Tânia Maria Fontenele

Memórias Femininas da Construção de Brasília: Narrativas a partir do filme Poeira e Batom – A humanização do monumental (1957/1964) / Tânia Maria Fontenele Mourão – Brasília: UnB, 2022. 234 f.: il.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2020. Orientação: Prof. Dr. Luiz César de Sá
– UnB. Inclui Bibliografia.

1. Brasília (DF). 2. História. 3. Mulheres. I. de Sá, Luiz César. II. Universidade de Brasília. III. Título.

CDU 981.74

Ficha catalográfica elaborada por Elisângela S. G. Macedo CRB1-1670

Dedico este trabalho a todas as mulheres que ajudaram Brasília a nascer

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que o nosso trabalho de pesquisa, nossa vida cotidiana e os percursos que trilhamos para a construção de nossa história não é só nossa. O gesto de agradecer é algo que percebo cada vez mais valioso. Durante a elaboração final deste trabalho, nos defrontamos com os tempos desafiadores de enfrentamento da pandemia mundial do vírus Covid-19 que ceifou milhões de vidas e deixou sequelas profundas em quem sobreviveu. Conviver com as incertezas impostas pela pandemia nos evidenciou com todas as letras o quanto esta vida é passageira e que a única certeza que temos é o momento presente. Agora mais do que nunca o repensar da vida tornou-se algo essencial.

No Brasil sofremos ainda mais não só pela perda coletiva e individual de tantas pessoas queridas e talentosas. O isolamento social prolongado por mais de 12 meses que paralisou nossos projetos, a transformação brusca do nosso cotidiano e a convivência com as ameaças da pandemia geraram continuamente medo diante da morte. Além disso, tivemos de lidar com a partida precoce de mais de 650 mil brasileiras e brasileiros, dentre eles parentes e entes queridos aos quais nem foi possível dizer adeus.

Passamos a conviver com um luto coletivo em todos os sentidos. Tanto pelas mortes (e os números não param de crescer) como também por um dos mais destrutivos e desastrosos governos que tivemos no nosso país. Passamos a presenciar o agravamento cotidiano da pandemia devido à irresponsabilidade governamental, a destruição das nossas florestas, o desmonte de projetos de sustentabilidade ambientais que beneficiavam a população indígena e ribeirinha, o sucateamento das universidades e de seus programas de desenvolvimento científico e culturais.

Agora vemos atônitos ruírem todas as conquistas advindas de lutas pela redemocratização no Brasil após mais de 20 anos do obscuro período da ditadura militar. Presenciamos continuamente a articulação para desmoralizar lideranças que lutam pela defesa dos direitos humanos, o incentivo ao uso de armas, o aumento da misoginia, o feminicídio e uma rede de manipulação articulada de fake news para gerar ainda mais desinformação na população menos favorecida, dentre outras mazelas. Diante desse panorama aterrador cabe refugiar-se num decassílabo de Dante – *Quanto dirne si dee non si piò* / “Jamais se dirá dele o que se deve”. Certamente faltam palavras para retratar o que estamos passando no Brasil 2021 em tempos da pandemia da Covid-19.

Nessas circunstâncias, dediquei-me entre 2020/2021 para a melhoria da elaboração e finalização desta tese. Escrever nessas condições exigiu muitos esforços de superação. Tive momentos de muita satisfação em ver o texto sendo gerido e a sensação de que fluíam os pensamentos, a pesquisa e a escrita. Porém, houve também outros momentos de extrema angústia e aflição por não conseguir produzir o suficiente conforme o desejado.

Felizmente uma rede de apoio e incentivo foi sendo formada desde o início da elaboração deste trabalho, proporcionando-me o destrave das emoções para seguir em frente. Este trabalho não teria sido possível sem o apoio, a amizade e a orientação de uma rede de pessoas que foram fundamentais para chegar até aqui. Possivelmente a lista com os nomes das pessoas queridas que merecem agradecimentos poderia se estender por páginas. Espero não ser injusta em deixar de citar todos os que estiveram presentes nessa trajetória. Desde já peço desculpas por alguma omissão.

Expresso inicialmente a admiração e profundo agradecimento a todas as mulheres participantes desta pesquisa e suas famílias. Sem dúvida, a realização das entrevistas com as 50 mulheres para o filme *Poeira e Batom* proporcionou oportunidade ímpar de conhecer suas vivências. Propiciou igualmente o aprendizado sobre a enorme capacidade de adaptação e de superação das dificuldades que essas mulheres pioneiras tiveram no processo da fundação de Brasília.

Sinceros agradecimentos ao Prof. Dr. Luiz César de Sá (Coordenador do PPGHIS/UnB) como orientador e às professoras Dra. Maria Filomena Coelho (PPGHIS/ UnB) e Profa. Dra. Cláudia Costa Brochado (PPGHIS/UnB) por todas as contribuições para a fase de finalização deste trabalho. Agradeço à Profa. Dra. Eloísa Pereira Barroso (PPGHIS/ UnB), Profa. Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai (UNIFAL), Profa. Dra. Andréa Bandeira Silva e Farias (UPE) e Profa. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado (UFMG) por aceitarem o convite para integrarem a banca examinadora. Às professoras Dra. Joana Maria Pedro (UFSC), Dra. Silvana Barbosa Rubino (UNICAMP), Dra. Eliane Ribeiro Peixoto (FAU/UnB) e Dra. Maria Fernanda Derntl (FAU/UnB), no compartilhamento de sugestões no campo da história, gênero e memórias para o aprimoramento do meu trabalho, em diferentes fases. Ao Rodolfo e ao Jorge, agradeço todo o suporte e a gentil atenção às demandas burocráticas na secretaria do PPGHIS/UnB.

Foi adorável iniciar esse percurso de aproximação com os temas da minha pesquisa no segundo semestre de 2015, no Programa de Pós-Graduação em História – UnB – Universidade de Brasília, Departamento de Pós-Graduação em História como aluna especial da disciplina *História, mulheres, gênero: diálogos interculturais e (in)disciplinares* ministrada pelas

professoras Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz e Dra. Suzanne Oliveira. A disciplina muito colaborou para o aprofundamento de questões históricas, de gênero e da epistemologia feminista. Ao término da disciplina, percebi um campo fértil para a continuidade das minhas pesquisas sobre Invisibilidade das Mulheres na fundação de Brasília. Graças ao incentivo da Profa. Diva, candidatei-me ao exame seletivo do doutorado no final do segundo semestre de 2015. Sentia-me desafiada a retomar os estudos depois de mais de 15 anos distante da vida acadêmica e a ter a possibilidade de me aproximar de um campo de estudos – Memória e História Cultural. Iniciavam-se assim os processos de elaboração e construção teórica deste trabalho.

Agradeço imensamente à Profa. Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz, que sempre se mostrou solidária e prestativa, apresentando sugestões e indicando bibliografia para a melhoria do meu trabalho. Generosamente, em plena pandemia, sugeriu que fosse buscar em sua casa uma edição do livro *História das Mulheres e das relações de gênero no Centro-Oeste* (2020), que me ofereceu como presente para colaborar nas minhas análises. Aprendi muito com nossas conversas e minha admiração aumentava em cada oportunidade de encontro. Tivemos momentos extraordinários de compartilhamento sincero de informações e percepções sobre temas caros: feminismos, questões de gênero e identidades, invisibilidade das mulheres na história. Uma alegria e a grata satisfação de ter tido essa oportunidade de convivência com essa pesquisadora de alto nível teórico e que foi absolutamente generosa no compartilhamento do seu saber. Um exemplo cada vez mais raro no mundo de egos da academia.

Agradeço a disponibilidade e a boa vontade da Profa. Dra. Cristiane de Assis Portela (LABEH/UnB) que, desde os tempos iniciais da pesquisa no Arquivo Público do Distrito Federal, contribuiu com as minhas buscas de imagens e entrevistas sobre as mulheres na história de Brasília para a realização do documentário *Poeira e Batom* em 2009. Desde então passamos a “trocar figurinhas” e suas contribuições foram muito úteis para a elaboração inicial do projeto da tese.

Ao Prof. Dr. Estevão de Rezende Martins (PPGHIS) meus mais sinceros agradecimentos. Tive o prazer de iniciar o doutorado fazendo sua disciplina Teoria e Metodologia de História. Detalhe importante: essa turma seria a última que ele assumia antes de se aposentar após mais de 40 anos dedicado ao PPGHIS. A emoção estava no ar em cada aula! Foi muito importante iniciar os meus estudos de doutorado com essa disciplina. O curso contribuiu para o embasamento metodológico do fazer histórico. Para a conclusão da disciplina, a elaboração do artigo *Mulheres na história de Brasília - Silenciamento da historiografia e recusa de reconhecimento das mulheres como sujeitos históricos* serviu de base inicial dessa

tese. Prof. Estevão, além de excelente professor, tornou-se “fonte de consulta” sempre que necessitava solucionar questões da vida. Foi um grande incentivador e orientador para o melhor direcionamento de minhas pesquisas.

Devo uma palavra de gratidão, igualmente, à Profa. Paola Ferrari, da Faculdade de Arquitetura – FAU/UnB. Iniciamos uma parceria de estudos e trocas de conhecimentos que logo se transformou em amizade. O rico processo de solidariedade que se estabeleceu entre nós, compartilhando bibliografias, nossos textos e, sobretudo, um espaço aberto para desabafar sobre as dificuldades inerentes à construção da tese foi fundamental para a sua finalização.

Agradeço à Profa. Dra. Tania Navarro Swann (PPGHIS/ UnB) pelo estímulo à candidatura para a realização do doutorado “sanduíche” em Montreal, abrindo-me portas para conhecer pesquisadoras notáveis no Canadá, como Dra. Francine Descarries – Universidade do Quebec – UQUAM, Andrée Levesque – Universidade McGill, Franca Iacovetta – Universidade de Toronto e Steve High - Universidade de Concordia. Enfrentando temperatura de menos 25 graus, de muito frio e neve, pude aprofundar conhecimentos sobre Memória e História de Mulheres com aportes teóricos dados pelo Profa. Dra. Denyse Ballargeon, renomada especialista em pesquisas históricas sobre mulheres, feminismo e história oral do Departamento de História da UDEM. Agradeço imensamente a gentil acolhida da Profa. Dra. Denyse Ballargeon na Universidade de Montreal e da Profa. Franca Iacovetta na Universidade de Toronto. Graças às suas orientações, pude desfrutar de momentos inesquecíveis, assistindo aos seus seminários sobre a História das Mulheres no Canadá e debatendo questões de gênero. Tive acesso a uma enormidade de recursos técnicos e bibliográficos inimagináveis para nós que, infelizmente, convivemos com o crescente sucateamento das universidades brasileiras.

Na fase final da tese tive a honra e o prazer de conhecer a Profa. Dra. Thereza Negrão. Mesmo em plena pandemia, gentilmente abriu as portas de sua casa para me receber. Passamos breves momentos memoráveis entre risos e estimulantes discussões sobre o fazer acadêmico. Uma sábia professora que, apesar de ser emérita da Universidade de Brasília, é de uma simplicidade e de uma generosidade exemplares. Agradeço sua disponibilidade em sugerir melhorias nos capítulos iniciais.

Agradeço as produtivas conversas que tive com a Profa. Dra. Ana Miriam Wuench, do Departamento de Filosofia da UnB, que conhece o *Poeira e Batom* como “a palma da mão”. Profa. Wuench adotou o filme para as discussões em suas aulas de Filosofia e Feminismo na Universidade de Brasília desde 2016. Muito me honra e me alegra poder contribuir nessa rede pedagógica de maior equidade de gênero. Em setembro de 2020, durante a elaboração deste trabalho, tive a honra de participar da atividade *Discutindo Gênero através do Cinema* –

Comentando Poeira e Batom no Planalto Central, coordenada pela Profa. Ana Mirian com alunos da UEMA – Universidade Estadual do Maranhão e do workshop *Mulheres construindo cidades: História e Ficção*, na 18ª edição da Conferência da Associação Internacional de Mulheres Filósofas – a *International Association of Women Philosophers* (IAPh), na Universidade de Paderborn (Alemanha).

Muitas releituras e revisões foram realizadas pelos queridos amigos Rita Polli Rabelo e Lunde Braghini Júnior. Graças ao “olhar de lince de jornalistas”, com anos de experiência nas lutas na Procuradoria da Mulher do Senado Federal, detectaram minhas falhas e contribuíram para tornar o texto mais claro e fluido. Grandes companheiros que tiveram muita paciência e sensibilidade na escuta atenta das angústias e dúvidas sobre a pesquisa. Estiveram sempre lado a lado nesse processo de construção. Foram fundamentais nossas longas conversas e o poder contar com a solidariedade nos momentos de desânimo e extremo cansaço. Sempre me davam palavras de incentivo sobre a validade da pesquisa e sobre a necessidade de seguir em frente com o trabalho. Passamos a rir desse “processo de sofrimento” para a construção da tese. Sem dúvida, não é fácil “parir uma nova cria”. Porém, nos momentos mais tensos, lembrava-me de uma frase do Lao Tsé (a.C – 85 a.C) que me acompanha há muitos anos: “não sabendo que era impossível foi lá e fez”. Assim, procurava respirar fundo e seguia para as tentativas de reelaborar a tese. Lunde Braghini, com seu sensível jeito de perceber as coisas da vida, lembrava-me o quanto meu trabalho era uma “água que corria para rios que estavam ressequidos”. Insistia que o meu trabalho de mostrar a importância das primeiras mulheres na história de Brasília era uma “renovação de vida para essas mulheres que estavam esquecidas na sua velhice”. Era um alento ouvir essas palavras de incentivo que me acalmavam e soavam como uma doce sinfonia de Bach. Sem palavras para agradecer tudo o que fizeram.

Agradeço o convite das professoras Dra. Andréa Bandeira Silva de Farias (UPE) e Dra. Alcileide Cabral de Nascimento (UFRPE), coordenadoras do Simpósio *Feminismos, Relações de Gênero, Narrativas e Políticas Públicas*, que integrou a programação do 30º Simpósio Nacional de História: História e o Futuro da Educação no Brasil, promovido pela Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, no período de 15 a 19 de julho de 2019 na Universidade Federal de Pernambuco. Muito me honra ter participado desse importante encontro e ter desfrutado de ricas discussões sobre o meu trabalho e de momentos inesquecíveis em Recife. Nesse simpósio conheci outras pesquisadoras que contribuíram também em muitos aspectos para melhoria da qualidade deste trabalho: as professoras Noemia Luz (Arquivo Público de Pernambuco) e Danielle Moreira (UFG).

Agradeço o trabalho de revisão metódico de Elisângela S. G. Macedo, Aroma Bandeira, Morgani Guzzo (LEGH/UFSC), Katharine Trajano (UFPE) e Tina B. Selles Ribeiro. Admirável a dedicação e a presteza de Márcia Denise Rodrigues Alves Saraiva na realização das transcrições das entrevistas, mesmo tendo que cuidar da mãe com Covid 19 e de conviver nesse período com a perda de três tios para essa doença. Agradeço muito os esforços e o espírito de equipe de todas para o aperfeiçoamento da tese.

Agradeço igualmente à Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Ministério da Educação pela concessão de bolsa de estudos durante o período de 2017/2020, apoiando a realização da pesquisa do doutorado, e a Universidade de Montreal (Canadá), pelo apoio para a realização de pesquisas durante o segundo semestre de 2018.

Às amigas e amigos os meus mais sinceros agradecimentos por todo apoio e estímulo em todos os momentos: Berenice Silveira e Carlos Lessa, Diva Moreira, Rita Nardelli, Luiza Frade, Ana Neri Parente, Ana Liési, Elna Dias, Maria Maurício, Cristina Arzabe, Silvia Ferro, Monica Lopes e Manu Militão, Guiseppina D'Angela, Rafael Pereira da Silva, Sandra Machado, Caio Marezzi, Aline Ferrari Miranda Freitas, Domingos Coelho, Sérgio Ramos, Luiz Carlos Costa, Sílvia Clímago e Maria Lúcia Montes (*in memoriam*).

Por fim, agradeço do fundo do coração todo carinho de minha família, em especial à minha mãe, Maria Inês Fontenele Mourão, fonte inspiradora deste trabalho que chegou em Brasília nos seus primórdios, recém-casada em 1960 com 24 anos para ser professora de geografia na Escola Industrial de Taguatinga. Aos meus queridos Marcos, Clara, Pedro, Livia e Alessandra, que acompanharam passo a passo as alegrias e os desafios da construção desta pesquisa com paciência heroica. Meus agradecimentos ao meu querido pai, grande entusiasta da construção de Brasília que ao se lembrar dos tempos iniciais de quando chegou na cidade nos idos de 1958 seus olhos brilhavam de emoção. Todos foram fundamentais para a elaboração deste ciclo de pesquisa iniciado em 2009 sobre as Memórias Invisíveis das mulheres do início de Brasília.

Ser mulher no meio da poeira da construção de Brasília me fazia ainda mais forte.

(Mercedes Ribas Parada, desenhista do mapa das desapropriações, 2010).

Eu nunca senti dificuldade em ser mulher.

(Hilda Ribeiro da Silva, enfermeira, 2010).

Nós mulheres estávamos fazendo a revolução na Brasília de 1960.

(Maria Marta Cintra, professora, 2010).

Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília.

Eu estava sozinha no mundo.

Havia um táxi parado. Sem chofer. – Lucio Costa e Oscar Niemeyer, dois homens solitários. – Olho Brasília como olho Roma: Brasília começou com uma simplificação final de ruínas. A hera ainda não cresceu. – Além do vento há uma outra coisa que sopra. Só se reconhece na crispação sobrenatural do lago. – Em qualquer lugar onde se está de pé, criança pode cair, e para fora do mundo. Brasília fica à beira. – Se eu morasse aqui, deixaria meus cabelos crescerem até o chão. – Brasília é de um passado esplendoroso que já não existe mais. Há milênios desapareceu esse tipo de civilização [...].

(Clarice Lispector, 1992).

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma visão feminina sobre o período de construção de Brasília, a partir da análise de narrativas de mulheres que chegaram ao local entre 1957 e 1960 e tiveram participação ativa no nascimento da nova capital do Brasil. A narrativa mais comum da fundação da cidade é marcada pela exaltação de personalidades como o presidente Juscelino Kubitschek, os arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, o paisagista Burle Marx e os candangos (trabalhadores das obras), todos homens. É praticamente inexistente, nessa narrativa, qualquer referência às mulheres. Na tentativa de reverter esse quadro, esta pesquisa propõe aproximação com o fazer histórico sob perspectiva pouco explorada na historiografia da cidade. Foram selecionados trechos de entrevistas contidas no filme documentário Poeira e Batom com depoimentos de mulheres pioneiras que exerceram diversos ofícios: lavadeiras, professoras, cozinheira, prostituta, funcionárias públicas, caminhoneiras, engenheiras e parteiras, dentre outras. Essas mulheres se dedicaram a suas profissões em condições precárias, moraram em casas de madeira ou acampamentos improvisados, sem acesso a água ou energia elétrica. Sacrificaram-se no meio da poeira das construções para a consolidação da cidade e, no entanto, raramente foram lembradas. Seus relatos desvendam detalhes da vida cotidiana sob a perspectiva de gênero no fim dos anos 1950 e começo dos anos 1960. Apresentam uma visão humanizada da cidade monumento. A pesquisa busca contribuir para a valorização e a preservação das memórias das mulheres pioneiras em um período tão marcante da história brasileira.

Palavras-Chave: Brasília. História das Mulheres. Memórias. Invisibilidade do trabalho feminino. Cinema.

ABSTRACT

This research aims to present a female view on the period when Brasília was built, based on the analysis of the narratives of women who arrived there between 1957 and 1960 and actively participated in the birth of the new capital of Brazil. The most common narrative of the city's foundation is marked by the exaltation of personalities such as President Juscelino Kubitschek, architects Oscar Niemeyer and Lúcio Costa, landscape architect Burle Marx and the candangos (construction workers), all men. In this narrative, there is practically no reference to women. In an attempt to reverse this observation, this research proposes an approach to historical making from a perspective little explored in the historiography of the city. We have selected excerpts from the interviews contained in the documentary film *Poeira e Batom*, with testimonials from pioneer women who worked in various trades: washerwomen, teachers, cooks, prostitutes, civil servants, truck drivers, engineers, and midwives, among others. These women dedicated themselves to their professions in precarious conditions, living in wooden houses or improvised encampments, without access to water or electricity. They sacrificed themselves amidst the dust of the construction sites for the consolidation of the city, and yet they were rarely remembered. Their accounts reveal details of daily life from a gender perspective in the late 1950s and early 1960s. They present a humanized vision of the monument city. The research seeks to contribute to the appreciation and preservation of the memories of pioneer women in such a remarkable period of Brazilian history.

Keywords: Brasília. History of Women. Memories. Invisibility of women's work. Cinema.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Inauguração de Brasília. 21/04/1960. Fonte: Arquivo Publico do DF. Pessoas durante recepção oferecida pelo presidente Juscelino Kubitschek no Palácio do Planalto na inauguração de Brasília.....	80
Figura 2 — Barraco na Vila Amaury.....	83
Figura 3 — I Concurso Oficial de Miss Brasília - 1959	124
Figura 4 — Martha Garcia vence concurso de Miss Brasília – Revista Cruzeiro – 1959	124
Figura 5 – Palácio do Alvorada/ Simca Chambord, 1958	126
Figura 6 – Revista Manchete, n. 2, 1960	127
Figura 7 – Zeni Moreira de biquíni, Minas Brasília Tênis Clube, 1959.....	131
Figura 8 —Telefonista / Mesa de fazer chamadas – Brasília – 1959	135
Figura 9 – Neiva com seus caminhões: Internacional e GMC, 1957	141
Figura 10 – Professora Anahir Pereira da Costa – primeiras aulas na Cidade Livre.....	145
Figura 11 – Professoras da Escola Julia Kubitschek – Primeira Escola de Brasília – 1957 – Candangolândia.	146

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	18
1 CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS SOBRE O INÍCIO DE BRASÍLIA-----	30
1.1 A memória como construtora de identidades-----	35
1.2 Elaboração de memórias e a fundação de Brasília-----	38
1.3 Imaginário simbólico de narrativas sobre a fundação de Brasília.-----	40
1.4 O mundo no nascimento de Brasília-----	47
1.5 O começo de Brasília-----	52
1.6 Fundação da capital no coração do Brasil-----	55
1.7 Opiniões divergentes quanto aos benefícios da transferência para o Planalto Central-----	59
1.8 Estratégias de convencimento-----	61
1.9 Palmerinda Nonato relembra a pergunta de Toniquinho-----	63
1.10 Orgulho ter participado dessa fase histórica de Brasília-----	68
1.11 Missa da Inauguração-----	71
1.12 Hino de Brasília e o sentimento de urgência-----	74
1.13 Desfile de Inauguração-----	78
1.14 A Alegria da inauguração de Brasília-----	79
2 HISTÓRIA DAS MULHERES E O ROMPIMENTO DO SILÊNCIO-----	88
2.1 Inclusão das mulheres no campo da historiografia-----	93
2.2 Velhice das mulheres e a reelaboração de memórias-----	99
2.3 Memórias Femininas da construção de Brasília-----	102
2.3.1 Tópico 1: <i>Aceitar trabalhar em Brasília era um ato de coragem para as mulheres</i> -----	102
2.3.2 Tópico 2: <i>“Brasília é a mulher de mais de 50 anos, emancipada, com muitas contradições e que teve a coragem de ir para dentro do país e fazer o país florescer”</i> -----	107
2.3.3 Tópico 3: <i>“Brasília inspirava grande liberdade para as mulheres”</i> -----	110

2.3.4 Tópico 4: <i>“Tudo era muito limitado para nós. Mulher não valia nada e muito menos as mulheres casadas”</i> -----	111
2.3.5 Tópico 5: <i>“Nunca tive o menor problema pelo fato de ser mulher”</i> -----	115
3 NARRATIVAS DE MULHERES SOBRE O UNIVERSO DO TRABALHO E PAPÉIS SOCIAIS DURANTE A FUNDAÇÃO DE BRASÍLIA -----	119
3.1 Locutora de rádio da “ Voz de Brasília” – 1957-----	119
3.2 Secretária da Novacap – 1959-----	128
3.3 Telefonista do Presidente JK - 1958-----	133
3.4 Parteira – enfermeira especializada nos E.U.A. 1959/1964-----	136
3.5 Motorista de caminhão/ líder espiritual – 1958-----	139
3.6 Médica ginecologista -----	142
3.7 Professoras -----	144
3.8 Agricultora japonesa – 1958-----	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	157
BIBLIOGRAFIA -----	163
REFERÊNCIAS FÍLMICAS -----	172
REFERÊNCIAS DAS ENTREVISTAS -----	173
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA – APRESENTAÇÃO DOS PRINCIPAIS TERMOS ABORDADOS NAS ENTREVISTAS COM AS MULHERES -----	176
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS -----	177
ANEXO A – APRESENTAÇÃO DAS MULHERES QUE NARRARAM SUAS MEMÓRIAS -----	213
ANEXO B – CAPA FILME POEIRA E BATOM -----	226
ANEXO C – REPORTAGEM NO JORNAL METRO - BRASÍLIA, 11 DE ABRIL DE 2013 -----	227
ANEXO D – RELATO SOBRE AS MULHERES DE BRASÍLIA -----	228
ANEXO E – CRÔNICA BRASÍLIA – CLARICE LISPECTOR -----	231
ANEXO F – O QUE A MEMÓRIA AMA FICA ETERNO -----	233

INTRODUÇÃO

Pesquisar a participação das mulheres na fundação de Brasília é combater uma amnésia coletiva. A historiografia da cidade é marcada pela exaltação da atuação do presidente Juscelino Kubitschek; dos arquitetos e urbanistas Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Burle Marx: ou dos candangos (trabalhadores das obras): todos homens. Raramente as mulheres foram lembradas nesse período histórico, que estranhamente omite a participação feminina na concretude da capital brasileira. Dessa maneira, caberia unicamente aos homens o protagonismo desse feito histórico? A partir desse questionamento, cabe outra indagação: como desnaturalizar as ausências das mulheres – e os estudos sobre estas – na fundação de Brasília?

Ressaltar o papel de figuras femininas no início da construção de Brasília e preservar as memórias dessas mulheres – que, no momento da realização da pesquisa, eram idosas contando suas histórias de vida de quando eram jovens mulheres na cidade que nascia – são ações que podem ajudar a romper o silenciamento de suas participações na historiografia da fundação de Brasília. Nesse sentido, iniciamos essa pesquisa com algumas hipóteses e problemáticas: ao propormos a história da fundação de Brasília, sob a perspectiva das *mulheres pioneiras*, chegaríamos a uma percepção diferenciada desse momento histórico? Essas mulheres se consideram construtoras de parte da história de Brasília? Quais seriam as estratégias utilizadas por essas mulheres ao lembrarem de suas vivências profissionais e sociais nos primeiros anos da construção de Brasília?

Na busca de respostas a essas questões, selecionamos narrativas de mulheres que chegaram à cidade ainda em edificação, entre 1956 a 1960. Esses dados advêm dos depoimentos colhidos durante a elaboração do documentário *Poeira e Batom – 50 mulheres na construção de Brasília* (2010). A pesquisa e a realização do filme se deram com a proximidade da celebração dos 50 anos da inauguração de Brasília¹.

Produzi esse filme com o intuito de registrar as memórias femininas da fase inicial da construção da nova capital do Brasil, as quais foram pouco lembradas pelos anais da história de Brasília. Cabe ressaltar que, nesta pesquisa, serão analisados fragmentos das narrativas das entrevistas produzidas para o filme, que foram colhidas entre 2009 e 2010. Serão discutidas questões relacionadas à percepção das condições imputadas às mulheres na época do início de Brasília, as suas lembranças sobre as atividades profissionais e o contexto social em que estavam inseridas. Ou seja, não se pretende aqui fazer uma análise do filme, mas, sim, das

¹ O filme *Poeira e Batom* foi editado em 58 minutos, direção Tânia Fontenele. Está disponível para acesso online no endereço: <https://youtu.be/tnVre1turYw>. Acesso em 15 mar. 2021.

narrativas colhidas para a sua elaboração. Descrevo a seguir, alguns detalhes do processo para a elaboração da coleta dos dados.

Trata-se de um conjunto de entrevistas, composto de histórias de vidas sobre a fundação de Brasília e construídas por mulheres que pertenciam a classes sociais e contextos culturais distintos, bem como provenientes de diferentes regiões brasileiras (Minas Gerais, Goiás, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rondônia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo) e países (Alemanha, Espanha, Japão e Síria).

As entrevistas foram realizadas com mulheres idosas entre 65 a 91 anos de idade. Foram escolhidas aquelas que exerceram atividades profissionais, seja selecionada por concurso público para atuar como professora, médica e/ou servidora pública nos setores administrativos da Novacap – Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil; seja trabalhadora do setor informal, como cozinheira, lavadeira, costureira, agricultora, prostituta, radialista, parteira.

O recorte da pesquisa priorizou mulheres que nunca haviam contado suas histórias e que vieram para Brasília entre 1958 e 1960. Outro critério adotado foi priorizar àquelas que moravam nos acampamentos de obras (Vila Planalto, Vila Operária – hoje Candangolândia –, Morro do Urubu e Cidade Livre – hoje Núcleo Bandeirante). Para compilar o perfil das entrevistadas, foi elaborada uma tabela incluindo seu nome, a data de chegada, idade, o local de origem, profissão exercida, o lugar de residência no período recortado pela pesquisa e atualmente, e as suas condições de saúde durante o processo de escrita da tese (conferir a Tabela 1 página 21).

Para seleção das participantes dessa pesquisa, foram realizadas buscas de referências nas publicações do Arquivo Público do Distrito Federal, no Museu Vivo da Memória Candanga², na Biblioteca Escolar e Comunitária da EQS 108/308 Sul. Procuramos também as associações de moradores das regiões em que se estabeleceram os acampamentos das obras e em conversas com moradoras das primeiras quadras de moradias de Brasília (SQS 106/306, SQS 107/307, SQS 108/308 e SQS 109/309), onde foi possível localizar outras indicações de nomes de mulheres que chegaram antes da inauguração da cidade.

Para as entrevistas, seguimos um questionário semiestruturado (Apêndice A). No início da entrevista, pedimos para elas informarem nome, idade e local de origem. Neste momento, o tópico de discussão era qual tinha sido a primeira vez que ouviram falar de Brasília, os motivos que estimularam a sua vinda e como foi a sua chegada à cidade. A partir daí, quais foram as suas primeiras impressões no período; assim como qual tinha sido as suas percepções enquanto

² Este termo será problematizado na página 24.

mulheres que chegavam a essas terras longínquas e cheias de poeira, e qual era o significado de Brasília nas suas vidas. Posteriormente, deixava que a entrevistada abordasse livremente temas que consideravam mais relevantes em suas histórias de vida.

Foram realizadas 46 entrevistas filmadas, tendo em média quatro mulheres entrevistadas por dia, sendo duas pela manhã e duas na parte da tarde. O período das gravações foi de 24 de maio a 26 de junho de 2010. Todas as entrevistas foram realizadas por mim e as filmagens foram em câmera digital PD 170 da Sony e equipamento completo de luz e monitoramento. Buscando proporcionar ambiente aconchegante e tranquilo, evitando que as entrevistas ocorressem em um estúdio fechado e impessoal, tomei a decisão de realizar as entrevistas em minha casa. Dessa forma, proporcionaria a elas a sensação de um convite à intimidade, proporcionando ambiência acolhedora para favorecer que elas pudessem “revelar” da melhor forma possível suas memórias. A fim de facilitar o acesso ao local das entrevistas, contratei um motorista para buscar e levá-las de volta.

Montei o cenário das filmagens perto da varanda que dava para um jardim. Montei ali uma mesa com bolinhos, biscoitos e alguns quitutes para serem servidos com chá, café e sucos naturais. Enquanto elas relaxavam e observavam as árvores e flores do jardim, conversávamos um pouco e eu servia um chá e explicava-lhes que estava fazendo um filme com as mulheres contando suas vivências na fase inicial da cidade.

Para padronizar o cenário das entrevistas, foi posicionado um banner para servir de fundo, de 5m X 5m, com imagens em preto e branco que mostravam cenas com a presença de mulheres na fundação de Brasília. Em frente a este banner, foi posicionada uma confortável poltrona com design dos anos 1960 de cor terracota (para remeter o tom avermelhado da poeira de Brasília). Esse cenário tinha a vantagem de ser facilmente manipulável. Foram realizadas 10 entrevistas nas residências das senhoras que tinham dificuldade de locomoção ou estavam em precárias condições de saúde que as impediam de sair de casa. Coloquei o “cenário” no meu carro e segui para as residências dessas mulheres nas localidades de Valparaíso, Núcleo Bandeirante, Taguatinga Sul, Vila Planalto, Asa Sul e Asa Norte.

No início das entrevistas, procurava deixá-las bem à vontade, e com algumas procurava apaziguar quanto ao fato de falar para uma câmera. A grande maioria nunca tinha tido a oportunidade de contar suas histórias sobre a fundação de Brasília. Tratava-se de algo muito novo para elas participarem de um processo de uma entrevista, e de saber que somente mulheres participariam dessas entrevistas.

A previsão inicial de duração de cada entrevista seria de 30 minutos. Para nossa surpresa, todas as entrevistas extrapolaram o tempo estabelecido. Por se tratar de senhoras

idosas, na faixa etária entre 70 e 90 anos, e o fato de que a grande maioria não falava sobre as suas “memórias sobre o início da cidade” havia mais de 30 anos, elas tinham dificuldade de articular de forma objetiva e direta sobre o assunto. Percebi que não tinha condições de limitar o tempo da entrevista. Cada entrevista ficou em média com 65 minutos. O material completo, sem cortes, totaliza 60 horas. Todas as participantes assinaram termo de permissão de uso de imagem e conteúdo.

Tabela 1 – Dados das entrevistadas em Brasília entre 2009 e 2010.

Nome	Data de chegada	Idade na época da entrevista	Local de origem	Profissão exercida em Brasília durante a fundação	Local residência quando chegou em Brasília	Local residência quando foi entrevistada 2010	Condições de saúde durante a elaboração tese
Alice Andrade Maciel	1958	74 anos	Jaraguá - GO	Enfermeira especialista em Tuberculose e Saúde Mental Treinamento de estudantes de enfermagem nos hospitais e acampamentos das obras	Casa de madeira Acampamento COENGI	Lago Sul	Problemas cardíacos
Braulina Mendes De Carvalho	1958		GO	Oficial de Adm. / Novacap	Cidade Livre	Guará	Mora com a filha por ter pressão alta e perda de memória
Carmela Nin de Esculder	1960		Barcelona	Trabalhava em casa Veterinária autônoma	Vila Planalto – Moradia dos engenheiros	Lago Sul	Faleceu Setembro/ 2020
Cacilda Rosa Bertoni	1957	91 anos	São Paulo – SP	Enfermeira com especialidade nos EUA Parteira nos acampamentos	Cidade Livre	Lago Sul	Falecida
Cleusa de Oliveira Menezes Senna	1957		GO	Locutora da primeira rádio comunitária de Brasília	Cidade Livre	HIGS 711	Boa saúde
Celina Quitéria Zeferino	1960	76 anos	GO	Dona de casa	Acampamento Construtora Palácio da Alvorada	Vila Planalto	Diabetes Dificuldade no andar
Cosete Ramos Gebrim	1960		RS	Professora CASEB	Apto. funcional para Deputados	Asa Sul	Boa saúde
Take Iabushita Ofugi (Florinda) ** Mãe Da Harco Ofugi.	1959	92 anos	Japão/ SP/ Goiânia	Floricultora	Chácara dos Japoneses - Av. do Contorno Ch. 25 (atrás da feira N. Bandeirante)	Vila Planalto	Mora com a filha Não consegue falar Alzeimer
Leocádia Paradella Cardoso	1960		Rio de Janeiro	Professora	Cidade Livre – invasão	HIGS 712	Demência/ Alzeimer
Ester Gums Xavier	1960		Curitiba	Psicóloga	Asa Sul	Garvey Park Hotel (hóspede)	Falecida
Georgina Janete Camara	1958	80 anos	SP	Primeira Telefonista de Brasília – Trabalhou no Palácio do Planalto JK a Lula	Cidade Livre	Lago Sul	Alzeimer
Gerda Gumprich	1957		Silésia - Alemanha/ Friburgo	Trabalhava em casa/ Secretária na Embaixada da Alemanha	Cidade Livre - Sede provisória do Banco do Brasil	HIGS 714	Problemas circulatórios nas pernas
Gláucia Parada	1957	64 anos	Ipameri - GO	Primeira aluna do Colégio La Salle – Cidade Livre	Rua do Sossego - Rua dos Engenheiros Candangolandia	Lago Sul	Boa saúde
Golda Pietricovsky de Oliveira	1960		SP	Acampanhando marido jornalista fundador do Correio Paulistano Professora de Teatro Candanguinho – filhos dos operários	SQS 108	SQS 206	Falecida
Harco Ofugi Rodrigues (Filha da Florinda)	1959	64 anos	Goiânia- GO	Advogada	Setor de Chácaras – Núcleo Bandeirante	Vila Planalto	Boa saúde
Hilda Ribeiro da Silva	1958		Teresina - PI	Enfermeira/ parteira do IAPI – Primeiro hospital de Brasília – Núcleo Bandeirante	Cidade Livre Acampamento GEB	Guará II	Perdeu uma perna em acidente de lambreta/ cadeirante Faleceu agosto/2020

Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho	1959		Rio de Janeiro Veio do Rio de Jeep – sete dias de viagem	Arquiteta	Cidade Livre/ Acampamento Palácio da Alvorada	Lago Sul	Falecida
Isis de Maria Lopes Guimarães Ferreira	1958	69 anos	Planaltina	Tabeliã	Planaltina – Fazenda Guimaraes	Asa Sul	Boa saúde
Jandira Carlos de França	1957	59 anos		Dona de Casa	Acampamento Palácio do Planalto	Vila Planalto	Boa saúde
Josefa Carmelita Silva França	1960	76 anos	Currais Novos – RN Veio de pau de arara	Cozinheira/ lavadeira	Vila Amaury	Vila Planalto	Falecida
Jurema Chabalgoity Toscano Barbosa	1960	85	Porto Alegre – RS	Primeira médica Ginecologista / Hospital IAPI	Vila Hospital IAPI/ Apto. JKO 408 sul	SQS 304	Alzheimer
Lady Carlos Alarcão	1960		1960	Professora primária/ parteira Fazia partos nas fazendas. Ia a cavalo ou a pé	Planaltina - Fazenda	SQS 112	Falecida
Lia Sayão de Sá	1957	64 anos	Goiânia	Filha de Bernardo Sayão - Aposentada	Rua do Sossego - Rua dos Engenheiros Candangolandia	Lago Sul	Boa saúde
Lilian Portugal Magnavita		89 anos	Salvador/BA	Professora de Teatro Escritora	Cidade Livre	Metropolitan Hotel	Falecida
Luiza Ferreira de Souza	1959		Maranhão	Parteira	Cidade Livre	Lago Sul	Debilitada/ Câncer
Márcia de Souza Almeida (Mãe Maria Coeli)	1957	89 anos	Belo Horizonte – MG	Líder Comitê Feminino pró JK Mudancista Esposa Deputado Federal amigo JK	SQS 108	BH	Falecida
Maria Aparecida Leite Nunes	1958		MA	Auxiliar de Enfermagem	Cidade Livre	SQS 409	Falecida Alzheimer
Maria Coeli de Almeida Vasconcelos	1960			Professora primária	SQS 108	SQS 206	Depressão Alzheimer
Maria Das Neves Costa Morici	1957	90 anos	Belo Horizonte – MG	Professora do Júlia Kubitschek, primeira escola pública de Brasília Candangolandia	Cidade Livre	SQS 304	Falecida
Maria Vicentina de Cássia (Maria do Chapéu)	1961	72 anos	MG	Líder comunitária Comerciante	Vila Planalto	Vila Planalto	Boa saúde
Maria Inês Fontenele Mourão	1960	72 anos	Rio de Janeiro – RJ	Professora e Empresária	QNA 5 Taguatinga	Lago Sul	Boa saúde
Maria Katuko Haga Torres	1958		SP	Enfermeira	Cidade Livre	Taguatinga Norte	Perda de memória
Maria Marta Cintra	1960		São Bento do Uma - PE	Professora 106 sul – primeiras escolas integrais – Escola Parque	SQS 106	Asa Sul	Boa saúde Alzheimer
Maria Maura Figueiredo	1960	60 anos	MG	Auxiliar do Padre Roque – Líder comunitária do Núcleo Bandeirante	Cidade Livre	Núcleo Bandeirante	Boa saúde
Mercedes Ribas Parada	1956	85 anos	GO	Desenhista e calculista dos mapas das terras a serem desapropriadas para a construção de Brasília	Rua do Sossego Candangolandia	SQS 309	Falecida
Neuza Pinho França	1960		Rio de Janeiro	Professora (Música) Autora do Hino de Brasília	SQS 106	SQS 105	Falecida
Orbella de Souza Lobo	1957		Planaltina	Professora	Alojamento dos professores - Candangolandia	SCLRN 715	Perda de mobilidade e memória Falecida
Palmerinda Vidal Nonato	1957		Anta - Sapucaia – RJ	Farmacêutica Química	Cidade Livre	SQN 314	Falecida
Salan Kozac	1957	82 anos	Síria	Armazém Cidade Livre	Cidade Livre	SCLRN 704/5	Perda de mobilidade e memória Falecida
Sonia Vasconcelos Souza	1960		Leopoldina - MG	Caixa Econômica Federal	Asa Sul	SHIS QI 7 - 13 – 19 – Lago Sul	Perda de mobilidade e memória
Terezinha de Jesus	1960		Porto Alegre – RJ	Professora	Asa Sul	SQS 205	
Walnísia Alves dos Santos	1957		GO	Auxiliava a mãe como costureira	Cidade Livre	SQS 108 Bl. A Ap. 301	Boa saúde
Vanda Clementina Dias Corso	1957	84 anos	Belo Horizonte – MG	Professora escola integral – Vila Planalto Coordenadora Creche Comunitária Vila Planalto Líder Comunitária	Av. JK - Casa 15 Acampamento Rabelo	Av. JK - Casa 15 Acampamento Rabelo	Boa Saúde

Iara Pietrikovsky de Oliveira	1960		SP	Brincava nos buracos das obras da Aluna de teatro	SQS 108	Lago Sul/ Holanda	Boa saúde
Ione Gomes	1960	60 anos	Rio de Janeiro	Gerente da casa de encontros – Placa da Mercedes Prostituta	Cidade Livre	Jardim Céu Azul	Depressão Problemas de saúde
Zeni Moreira	1959	74 anos	Macapá - AM	Funcionária Pública	Cidade Livre	SQS 408	Perda de mobilidade e memória/ depressão

Fonte: Da autora

Entre tantas escolhas necessárias para a elaboração dessa pesquisa, foram selecionados fragmentos das narrativas que apresentavam memórias acerca de suas histórias de vida, fazendo correlações com fatos históricos para a concretização da transferência da capital, relatando suas percepções das transformações sociais quanto ao papel feminino na sociedade dos anos 1960, e os desafios enfrentados pelo fato de serem mulheres e de serem em menor número num universo majoritariamente masculino.

Outro recorte escolhido para essa pesquisa foi a seleção de fragmentos de narrativas relacionadas ao universo profissional e o simbólico papel social das mulheres na época da fundação de Brasília. Ao promover a seleção de oito profissões, procuramos adotar critérios como o pioneirismo, a inovação dentro de profissões já existentes e o local de origem das entrevistadas (diferentes regiões do Brasil e do exterior). Para complementar as análises das narrativas, foram utilizadas algumas fotos, referências de jornais e revistas relacionados com a participação das mulheres e a fundação de Brasília.

As memórias das mulheres que presenciaram por mais de meio século os anos iniciais de Brasília, selecionadas para esse estudo, nos possibilitam conhecer alguns detalhes desse momento histórico. Entre memória e esquecimento, muitas formas e caminhos do viver durante a concepção da nova capital do Brasil foram por elas expostos, reelaborando os vestígios de suas memórias marcadas pelas dificuldades de viverem numa cidade que ainda estava por existir.

Ao evocar as memórias das mulheres “pioneiras” – como chamo as que chegaram para a fundação de Brasília – pretendo contribuir para reverter o silêncio historiográfico praticado sobre o papel feminino na fase inicial da cidade. Seus depoimentos ajudam a compor outra imagem do cotidiano de quem colaborou na empreitada da edificação de Brasília. Trata-se de um conjunto de narrativas heterogêneo, composto de memórias coletivas sobre a fundação de Brasília, construídas por sujeitas pertencentes a classes sociais e contextos culturais diversos. Ao elaborarem suas memórias desse período, elas foram revelando o cotidiano da cidade em construção e escavando fatos olvidados sobre as condições de vida naquele período.

Cabe ressaltar que os termos “pioneira” e “candanga” surgem espontaneamente nas entrevistas das mulheres ouvidas. As duas palavras são usadas geralmente de maneira quase indistinta, como se fossem praticamente sinônimos, embora algumas das entrevistadas fizessem questão de se intitular “candangas”. Com o tempo, como observa Roque de Barros Laraia³, tornou-se evidente que os dois termos embutiam conotações diferentes no que se refere à posição social daqueles que eram chamados de “candangos” e dos que se intitulavam “pioneiros”. A palavra “candango” foi inicialmente usada por africanos para designar os portugueses. No processo de fundação de Brasília, no período inicial, adquiriu o sinônimo de “pioneiro”. Essa equiparação, porém, passou a ser contestada por pessoas de elite que participavam do esforço para erguer a nova capital. Essas pessoas passaram, então, a adotar para si mesmas o termo “pioneiro” e “pioneira”. Os demais, ou seja, os trabalhadores braçais, passariam a serem os “candangos”. Nesse sentido, Roque Laraia esclarece que:

Ser candango passou a ser sinônimo de pioneiro. Mas a tendência estratificadora de nossa sociedade levou, a partir de um dado momento, a elite que participou da empreitada histórica a abjurar essa denominação e a preferir o rótulo de pioneiro. Com isto, os membros dessa elite passaram a se auto-representar como desbravadores, os que abrem os caminhos, mas que não devem ser confundidos com a massa humilde dos que trabalharam a madeira, o cimento e o ferro.⁴

E como as mulheres ouvidas se enquadrariam nessa distinção? Embora não haja total clareza ou unanimidade nas entrevistas, um depoimento em especial pode ser citado para indicar que a utilização do termo “candango” poderia ser traduzido por um sentimento de pertencimento a uma comunidade, mesmo que fosse uma comunidade socialmente desigual. Como observa a entrevistada Helena Carvalho, o termo “pioneiro” se referia mais ao momento de chegada de cada pessoa na cidade. Evidenciaria assim, aqueles que chegaram antes da inauguração de Brasília e, portanto, seriam os mais antigos da cidade. Porém, Helena Carvalho observa que, a se considerar “candanga”, estaria simbolicamente demonstrando que seria uma pessoa engajada ao “estado de espírito da época, de entusiasmo com a construção”. Sublinha que:

O candango, para muitas pessoas, era uma palavra depreciativa. Os trabalhadores (principalmente os mais pobres e vindos do Nordeste) que eram chamados de candangos. Isso era mais comum no começo de Brasília. Eu nunca concordei com isso. Acho que Juscelino era candango, eu sou candanga, com muito orgulho. Nos discursos oficiais o presidente JK passou a utilizar o termo candango. O pioneiro é questão de época, de seres os “primeiros”. O candango é questão de alma. Chegou, ama Brasília, gosta do que Brasília é e

³ LARAIA, Roque de Barros. **Candangos e Pioneiros**. Série Antropologia, n. 203. Brasília, 1996. p. 3.

⁴ *Ibid.*, p. 3.

do que Brasília dá, esse é o candango. O que tem a terra de Brasília no sangue, não precisa ter nascido aqui, esse eu acho que é candango.⁵

Embora não haja unanimidade quanto a utilização dos dois termos, para esse estudo alternamos a utilização do termo “pioneira” ou “candanga” conforme a narrativa de cada entrevistada. Cabe reforçar que o recorte da pesquisa foi de entrevistar mulheres que chegaram nos primeiros anos da construção da cidade, antes de sua inauguração, entre 1957 a 1960.

Consideramos relevante retratar por meio das narrativas dessas mulheres as estratégias adotadas para exercerem seu ofício na cidade em fundação, e a percepção de viverem numa cidade toda em edificação, que se tornaria a nova capital do Brasil. Entre as pioneiras, por exemplo, podemos citar das entrevistadas Tia Neiva (Neiva Chaves Zelaya), que chegou à cidade viúva, com quatro filhos pequenos em 1958, além de motorista de caminhão, fato raro na época e até nos dias de hoje, tornando-se ainda líder espiritual de grande envergadura. A professora Anahir Pereira da Costa, que precisava dar aulas sob as árvores próximas das obras, uma vez que ainda não havia escolas erguidas. Outras entrevistadas que consideravam o uso de calças compridas como algo avançado para a época, significando rompimento de padrões da época. Para elas, a nova vestimenta as permitia transitar pelas obras com maior facilidade, uma vez ser desvantajoso andar de meia fina e salto alto no meio da poeira da construção de Brasília.

Citando outro exemplo, o da jovem Cleuza de Oliveira Menezes Senna, recém-casada, que veio inicialmente só acompanhando o marido, e se tornou locutora de rádio e vendedora de *vidros com poeira* do início de Brasília como souvenir, para ajudar no orçamento familiar. Incluímos também a agricultora japonesa Take Iabushita Ofuji para representar as mulheres estrangeiras que chegaram ainda nos anos de fundação da nova capital. Assim como a enfermeira Cacilda Rosa Bertoni, que se formou nos Estados Unidos – algo raro na época – e que passou a ser parteira nos acampamentos, por não haver ainda hospital no local. Ela dizia se sentir como “artista de circo”, por atrair tantos olhares de trabalhadores nas obras da cidade. Também estão presentes os relatos da primeira ginecologista, Jurema Chabalgity Toscano Barbosa, da telefonista Georgina Janete Câmara, que exerceu o cargo com os primeiros equipamentos de comunicação da cidade, assessorando o presidente Juscelino Kubitschek e da desenhista de mapas, Mercedes Ribas Parada, que fez todo o processo de mapeamento para a desapropriação das terras onde seria fundada a nova capital. Apesar de ela ter “trabalhado dia e noite” e ter feito um trabalho que demandava muito mais tempo para sua realização, devido os curtos prazos para a fundação de Brasília, teve que abandonar os filhos soltos *no meio do mato*

⁵ Entrevista com Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho (HMVSC). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

para ter dedicação exclusiva ao trabalho, que era feito em condições precárias. Curiosamente, seu nome não consta nesses mapas.

Por meio de suas recordações, as entrevistadas contam sobre o dia a dia na gênese de Brasília, lembrando os espaços da cidade e vivências que não existem mais, evidenciando alguns aspectos esquecidos do cotidiano da cidade. Mostraremos que as narrativas permeiam considerações sobre relações desiguais entre homens e mulheres; maternidade; violência contra as mulheres; precariedade para o exercício profissional e das moradias nos acampamentos de madeira.

Elas narram detalhes das primeiras moradias improvisadas, muitas vezes sem água e sem luz; das relações de trabalho; dos preconceitos e inseguranças pelo fato de serem mulheres; e das questões de sobrevivência numa localidade ainda em obras. Com frequência, são utilizados os termos “vida nova”; “realização de sonhos”; “poucas mulheres”; “poeira”; “falta tudo”; “vazio”; “abnegação”; “sofrimento não mata”; “coragem para vencer”; “solidão”; “comunhão de todos”; “esperança”; “ajuda mútua”; “a solidariedade me salvou”; “Brasília, a capital da Esperança”.

A despeito de emergirem alguns temas comuns nas narrativas selecionadas e aqui apresentadas, não pretendo generalizar tais percepções, tampouco contar uma história de viés totalizante sobre as memórias das mulheres da fundação de Brasília. Como Verena Alberti, buscaremos tecer algumas considerações em relação a essas memórias, neste trabalho, considerando “um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado tomadas como dados capazes de incidir sobre a realidade e sobre o entendimento do passado.”⁶

Ao lidarmos, nesta pesquisa, com a elaboração de lembranças das histórias de vida de mulheres e representações sobre si mesmas relacionadas com a fundação de Brasília, percebemos aproximações importantes com as reflexões propostas com estudos sobre memória, a forma e sua dimensão de subjetividade na formulação dos relatos memorialistas, a relação entrevistado-entrevistador e os desafios para a reconstrução de testemunhos e histórias de vida.

Ao analisar as narrativas, me deixei guiar pelas sutilezas dos seus *ecos da memória*, procurando perceber nuances em suas formas de rememorar a vida nos acampamentos das obras de edificação da nova capital do Brasil, e dos sentidos que lhe conferem em suas vivências na cidade que estava por nascer no Planalto Central do país. Instigou-me apreender as percepções que elas formam e informam sobre suas memórias, observando especialmente o que foi dito

⁶ ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 42.

sobre seu entendimento das relações de gênero naquele período e do ser mulher numa cidade que estava na fase inicial de construção.

Portanto, a partir da farta documentação existente e da problemática colocada, o objetivo da pesquisa é o de investigar, por meio da análise dessas narrativas, quais seriam as memórias elaboradas pelas mulheres sobre si mesmas, assim como sobre a fundação de Brasília; e de que maneira elas compreendem as suas atuações na fundação da cidade. Acreditamos que essas respostas poderão subsidiar novas narrativas historiográficas que as incluam enquanto sujeitas participantes da história da fundação da nova capital do Brasil.

Ao analisarmos as narrativas elaboradas pelas participantes da pesquisa, investigamos o modo como o processo da construção de Brasília foi assimilado por aquelas que o acompanharam. Ao observarmos esse fenômeno pela ótica das mulheres atuantes em tal desenvolvimento, objetivamos ressaltar as estratégias de superação das dificuldades ao serem defrontadas com o cenário hostil e precário, presentes para as mulheres na gênese da nova capital.

A fim de atingir o objetivo, buscamos identificar pontos de vistas distintos marcados por diferentes experiências individuais, sociais e de formações culturais interpeladas por questões de gênero no processo de formação brasiliense. Ao retomarmos as memórias desse grupo, iniciamos um processo de busca dos fragmentos de suas vivências que “estavam perdidas nas lembranças da poeira dos redemoinhos na imensidão descampada do Planalto Central”, conforme relembra a parteira Luiza Ferreira de Souza⁷. Para a análise das narrativas utilizamos uma abordagem qualitativa de análise histórica.

Segundo Laville e Dionne:

[...] abordagens mais qualitativas que conservam a forma literal dos dados. O pesquisador decide prender-se às nuances de sentido que existem entre as unidades, aos elos lógicos entre essas unidades ou entre as categorias que as reúnem, visto que a significação de um conteúdo reside largamente na especificidade que escapa amiúde do domínio do mensurável.⁸

Esta abordagem nos proporcionou maior aproximação dos depoimentos, permitindo extrair elementos de suas memórias e das histórias de vida que as representaram no contexto em questão. Esperamos que a abordagem da perspectiva das mulheres sobre a formação inicial de Brasília nos permita refletir sobre a elaboração ainda em curso de uma memória coletiva da cidade por meio de aspectos que remetem ao papel social feminino durante a década de 1960.

⁷ Entrevista com Luiza Ferreira de Souza (LFS). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

⁸ LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 227.

Os depoimentos aqui elencados ajudam a compor a imagem do cotidiano de quem colaborou na empreitada do que foi a fundação de Brasília. A análise, desta forma, foi construída a partir de diversas perspectivas advindas de cosmovisões plurais, apresentando a riqueza dos registros de memória oriundos de subjetividades diferentes sobre a fundação da nova capital do país. Em sintonia com Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplange, concordo com a sua afirmação que diz:

É fundamental considerar a perspectiva das próprias mulheres para a construção de sua história, pois elas não estavam na “margem”. Elas não eram o “outro” e, sim, indivíduos bem instalados no coração das relações estruturadoras da sociedade.⁹

No processo de construção deste trabalho, pude perceber as sutilezas do diálogo entre o passado e o presente na reelaboração das memórias apresentada pelas entrevistadas. Esse entendimento foi fundamental para que ocorresse a aproximação dos depoimentos memorialistas dessas mulheres e o correspondente exercício crítico e de análise das narrativas. Nesse sentido, François Hartog alerta para o quanto a “relação entre a memória e a história pode ser definida como profícua e em muitos pontos tensa, uma vez que são duas formas de produzir discursos relacionados de alguma forma como passado”.¹⁰ Segundo o autor, tanto nos discursos da história, quanto nos da memória, há um movimento em se referir àquilo que já não existe concretamente, quando referências subjetivas e objetivas se misturam.

É fundamental para as análises historiográficas atentar para a importância de escrever a história junto à perspectiva das mulheres, uma vez que elas foram *mergulhadas em longos silêncios impostos e sufocadas por imagens distorcidas*, sendo por muito tempo desprezada a relevância de suas histórias. De forma crítica, pontua Michelle Perrot:

O ‘ofício do historiador’ é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos. Econômica, a história ignora a mulher. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou ‘mental’, ela fala dos homens em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas – as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, ficando sempre as mulheres como meras coadjuvantes da História.¹¹

Na busca de entendimento para explorar e aprofundar os elementos para a análise dos fragmentos de memórias daquelas que protagonizaram, coadjuvaram, vivenciaram e/ou

⁹ DEPLANGE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. A “**Querelle des Femmes**” da Europa à América: do literário e político nos escritos de Christiane de Pizan e Soror Juana de la Cruz. In: _____ (org.). **As intelectuais da Idade Média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas**. João Pessoa: UFPB, 2015. p. 95.

¹⁰ HARTOG, François. “Ver e dizer: a via grega da história (séculos VI-IV a.C.)”. In: **Evidência da história. O que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 26.

¹¹ PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998. 197.

interpretaram o processo de fundação de Brasília, buscamos aproximações com os estudos e discussões conceituais sobre as interlocuções entre história, historiografia e a constituição das memórias. Como suporte metodológico para a fundamentação analítica dos depoimentos das mulheres, nos apoiamos principalmente em algumas discussões levantadas por Fernando Catroga (2015), Ecléa Bosi (2003, 2015); Paul Ricoeur (2010; 2014), Walter Benjamin (1994, 2015), dentre outros.

Tendo em vista o exposto, e a fim de responder as questões propostas por essa pesquisa, a tese foi dividida em três capítulos:

No capítulo 1: **Construção de memórias sobre o início de Brasília**, onde são apresentadas questões conceituais sobre a elaboração de memórias e as estratégias de memórias adotadas pelas mulheres, e de como elas reformulam suas lembranças acerca das vivências na fase inicial da construção de Brasília. Na segunda parte deste capítulo, são apresentados relatos das pioneiras correlacionando com fatos históricos para a consolidação da transferência da capital para o centro do Brasil, bem como rememorações das cerimônias da inauguração da cidade.

No capítulo 2: **História das mulheres e o rompimento do silêncio**, procura-se tecer considerações sobre o silêncio em relação à participação das mulheres nas abordagens sócio-históricas. Apresenta reflexões de pesquisadoras como Michelle Perrot (1988; 2006), Mary Del Priore (2000,2004), Tânia Swann Navarro (2004), Diva do Couto Gontijo Muniz (2015), Margareth Rago (1998) e Sherna Berger Gluck (1977), dentre outras sobre a inclusão das mulheres no campo da historiografia. Por fim, são apresentadas narrativas das entrevistadas sobre o “ser mulher” e visões de gênero presentes no processo inicial de Brasília.

No capítulo 3: **O universo do trabalho e papéis sociais das mulheres durante a fundação de Brasília**, apresentamos narrativas de mulheres de várias profissões e provenientes de diferentes partes do Brasil e de diferentes classes sociais que vieram para Brasília entre 1958 e 1960, antes da inauguração da cidade. Abordamos as percepções que elas formam e informam sobre suas memórias, observando especialmente o que foi dito sobre seu entendimento das relações de gênero e do universo do trabalho naquele período e sobre o que representava ser mulher numa cidade que estava na fase inicial de construção.

1 CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS SOBRE O INÍCIO DE BRASÍLIA

A memória é a faculdade épica por excelência: não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma palma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retoma tudo que deixou à luz do sol.

(Ecléa Bosi, 2015).

A memória é um espaço quase infinito, do qual só registramos fragmentos. Como bem sublinha Ecléa Bosi, ao ressaltar a importância da preservação das memórias, “não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma palma para outra mão”.¹² Foi para evitar que se perdessem ainda mais gotas da história da participação das mulheres na fundação de Brasília que nos propusemos este trabalho.

Ouvidas nos meses que antecederam a celebração dos 50 anos de Brasília, as mulheres que participaram da pesquisa reagiram com surpresa ao convite para registrar as suas memórias do período inicial de construção da nova capital do país. Muitas delas disseram temer que morressem antes de contar às gerações seguintes tudo que viveram e testemunharam ao longo de um período muito singular na história do Brasil – e que, até então, só havia sido relatado pelas vozes dos homens.

É o caso de Maria das Neves Costa Morici¹³, professora da primeira escola pública do Distrito Federal – Escola Júlia Kubitschek, localizada na Candangolândia, um dos acampamentos dos pioneiros, denominada também de Vila Operária. Ela estava com 91 anos quando nos concedeu a entrevista e relatou, comovida, que ninguém havia se interessado por sua história até então. Sublinhou que, a partir daquele momento em que compartilhou suas memórias, poderia *morrer em paz*, pois já havia contado algumas de suas vivências no início de Brasília. Reiterou que “lembrar das minhas aventuras me fez reviver os melhores anos de minha vida” – disse Maria Morici (2010), que chegou à cidade ainda em inauguração, em 1957, e faleceu em 2013. “Tempos de muitas lutas, de conquistas, de superação de dificuldades e de entusiasmo em fazer parte de um projeto de educação inovadora para todos” – complementou

¹² BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 90.

¹³ Entrevista com Maria das Neves Costa Morici (MNM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

sua narrativa.

As pessoas contam suas histórias “como protesto contra sua finitude”, sublinha Fernando Catroga.¹⁴ O raciocínio vale para o registro das memórias das mulheres que se uniram ao esforço de fundação da nova capital brasileira. Todas já eram mais velhas quando registraram as suas narrativas e abraçaram com satisfação a proposta de relatar as suas memórias daquele período. De certa forma, ao gravarem seus depoimentos, elas também deixavam ali *um protesto contra a sua finitude*.

Destacamos que, ao realizarmos essa pesquisa, percebíamos a urgência na realização dos registros para preservar as memórias de mulheres que participaram de perto, exercendo as mais variadas funções; de uma experiência que não apenas alterou os rumos do país, como também mudou bastante as suas próprias vidas. A surpresa ao primeiro contato para a realização das entrevistas depois foi substituída, de forma unânime, por um sentimento de reconhecimento. Em seus depoimentos, na verdade, elas exibiam duplo orgulho: o de haver participado da inauguração de Brasília e o de poder apresentar as suas memórias justamente no momento em que se preparava a comemoração do meio século de fundação da nova capital brasileira.

Ressaltamos que dentre as cinquenta mulheres entrevistadas, vinte e cinco vieram a óbito e quinze estão atualmente em estado delicado de saúde física e/ou mental. Porém, o fato de ter conseguido registrar e preservar algumas de suas atuações a partir das entrevistas proporcionava certo alento – reconhecendo, todavia, que se trata de uma amostra limitada dentro do vasto universo de muitas outras mulheres que participaram desse evento histórico. Por outro lado, cabe lembrar que, ao lidar com o processo de elaboração dessas memórias, percebíamos que algumas tinham recordações mais nítidas do que havia ocorrido cinquenta anos antes. Outras, nem tanto. Principalmente aquelas que estavam na faixa etária de 85 a 90 anos apresentavam muitas dificuldades em apresentar dados históricos com maior precisão sobre o início de Brasília.

Ainda durante o processo de elaboração da tese, entre agosto e novembro de 2021, faleceram Carmela Escuder¹⁵, que veio de Barcelona, em 1959, na companhia do marido, que trabalhou na edificação do Palácio da Alvorada; Hilda Ribeiro da Silva¹⁶, parteira e lavadeira, veio do Piauí em 1958 e trabalhou na Candangolândia e em outros acampamentos pioneiros. No mês de abril de 2021, faleceu Leocádia Paradela Cardoso¹⁷, professora negra da primeira

¹⁴ CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 8

¹⁵ Entrevista com Carmela Nin de Escuder (CNE). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹⁶ Entrevista com Hilda Ribeiro da Silva (HRS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹⁷ Entrevista com Leocádia Paradela Cardoso (LPC). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

escola de Brasília – Escola Júlia Kubitschek. Chegou em 1959, vinda do Rio de Janeiro. E por fim, no mês de maio de 2021, faleceu D. Zeni Moreira, funcionária da Novacap, que chegou em 1959, vinda de Macapá. Foi entristecedor, em plena pandemia com seus números assustadores de mortes, receber comunicados de falecimentos dessas entrevistadas que, com o passar do tempo da pesquisa, tornaram-se amigas.

Como se poderá observar ao longo da análise dos depoimentos, a história do início de Brasília ganha contornos mais humanos pelas lentes dessas mulheres. Passa-se a conhecer em maiores detalhes o modo de vida de pessoas comuns que decidiram deixar para trás suas famílias e cidades de origem para participar de um grande empreendimento que não tinha ainda seu futuro assegurado. A leitura de jornais da época demonstra que havia ainda muitas dúvidas se Brasília seria mesmo um dia inaugurada, conforme será apresentado ao longo deste capítulo.

Ao analisarmos agora os depoimentos, já estamos em um terceiro momento. As mulheres convidadas a participar do projeto relataram, entre 2009 e 2010, eventos que testemunharam entre o final dos anos 1950 e o início dos anos 1960. Já faz, portanto, mais de uma década que esses depoimentos foram colhidos. Muitas mulheres que participaram já se foram conforme mencionados anteriormente. Outras perderam boa parte de sua capacidade de recolher os fatos do fundo da memória e de apresentá-los na forma de uma narrativa consistente.

Por outro lado, o nosso próprio olhar sobre as narrativas colhidas há uma década também é novo. Reveste-se de uma percepção marcada pela vivência em uma cidade que completou seis décadas e, na qual, pioneiras e pioneiros existem cada vez mais apenas nas memórias das gerações que se seguiram.

Nosso trabalho se concentrou na memória de mulheres que chegaram a Brasília entre 1957 e 1960, antes da inauguração da cidade, ocorrida em 21 de abril de 1960. Em razão disso, o caráter cultural, social, político ou etário de nossas depoentes está associado a esta categoria de gênero. Ser mulher é uma constante em nosso trabalho, não uma variável.

O mesmo poderia ser dito da variável etária, pois praticamente todos os depoimentos são de mulheres com mais de setenta anos; mas com exceções relevantes, como as falas de Iara Pietricovsky de Oliveira¹⁸, Lia Sayão de Sá¹⁹ e Gláucia Marina do Nascimento²⁰, nas quais, mais que narrar, as entrevistadas dissertam antropológica, sociológica e politicamente sobre Brasília, ancoradas na condição de observadoras-participantes, uma vez que viveram suas

¹⁸ Entrevista com Iara Pietricovsky de Oliveira (IPO). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹⁹ Entrevista com Lia Sayão de Sá (LSS) Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

²⁰ Entrevista com Gláucia Marina do Nascimento (GMN). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

infâncias e adolescências na cidade ainda em fundação e puderam desfrutar de todo o processo de crescer, literalmente, com Brasília.

Iara Pietricovsky de Oliveira, por exemplo, relembra que, quando criança, ajudou a plantar as árvores da 108 Sul, e que hoje pode “passear com os netos pelas calçadas nas alamedas sombreadas pelas arvores lindas – ipês, sucupiras brancas, aroeiras, paineiras –, que foram escolhidas pelos arquitetos e paisagistas Lucio Costa e Burle Marx”²¹.

Para refletir sobre a participação das mulheres na fundação de Brasília, nosso trabalho está empenhado em abrir-se aos modos de como elas apresentam suas lembranças sobre o início da nova capital do Brasil, conectados a estas variantes culturais, sociais e políticas.

Outra questão observada diz respeito à questão do duplo movimento narrativo que, de um lado, visita em retrospectão às memórias da fundação de Brasília; e, de outro lado, é capaz nos situar – eventualmente – na visão prospectiva que aquelas mulheres poderiam ter em 1960.

A visão retrospectiva nos coloca diante de uma senhora idosa que um dia foi jovem; a visão prospectiva nos coloca, empaticamente, diante da jovem que vem a Brasília com um futuro objetivamente incógnito, mas talvez sonhado. À intencionalidade individual emissora – mas sempre afinada com um coletivo –, que pode presidir ou querer presidir as falas das nossas fontes, contrapõe-se uma outra: a intencionalidade receptora, que atina à pessoa que ouve e que busca reunir e/ou filtrar todos os elementos da fala em sínteses, numa forma integrada, uma *Gestalt* apta a dar conta de uma intuição do todo, mesmo quando não apareça claro. Suas memórias sobre o início de Brasília vão sendo desenroladas de um longo novelo que elas haviam deixado esquecido no canto de seus armários secretos e há muito não buscado.

Lembrando novamente Ecléa Bosi²², a memória é um trabalho, mas a escuta também o é. Quem narra as lembranças e quem as escutam são parte, talvez, de um movimento só de construção das choupanas ou das catedrais da memória. Deste ponto de vista, cabe lembrar uma digressão de Ecléa Bosi ao relativizar a oposição entre sujeito e objeto no campo da pesquisa:

Sei que a expressão "objeto da pesquisa" pode repugnar aos que trabalham com ciências humanas, se essa objetividade é entendida como tratar o sujeito à maneira de coisa, como redução de suas qualidades individuais para torná-lo objeto compatível com o método experimental. Nesta pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças. Gostaria que se compreendessem os limites que os narradores encontraram. Faltou-lhes a liberdade de quem escreve diante de uma página em branco e que pode apurar,

²¹ Entrevista com Iara Pietricovsky de Oliveira (IPO), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

²² BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 38.

retocar, refazer. Suas memórias contadas oralmente foram transcritas tal como colhidas no fluxo de sua voz.²³

O trabalho da escuta contém um momento analítico de transcrever e distinguir as partes que se repetem, que se somam, que se subtraem, que se reforçam, que se tocam, que se fundem ou que se confundem; mas também de apreensão de um todo que salta aos olhos e que tem uma veracidade.

Assim, procuramos trabalhar esta intuição como uma coisa importante, capaz de fornecer não uma conclusão, mas uma apreensão subjetiva, nascida de uma escuta honesta, daquilo que nos parece sintetizar a guia, a rota ou o canal principal, que presidirá a fala de cada mulher.

Na escuta do se contar das mulheres sobre a fundação de Brasília, intuímos algumas pistas, guias, rotas, ramais e estradas principais, por onde flui o discurso de cada mulher. Esses caminhos estão ligados a uma visão retrospectiva do passado, aquela que nos conta a pessoa idosa, mas permeada dos vestígios da existência de uma jovem cuja visão prospectiva contemplava a vida adulta próspera – mas talvez não prevenisse o envelhecimento e nem previsse a idosa e sua função de lembrar.

O que diz esta apreensão intuitiva acerca da direção e da totalidade do relato diante de outras variáveis mais objetivas aportadas pelos relatos é o que pretendemos organizar nesta tese para conseguir ter uma noção de como a fala das mulheres sobre *ser mulher na fundação de Brasília*, uma fala de gênero, pode variar em termos de seu lugar social, político, profissional e cultural.

Comentando o trabalho de Maurice Halwachs, Ecléa Bosi escreve:

[...] o que rege, em última instância, a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra. Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.²⁴

Parafraseando Ecléa Bosi, em muitos casos, observamos, nas narrativas das mulheres pioneiras, que elas eram membras ativas da sociedade durante a fundação de Brasília – com o devido recorte de social, cultural, etc. – e depois deixam de ser propulsoras da vida presente de seu grupo. No momento de sua velhice social, através das entrevistas, puderam exercer esta função de lembrar.

²³ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 14.

²⁴ Ibid. p. 4.

Trata-se, portanto, de um desafio e de uma proposição para a reelaboração da construção ao redor da história de Brasília, buscando interpretações desse momento, apresentadas pelas memórias dos tempos iniciais da cidade, tradicionalmente vinculadas às intervenções masculinas, seja de políticos homens ou de operários das obras, os “candangos”.

A função da memória é o conhecimento do passado, que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente – segundo Ecléa Bosi²⁵. A autora alerta que o narrador está presente ao lado do ouvinte, muitas vezes selecionando (consciente ou inconscientemente), gerando filtros para o conteúdo de suas memórias para que elas possam soar como *adequadas* para os objetivos da pesquisa ou do contexto social ou político em que está inserido.

Desta forma, entendemos que a observância desse movimento de trazer para a luz do momento presente os fatos reelaborados vivenciados, na década de 1960, sobre as vivências das mulheres entrevistadas, fornece elementos que estavam guardados e foram reinterpretados a partir das influências sociais e políticas que filtram a apresentação dessas memórias.

Nessa busca de entendimento para explorar e aprofundar os elementos para as análises dos fragmentos de memórias daquelas que protagonizaram, coadjuvaram, vivenciaram e/ou interpretaram o processo de fundação de Brasília, busquei aproximações com os estudos e discussões conceituais sobre as interlocuções entre história e a constituição das memórias. Para o enfrentamento desse entendimento, vali-me de autores que centram na memória suas reflexões, em especial, como Ecléa Bosi (2015), com sua obra de fôlego dedicada à velhice e os processos da memória; e Fernando Catroga (2015), com análises sobre memória, história e historiografia. Além desses autores, recorreremos também às memórias do presidente Juscelino Kubitschek sobre a inauguração da nova capital e outros pesquisadores que tratam do tema, como: Gustavo Lins Ribeiro (2008), Ronaldo Costa Couto (2001), Brasilmar Ferreira Nunes (2004), Márcio Oliveira (2005) e Cláudio Bojunga (2001).

1.1 A memória como construtora de identidades

Capturamos as lembranças de vivências da década de 1960 das entrevistadas e, sob o olhar contemporâneo, observamos os elementos guardados e reinterpretados nesta releitura. Nesse sentido, tais memórias da fundação de Brasília estariam cotejando aquilo que Jean Pierre Vernant diz ser “a vidência do futuro com a do passado, as revelações do que aconteceu outrora e do que ainda não é”²⁶ – nos seus estudos sobre os aspectos míticos da memória e do tempo.

²⁵ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 93.

²⁶ VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973. p.76.

Vernant descreve o ritual no oráculo de Lebadéia, para simbolizar o que seria os encontros com a memória. Conta que, antes de entrar no país dos mortos, o consultante bebia de duas fontes: no Lethe, ele esquecia sua vida humana; na Mnemosyne (a recordadora, irmã de Cronos e de Okeanós, do tempo e do oceano), ele lembrava o que tinha visto no outro mundo. A guarda dessas memórias faz com que se transcenda a condição mortal. Ainda para o autor, esse privilégio pertence a todos aqueles cuja memória sabe discernir para além do presente o que está enterrado no mais profundo passado, e amadurece em segredo para os tempos que virão.

Buscar vestígios da participação das mulheres pioneiras da história da fundação de Brasília nem sempre foi uma tarefa fácil. Ao rememorar as lembranças coletadas e que, até então, tiveram pouca visibilidade, intentamos refletir sobre o *lugar da mulher* como sujeito e objeto do conhecimento histórico desse período. Sendo assim, procuramos transpor barreiras para apreender as percepções que elas formam e informam sobre suas memórias observando, especialmente, o que foi dito sobre o que elas entendiam sobre as relações de gênero no período recortado, e também do que significava ser uma mulher naquela cidade em vias de constituir-se.

Segundo Mateus Gamba Torres e Eloísa Pereira Barroso²⁷, a memória se constitui a partir de uma base material e de uma crença objetiva em alguma coisa. A autora pontua que “as representações construídas sobre o passado, a partir da memória, têm como substrato, muitas vezes, a reafirmação ou o questionamento de estruturas políticas”, por conseguinte, “quando se quer reconfigurar o passado, essas representações exigem cautela nos processos de interpretação por parte do pesquisador”.²⁸ Utilizando a premissa abordada pela autora em conjunto com as contribuições relatadas acima, conclui-se que, ao analisar um fragmento de narrativa das memórias dessas mulheres, é necessário observar para além do que foi verbalmente exposto e ampliar o espectro para o contexto social e político do momento da narrativa.

Historicamente, já se identificava a importância da memória como suporte construtor de identidades e solidificador das consciências, conforme Lucília de Almeida Neves Delgado.²⁹ A autora cita Santo Agostinho, que definiu a memória como uma das categorias fundamentais da alma humana, acrescentando que a mitologia grega, por sua vez, integrou a memória ao

²⁷ TORRES, Mateus Gamba; BARROSO, Eloísa Pereira A Democracia em questão: com a fala, as mulheres militantes de esquerda durante a ditadura militar nos anos de 1964 a 1985. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 45, n. 1, p. 74-90, jan./abr., 2019.

²⁸ Ibid., p. 88.

²⁹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**. São Paulo, v. 6, p. 9-25, 2003. p. 59.

quadro de suas representações: “Mnemosyne é mãe das musas que protegem a história e a arte, na construção da experiência humana através dos tempos. A memória é a arte, que traduz os sentimentos e emoções dos seres humanos e representa os valores e as expectativas de uma época.”³⁰ Esta ainda explica que:

A identificação metafórica da memória com o oceano (profundo e imenso) relaciona-se ao fato de ser a memória inseparável da vivência da temporalidade, do passar e escoar do tempo tornando os homens seres perecíveis enquanto indivíduos, mas possivelmente perenes enquanto comunidade histórica. Em outras palavras, a memória atualiza e presentifica o passado, uma vez que é retenção, mesmo que inconsciente ou encoberta da experiência vivida e dos sentimentos preservados.³¹

Ao dialogar com questões referentes a elaboração de fatos passados pelas mulheres na fundação de Brasília, fomos percebendo as idas e vindas de suas memórias, como as ondas neste dito oceano, sobretudo, constatando nos depoimentos as múltiplas temporalidades mencionadas por Lucília de Almeida Neves Delgado³², visto que, no ato da entrevista, lidamos com a fala da jovem mulher do passado, que vivenciou o nascimento de Brasília no meio da poeira das edificações, pela voz idosa no tempo presente. Cabe atentar que as narrativas dessas mulheres apresentam memórias *filtradas* por seus aprendizados e conhecimentos adquiridos durante sua trajetória de vida, que vão sendo repensadas conforme valores socialmente permitidos ou por elas mesmo julgados como plausíveis de serem revelados ou ocultados.

Em sintonia com Lucília de Almeida Neves Delgado³³, percebemos a relação entre múltiplos tempos em que a memória transita entre o passado e presente e que, nesse processo de reconstrução de fatos do início de Brasília, as mulheres entrevistadas vão *montando um filme* dos momentos em que viveram.

As imagens do passado vão sendo exibidas na tela da memória como se fossem cenas de uma obra fílmica na qual a sujeita que rememora ocupa o papel da protagonista. A memória, nesse sentido, exerce o papel de preservar fragmentos do passado de uma forma que só a pessoa conhece ou julga conhecer. Ademais, percebemos, ao analisar os depoimentos, que a interpretação do passado relatado por essas mulheres é permeada por aspectos revisados pela passagem dos anos, sob o prisma da percepção do momento presente. Nesse sentido, Marieta de Moraes Ferreira sublinha que o historiador deve ter em mente “que a memória vive em total função do presente, e que alguns grupos fazem o uso da memória para legitimar-se alguma

³⁰ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**. São Paulo, v. 6, p. 9-25, 2003. p. 22.

³¹ *Ibid.*, p. 22.

³² *Ibid.*

³³ *Ibid.*

característica que se quer perpassar”.³⁴ Para a autora, o presente influencia a memória ao retirar de seu passado apenas alguns elementos que possam lhe dar uma forma ordenada e com coerência. Com isso, a memória se esclarece pelo presente que a situa a partir de um determinado ponto de partida. Destarte, a autora enfatiza que cabe ao historiador o papel crítico dessa fonte de pesquisa para fazer uma análise, identificando o que determinada memória pode trazer consigo, o que ela tenta esconder e encontrar os seus significados.

1.2 Elaboração de memórias e a fundação de Brasília

Apresentaremos a seguir trechos das narrativas das mulheres pioneiras, enfocando como elas elaboram a sua história pessoal em relação à fundação de Brasília e de como, com sua narrativa memorial, tecem considerações quanto à história nacional brasileira. Algumas perguntas se colocam. Como elas se afirmam na posição de sujeitas da ação relatando seus pontos de partida e chegada nessa história? Como suas narrativas vão sendo costuradas com a história da Nação, na tentativa de lhes dar transcendência frente à história de Brasília? As ideias de modernidade e inovação arquitetônica e social propostas para a fundação de Brasília impactaram suas percepções sobre a cidade em suas vidas?

Compreendemos que a narrativa histórica é a resultante daquilo que foi elaborado e provocado sentido a partir das fontes pesquisadas. Como bem sublinha Michel de Certeau:

A operação histórica consiste em recortar o dado segundo uma lei presente, que se distingue do seu "outro" (passado), distanciando-se com relação a uma situação adquirida e marcando, assim, por um discurso, a mudança efetiva que permitiu este distanciamento. Assim, a operação histórica tem um efeito duplo. Por um lado, historiciza o atual. Falando mais propriamente, ela presentifica uma situação vivida. Obriga a explicitar a relação da razão reinante com um lugar próprio que, por oposição a um "passado" se toma o presente. Uma relação de reciprocidade entre a lei e seu limite engendra, simultaneamente, a diferenciação de um presente e de um passado.³⁵

Nesse sentido, cabe ressaltar que a elaboração das narrativas realizadas pelas mulheres idosas participantes desse estudo sobre o início de Brasília engloba dois tempos históricos. Elas lembram de um passado remoto, de fatos do cotidiano passados entre 1957 e 1960, bem como fazem comparações com o tempo presente em que estão inseridas – no caso, em 2010, quando foram realizadas as entrevistas – cerca de 50 anos após as primeiras obras da edificação de Brasília, fato presenciado por elas. Cada uma à sua maneira, elas foram relatando o que achavam relevante e, conforme suas decisões, permitiam ser reveladas ou ocultadas suas

³⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; Alberti, VERENA. **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 24.

³⁵ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 87.

memórias. Observamos que, no processo de elaboração dessas memórias das entrevistadas, uma lembrança puxava outra lembrança e assim, aos poucos, elas iam formando o cenário que pretendiam apresentar.

Muitas lembranças foram contadas como confidências, quase em sussurros, como se elas estivessem tateando no *escuro da memória* os fatos vivenciados nos distantes dias em que presenciaram o nascimento de Brasília. A memória é um cabedal infinito no qual só registramos um fragmento. Como bem relembra Bosi, frequentemente, “as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão”.³⁶

Ao analisar como as memórias foram elaboradas por essas mulheres, percebemos uma visão retrospectiva que nos coloca diante de uma mulher idosa que um dia foi jovem e que reelabora o seu passado. Elas vão apresentando referências de si e significados das vivências que afloram em suas lembranças sobre uma cidade que foi sendo transformada da noite para o dia, em apenas 1000 dias na nova capital do Brasil, num entrecruzamento com sua percepção sobre o momento presente e se referindo a um passado remoto.

A análise de como elas foram elaborando suas memórias desse período nos permite observar como foram revelando o cotidiano da cidade em fundação e escavando fatos olvidados sobre as condições de vida para as mulheres no final dos anos de 1950. Seus relatos expressariam um olhar diferenciado sobre a história de Brasília, onde elas raramente eram mencionadas ou lembradas? Seus depoimentos podem colaborar para compor outra imagem do cotidiano apresentando a percepção daquelas que colaboraram na empreitada da fundação de Brasília?

Desta maneira, escrever a história incluindo as mulheres é sair do silêncio onde por muito tempo elas estiveram confinadas, fazendo romper o apagamento de sua atuação na memória social, de acordo as lições de Michelle Perrot.³⁷ A autora questiona pertinentemente como foi possível escrever a história sem as mulheres: uma história sem as mulheres parece impossível. Entretanto, isso não existia. Por que isso? Por que esse silêncio? Michelle Perrot sublinha que “o silêncio da história em relação às mulheres seria mais profundo pela forma que os relatos históricos são apresentados. Praticamente não ouvimos sua voz. São sempre os homens que falam delas”.³⁸

³⁶ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 39.

³⁷ PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 34.

³⁸ *Ibid.*, p. 16.

Leandro Tedeschi em consonância com Michelle Perrot, sublinha que a história com a perspectiva das mulheres é "um processo de tomada de consciência de si mesmo"³⁹ que retoma a materialidade da experiência vivida, *per si*, mas também dos sujeitos que as circundam. Nesse sentido, o autor também afirma a importância cada vez maior do processo de construção, de um fazer histórico que busca romper com estigmas e silêncios impostos às histórias produzidas por mulheres.

Na mesma direção, Marta Gouveia de Oliveira Rovai⁴⁰ enfatiza que no caso das mulheres, seus relatos “geralmente estiveram invisíveis, dela foram relegadas à vida privada, ou simplesmente situadas nos bastidores de lutas atribuídas aos homens”. Pertinentemente, a autora pontua que:

Na luta pela validação de memórias diferenciadas contra os estereótipos criados e, principalmente, para falar dos traumas sofridos, o testemunho dos que resistiram à opressão e foram silenciados tenta abrir espaço no clima de indiferenças; ganhar importância como denúncia, responsabilização e reparação.⁴¹

Percebe-se que as escolhas das entrevistadas sobre o que contar e o modo como contar suas memórias são passíveis de serem ouvidas, interpretadas e avaliadas por seu poder de revelação de intencionalidades, de pontos de vista, de parcialidades, cujo caráter nos interessa filtrar. Teriam influências culturais (regionais, por exemplo), sociais (de classe, por exemplo), políticas ou geracionais?

Sobre isto, vale lembrar dois pontos. Primeiro, que o caráter cultural, social, político ou geracional põe em evidência o compartilhamento de uma cultura, de uma posição social, de uma posição política ou mesmo de idade, o que nos devolve à questão dos “quadros sociais da memória”, proposta por Maurice Halbwachs e explorada por Ecléa Bosi.

Faltou-lhes a liberdade de quem escreve diante de uma página em branco e que pode apurar, retocar, refazer. Suas memórias contadas oralmente foram transcritas tal como colhidas no fluxo de sua voz.⁴²

1.3 Imaginário simbólico de narrativas sobre a fundação de Brasília

³⁹ TEDESCHI, Leandro Antonio. Gênero e Historiografia nos Labirintos da História. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 28, n. 2, jul./dez. 2015. p. 334.

⁴⁰ ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. O direito à memória: a história oral de mulheres que lutaram contra a ditadura militar (1964-84). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n.10, p.108-113, jul./dez., 2013. p. 111.

⁴¹ *Ibid.*, p. 111.

⁴² BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 11.

O contexto histórico e político da fundação de Brasília emerge nas narrativas das mulheres idosas participantes desse estudo. Ao analisar os depoimentos das mulheres pioneiras, percebemos que algumas delas narravam fatos históricos que envolviam suas famílias antes mesmo do efetivo início das obras de construção da nova capital. Este foi o caso, por exemplo, da professora Orbella de Souza Lobo, da Escolinha 21 de Abril – primeira escola primária de Brasília; mas também da parteira Ladir Carlos de Alarcão⁴³, que fazia partos a cavalo por não ter estradas em Planaltina; e da tabeliã Isis de Maria Lopes Guimarães Ferreira⁴⁴, pertencente ao clã dos *Troncos Velhos de Goiás*, cujas famílias habitavam terras goianas que viriam a ser desapropriadas.

Dentre várias lembranças, elas rememoram como *os antigos* se relacionaram com os integrantes de missões precursoras (comissões Cruls, Poli Coelho, Belcher, dentre outras), que promoveram estudos exploratórios para a escolha do local onde seria erguida Brasília. Isoladas do resto do país, essas famílias, como nos foi contado, não poderiam fazer ideia do empreendimento e crescimento que teria lugar na região onde viviam – como veremos a seguir nesse capítulo.

Longe de ser unânime, a fundação de Brasília alimentou discussões acirradas entre defensores e detratores da cidade, favorecendo a criação de um imaginário simbólico de narrativas e imagens sobre Brasília. Apesar dos argumentos favoráveis à mudança da capital para o centro do Brasil e a determinação do presidente Juscelino Kubitschek para tal empreitada, havia opiniões divergentes quanto aos benefícios da transferência para o Planalto Central, conforme o depoimento de Maria Coeli de Almeida Vasconcelos⁴⁵, cineasta e professora da Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília – CASEB e Universidade de Brasília – UnB elencado abaixo:

[...] ninguém acreditava em Brasília. As revistas da França falavam dos projetos de Niemeyer, de Lúcio Costa, mas dentro do Rio de Janeiro havia uma campanha muito grande contra Brasília. Tirar a capital do Rio e passar pro interior do Brasil não era muito compreendido na época. Quando falavam de Brasília, diziam assim: “nós vamos pro sertão, para o fim do mundo. Nem que me pague em dobro eu vou para lá”. Porque não tinha nada, era muito mato, onça, cobra e ninguém imaginava que pudesse surgir uma cidade moderna em tão pouco tempo.⁴⁶

Outra citação próxima advém da funcionária pública Lia Sayão de Sá⁴⁷:

⁴³ Entrevista com Ladir Carlos de Alarcão (LCA). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

⁴⁴ Entrevista com Isis de Maria Lopes Guimarães Ferreira (IMLG). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

⁴⁵ Entrevista com Maria Coeli Vasconcelos (MCV), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Entrevista com Lia Sayão de Sá (LSS), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto)

Falava-se muito na possibilidade de Brasília não vingar. Havia uma campanha enorme contra a construção. Era difícil para o meu pai (Bernardo Sayão que foi o engenheiro chefe das obras – braço direito do JK) convencer as pessoas para que viessem morar aqui. Tudo estava para ser construído. Era uma maluquice e muita inovação para o Brasil daquela época...muito atrasado.... Não tinha nada, mas o povo que veio no início era tão comprometido com a ideia, uma animação que você precisava ver, que eles passavam o entusiasmo e até que conseguiam convencer.⁴⁸

Cabe ressaltar que nos discursos da historiografia do início de Brasília percebe-se a intenção de mostrar que o sítio escolhido para a fundação da nova capital encarnava o significado do isolamento no centro do Brasil, do *sertão-atraso*, do *sertão-inferno*, que passaria para outro patamar ao ter no seu solo o projeto da edificação de Brasília, que viria a ser o símbolo da modernidade, do progresso, da civilização, conforme sublinha Ana Gomes.⁴⁹

Para o professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília – UnB, Andrey Rosenthal Schlee, o embasamento da história anterior à chegada de Juscelino não foi uma decisão de má-fé. “O momento era outro. A pressão política era enorme. Para fundar Brasília, foi necessário montar uma estratégia legitimadora, que levou a uma desvalorização ou apagamento da história anterior a Brasília”.⁵⁰ Foi preciso reforçar a ideia de terra virgem, sem vida.

Sob esse aspecto, uma das entrevistadas, a dona de casa mineira Márcia de Souza Almeida⁵¹, comenta:

[...] naquela época havia muita rejeição da mudança da capital do Rio de Janeiro para Brasília e não havia quase nenhuma justificativa que o povo quisesse aceitar. Vim para Brasília bem no começo da cidade com seis filhos. A gente acreditou nas ideias do JK apesar de toda história que aqui só tinha índio e outros absurdos.⁵²

Nas passagens acima, nota-se que efetivamente as condições não eram nada favoráveis para concretização do sonho da nova capital dentro do prazo prometido. Transferir a capital de um país exige grandes investimentos públicos e privados. Além disso, havia forte oposição política à mudança por parte de moradores do Rio de Janeiro, que era a capital brasileira, e ao governo do presidente Juscelino Kubitschek, cujo grande projeto – a fundação da nova capital – estava longe de ser algo compartilhado e benquisto pelos setores sociais e políticos. A intensa

⁴⁸ Entrevista com Lia Sayão de Sá (LSS), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto)

⁴⁹ GOMES, Ana Lúcia de Abreu Gomes. **Brasília: de espaço a lugar, de sertão a capital (1956-1960)**. Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, 2008. p. 89.

⁵⁰ FREITAS, Conceição. Longa jornada de um sonho. *Correio Braziliense*, 04 de junho de 2011. Cidades, 32/33.

In: _____. **Catálogo Memórias Femininas da construção de Brasília**. Brasília: Athalaia, 2013, p.81-84.

⁵¹ Entrevista com Márcia de Souza Almeida (MSA), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

⁵² *Ibid.*

resistência se tornaria mais evidente depois do golpe militar de 1964, com a necessidade de o presidente seguir às pressas para o exílio juntamente com João Goulart e posteriormente a cassação de seus direitos políticos.

Apesar das divergências em relação a fundação de Brasília relatadas, muitas outras questões são apresentadas nas narrativas das mulheres. Nesse capítulo, nos atentaremos em especial, nas narrativas que expressam as expectativas e percepções de ter presenciado o nascimento de uma cidade planejada que se transformou em símbolo icônico de inovação arquitetônica e de urbanismos projetadas por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa ao criarem a nova capital do Brasil no final dos anos 1950. Em algumas narrativas refletem a monumentalidade da edificação dos palácios com suas formas esculturais e a modernidade da proposta habitacional das quadras residenciais que tornou Brasília – concebida como o Plano Piloto – como patrimônio da humanidade pela Unesco, em 1987, reiterando seu caráter emblemático.

Outras abordagens são apresentadas, e de forma significativa, para além da fundação da nova capital propriamente dita. Por meio de suas recordações, as entrevistadas também contam sobre o dia a dia na gênese de Brasília, as *correrias* para a finalização das obras, as festividades e inaugurações que iam acontecendo, a chegada das famílias de migrantes e dos trabalhadores “candangos”, bem como fartas referências ao presidente JK e o mito fundador elaborado graças a sua notória liderança política. Ele tinha um carisma e um “charme que cativava todo mundo”, conforme enfatiza a enfermeira Alice Andrade Maciel⁵³, que chegou à cidade em 1958, vinda do Rio Grande do Sul.

Cabe sublinhar que as mulheres relembram fatos históricos e fazem menção aos espaços da cidade sobre suas vivências em lugares que *não existem mais* e outros que estão *muito vivos ainda* convivendo com suas lembranças e a passagem do tempo. Essas lembranças nos permitem entrada num *túnel do tempo* desse momento tão singular da história brasileira. Dispomos de lembranças, trazendo suas percepções femininas, fato pouco explorado na historiografia oficial, proporcionando a oportunidade de contribuir para outras reflexões sobre Brasília.

Ressalvamos que cada uma, à sua maneira, externou suas memórias conforme suas referências culturais e pessoais, contribuindo para a diversidade de pontos de vista da pesquisa. Elas expressam como o contexto da fundação de Brasília foi assimilado e interpretado na sua dimensão subjetiva de vivências.

⁵³ Entrevista com Alice Andrade Maciel (AAM), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

Percebe-se que no fluxo da elaboração das memórias dessas mulheres, as narrativas, são constituídas pelo encontro dos fatos guardados em um *refúgio afetivo*, que ficou guardado por mais de cinquenta anos. A interação entre passado e presente se mostrou recorrentemente nas narrativas. Nesse sentido, percebe-se o quanto elas faziam no momento presente, o movimento de reelaboração dos fatos vivenciados no passado. Desta forma, evidencia-se o quanto precisamos estar atentos às sutilezas dos depoimentos elaborados pelas mulheres que vivenciaram os primeiros anos da construção de Brasília.

O processo de rememoração é a “íntima a relação entre a experiência, a memória e o tempo⁵⁴”. Nesse sentido, Walter Benjamin propõe que é justamente a memória que permite lidar com as três dimensões temporais: passado, presente e futuro. De acordo com este, a memória “tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si⁵⁵”, proporcionando a compreensão dos ritmos e tempos da memória que se infiltram pelas ‘ágoras’. Ainda, “como o tempo passado é vivido na rememoração⁵⁶”, o autor sublinha ser necessário romper com a elaboração de que o tempo é algo vazio ou homogêneo.

Nesse sentido, o relato da professora Wanda Clementina Dias Corso⁵⁷, que veio de Belo Horizonte, permite-nos perceber essas idas e vindas da memória ao relembrar suas primeiras impressões sobre a cidade ainda em fundação:

Minhas memórias me fazem entrar num túnel do tempo... Era uma mudança muito grande de vida, em todos os sentidos. Aos poucos fui me adaptando. [...]. Em 1957 eu vim pra Brasília, cheguei com quatro crianças pequenas aqui no aeroporto provisório, todo de madeira. Chovia muito, tive medo do avião cair. Era um bimotor da Vasp, você sabe como é com chuva, meus meninos passaram mal, só o menorzinho que tem Síndrome de Down é que veio dormindo, não teve nada e eu, mas o resto passaram muito mal, e não dava para ver nada, achei horrível a chegada, tudo muito escuro...praticamente a cidade ainda não existia. Descemos naquele lamaçal, barro maravilhoso, né, era aquele barro bem vermelho. Infelizmente meu marido não estava me esperando. Tinha um engenheiro chefe que estava aguardando a esposa que não chegou. Aí ele disse que levava a gente, um levou a esposa do outro! Ele me levou até a obra do Palácio da Alvorada onde o meu marido trabalhava. Chegando lá tinha que passar um rádio dando a notícia de minha chegada, mas o rádio não funcionou, por conta da chuva, por isso ele não foi buscar a família. Quando cheguei no acampamento que iríamos morar a casa estava incompleta. Faltava os quartos. Fiquei sentada num toco de uma árvore olhando aquele cenário. Não acreditava no que estava vendo. A situação era muito precária. As casinhas eram todas de madeira, com aquelas ripas de madeira larga que apareciam as frestas, passava um vento seco e fazia um frio danado que vocês nem imaginam. Fizeram uns móveis na oficina das obras,

⁵⁴ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, W. (Ed.). **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. p. 211.

⁵⁵ Ibid., p. 211.

⁵⁶ Ibid., p.232.

⁵⁷ Entrevista com Wanda Clementina Dias Corso (WCDC), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

uns banquinhos e mesa, o guarda roupa não tinha porta, era aquele armário com uma cortina de chita. Não tinha luz, a gente andava numa trilha no meio do cerrado, para encontrar outra casinha. Tive que esperar uns dias pela finalização da obra de construção da escola no acampamento em que iria trabalhar e que trabalho até hoje, mesmo tendo 85 anos! Fui a primeira professora dessas bandas. Uma luta, você nem imagina. Depois comecei a dar aula para os operários. A maioria não sabia assinar o nome então eles só conheciam era a impressão digital né tinta no dedinho. Eu dava aula para os candangos à noite, das 7 às 9, eu tinha que pegar na mão deles, eles chegavam muito cansados, eles tomavam banho com sabão de cozinha, chegavam com aquele cheiro forte, mais muito limpinhos. Tinha um velhinho chamado Salvador, era emocionante perceber seu interesse e ver o processo de aprendizagem das primeiras letras. Uma felicidade!⁵⁸

Wanda Clementina Dias Corso relembra que as experiências vividas no início da cidade no acampamento da Vila Planalto foram extremamente desafiadoras. No entanto, sublinha que sentia uma *felicidade* compensadora ao perceber que estava colaborando para a alfabetização e o aprendizado dos trabalhadores – o que para ela pagava todas as dificuldades. Em outro trecho da entrevista, acrescenta que uma rede de solidariedade muito forte se estabeleceu entre os moradores. Para Wanda Clementina Dias Corso, essa constatação foi fundamental para provar que o fato de ter acreditado na importância da fundação de Brasília se tornaria a maior experiência de sua vida. Complementa que aprendeu muito desde que chegou à cidade e que sem dúvida, com a ajuda mútua, a vida ficou menos dura. Ela diz que se lembra dessa fase com *olhos mareados*. Para ela é uma “emoção absolutamente genuína de quem viveu tempos únicos em Brasília”⁵⁹.

Wanda Clementina Dias Corso considera que sua narrativa possa soar ingênua, porém admite que sua experiência de vida no início de Brasília foi extremamente enriquecedora:

Posso admitir que a minhas lembranças possam parecer muito “positivas” sobre a vida no início da cidade. Tenho colegas que só lembram dos fatos ruins. Sinceramente, não posso negar que, apesar dos pesares enfrentados naquele período, havia um entusiasmo e um contentamento de estarmos contribuindo para a construção de uma nova capital com valores sociais inovadores e com ideais de maior solidariedade. A gente acreditava nisso. Estava no ar essa vontade e esperança de um Brasil melhor. Era contagiante o “ritmo das obras de Brasília”. Da noite para o dia as edificações subindo, a gente vendo a cidade se transformar.⁶⁰

Acrescenta, reforçando o citado anteriormente, que passados mais de cinquenta anos desde que chegou a Brasília, sente saudades do *espírito candango* que havia naquela época. Avalia que a solidariedade e a força de vontade eram as palavras de ordem.

⁵⁸ Entrevista com Wanda Clementina Dias Corso (WCDC), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

⁵⁹ Ibid.

⁶⁰ Ibid.

Ela sublinha em grande parte de sua entrevista que tem boas lembranças da vida na *Brasília empoeirada* e que foi um privilégio vivenciar a fundação de Brasília com pessoas de diferentes classes sociais e vindas de todas as regiões brasileiras e de outros países, e que sente saudades de amigas que já morreram ou de outras, como Carmela Nin de Escuder. Esta era, em suas palavras, uma *valente catalã* que saiu de Barcelona recém-casada e veio cair no meio da poeira da Vila Planalto. Lamenta ela ter se mudado da Vila Planalto. “Infelizmente, raramente a gente se encontra” – recorda e complementa: “no início de Brasília a gente estabeleceu uma rede de amizade e solidariedade muito bacana. Difícil de esquecer”.⁶¹

A narrativa de Wanda Clementina Dias Corso nos faz refletir se essa forma de resiliência em relação ao seu passado em Brasília, dos anos 1960, estaria sendo o resultado uma *representificação* (memoriais; historiográficas) conforme aponta Fernando Catroga.⁶² Estariam as mulheres pesquisadas aptas a perceber que *novos traços* podem despertar lembranças esquecidas e que novas alterações situacionais do evocador podem levar a reescrever o que nunca esqueceram? Os mesmos acontecimentos da época, nunca esquecidos, terão o mesmo significado quando lembrados aos vinte anos e, depois, na velhice?

Como nos instrui Catroga, o campo do que se recorda e do que se esquece, “nada está definitivamente congelado”.⁶³ O autor sugere que:

Pode-se supor, por ironia, a existência de uma dialética entre recordação e esquecimento que funciona, como uma espécie de *ardil da memória*, “manha” que, em face do renascimento potenciado pela imprevisibilidade do porvir, possibilita a existência tanto de futuros para o presente como, numa atitude justiceira, de futuros para o passado.⁶⁴

Desta forma, considerando que *recordar é selecionar e resgatar*, Fernando Catroga, citando Walter Benjamin, aponta a memória como “inseparável dos olhares bifrontes nascidos da condição histórica do homem⁶⁵”, exercendo sua *função projectiva*. Acrescenta, que, essencialmente, só lembrando se poderá explicar e compreender o que já foi. E, nesse sentido, conforme propõe Paul Ricoeur⁶⁶, essa seria a condição necessária para alcançar uma “memória justa” e ascender ao reconhecimento e ao perdão.

⁶¹ Entrevista com Wanda Clementina Dias Corso (WCDC), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

⁶² CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 32.

⁶³ *Ibid.*, p. 32.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 32.

⁶⁵ BENJAMIN, Walter, 2015 *apud* CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 33.

⁶⁶ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v. 1.

Ao analisar o processo da construção das memórias femininas da construção de Brasília, nos foi possível apreender que a elaboração das histórias de vidas das mulheres desse estudo é um fluxo contínuo de idas e vindas, conforme mencionado anteriormente, num saber que proporciona muitas possibilidades de aprofundamento. As narrativas nos fornecem rico material que nos faz pensar sobre a maneira como cada uma vai revendo sua biografia, a fim de justificá-la como projeto para ser reapresentado para o *outro*.

Historiografar é um devir e, por certo, não é uma tarefa fácil. Nesse sentido, Paul Ricoeur nos alerta a respeito das complexidades de como abordar a história:

A história só é uma história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que seu sentido se mantém confuso, misturado [...]. A história é essencialmente equívoca, no sentido de que é virtualmente *évenementielle* e virtualmente estrutural. A história é na verdade o reino do inexato. Essa descoberta não é inútil; justifica o historiador. Justifica todas as incertezas. O método histórico só pode ser um método inexato...A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tornar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstruir a distância e a profundidade da lonjura histórica. Finalmente, esta reflexão procura justificar todas as aporias do ofício do historiador, as que Marc Block tinha assimilado na sua apologia da história e do ofício de historiador. Estas dificuldades não são vícios do método, são equívocos bem fundamentados.⁶⁷

Certamente a aproximação com o campo da história para a elaboração deste trabalho permitiu um olhar muito mais apurado daquele iniciado em 2010, quando me lancei como documentarista, na busca de “vestígios” das memórias das mulheres pioneiras de Brasília.

1.4 O mundo no nascimento de Brasília

As histórias de vida das mulheres entrevistadas retratam, de certa forma, as transformações sociais e políticas que ocorreram no Brasil em decorrência da mudança da capital para o centro do país. São memórias que se entrecruzam com fatos difundidos nos meios de comunicação utilizados no final dos anos de 1950, na sua maioria escutados nos rádios de ondas curtas ou lidos nas revistas Manchete e O Cruzeiro – a que tinham maior circulação nacional – e nos jornais Correio Braziliense, Diários Associados, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, Jornal do Commercio, O Estado de São Paulo, O Globo, e O Jornal.

No contexto internacional, a fundação de Brasília repercutiu na imprensa mundial com um misto de curiosidade, perplexidade e admiração. Cabe ressaltar que, no período da fundação de Brasília, os meios de comunicação eram extremamente precários. Para a grande maioria da

⁶⁷ RICOEUR, 1961, p. 226 *apud* LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Unicamp, 2013. p.25.

população, o meio de saber as *notícias do mundo* era o rádio, que ficava bem instalado em lugar privilegiado na sala de visitas, protegido por uma grande estrutura de madeira.

A televisão ainda era pouco difundida no Brasil e inacessível, devido aos altos custos de produção ou importação. O serviço de telefonia era privilégio de poucos e operado via equipamento de micro-ondas, que só seria instalado semanas depois da inauguração de Brasília, em abril de 1960. Segundo a telefonista Georgina Janete Câmara, que chegou a Brasília em 1958, para fazer uma ligação para Goiânia ou Rio de Janeiro demorava, aproximadamente, 10 horas.

Muitas matérias com informações sobre a edificação da cidade foram enviadas “via rádio, por precário serviço telefônico ou despachadas em mãos de passageiros de voos regulares para o resto do Brasil ou do mundo, o meio mais seguro e rápido que se encontrava para efetivar a divulgação”.⁶⁸ Em condições tão deficientes, é significativo que a cerimônia de inauguração da cidade tenha sido registrada com destaques pelos jornais e revistas internacionais, como os *TIMES*, *The Sunday Times*, *Le Figaro*, *Corriere Della Sera*, *BBC*, *Neue Zürcher Zeitung*, *The New York Times*, *The Washington Post*, *Times of Indonesia*, *The Auckland Star*, *Blanco y Negro*, *The Japan Times*, *The Jerusalem Post*, *The Viet Nam*, dentre outros, além dos mais importantes periódicos brasileiros (vide anexos). As matérias revelam algumas curiosidades, por exemplo, a comparação do presidente Kubitschek com o Faraó Amenhotep IV, que ergueu em 17 anos a capital egípcia de Akhenaton depois de decidir que Tebas não era vista por seu deus. E a visão de um Brasil selvagem, “onde as onças dominavam o Planalto Central”.⁶⁹

No dia 21 de abril de 1960, o presidente Juscelino Kubitschek tornava realidade sua *capital da esperança* – expressão usada pelo escritor francês André Malraux durante discurso na inauguração de Brasília. Na ocasião, o escritor e primeiro Ministro da Cultura da França, “viu em Brasília, 60 anos atrás, uma luz depois das trevas. A espécie humana e a civilização não estavam de todo perdidas”, relembra Conceição Freitas⁷⁰ A autora sublinha, poeticamente, que *André Malraux caiu do céu para nos mostrar onde está a esperança*, dando nome a seu artigo. Para ela, Malraux percebeu que “algo de grandioso (e fascinante e heroico e misterioso)

⁶⁸ DIAS, Etevaldo. **Do concreto ao papel: o nascimento de Brasília na imprensa mundial**. Brasília: Santafé Idéias e Comunicação. 2010.

⁶⁹ KUCK, Cláudio. O mundo no nascimento de Brasília. In: DIAS, Etevaldo (Org.). **Do concreto ao papel: o nascimento de Brasília na imprensa mundial**. Brasília: Santafé Idéias e Comunicação. 2010. p. 3.

⁷⁰ FREITAS, Conceição. **André Malraux caiu do céu para nos mostrar onde está a esperança**. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/conceicao-freitas/andre-malraux-caiu-do-ceu-para-nos-mostrar-onde-esta-a-esperanca>. Acesso em: 28 out. 2021.

aconteciam nas profundezas de um país periférico, fruto da vontade humana.”⁷¹. Passada a guerra, o holocausto vencido, era necessário estabelecer “um plano mundial de exploração das riquezas naturais em proveito das nações que as detêm e somente destas”.⁷² E nessa luta épica, “o homem deve dar formas dignas de si mesmo”.⁷³ Ademais, ela acrescenta que:

O discurso de Malraux, diante de Juscelino Kubitschek, trazia as marcas do pós-guerra e o peso da Guerra Fria. Era um tempo em que a humanidade temia que um comunista ou um capitalista apertasse o botão do fim do mundo. Eram dias atordoados aqueles, no qual o bem o mal estavam cristalizados no desespero: “Num mundo sem chave, onde o Mal se torna fundamental enigma, qualquer sacrifício, qualquer obra-prima, qualquer ato de piedade ou heroísmo propõem um enigma tão fascinante quanto o do suplício de uma criança inocente, obsessão de Dostoievski; quanto o de todos os pobres olhos humanos que descortinaram uma câmara de gás antes de se fecharem para sempre: a existência do amor, da arte ou do heroísmo não é menos misteriosa que a do mal”.⁷⁴

Decididamente, André Malraux tinha sido “possuído pelo desejo de crer no homem e na civilização”, e a fundação de Brasília, em turnos ininterruptos de trabalho operário, pareceu-lhe o lugar onde ancorar a crença na espécie humana/urbana: “Que nos seja dado construir uma civilização que se assemelhe à nossa esperança, uma civilização que coloque todas as grandes obras da humanidade a serviço de quantos homens as reclamarem!”. Conclui:

A civilização só se realiza pelo saber: “O que a cultura deve conquistar para criar seu tipo de homem exemplar é presença, em seu seio, de todas as formas de arte, de amor, de grandeza e de pensamento que, no curso de milênios, permitiram ao homem ser menos escravo”. E o Brasil construía a capital dessa esperança, era luz depois das trevas.⁷⁵

O pós-guerra obrigava a busca de novas alternativas políticas e sociais. Nesse bojo, a fundação de Brasília surge como proposta inovadora compatível com as expectativas de *um mundo melhor após tantas tristezas* como recorda uma das entrevistadas, a professora pernambucana Maria Marta Cintra (2010). Nesse período, o Brasil se inseriu no debate global, principalmente nas Américas.

Cabe ressaltar que nos primórdios de Brasília vivia-se o auge da Guerra Fria. Período histórico que dividiu o mundo entre EUA, URSS e suas áreas de influência, sendo o conflito político, econômico, social, ideológico e até espacial. Segundo Cláudio Kuck, a guerra era chamada “fria” porque não houve conflito bélico direto – “quente” – entre os dois blocos,

⁷¹ FREITAS, Conceição. **André Malraux caiu do céu para nos mostrar onde está a esperança**. 2019.

Disponível em: <https://www.metropoles.com/conceicao-freitas/andre-malraux-caiu-do-ceu-para-nos-mostrar-onde-esta-a-esperanca>. Acesso em: 28 out. 2021.

⁷² Ibid.

⁷³ Ibid.

⁷⁴ Ibid.

⁷⁵ Ibid.

inviabilizado por um imponderável e fatal confronto nuclear.⁷⁶ As armas ajudaram a preservar a paz dentro dos territórios europeu e russo. Nesse período, o autor sublinha que no Brasil e, em especial, em Brasília podia-se perceber “uma feroz batalha radiofônica que era travada nas ondas curtas dos rádios Voz da América, Central de Moscou, Pequim, Rádio Tirania (Albânia), BBC (Londres) e várias outras com programação política-ideológica”.⁷⁷

Em 1960, em pleno processo da fundação da nova capital, próxima de sua inauguração, após troca de informações com o presidente norte-americano Eisenhower sobre a revisão urgente das relações interamericanas, a partir da percepção do sentimento anti-EUA nos países da América Latina, o presidente Juscelino Kubitschek lançava sua iniciativa mais importante: a operação Pan Americana, conforme aponta Claudio Kuck⁷⁸. O autor acrescenta que John Kennedy, tendo a Aliança para o Progresso em seu programa de governo, acelerava a marcha para a Casa Branca, derrotando Richard Nixon e virando a página de influência da II Guerra Mundial na política americana, bem como influenciando fortemente a política interna do Brasil e de outros países latino-americanos.

A política externa brasileira começou a questionar as linhas de crédito e de cooperação para desenvolvimento que não atendiam as expectativas e as necessidades das nações em desenvolvimento, sublinha Claudio Kuck⁷⁹. O presidente Kubitschek introduziu uma nova diplomacia: por seu ambicioso Plano de Metas de avançar 50 anos em cinco, que levou o Brasil a romper com o FMI (Fundo Monetário Internacional) e fazer propaganda dos cinco anos em 50, que incluía o conceito básico de que existe relação necessária entre os níveis de desenvolvimento social e estabilidade sistêmica.

O mundo nessa ocasião passava por mudanças significativas após traumas profundos deixados pela II Guerra Mundial. Além da guerra propriamente dita, que ceifou milhares de vidas de jovens e destruiu várias cidades, vale lembrar que a humanidade havia passado pela brutal experiência de ver a ciência a serviço da destruição, que teve como culminância a bomba atômica sobre Nagasaki e Hiroshima. Uma das entrevistadas sofreu diretamente as consequências desses episódios. Gerda Gumprich⁸⁰ narra que, por conta dos terrores da guerra, ficou órfã do pai na Alemanha. Com isso, ela resolveu buscar alguns parentes que haviam migrado para a região das serras do Rio de Janeiro. Em Friburgo, conheceu seu futuro marido,

⁷⁶ KUCK, Cláudio. O mundo no nascimento de Brasília. In: DIAS, Etevaldo (Org.). **Do concreto ao papel: o nascimento de Brasília na imprensa mundial**. Brasília: Santafé Idéias e Comunicação. 2010. p. 2.

⁷⁷ Ibid., p. 3.

⁷⁸ Ibid., p. 3.

⁷⁹ Ibid., p. 3.

⁸⁰ Entrevista com Gerda Gumprich (GP), Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

um jovem carioca que foi convidado a vir a Brasília fundar a sede provisória do Banco do Brasil, e a partir daí sua vida *mudou completamente*. Nos contou outros detalhes:

Nasci na Silécia, província da Alemanha. Meu pai faleceu na guerra, minha mãe fugiu conosco e quando ela morreu, uma tia nos convidou para vir para Friburgo, no Rio de Janeiro, onde eu conheci o meu marido. Ele veio abrir uma agência do Banco do Brasil e em junho, ele foi me buscar. Eu cheguei no Núcleo Bandeirante e eu vi que era verdade. Aquele barraco que servia pra guardar o material pra construção daquele banco provisório seria nossa casa. Isso foi dia 17 de junho de 1957, quando eu botei os pés em terra brasiliense.⁸¹

Ela relembra que, antes de chegar com o marido na Cidade Livre (importante acampamento que surgiu ao redor das obras, hoje Núcleo Bandeirante), o marido viera sozinho à futura capital. Conta, com seu carregado sotaque germânico, que ele fez a viagem do Rio de Janeiro até Brasília por estradas muito precárias e algumas ainda estavam sendo pavimentadas. Passou cinco dias e cinco noites cruzando o Brasil. Ao chegar, finalmente, acrescenta:

Meu marido mandou uma foto do barraco que a gente ia morar na Cidade Livre. Primeiro eu levei um susto e depois eu fiquei rindo. Eu disse: esse barraco parece um galinheiro velho, impossível alguém morar nisso. Quando cheguei, em 1957, vi que era verdade, a nossa casa servia para guardar material de construção da sede provisória do Banco do Brasil.⁸²

A Cidade Livre era um lugar de trabalhadores pioneiros e de suas famílias, mas muitos homens chegavam sozinhos e só depois, quando estavam melhor instalados, traziam suas esposas e filhos. Tudo estava em obras e, por isso, havia muita precariedade. Era nítida a “distinção entre as moradias destinadas aos técnicos e políticos e aos operários em geral, apesar de todas as casas serem construídas em madeira”⁸³. Nesse sentido, relembra Maria das Neves:

Mudamos para Brasília no ano de 1957, não tinha ainda nada. As coisas eram trazidas de São Paulo e do Rio de caminhão, e nós então conseguimos uma casa de madeira no Núcleo Bandeirante, que ficava em frente à igreja de Dom Bosco. A minha casa era muito simples, mas era grande. Era uma casa de madeira vistosa, um quarto. Só nesta minha casa do Núcleo Bandeirante é que tinha água, as outras não tinham. Tinha uma torneira que fornecia água para todas as vizinhas. Havia na Rua do Sossego, na Candangolândia, as casas para as famílias dos engenheiros. Todas as casas eram de madeira, porém essas eram muito melhores que os nossos barracos que eram construídos a revelia nos terrenos vagos.⁸⁴

Enquanto as obras de Brasília aconteciam em um ritmo frenético, “do dia para a noite surgia algo que não existe na noite anterior. O barulho de martelo e betoneira eram contínuos,

⁸¹ Entrevista com Gerda Gumprich (GP), Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

⁸² Ibid.

⁸³ Marcas do processo de formação do espaço urbano de Brasília - Tony Marcelo Gomes de Oliveira - Univ. Hum. Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 49-76, jan./dez. 2008

⁸⁴ Entrevista com Maria das Neves Costa Morici (MNM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

dia e noite”, conforme relembra a paisagista Gláucia Marina do Nascimento (2010). No âmbito internacional, os ritmos das transformações também eram intensos. Cacilda Rosa Bertoni⁸⁵ enfermeira-parteira que chegou a Brasília, em 1957, vinda dos E.U.A., narra que ouvira falar de Brasília na sua cidadezinha norte-americana:

Estou com 91 anos de idade. Felizmente fui mais útil vindo pra cá do que imaginei. Sabe que era tanto serviço que eu não senti falta de nada. Eu tinha tanta coisa pra fazer que não dava tempo de pensar em conforto ou outras coisas. Eu fiz tantos partos que eu nem sei quantos foram. Brasília me marcou para o resto de minha vida.⁸⁶

No ano em que Brasília saiu das pranchetas dos arquitetos e foi inaugurada, em 1960, nascia como capital de um dos 99 países independentes integrados à Organização das Nações Unidas – ONU, que só acolheu a China em 1971. No continente africano, após intensa luta anticolonial, 17 nações ficaram independentes.

Frente a essa conjuntura internacional e de muitas modificações políticas e sociais acontecendo no Brasil e no mundo, as mulheres pioneiras e suas famílias foram mudando os seus destinos de vida ao tomarem a decisão de virem para Brasília nos seus primórdios.

1.5 O começo de Brasília

A fundação de Brasília é apresentada como uma das faces do novo Brasil proposto pelo presidente Juscelino Kubitschek, sendo atribuído o adjetivo de cidade revolucionária justamente porque representava a superação de um contexto social, político e, principalmente, econômico, na década de 1950. Brasília passou a ser representada como um marco desenvolvimentista proporcionando a inserção do país no mundo moderno.

Tratava-se de construir a futura capital com traços modernistas no centro do Brasil, com projeto dos arquitetos Oscar Niemeyer e Lucio Costa, que são considerados referências internacionais por sua importância e inovadora proposta urbanística e arquitetônica. Brasília importou para o governo do Presidente Juscelino Kubitschek (1956/1961) a maneira mais rápida e eficaz de desenvolver o interior, de modernizar e integrar o país, enfim, de “corrigir e reordenar o curso de nossa história, num processo logo intitulado a construção de um novo Brasil”.⁸⁷

Brasília representava um marco desenvolvimentista proporcionado pela transferência da capital localizada próxima do mar (Rio de Janeiro) para o centro do Brasil. Essa mudança estimulou a abertura de estradas e abriu inúmeras oportunidades de postos de trabalhos para

⁸⁵ Entrevista com Cacilda Rosa Bertoni (CRB), Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

⁸⁶ Ibid.

⁸⁷ OLIVEIRA, M. **Brasília**: o mito na trajetória da nação. Brasília: Paralelo 15, 2005. p. 22.

homens e mulheres que contribuíram para que, em menos de quatro anos, a cidade fosse erguida. A fundação e a transferência da capital do país para Brasília tinham por objetivo “realizar o encontro do Brasil consigo próprio, com o que seria sua verdadeira identidade, agregar, trazer o desenvolvimento para o interior, tornar Brasília e o interior centros de irradiação de desenvolvimento” sublinha a pesquisadora Ana Lúcia de Abreu Gomes⁸⁸.

A propaganda da transferência da capital para o centro do Brasil, exibindo abertura de estradas, postos de trabalhos para homens e mulheres, e a conquista de um espaço geográfico, antes considerado *desértico e longínquo*, a ser definitivamente incorporado a um novo Brasil dinâmico, gerando uma capital moderna para o Brasil, que buscava se modernizar, foram mostrados com ênfase nos meios de comunicação da época.

Nos relatos das entrevistadas emergem diversos fatos rememorados que marcaram a história da construção de Brasília, conforme já citado anteriormente. Cabe ressaltar que são marcantes as referências recorrentes ao protagonismo do presidente Juscelino Kubitschek e a ênfase em sua popularidade. O seu entusiasmo e o seu empenho em fundar Brasília são lembrados na maioria das entrevistas. Segundo Maria do Chapéu, que chegou em 1959 a Brasília, vinda de Minas Gerais, e exerceu importante papel de liderança comunitária na Vila Planalto, o presidente era muito popular e simpático. *Pessoa simples*, recorda ela. “Eu levava minha família, entrava no Palácio da Alvorada e sentava toda orgulhosa na cama dele.”⁸⁹

A lavadeira e cozinheira Josefa Carmelita da Silva França, que veio para Brasília em 1959, de Currais Novos (RN) em caminhão ‘pau de arara’, narra que ouviu pelo rádio o “chamado” de Juscelino.

Para nós que estávamos sofrendo com uma seca medonha, uma das maiores dos últimos tempos, vir para Brasília era a nossa maior esperança de sobrevivência. Juntamos nossas poucas coisas, fizemos uma trouxa com umas roupinhas e um saco rústico cheio de farinha e carne de sol pisada no pilão, era tudo o que tínhamos e entramos naquele caminhão que saiu cheio de gente esperançosa por dias melhores. Vou falar uma coisa para você, acho que todo mundo acreditava em Juscelino. Era muito considerado por essas bandas e na Vila Planalto quando ele aparecia era aquele alvoroço. Todo mundo querendo abraçar ele.⁹⁰

Tanto Josefa como outras mulheres entrevistadas apresentam um discurso de entusiasmo e de grandes expectativas com a fundação de Brasília, bem como fazem correlação da história da cidade com a pessoa de Juscelino Kubitschek. Josefa conta que passou 10 dias e

⁸⁸ GOMES, Ana Lúcia de Abreu Gomes. **Brasília: de espaço a lugar, de sertão a capital (1956-1960)**. Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, 2008. p. 61.

⁸⁹ Entrevista com Maria do Chapéu (MC), Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

⁹⁰ Entrevista com Josefa Carmelita da Silva França (JCSF), Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

10 noites naquele caminhão. “Foi duro, minha filha” Josefa Carmelita da Silva França, (2010).

Relembra:

Viagem cansativa. Eu mesma estava buchuda de sete meses e ainda ter que cuidar e acalmar dois filhos pequenos. A gente ficava espremidinho entre um saco de farinha, as crianças e outra pessoa que vinha na minha frente. Meu joelho encostava na costela de quem estava no banquinho de madeira na minha frente.⁹¹

Mais do que uma referência historiográfica, os anos JK acabaram se transformando em uma expressão popular no Brasil. Tempos de cultura, do teatro de revista, dos bailes e do otimismo ao redor de uma ideia de nação, os chamados *anos dourados*, fonte de boa recordação na memória social das mulheres participantes desse estudo.

A proposta de implantação da nova capital brasileira, no centro do Brasil, num território completamente afastado das áreas dos grandes centros urbanos, no final da década de 1950, gerou grande expectativa e provou efervescência política e social. A decisão sobre a fundação de Brasília tomou proporções nacionais com discursos exaltados tendo muitos contra e muitos a favor. A euforia e a oposição, muitas vezes agressiva em torno dos custos das obras para a sociedade, de alguma forma mobilizavam a discussão sobre a nova capital e seu idealizador.

Brasília seria a redenção para o país após período politicamente difícil, marcado pelo suicídio de Getúlio Vargas e forte oposição política liderada pelos militares udenistas à posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart, que saíram vitoriosos das eleições de 1955.

A fim de impedir que um eminente golpe militar se concretizasse, o então ministro da Guerra, Marechal Lott, afastou o presidente Carlos Luz e fez o senador Nereu Ramos assumir a presidência do Brasil até a posse de JK, em 1956. Assim, durante todo o mandato presidencial, Juscelino Kubitschek teve que enfrentar um clima político e social tenso o que exigiu grande empenho para manter a estabilidade política imprescindível à concretização de seu Plano de Metas, entre as quais se destacava a construção de Brasília.

Para a elaboração da proposta do Presidente Juscelino Kubitschek da fundação de Brasília, foram fundamentais os relatórios das comissões Cruels, Poli Coelho e Belcher, que apresentam dados técnicos minuciosos dessas expedições exploratórias ao Planalto Central, em 1892 e 1894 e 1954/1955. A comissão liderada pelo Marechal Pessoa, que aponta o Sítio Castanho no Relatório Belcher (1955) como sendo o escolhido para sediar a Nova Capital do Brasil. Na ocasião, foi fincada uma cruz de madeira no ponto mais alto do terreno, 25 quilômetros a sudoeste de Planaltina, onde é considerado o marco fundamental de Brasília.

⁹¹ Entrevista com Josefa Carmelita da Silva França (JCSF), Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

Os percursos das histórias de vida de mulheres que presenciaram por mais de meio século os anos iniciais de Brasília, selecionadas para esse estudo, nos possibilitam conhecer alguns detalhes desse momento histórico. Cabe ressaltar que, na fase inicial da construção de Brasília, havia um número muito reduzido de mulheres em um universo tradicionalmente masculino – cerca de 60 mil trabalhadores das obras que migraram para o centro do país. Dados estatísticos do Censo Experimental de Brasília (1959) realizado pelo Núcleo de Planejamento Censitário, órgão do Conselho Nacional de Estatística do Brasil, aponta que havia uma evidente minoria de mulheres nas áreas reservadas para a edificação de Brasília, constatando uma proporção de 17 mulheres para cada grupo de 100 homens.⁹²

Segundo Gustavo Lins Ribeiro, nos momentos iniciais da obra, a ausência de mulheres devia-se ao fato de ser praticamente impossível ir para a área acompanhada da família: “Diante da inexistência quase completa de habitações e serviços urbanos que atendessem a uma população que não fosse basicamente adulta, masculina e, principalmente, que não estivesse engajada diretamente nos trabalhos das obras para a construção da cidade”.⁹³ O autor sublinha que as moradias iniciais eram em barracas de lonas onde as pessoas comiam *ao relento*, sob condições muito precárias, combinadas a longas jornadas de trabalho e dura disciplina.

1.6 Fundação da capital no coração do Brasil

As andanças de Juscelino Kubitschek pelo abandonado território nacional o haviam convencido de que a aspiração popular pela transferência da capital para o interior era legítima, embora difusa e mal formulada, segundo Claudio Bojunga (2001, p. 391). Para Juscelino Kubitschek, o norte e o oeste do Brasil, com suas áreas despovoadas, permaneciam reservas potenciais de deslocamentos migratórios, e “como não poderíamos povoar o norte e o oeste de um dia para outro, que implantássemos ao menos a capital no âmago do Brasil central”.⁹⁴ Em cada viagem aérea, verificara que dois terços do país-continente viviam à espera de alguém que os conquistasse e os incorporasse à economia nacional:

Eu sobrevoara o Planalto Central em todas as direções. Conhecia, quilômetro por quilômetro, aquela planura sem fim do cerrado, vegetação característica, seu solo árido e vermelho, seu horizonte baixo e rasgado, como se engolisse todo o céu. Olhando através da viga do bordo, tentava visualizar aquele retângulo imaginário que me habituara a ver em todos os artigos e mapas. Era

⁹² CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Censo Experimental de Brasília**: População, Habitação. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. p. 13.

⁹³ RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: UnB, 2008. p. 98.

⁹⁴ KUBITSCHKEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, 2000. p. 77.

uma realidade apenas simbólica – figurada nos mapas e referida nos livros, mas que, de fato, não existia.⁹⁵

A questão dos argumentos mudancistas desenvolvidos pelo governo JK – de povoar o dito *Brasil esquecido* e de sair da costa litorânea – foram paulatinamente conquistando apoio popular e político. Dessa forma, o argumento da transferência da capital era reforçado e a justificativa da urgência da fundação de Brasília como símbolo de *um novo Brasil* tornava-se mais forte e buscava exprimir o desejo mítico de construir a nação no centro do país.

As ideias de transferir a capital do país para o interior, de levar civilização para os sertões, não eram novas, podendo ser historicamente verificadas aqui e ali desde o século XVIII. Contudo, não havia uma ligação tão evidente entre eles, conforme sublinha Márcio de Oliveira.⁹⁶ Além disso, sua transmutação em canteiro de obras sempre acarretou problemas de tal envergadura que nenhum governo – monárquico ou republicano – até então dedicara mais que um esforço de fachada à sua efetivação, excetuando a atuação do presidente Floriano Peixoto. Cabe ressaltar que as dificuldades materiais, a distância dos grandes centros urbanos e a falta de infraestrutura e estradas eram apontados como os maiores empecilhos da região escolhida como sítio da nova capital a ser transferida.

Como agiu o governo JK para legitimar e fundar Brasília em condições tão adversas? Uma das primeiras condições foi a decisão de fisicamente erguer a cidade, mas também construí-la simbolicamente, divulgando-a continuamente e, sobretudo, inscrevendo naquele movimento de longa data, de modo a apresentar a mudança da capital como fruto de um desejo nacional secular. Foi desta maneira que o governo lançou a expressão *ideias mudancistas*, evidenciando a tentativa de transformar o conjunto de projetos e ideias que foram sendo acumuladas desde o século XVIII até o governo JK. Nesse sentido, foram criadas estratégias de convencimento para enfatizar a importância da construção de Brasília “no coração do Brasil”, conforme veremos nas narrativas da professora de piano Neusa Franca Almeida (2010).

Sublinha-se que o presidente Juscelino Kubitschek considerava a fundação de Brasília “um ato político cujo alcance não pode ser ignorado por ninguém. É a marcha para o interior em sua plenitude. É a completa consumação da posse da terra. Vamos erguer no coração do nosso país um poderoso centro de irradiação de vida e progresso.”⁹⁷

A expressão utilizada acima pelo presidente Juscelino Kubitschek – de transferir a capital para o “coração do Brasil” – também pode ser observada nos relatos de viagem do

⁹⁵ KUBITSCHEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, 2000. p. 77.

⁹⁶ OLIVEIRA, Márcio. **Brasília: o mito na trajetória da nação**. Brasília: Paralelo 15, 2005. p. 60.

⁹⁷ KUBITSCHEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, 2000. p. 12.

historiador Francisco Adolpho Varnhagen a Goiás, apresentados na publicação de 1877, *A questão da capital: marítima ou interior?* O autor relata dados geográficos e históricos em defesa da interiorização: “sonho com uma cidade nova nesta paragem central e elevada, situada no coração do país, de onde partiriam veias e artérias que circulariam por todo o corpo do país.”⁹⁸

Utilizando a mesma expressão “no coração do Brasil” em vários trechos de suas lembranças, a professora de piano Neusa Pinho França Almeida⁹⁹, que chegou antes da inauguração de Brasília, narra sua percepção sobre a questão da nova capital no centro do país:

Brasília é uma cidade que temos que ter ela em nossos corações porque foi uma grande obra. Juscelino Kubitschek é o grande responsável por essa proeza. Extraordinário o seu trabalho. Admiro demais tudo o que ele fez. Foi um grande presidente. Brasília para mim tem um simbolismo muito grande para o nosso país. Eu que já estou aqui há tanto tempo, desde os primórdios, cheguei antes da inauguração da cidade, em 1960, no meio do poirão das obras, percebo talvez com outros olhos essa cidade. Eu vi nascer essa cidade. Acredito que mesmo para aqueles que não estão morando na cidade ou chegaram bem depois aqui eu creio que deveríamos valorizar ao máximo essa construção da capital que saiu de perto do mar para o coração do Brasil. Estando no coração do Brasil deve estar no coração dos brasileiros também. Brasília é essa obra mestra de Juscelino e de tantos outros que lutaram tanto para ter essa grande capital. Quem conhece a história deve ter Brasília no coração como um símbolo para o nosso país que é imenso e que mereceu essa grande capital que não existe no mundo igual, cuja arquitetura de Niemeyer e Lúcio Costa e Ernesto Silva, aqueles primeiros grandes nomes que aqui estiveram que merecem nossa reverência. Então eu acho que todo brasileiro deve ter muito amor por Brasília, mesmo os cariocas que alguns são um pouco assim, um pouco balançados e chateados em relação à transferência da capital. Brasília está sendo reconhecida pelo mundo porque não há no mundo uma cidade igual.¹⁰⁰

Durante a entrevista com a professora Neusa França Almeida, percebia-se o seu entusiasmo em narrar o quanto para ela foi fundamental a capital ter saído de perto do mar e ter vindo para o “coração do Brasil”. Para Neusa França, a transferência da capital para o centro do Brasil e a edificação de Brasília estariam proporcionando o grande salto do Brasil para a complementação da autonomia como grande nação.

Salienta-se que, na narrativa de Neusa França Almeida, contendo expressões como “eu vi nascer essa cidade”, ela não esconde o orgulho de ter visto e ter participado dos primórdios dessa *grande capital* que “não existia no mundo nada igual”. Sendo assim, percebe-se sua expressão de autoridade e elevando o “eu vi” (ou o “eu digo”) a garantia de verdade, conforme

⁹⁸ VARHAGEN, Francisco Adolfo. *A questão da capital: marítima ou no interior?*, 3. ed. Brasília, Thesaurus, 1978.

⁹⁹ Entrevista com Neusa Pinho França Almeida (NPFA), Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

¹⁰⁰ Ibid.

aponta Fernando Catroga¹⁰¹. Também por isso, segundo o autor, quando a retrospectiva trata de tempos mais antigos, ela poderia dar “guarida a relatos míticos e tradicionais”.¹⁰²

A admiração em relação ao presidente JK é notória tanto no depoimento de Neusa França Almeida, bem como é reiterado por outras entrevistadas conforme veremos em vários trechos apresentados nessa pesquisa. Neusa França sublinha que o presidente “Juscelino Kubitschek é o grande responsável por essa proeza. *Extraordinário* o seu trabalho. Admiro demais tudo o que ele fez. Foi um grande presidente” (*grifo nosso*).¹⁰³ Percebe-se, frequentemente, nas narrativas das pioneiras referências elogiosas ao seu empenho como o principal artífice e grande responsável pela transferência da capital e sobre a construção de Brasília, conforme mostraremos ao longo do texto.

Brasília foi apresentada como consequência direta de uma análise que compreendia o Brasil de então como nação ainda em formação, subdesenvolvida, localmente industrializada, sem conquista efetiva de seu grande território e desprovida de projeto nacional.

A professora Cosete Ramos Gebrin¹⁰⁴, natural do Rio Grande do Sul veio jovem para Brasília, em 1960, e rememora a defesa da transferência da capital para o interior do Brasil:

[...] em 1952 o doutor Getúlio Vargas constituiu uma comissão para pensar Brasília. O meu pai o deputado Rui Ramos, lá do Rio Grande do Sul, era do partido do Getúlio e ele era um entusiasmado pela ideia da nova capital. Ele achava que o Brasil tinha que se mover para o interior do Brasil. Dizia que o interior era mais rico que o litoral e que era maravilhoso o nosso país, que precisava mover para o centro do Brasil. Nós viemos pra cá em fevereiro de 1960, toda a família e ficamos praticamente acampados na Cidade Livre porque não tinha nenhum prédio pronto. Só para exemplificar, os prédios reservados para as famílias dos deputados na 206 sul só ficaram prontos meses depois. Não tinha rua e o cerrado dominava toda a paisagem. A gente não acreditava que iria morar no meio do mato. Nós levamos três dias para conseguir chegar no terreno em que seria construído o prédio onde iríamos morar. Quando cheguei me chamou a atenção aquela vegetação seca, aquele cerrado, eu achei bonita, vegetação mais rasteira, o chão todo vermelho, a gente não estava acostumada, né?¹⁰⁵

Cosete Ramos narra que lembra também o dia em que chegou em Brasília e de como foi recepcionada pelos *lacerdinhas*:

Sáimos do aeroporto, que na época era todo de madeira, bem modesto. De repente, começou um forte vendaval. O vento rodopiava pela terra plana e descampada. Devido a terra ser fofa e muito fina rapidamente os ventos transformavam-se em redemoinhos imensos. Chamavam os redemoinhos de

¹⁰¹ CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 48.

¹⁰² CHÂTELET, 1974 *apud* CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 48.

¹⁰³ Entrevista com Neusa Pinho França Almeida (NPFA), Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

¹⁰⁴ Entrevista com Cosete Ramos Gebrin (CRG). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

¹⁰⁵ Ibid.

lacerdinha. Os redemoinhos de terra vermelha rodopiando e formando um enorme cone de poeira. Esse nome foi dado porque o deputado Carlos Lacerda fazia comícios e discursos inflamados contra Brasília e querendo liquidar politicamente JK. Eu me lembro que fiquei toda vermelha, todinha. Todinha quer dizer a roupa de dentro também. Tudo cheio da fina poeira, a roupa de dentro era vermelho, o sapato, o dedo do pé, tudo. Então a minha primeira experiência com Brasília foi uma experiência de me tornar vermelha.¹⁰⁶

1.7 Opiniões divergentes quanto aos benefícios da transferência para o Planalto Central

Longe de ser unânime, a fundação alimentou discussões acirradas entre defensores e detratores da cidade, favorecendo a criação de um imaginário simbólico de narrativas e imagens sobre Brasília. A região pensada para ser edificada Brasília estava bastante distante dos principais centros urbanos do país, o que gerava o aumento da imagem de impossibilidade para a concretude da obra.

De certa forma, essa incredulidade seria uma expressão de uma resistência dos cariocas, que percebiam que a cidade do Rio de Janeiro perderia o prestígio que a capital do Brasil lhe conferia. Assim, os julgamentos de que o projeto seria absurdo se agravavam pelo fato de a capital ser transferida para uma área considerada *um sertão tão distante*, como era considerado o estado de Goiás. Por outro lado, analisando as dificuldades, os opositores da mudança comentavam que, de fato, essa ideia dificilmente teria chances de avançar. Como era que um governo iria erguer a capital numa região tão isolada, num verdadeiro *fim de mundo*, como indagou o deputado Carlos Lacerda num dos seus inflamados discursos na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

No anedotário popular da época, a região de Goiás era objeto de piadas e faziam troça de que o povo goiano *vestia tangas*. Segundo Márcio Oliveira (2005, p. 74), essas imagens empregadas para descrever a região e seus habitantes eram reveladoras do imaginário brasileiro, fazendo eco aos *Tristes Trópicos*, de Lévi Strauss: o mito do paraíso indígena rondava as terras da nova capital.

Nesse sentido, estamos pressupondo que implantar a nova capital num território completamente afastado das áreas já tradicionais e fazê-lo aparentemente contra uma lógica até então hegemônica tem um significado de ruptura de envergadura tal que precisaria ser explicitado, ou melhor, precisaria gozar um mínimo de coerência com lógicas maiores que regiam a sociedade naquele instante, conforme bem sublinha Brasilmar Ferreira Nunes.¹⁰⁷

¹⁰⁶ Entrevista com Cosete Ramos Gebrin (CRG). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

¹⁰⁷ NUNES, Brasilmar Ferreira. **Brasília**: a fantasia corporificada. Brasília: Paralelo, 15, 2004. p. 19.

A fundação de Brasília, de fato, mostrou-se um projeto de sucesso em relação à sua concretização, inclusive ultrapassando a meta de edificar superquadras e monumentos, segundo Ronaldo Costa Couto.¹⁰⁸ Foi marcada por arquitetura e urbanismo icônicos, considerados referências internacionais. Pode-se considerar também que gerou desenvolvimento em uma vasta região no centro do Brasil em que na ocasião se encontra com baixa densidade populacional e sem perspectivas de crescimento econômico.

Apesar dos argumentos favoráveis à mudança da capital para o centro do Brasil e a determinação do presidente Juscelino Kubitschek para tal empreitada, havia opiniões divergentes quanto aos benefícios da transferência para o Planalto Central, conforme atesta a funcionária pública Lia Sayão de Sá:

Falava-se muito na possibilidade de Brasília não vingar. Havia uma campanha enorme contra a construção. Era difícil para o meu pai (Bernardo Sayão) convencer as pessoas para que viessem morar aqui. Não tinha nada, mas eles passavam tanto entusiasmo que conseguiam.¹⁰⁹

O depoimento da professora e cineasta Maria Coeli de Almeida Vasconcelos¹¹⁰ também aponta para as campanhas contrárias às ideias mudancistas:

[...] ninguém acreditava em Brasília. As revistas da França falavam dos projetos de Niemeyer, de Lúcio Costa, mas dentro do Rio de Janeiro havia uma campanha muito grande contra Brasília. Tirar a capital do Rio e passar tudo para interior do Brasil não era muito compreendido na época. Quando falavam de Brasília, diziam assim: “nós vamos para o sertão, para o fim do mundo”. Porque aqui não tinha nada, era muito mato, onça, cobra e ninguém imaginava que pudesse surgir uma cidade moderna em tão pouco tempo. Eu cheguei aqui, vi tudo isso e estou aqui até hoje contando essa história para quem não queria acreditar no nascimento de Brasília.¹¹¹

Com percepção semelhante, a dona de casa Márcia de Souza Almeida, mãe de Maria Coeli Vasconcelos e esposa do Deputado Federal Manoel José de Almeida (PSD-MG), mudancista, comenta:

[...] naquela época havia muita rejeição da mudança da capital do Rio de Janeiro para Brasília e não havia quase nenhuma justificativa que o povo quisesse aceitar. Vim para Brasília bem no começo da cidade com seis filhos. A gente acreditou nas ideias do JK. Minhas amigas lá em Belo Horizonte achavam que nós éramos loucos aceitar vir para “o fim do mundo”.¹¹²

Nas passagens acima, nota-se que, de fato, não havia muita confiança, à época, na concretização do sonho da nova capital dentro do prazo prometido. Transferir a capital de um

¹⁰⁸ COUTO, Ronaldo Costa. **Brasília Kubitschek de Oliveira**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 67.

¹⁰⁹ Entrevista com Lia Sayão de Sá (LSS), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto)

¹¹⁰ Entrevista com Maria Coeli de Almeida Vasconcelos (MCAV). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹¹¹ Ibid.

¹¹² Entrevista com Márcia de Souza Almeida (MSA), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

país exige grandes investimentos públicos e privados. Além disso, havia forte oposição à mudança por parte de moradores do Rio de Janeiro, que era a capital brasileira, e ao governo do presidente Juscelino Kubitschek, cujo grande projeto, a fundação da nova capital, estava longe de ser algo compartilhado e benquisto por alguns setores sociais e políticos. A intensa resistência se tornaria mais evidente depois do golpe de 1964, com o exílio do presidente e a cassação de seus direitos políticos.

Segundo Ana Gomes¹¹³, nos discursos da historiografia oficial do início de Brasília percebe-se a intenção de mostrar que o sítio escolhido para a fundação da nova capital encarnava o significado do isolamento no centro do Brasil, do *sertão-atraso*, do *sertão-inferno*, reforçando os argumentos contrários para à transferência.

Por outro lado, as mulheres entrevistadas são unânimes em considerar que a inauguração de Brasília foi memorável e que o reconhecimento das lutas e conquistas da fundação da nova cidade teve um papel fundamental para mudar o cenário socioeconômico do país. Sublinha-se, especialmente, que a edificação de Brasília poderia fomentar o desenvolvimento no “coração do Brasil”, apesar de todas as críticas.

1.8 Estratégias de convencimento

Cabe ressaltar que, para fundar Brasília, foi necessário montar uma estratégia legitimadora que precisava reforçar a atuação e entusiasmo de JK, bem como a ideia de terra virgem, sem vida, antes da construção da capital.

Nesse sentido, Georgete M. Rodrigues¹¹⁴ aponta que ocorreu um movimento mobilizador da sociedade para o convencimento para que a fundação de Brasília fosse entendida como um fator de desenvolvimento regional e urbano que integraria todo o país. A ideia de convencimento da população também está ligada à própria imagem de Juscelino Kubitschek. Ele não era um político nacionalmente conhecido quando iniciou sua campanha à Presidência. Houve a necessidade de criação de estratégias de propaganda para ampliar sua visibilidade política.

As iniciativas e ações da propaganda estavam voltadas para convencer a oposição e ao mesmo tempo desqualificá-la ou apresentá-la como antipatriota, contra o desenvolvimento

¹¹³ GOMES, Ana Lúcia de Abreu Gomes. **Brasília: de espaço a lugar, de sertão a capital (1956-1960)**. Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, 2008. p. 89.

¹¹⁴ RODRIGUES, Georgete Medleg. **Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília**. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1990. p. 36.

econômico, o progresso sempre no sentido ascendente¹¹⁵. O processo de convencimento da opinião pública, que durou todo o período de governo de JK, exigiu esforços que congregaram pelo menos quatro movimentos:

Um, uma espécie de “corpo a corpo” com a sociedade, que consistia em patrocinar conferências, palestras, congressos, etc., em todo o País (e no exterior), com a presença de funcionários do governo, membros da diretoria da *Novacap* (empresa responsável de construção de Brasília), ou outros funcionários graduados da empresa. Outro, que era a propaganda no próprio território, no palco onde se desenrolava o acontecimento, isto é, no canteiro de obras. Essa investida significava atrair para o local o maior número de visitantes possível, de preferência figuras ilustres, tanto do país como do estrangeiro. E um terceiro movimento, que constituía em utilizar os meios de comunicação: rádio, televisão, jornais, revistas e até o cinema, por meio dos cinejornais. E, finalmente, o quarto, que era a própria atuação de presidente da República, por meio dos seus pronunciamentos sobre Brasília.¹¹⁶

Cinejornais, revistas ilustradas e filmes institucionais levavam as imagens do espetáculo da construção ao grande público que não podia ir até o Planalto Central. Segundo Maria Leandra Bizello, a população acompanhou visualmente a fundação de Brasília por intermédio desses meios de comunicação¹¹⁷. Para a autora, é importante salientar igualmente que, no caso das imagens de Brasília, a Novacap exercia um papel importante na medida em que funcionava como aparato estatal que estabelecia relações com as empresas cinematográficas para a realização das filmagens, com o objetivo de difundir a nova capital.

Além da utilização dos cinejornais e dos filmes institucionais, as divulgações de ações eram veiculadas da mesma forma nas revistas ilustradas de circulação nacional *O Cruzeiro* – além de todos os jornais e rádios pertencentes aos Diários Associados de Assis Chateaubriand – e *Manchete*, assim como os jornais *Última Hora*, de Samuel Wainer, e *Correio da Manhã* e as Rádios Inconfidência de Minas Gerais, que alcançavam grande parte da audiência nacional na época.

Para Georgete M. Rodrigues, em seu estudo sobre a propaganda na fundação de Brasília, o período do governo Juscelino Kubitscheck ainda não recebeu um estudo atento sobre o aparato da propaganda oficial:

Em nível geral, não identificamos no governo Kubitscheck a montagem de aparatos de propaganda específicos como existiram na Ditadura Vargas. Sem dúvida, não pode haver semelhanças entre os dois períodos no que concerne à

¹¹⁵ BIZELLO, Maria Leandro. Imagens de convencimento: cinejornais e filmes institucionais nos anos JK. *ArtCultura*, Uberlândia, v.11, n. 18, p. 43-58, jan-jun. 2009. p. 45.

¹¹⁶ RODRIGUES, Georgete Medleg. **Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília**. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1990. p. 38.

¹¹⁷ BIZELLO, Maria Leandro. Imagens de convencimento: cinejornais e filmes institucionais nos anos JK. *ArtCultura*, Uberlândia, v.11, n. 18, p. 43-58, jan-jun. 2009. p. 49.

natureza do regime político, o que implica em diferenças na condução ideológica do projeto de um ou de outro. Contudo, podemos identificar no governo Kubitschek um “núcleo” de elaboração, sistematização e divulgação da ideologia, que se localizava no ministério da Educação e Cultura, seguindo a tradição que vinha desde o governo Vargas.¹¹⁸

O comício foi a forma mais utilizada por JK para a aproximação com a população. Entretanto, após sua eleição, os cinejornais e filmes institucionais foram fundamentais para a divulgação de sua atuação e imagens da nova capital, em pleno movimento de construção, proporcionando que a população visse imagens de JK *desbravando* o Planalto Central. Outra estratégia adotada para se relacionar com o povo e divulgar sua imagem nacionalmente foi montar uma equipe de redação, formada por jornalistas, escritores e poetas responsáveis pela elaboração de discursos, pelas correspondências com as instituições de âmbito público e privado e com cidadãos comuns.¹¹⁹

A produtora mineira *Libertas Filme* e outras do Rio de Janeiro, como *Atlântida*, *Jean Mazon Films*, *Líder Cine Jornal*, *Persin e Perrin Produções*, foram responsáveis por farta documentação cinematográfica do início de Brasília, e graças às relações amistosas que mantinham com JK, contribuíram para reforçar a divulgação positiva da fundação de Brasília de forma mais ampla. Cabe ressaltar que muitas imagens dos cinejornais e filmes institucionais realizados por essas produtoras foram utilizadas para permear as narrativas das mulheres participantes desse estudo no documentário *Poeira e Batom – 50 mulheres na construção de Brasília* (2010).

1.9 Palmerinda Nonato relembra a pergunta de Toniquinho

Foi justamente em um comício em 1955, no município goiano de Jataí, maior reduto do PSB, que ocorreu a famosa pergunta do jovem advogado Antonio Soares Neto, conhecido como Toniquinho: “Se eleito for, o senhor cumprirá o que determina a constituição sobre a transferência da capital para o Planalto Central?”. Esse fato é rememorado pela farmacêutica e escritora Palmerinda Nonato¹²⁰, uma de nossas entrevistadas, que chegou a Brasília em 1958:

O Juscelino afirmava que cumpria o que prometia e se dizia homem dos três M: mineiro, médico e macho, no sentido que quando empenhava sua palavra não havia retorno. Quando o comício de Jataí começou, ocorreu uma chuva tremenda e foram para uma garagem. Terminado o discurso, ele abriu para perguntas. O Toniquinho levantou o braço e perguntou: ‘se eleito for, o senhor

¹¹⁸ RODRIGUES, Georgete Medleg. **Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília**. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1990. p. 36.

¹¹⁹ SIMÕES, Josanne Guerra. **Sirênio Canto: Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000p. p. 87.

¹²⁰ Entrevista com Palmerinda Nonato (PN), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

cumprirá o que determina a constituição sobre a transferência da capital para o Planalto Central? ' Juscelino diz, no livro *Porque construí Brasília*, que não pensou mais que três minutos e respondeu: se é constitucional, eu cumprirei o combinado, construirei Brasília e passarei a faixa para o meu sucessor em Brasília.¹²¹

Conforme impunha a primeira Constituição Republicana Brasileira, promulgada em 1891, transferiu-se a sede de governo para o centro do Brasil por motivos predominantemente estratégicos – esta foi uma das justificativas. A interiorização da capital brasileira seria importante tanto para a segurança nacional como para a integração das cinco regiões do Brasil. Para concretizar a antiga ideia de se transferir a capital, foi utilizada mão de obra de milhares de trabalhadores provenientes de diversas localidades brasileiras, os chamados candangos, que efetivamente ergueram Brasília.

Segundo a historiadora Helena Bomeny, uma das razões que levavam os republicanos de 1889 a retomar o mito paradisíaco de uma capital interiorana “era a imagem de turbulência e irreverência da capital do país, o irrefreável e moralmente suspeito ambiente urbano do Rio de Janeiro, de permanente agitação e desobediência de uma população incontida¹²²”, reforçando a ideia da fundação de uma nova capital no centro do país como uma cidade redentora e idílica, longe das mazelas da corrupção e outros problemas políticos e sociais.

Ressalta-se que Brasília foi lastreada pelo antigo desejo de interiorização da capital, que, vislumbrado no século XVIII, conseguiu sobreviver durante o século monárquico e chegar ao período republicano, conforme Márcio de Oliveira.¹²³ Nesse longo período, segundo o autor, aqueles que defendiam a tese de interiorização insistiam sobre a importância da ocupação de *espaços vazios* do interior do Brasil e a localização vulnerável da capital litorânea.

Para obter êxito em sua campanha presidencial, Juscelino realizou diversos comícios pelo território nacional, fortalecendo a sua já conhecida capacidade de diálogo com o povo. A ascensão política de Juscelino Kubitschek prosseguiria com sua campanha à presidência da República. Após a indicação de sua candidatura pelo Partido Social Democrático e a sua desincompatibilização do governo de Minas Gerais, JK iniciou sua campanha eleitoral, que envolveu todo o Brasil com propostas convincentes de desenvolvimento social e econômico. Como aliado de Juscelino, havia João Goulart, candidato à vice-presidência pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Outro candidato à presidência era o general Juarez Távora, adversário de Juscelino, que tinha o apoio dos líderes udenistas. A enfermeira Alice Andrade Maciel

¹²¹ Entrevista com Palmerinda Nonato (PN), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹²² BOMENY, Helena. Utopias de cidade: as capitais do modernismo. In: **O Brasil de JK**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 394.

¹²³ OLIVEIRA, Márcio. **Brasília: o mito na trajetória da nação**. Brasília: Paralelo 15, 2005. p. 18.

rememora o momento político da decisão do presidente Juscelino Kubitschek, de admitir a construção de Brasília no comício de Jataí:

Eu votei em Juscelino lá em Porto Alegre, sem saber quem era ele e me lembro que uma das promessas dele era a construção de Brasília e que alguém lá de Goiás num comício cobrou e ele disse sem vacilar que ia concretizar o sonho de termos uma nova capital no centro do Brasil. Depois eu nunca imaginei que ia me casar com um engenheiro que veio construir a capital e minha vida tomar rumos jamais imaginados. Trabalhei muito nos acampamentos atendendo os trabalhadores doentes e acidentados das obras. (ALICE ANDRADE MACIEL, 2010).

Em outro trecho da entrevista, Palmerinda reafirma sua profunda admiração por JK. Narra que não se considera pioneira.

Sou pré-pioneira. Juscelino ainda estava em campanha para presidente e eu já fazia parte, no Rio de Janeiro, da formação dos primeiros grupos de mulheres a apoiarem a sua campanha. Vim a Brasília convidada por d. Sarah assistir à primeira missa celebrada no meio do cerrado, em 1958. Quando estava saindo do carro enfiei o pé na lama, o sapato de camurça endureceu, foi uma luta tirar do pé.¹²⁴

Complementa:

Juscelino era o homem predestinado. Quando Getúlio Vargas deu um tiro no peito, ninguém sabe até hoje o que aconteceu, a única autoridade presente no sepultamento era o Juscelino Kubitschek governador de Minas Gerais, então isso me deixou muito impressionada, começou ali toda a minha admiração que seguiu até ele ser assassinado pela ditadura naquele “falso acidente de carro”.¹²⁵

Realizadas as eleições de 1955, Juscelino Kubitschek e João Goulart saíram vitoriosos, o que desagradou profundamente os militares udenistas. A fim de impedir que um iminente golpe militar se concretizasse, o então Ministro da Guerra, marechal Henrique Teixeira Lott, afastou o presidente Carlos Luz e fez o senador Nereu Ramos assumir a Presidência do Brasil até a posse de Juscelino, em 1956. Assim, durante todo o seu mandato presidencial, Juscelino Kubitschek se empenharia em manter a estabilidade política imprescindível à concretização de suas metas, entre as quais se destacava a construção da nova capital.

Em 19 de setembro de 1956, o presidente Juscelino sanciona a Lei nº 2.874, que aprova a transferência, define o novo Distrito Federal, com área de 5,8 mil quilômetros, e estabelece o nome Brasília, resgatando a sugestão apresentada, em 1823, por José Bonifácio de Andrade e Silva. Segundo Ronaldo C. Couto, Kubitschek considerou o nome perfeitamente adequado ao sentido integracionista da nova capital: “Brasília não iria se situar em local ‘imediatamente às

¹²⁴ Entrevista com Palmerinda Nonato (PN), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹²⁵ Ibid.

cabeceiras dos grandes rios’, mas bem no coração do Planalto Central, o qual, por sua vez, é o coração do Brasil”.¹²⁶

O presidente Juscelino Kubitschek, nos seus discursos políticos, insistia na interiorização da capital e pela integração nacional, ampliada pelo fato de que a transferência para o centro do país estaria vinculada ao crescimento. O presidente JK enfatiza que “Brasília é o grande passo para esse mundo futuro”¹²⁷:

Só conhecerá o país a verdadeira grandeza, no dia em que dominarmos os grandes vazios interiores, plantando cidades, rasgando estradas, levando o progresso técnico aos rincões remotos e explorando-lhes as imensas riquezas. E Brasília é o grande passo para esse mundo futuro. Nada poderá deter esse passo. Nada obstará a marcha do país para a conquista de si mesmo, que é a ocupação efetiva de suas grandes áreas internas. Somos geograficamente um dos maiores países deste planeta, onde vive um povo em condições de aperto. Em torno de nós a vastidão, os descampados, o país por conquistar, sítios admiráveis e, no entanto, nos agrupamos à beira mar, espiando as fases da maré. Constitui um refrão monótono dizermos que necessitamos ocupar o nosso país, possuir terras, marchar para o Oeste, voltar as costas ao mar, e não permanecer eternamente com o olhar fixo nas águas como se pensássemos em partir, em voltar (sic).¹²⁸

A ideia da transferência da capital está presente desde os tempos coloniais, sendo objeto de profecias religiosas narradas em longa mitologia, conforme sublinha Sylvia Fisher¹²⁹. A autora relembra que, em 1763, foi proposta uma sede para a colônia em plena Amazônia, e que o movimento mineiro de emancipação, em fins do século XVIII, defendia um programa revolucionário, que incluía uma nova capital a ser erigida no *hinterland*, pelo batismo de José Bonifácio, em 1823, inscrita definitivamente na primeira Constituição republicana, em 1891, na qual impunha transferir-se a sede do governo para o centro do Brasil por motivos predominantemente estratégicos, até chegar na campanha presidencial de Juscelino Kubitschek, em 1955 – prometendo o *país de futuro* em cinco anos.¹³⁰

Brasília se apresentava, em projeto, como um marco desenvolvimentista, a inserção do país no mundo moderno. Ela foi considerada a *meta síntese* do programa de governo Kubitschek, e trazia o imaginário simbólico da realização do crescimento e integração nacional. Sua fundação respondeu à necessidade de interiorização, buscando cumprir o papel de integração entre regiões de norte a sul do país e de abertura de novas frentes de expansão

¹²⁶ COUTO, Ronaldo Costa. **Brasília Kubitschek de Oliveira**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 39.

¹²⁷ KUBITSCHKEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, 2000. p. 37.

¹²⁸ Ibid., p. 37.

¹²⁹ FISHER, Sylvia. Algumas Brasília. In: FILS, Alexander; ECKSTEIN, Beate; MERLINGER, Martina (Org.), **Brasília, Architektur der Modern in Brasilien**: Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Roberto Burle Marx. Bonn: IFA. 2000. p. 9-25

¹³⁰ Ibid., p. 23.

econômica.

A formulação político-ideológica do governo do Presidente JK se fundamenta no desenvolvimento econômico e social e na manutenção da ordem, da preservação da civilização cristã, em suma, na segurança do sistema. Esta aparece como uma aspiração mais profunda, o objetivo que agrega um significado a todas suas preocupações, conforme aponta Miriam Limoeiro Cardoso.¹³¹

Vale salientar que o processo político do presidente JK teve como plano de metas os simbólicos *50 anos em cinco*, no qual Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960, após ter sido erguida *em 1000 dias*, constituía a materialização histórica desta proposta. Para a concretização dessa meta, exigiu esforço significativo da força de trabalho de milhares de trabalhadores, “um sofrido exército de sertanejos malvestidos e de pés no chão, egressos, na maioria, das secas periódicas do Nordeste, improvisados em operários de jornadas longas e árduas, 18 horas por dia, todos os dias, sem ócio nem lazer, mesmo aos domingos e feriados”.¹³²

Independentemente das estratégias de convencimento criadas para legitimar as ações do governo JK, cabe sublinhar de que não há dúvida de que, entre 1956 e 1961, o Brasil apresentou um crescimento econômico marcante. O período Kubitschek tornou-se conhecido por suas realizações econômicas, avanços sociais e uma onda impressionante de entusiasmo, conforme aponta Thomas Skidmore.¹³³ O autor enfatiza que a base para o progresso foi uma enorme expansão da produção industrial, que cresceu 80% (em preços constantes), com as percentagens mais altas registradas pelas indústrias de aço (100%), indústrias mecânicas (125%), indústrias elétricas e de comunicações (380%) e indústrias de equipamentos de transportes (600%). De 1957 a 1961, a taxa de crescimento real foi de 7% ao ano e, aproximadamente, 4% *per capita*.¹³⁴ Para a década de 1950, o crescimento *per capita* efetivo do Brasil foi aproximadamente três vezes maior do que o resto da América Latina.

O governo Kubitschek seguiu uma política de nacionalismo desenvolvimentista. Foi uma aproximação pragmática a uma economia mista, dirigida no sentido de conseguir uma rápida taxa de crescimento possível, encorajando a expansão nos setores tanto privados como públicos. A ênfase maior foi dada às indústrias básicas, buscando uma substituição de

¹³¹ CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia e desenvolvimento**: Brasil JK-JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 261.

¹³² TAMANINI, L. Fernando. **Brasília**: memória da construção. 3.ed. Brasília: Do autor, 2009. p. 28.

¹³³ SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

¹³⁴ *Ibid.*, p. 204.

importações, iniciada no começo do século, acelerada na década de 1930, o que produziu uma virtual autossuficiência em bens de consumo leves no meio da década de 1950.

1.10 Orgulho ter participado dessa fase histórica de Brasília

Golda Pietricovsky¹³⁵ foi outra entrevistada a reiterar o quanto a fase inicial de Brasília a impressionava por sua pujança. Ela aponta que o início de Brasília foi “extraordinário”. Sublinha, em suas narrativas, que tem orgulho ter participado dessa fase histórica de Brasília. “Uma cidade nova, moderna com pessoas idealistas e trabalhadores lutando dia e noite para concluir sua construção menos de 5 anos”. Acrescenta:

Sentia uma boa sensação quando aqui cheguei. Havia na cidade uma forte esperança e entusiasmo. Milhares de pessoas chegando de todas as partes, a gente empolgada com esse projeto inovador de cidade. Era um negócio assim estranhíssimo para mim ver aquele cerrado todo descampado. Muita poeira. Cada lado que eu olhava era coisa subindo, construindo tudo com muita rapidez, e da noite para o dia iam surgindo os prédios, lacerdinhas voando. Era fantástico, era uma aventura viver na cidade que estava sendo inventada. Eu acredito que naquela época até 1964, Brasília era o paraíso, era a liberdade, era o campo fértil para você realizar qualquer projeto de vida.¹³⁶

Essa percepção de Golda Pietricovsky encontra ressonância no discurso apologético sobre a construção de Brasília de outras entrevistadas e no do presidente JK, que procurava usualmente enfatizar o lado positivo do início da nova capital:

Trabalho de toda uma rede de idealistas, que se despojaram de família e conforto, trabalhando 24 horas por dia, empenhados para tirar da poeira das construções uma cidade moderna que não poderia e não deveria ser uma cidade qualquer, igual ou semelhante a tantas outras que existiam no mundo. Cabe ressaltar que cerca de sessenta mil candangos – “as abelhas do Planalto” – que haviam tornado possível o milagre de Brasília e que amassaram com o suor de seu rosto o cimento e a areia dos edifícios em construção.¹³⁷

Em outro trecho da entrevista, Golda Pietricovsky narra que, ao falar da história de Brasília e de sua participação, criou-se a oportunidade para ela repensar, na sua fase madura da vida, o que se passou há um longo tempo. “Faz a gente pensar que nós, mulheres, vamos aprendendo com a idade a minimizar as dificuldades do passado para dar conta da vida e da velhice”.¹³⁸

¹³⁵ Entrevista com Golda Pietricovsky de Oliveira (GPO)..Brasília,2010 (Fonte deste projeto).

¹³⁶ Ibid.

¹³⁷ KUBITSCHKE, Juscelino. **Meu caminho para Brasília: 50 anos em 5**. Rio de Janeiro: Block, 1978. v. 3. p. 5.

¹³⁸ Ibid.

Colaborando para as reflexões de Golda sobre esse entrelaçamento do repensar de suas memórias sobre a cidade e o envelhecimento, vem à tona o poema “O que a memória ama fica eterno”, de Adélia Prado:

[...] memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora com o vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos. Crianças têm o tempo a seu favor, e a memória ainda é muito recente. Para elas, um filme é só um filme; uma melodia, é só uma melodia. Ignoram o quanto a infância é impregnada de eternidade. [...] Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos dentro da gente. Quando nos damos conta, nossos baús secretos – porque a memória é dada a segredos – estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo.¹³⁹

Segundo, Jeanne Marie Gagnebin essa conexão temporal “transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobriremos, inscrita nas linhas do atual”.¹⁴⁰ Apreende-se, portanto, que a dinâmica da rememoração ocorre quando o passado se revela no tempo presente, e dependerá de quem deseja acessá-lo, bem como estará em conformidade com suas referências culturais e sociais, pelo enfoque da memória.

O ato de narrar memórias seria uma espécie de *instante fugaz*, em consonância com Walter Benjamin¹⁴¹, gerando uma ressignificação tanto do passado quanto do presente. Na mesma direção, Jeanne Marie Gagnebin¹⁴² aponta que rememorar seria a capacidade de *transformar o passado*, posto que esse assume uma forma nova que poderia ter desaparecido no esquecimento.

Nesse sentido, a elaboração deste trabalho proporciona o desafio de tecer, com os fios das memórias dessas mulheres, tapetes bem traçados e multicoloridos por meio das narrativas coletadas. Costurar essas memórias com olhar atento de historiadora não é tarefa simples, pois requer uma mirada de detalhes do passado, como nos lembra Beatriz Sarlo:

O passado regressa como um quadro de costumes onde se valorizam os pormenores, a originalidade, a exceção à norma, as curiosidades que já não se encontram no presente. Em se tratando da vida cotidiana, as mulheres (especialistas nessa dimensão do privado e do público) ocupam uma parcela relevante nesse quadro.¹⁴³

¹³⁹ PRADO, ADELIA. **O que a memória ama fica eterno**. Poesia reunida. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 347.

¹⁴⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Dizer o tempo. In: **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 69-80

¹⁴¹ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, W. (Ed.). **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. p. 224.

¹⁴² *Ibid.*, p.16.

¹⁴³ SARLO, Beatriz. **O tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 19.

Da mesma forma, vê-se nessa tessitura das narrativas a busca dos fios memorialísticos das pioneiras brasilienses. Percebe-se ainda alguns conceitos historiográficos que se aliam aos de memória para expressar múltiplos posicionamentos e fomentar os estudos sobre a fundação de Brasília.

Cléria Botelho da Costa indica que a “memória é uma representação das experiências, além de uma reconstrução do que perdura na memória e é lembrado”.¹⁴⁴ A autora defende uma ‘poética da memória’, que possibilite “transmitir e evocar memórias fragmentadas do *ethos* da comunidade”, compreendendo que “as sensibilidades, a memória afetiva são partes constitutivas do ser humano: portanto não devem ser excluídas do conhecimento histórico e, enquanto tais, devem ser incorporadas no conhecimento produzido pela historiografia.”¹⁴⁵

Pode-se constatar essa sutil construção da “poética da memória”, mencionada por Cléria Botelho da Costa¹⁴⁶ nas narrativas das mulheres pioneiras ao lembrar o cotidiano da gênese de Brasília, no final da década de 1950 e início da década de 1960, relatando a vida nos acampamentos improvisados das diversas trabalhadoras e o trabalho que realizavam nesse período.

As principais vertentes das narrativas percebidas nesse estudo sobre o início da construção de Brasília relacionam-se principalmente aos seguintes aspectos: 1) questões políticas e históricas ligadas à transferência da capital do Brasil do Rio de Janeiro para o centro geográfico do país; 2) dificuldades da vida cotidiana nos acampamentos pioneiros; rompimentos de valores patriarcais; e 3) orgulho de participar desse momento histórico, dentre outros temas afins.

Em outro trecho da entrevista, Golda Pietricovsky, historiadora e funcionária pública, destaca a importância da observância de que “não pode ser descartada a orientação ideológica das duas mentes que criaram o projeto, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, que nunca esconderam as tendências socialistas inseridas em seus projetos arquitetônicos no início de Brasília”. Sublinha Golda:

[...] havia um espírito de maior unidade social e a preocupação de criar oportunidades e favorecer o acesso para todos de serviços e escolas públicas de qualidade para todos. Numa mesma sala de aula havia filhos de engenheiros, ministros e dos trabalhadores das obras. Tudo misturado. Isso não era comum no Brasil.¹⁴⁷

¹⁴⁴ COSTA, Cléria B. **Um passeio com Clio**. Brasília: Paralelo 15, 2002. p. 155.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 155.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 155.

¹⁴⁷ Entrevista com Golda Pietricovsky de Oliveira (GPO)..Brasília,2010 (Fonte deste projeto).

Porém, Golda Pietricovsky relata, também, que esse ideal socialista foi “sendo deturpado e foram tirando as pessoas pobres dos prédios mais bem localizados de Brasília”. Atesta a sua decepção em “ver os sonhos de uma sociedade menos desigual serem destruídos com a implantação da ditadura militar em 1964”, na cidade recém-inaugurada em 1960. Segundo ela, “Brasília quase foi fechada completamente pelos militares e sofreu muitos desmandos. Se não fosse a rapidez de terem erguido as joias de Brasília: o Palácio da Alvorada, a Esplanada dos Ministérios e a estrutura da Asa Sul e da Asa Norte, eles teriam abortado a nossa cidade”. Golda Pietricovsky sublinha que prefere “rememorar o lado bom dessa história e essas lembranças tristes prefiro esquecer”.¹⁴⁸

Ao vivenciar as dificuldades dos anos iniciais da cidade, Golda Pietricovsky ainda rememora que percebeu, ao chegar a Brasília, que herdou a tenacidade dos pais judeus que imigraram para o Brasil, fugindo da perseguição nazista: “Brasília estava toda por construir. Precisava ter espírito muito simples e prático para sobreviver numa cidade bastante precária”.¹⁴⁹ Ela relembra que chegou na cidade em 1960, e que estava acompanhando o marido que tinha recebido um convite para dirigir a sucursal do *Correio Paulistano*. Para ter uma ocupação profissional, Golda Pietricovsky resolveu desenvolver juntamente com Sylvia Ortoff oficinas de teatro para crianças, em especial para os filhos dos trabalhadores “candangos”.

1.11 Missa da Inauguração

A arquiteta Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho rememora detalhes da missa da inauguração de Brasília e do seu orgulho de ter participado desse momento histórico. Ressalto que lembro dela durante a nossa conversa, tirando da bolsa uma foto sua em preto e branco, grávida do primeiro filho, o marido e um casal de amigos assistindo a missa da inauguração. Relembrando esse momento, lamento não ter feito uma cópia dessa foto. Consultando a família em busca desses documentos, a família não conseguiu, infelizmente, localizar essa foto.

A inauguração de Brasília foi uma emoção só. A missa foi muito emocionante. Juscelino chorou em vários momentos. Lembro dele tampando os olhos com a mão e soluçando. Eu estava ali vendo tudo isso. Esse fato quando eu conto muita gente não acredita, mas o fato é que eu descobri essa foto que confirmou nossa presença na missa. Veja aqui. Eu estava grávida do meu filho mais velho e chegamos a praça estava lotada. Não tinha espaço nem para pensamento. Era gente por todo o lado e não tinha uma cadeira, nenhum banco nem nada. Eu pensei: meu Deus, como eu não vou aguentar essa missa em pé? Ai eu me encostei assim numa pilastra. A missa foi na Praça dos Três Poderes. O altar ficava encostado ao Supremo Tribunal Federal. Eu estava acompanhada de meu marido e mais um casal amigo. Conseguimos um ótimo lugar milagrosamente. Subimos no prédio e eu pensando um jeito de sentar.

¹⁴⁸ Entrevista com Golda Pietricovsky de Oliveira (GPO)..Brasília,2010 (Fonte deste projeto).

¹⁴⁹ Ibid.

Grávida, com o barrigão. Eu experimentei mexer no trinco de uma porta de madeira, estava fechada. Eu pensei, olha e se uma dessas estiver aberta? Eu preciso dar um jeito de sentar. Aí eu fui para segunda porta. Para a minha surpresa eu conseguir abrir. Eu disse pro pessoal aqui a porta está aberta! Depois que abrir a porta e chegamos no primeiro andar vimos a fachada toda de vidro e a praça ali na nossa frente. Aí pegaram quarto poltronas puseram junto da janela e nós nos sentamos assim sentada na janela aqui na nossa frente do espetáculo todo ali embaixo. Camarote mesmo. Estava muito melhor até do que o Juscelino [risos] que estava em frente embaixo de nós. Embaixo estava o altar da missa ornamentado com a Cruz de Cabral feita na época do Descobrimento do Brasil para a primeira missa no Brasil em 1500. Aquela Cruz estava lá. Tirei foto lá de cima desse cenário incrível. Essa cruz veio para missa de inauguração de Brasília e ficamos lá de “camarote” assistindo a missa. Quase pro final da missa surgiu um segurança, ele entrou muito delicado chegou e disse olhe é o seguinte os fotógrafos mandaram pedir para vocês se retirarem porque vocês estão interferindo no cenário das fotos.¹⁵⁰

Concordando com Helena Carvalho, a farmacêutica Palmerinda Nonato disse que a missa foi o grande evento anterior à inauguração, para a qual já estavam reunidas autoridades brasileiras e internacionais. Ela foi à missa campal, marcada para as 23h30m do dia 20. Tudo foi programado para que o a fundação de Brasília fosse “abençoada por Deus”, ficando assim garantido, no plano espiritual, devidamente protegido contra as “forças do mal”. Para Palmerinda, ficou marcado *para sempre* na sua memória esse momento:

A inauguração foi um fato bellissimo. Teve revoada de pombos, sinos tocando e foi assim um dia sensacional e houve a grande missa na qual Juscelino chorou. Imagine o que que ele sentiu naquele momento que ele viu que ele tirou do chão que só tinha aquelas arvorezinhas de cerrado, aquele cotocos, e ele transformou numa cidade, foi preciso ter garra, era preciso mesmo ser o homem dos três M’s, conforme se falava naquela época.¹⁵¹

Márcia de Souza Almeida também relembra sobre a emoção de JK durante a missa:

Mas bonito mesmo, de chorar, foi a missa. A missa foi naquele alto ali, onde está a Câmara, e fizeram o altar na parte de cima e o que foi mais bonito foi aquele jato de luz que se encontrava no céu, formando uma cruz. Tudo lindo, iluminado, brilhando, coisa linda, linda mesmo. Juscelino chorou, foi um pranto, porque foi muito comovente. Deu aquela emoção em todos os presentes porque ali ele e para quem torceu pela construção da nova capital, viu que não havia nada mais que conseguiria destruir Brasília.¹⁵²

Cabe lembrar que a Igreja Católica foi a primeira instituição a se fixar na terra desmatada da nova capital¹⁵³. O cinejornal Brasília nº 10¹⁵⁴, de junho de 1958, mostra uma série

¹⁵⁰ Entrevista com Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho (HMVSC). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

¹⁵¹ Entrevista com Palmerinda Nonato (PN), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹⁵² Entrevista com Márcia de Souza Almeida (MSA), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹⁵³ BIZELLO, Maria Leandro. Imagens de convencimento: cinejornais e filmes institucionais nos anos JK. *ArtCultura*, Uberlândia, v.11, n. 18, p. 43-58, jan-jun. 2009. p. 50.

¹⁵⁴ Segundo Leandra Bizello (2009, p. 50) a datação dos cinejornais *Brasília* não pode ser realizada com exatidão pela falta de informação das decupagens que foram realizadas quando do tratamento arquivístico da

de inaugurações, todas realizadas por JK, em companhia da esposa Sarah Kubitschek e de Israel Pinheiro, presidente da Novacap. A primeira cerimônia apresentada é a inauguração da Capela Nossa Senhora de Fátima, conhecida como “Igrejinha”. A imagem inicial mostra uma cruz no cerrado, como marco fundador e ponto de partida de tudo. Ao seu redor não há nenhuma obra, apenas tratores em movimento no meio da poeira da obra. Logo em seguida aparece Sarah Kubitschek, descerrando a placa da Capela, acompanhada das filhas Márcia e Maristela e do presidente JK.

A sacralização da fundação de Brasília seguindo os preceitos católicos se faz presente também na evocação do sonho de Dom Bosco, que, segundo registros históricos, não traz indicações de ter sido exatamente como a versão de JK passou a propagar. De toda forma, “não importa se verdade ou nem tanto, era preciso um santo para sacralizar a obra”, ironiza Conceição Freitas.¹⁵⁵

No dia seguinte à missa da inauguração, às 8 horas da manhã de 21 de abril de 1960, o Presidente Juscelino hasteia, pela primeira vez, a bandeira nacional na nova capital brasileira. Em seu discurso inaugural, JK explica o significado de Brasília:

É um ideal histórico: o dos bandeirantes dos séculos XVII e XVIII. Brasília significa uma revolução política e uma revolução econômica. Estamos erguendo-a com aquele espírito de pioneiros antigos dos homens que desbravavam os sertões modernos em nossas almas ansiosas por fundar uma civilização no coração do Brasil [...]. Politicamente, Brasília significa a instalação do governo federal no coração da nacionalidade.¹⁵⁶

As expressões: “fundar uma civilização no coração do Brasil”, “no coração da nacionalidade”, vinculação de “Brasil-Brasil como centro irradiador”, o sentimento de se “viver numa sociedade inacabada”, “imaginário da fundação” e “sonho de integração nacional” serão utilizadas pelo presidente JK em cada oportunidade que se apresentava. Estas imagens de conquista e da criação da civilização curiosamente serão cada vez mais naturalizadas, conforme aponta Márcio Oliveira¹⁵⁷, como se o imaginário nacional fosse pouco a pouco se acostumando como resgate dos grandes mitos da descoberta e da fundação do Brasil.

Em certa medida, podemos observar nas narrativas das mulheres tentativas de reproduzir o ideário defendido por JK. Dentre alguns trechos apresentados que fazem

documentação imagética. A possível referência cronológica advém de informações retiradas da narração dos cinejornais.

¹⁵⁵ FREITAS, Conceição. Longa jornada de um sonho. *Correio Braziliense*, 04 de junho de 2011. Cidades, 32/33. In: _____. **Catálogo Memórias Femininas da construção de Brasília**. Brasília: Athalaia, 2013, p.81-84. p. 82.

¹⁵⁶ KUBITSCHKEK. Juscelino. **Diário de Brasília 1956-1957**, Serviço de Documentação da Presidência da República, Rio de Janeiro, 1960. p. 185.

¹⁵⁷ OLIVEIRA, Márcio. **Brasília: o mito na trajetória da nação**. Brasília: Paralelo 15, 2005. p. 174.

referências as percepções sobre a inauguração de Brasília e suas festividades listadas a seguir. Sublinha-se que a estrofe do Hino de Brasília, de autoria da pianista Neusa França Almeida, por exemplo, é também enfática nesse sentido: “Todo Brasil vibrou/ e nova luz brilhou. Com Brasília no coração/ epopeia surgiu do chão/ o candango sorri feliz/ Símbolo da força do país”¹⁵⁸.

1.12 Hino de Brasília e o sentimento de urgência

Neusa França Almeida veio do Rio de Janeiro para Brasília a convite do presidente JK. Professora de música e piano clássico, ela foi uma das precursoras de educação musical no CASEB – Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília. Em sua entrevista, enfatizou ser autora da música do Hino de Brasília, composto em 1960 e oficializado pelo Decreto n.º 51.000, de 19 de julho de 1961, assinado por João Goulart, após passar pelo crivo de uma comissão especial do então Ministério da Educação e da Cultura. Durante a entrevista realizada em 2010, ela cantou trechos do hino emocionada e com a mão posta no peito.

Contou que a primeira apresentação ocorreu em 16 de maio de 1960, na inauguração da primeira escola pública do Plano Piloto – a CASEB, na presença do presidente Juscelino Kubitschek. Segundo ela, foi “um alvoroço a chegada de JK. Ele era uma simpatia e havia naquele tempo um entusiasmo muito grande com a construção de Brasília”.¹⁵⁹ Durante a entrevista, ela cantou o Hino de Brasília. Ao repetir o estribilho, ela reiterou o caráter de epopeia da fundação de Brasília. Cita que a letra foi elaborada por Geir Nuffer Campos, com o apoio e entusiasmo da professora Julimar Nunes Leal.

Hino de Brasília

Estribilho

Todo o Brasil vibrou
E nova luz brilhou
Quando Brasília fez maior a sua glória!
Com esperança e fé
Era o gigante em pé
Vendo raiar outra Alvorada em sua História!

I

Com Brasília no coração
Epopeia surgiu do chão
O candango sorri feliz
Símbolo da força de um país

II

Capital de um Brasil audaz
Bom na luta, melhor na paz

¹⁵⁸ Hino de Brasília. De conhecimento comum.

¹⁵⁹ Entrevista com Neusa Pinho França Almeida (NPFA), Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

Salve o povo que assim te quis
 Símbolo da força de um país!

O hino de Brasília e alguns trechos da narrativa de Neusa França Almeida apresentados anteriormente são exemplares do discurso recorrente na época propagado sobre a fundação de Brasília. Salienta-se a entusiasmo do presidente JK em relação a construção da nova capital:

[...] Brasília é o grande passo para esse mundo futuro. Nada poderá deter esse passo. Nada obstará a marcha do país para a conquista de si mesmo, que é a ocupação efetiva de suas grandes áreas internas. Somos geograficamente um dos maiores países deste planeta, onde vive um povo em condições de aperto. Em torno de nós a vastidão, os descampados, o país por conquistar, sítios admiráveis e, no entanto, nos agrupamos beira mar, espiando as fases da maré.¹⁶⁰

Esse sentimento da urgência da construção de *um novo Brasil* e a importância da mudança da capital são expressos também na narrativa da arquiteta Helena Carvalho:

A gente tinha tanta esperança naquela época, era aquela febre de construir Brasília, aquela febre entende de fazer alguma coisa para o país e aquele sonho de melhorar as condições porque havia necessidade imensa de interiorizar a capital. Não era possível continuar o Brasil crescendo só no litoral como se fosse caranguejo, não tinha condição. O Brasil é um país imenso. Nós já teríamos perdido o Brasil se não tivesse interiorizado a capital. A gente sentia que o povo estava animado com a construção de Brasília simbolizando o nascimento de um novo Brasil. Havia uma pulsação positiva no ar.¹⁶¹

Por outro lado, Helena Carvalho relembra igualmente as dificuldades enfrentadas quando veio para Brasília, recém-casada com meu marido que era engenheiro, com a finalidade trabalhar nas obras da fundação da cidade. Segundo ela, no início “eu fui dona de casa, cuidadora do marido que trabalhava dia e noite”:

Eu cheguei em 27 de janeiro de 1959. Nunca vou esquecer essa data. Meu marido veio em 1958, ainda solteiro, já para preparar a nossa vinda de casados. Fizemos uma viagem memorável! Quando a gente é jovem tudo é festa. Viemos de Jeep do Rio de Janeiro até Brasília. Foram 07 dias dentro daquele Jeep. Viajamos por estradas que não existiam, chegamos aqui na cara e coragem. Quando chegamos finalmente em Goiânia depois de aventuras 1000, algumas muito perigosas, corremos risco de vida várias vezes, lá as pessoas não acreditavam que nós tivéssemos vindo do Rio de Janeiro. Quando nós chegamos aqui éramos 03 blocos de lama: meu marido era um bloco, eu era outro e nossas coisas, todo o meu enxoval de recém-casada no Jeep era outro amontoado de lama e poeira. Começaram a perguntar de onde nós tínhamos vindo, nós dissemos que era do Rio de Janeiro, eles disseram que não podia ser porque até então só tinha chegado pelas aquelas bandas carros grandes, tipo caminhão FNM, carros pequenos como o nosso nunca tinham visto, vindo

¹⁶⁰ KUBITSCHK, Juscelino. **Meu caminho para Brasília: 50 anos em 5**. Rio de Janeiro: Block, 1978. v. 3. p. 5.

¹⁶¹ Entrevista com Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho (HMOVSC). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

do Rio. Não acreditavam que a gente tinha conseguido... Lembro de um dia que viajamos a tarde inteira para chegarmos a um precipício e para vermos que ali seria futuramente o viaduto, mas naquele momento era o princípio de um precipício. Aí tivemos que voltar tudo para no dia seguinte procurar outro caminho e seguir a viagem. Viajamos muito assim. Lembro que só tinha algumas estradas de carroça que era para carro de boi e caminhos visivelmente que foram feitos pelos bois e cavalos. Ali eu vi que estava fazendo a grande viagem de minha vida. Conhecendo um Brasil ainda desabitado, muito diferente da efervescência de Copacabana que eu estava acostumada. A gente ia passando por aquelas trilhas desertas no meio do mato e nós seguíamos os trilhos até um certo ponto, às vezes não dava mais. Aí a gente criava a estrada e fomos assim até chegar em Brasília.¹⁶²

Pode-se observar nas lembranças de Helena Carvalho sobre o percurso de sua trajetória de deslocamento do Rio de Janeiro para Brasília, que ela buscar retratar o quanto o país vinha se desenvolvendo somente na costa litorânea. Ela narra que presenciou um Brasil ainda desabitado, muito diferente da efervescência de Copacabana a que ela estava acostumada, ainda sem estradas que ligassem com o centro do país, e que permanecia isolado e pouco conhecido.

Classifica sua viagem do Rio de Janeiro até Brasília como a “grande aventura de sua vida”. Para ela, o grande aprendizado dessa viagem foi a necessidade de “criar o próprio caminho, derrubando árvores e correndo muitas vezes grandes perigos”. Sublinha que a vinda para a cidade no seu início “foi a parte mais certa que eu fiz na minha vida porque eu não me arrependo de nada. Brasília é meu pedaço do céu”.¹⁶³ Ela descreveu bastante emocionada a sua primeira impressão quando chegou a Brasília:

A primeira visão de Brasília quando cheguei lá de longe vi uma série de casinhas de madeira. Vi a Cidade Livre, na época era esse nome dado para o primeiro acampamento que existiu aqui. Hoje é chamado Núcleo Bandeirante. Aí saltei do Jeep e fiquei olhando aquela imensidão do Planalto Central, aquele céu totalmente azul. Fiquei admirando e me apaixonei. Certamente foi amor à primeira vista. Eu gostei de Brasília desde o primeiro instante que eu cheguei aqui. Nunca me arrependi e agradeço a Deus ter inspirado essa nossa vinda.¹⁶⁴

Ao finalizar a entrevista, Helena Carvalho reitera que veio do Rio de Janeiro e que morava em Copacabana, num grande apartamento, perto do mar, com todo conforto. Complementa que vivia de forma “completamente diferente daquela que encontrei aqui no início de Brasília”¹⁶⁵, onde morava num barraquinho de madeira muito simples. Sublinha que não conhecia a vegetação do cerrado e que suas referências eram bem de uma típica uma mulher de classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro. Narra que, *bem carioca*, sempre pensava no

¹⁶² Entrevista com Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho (HMVSC). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

¹⁶³ Ibid.

¹⁶⁴ Ibid.

¹⁶⁵ Ibid.

tema da segurança. “Não tem perigo? Não tem assaltante? Meu marido ria de mim, ele disse que não tem assaltante nenhum, aqui é uma tranquilidade. Então eu disse: está bom, então vamos conhecer onde vão construir as casas aonde vamos morar?”¹⁶⁶

Recorda que o marido subiu num *Jeep* e seguiram na direção da “floresta de árvores tortas”:

Fui logo perguntando: aonde você vai? Cadê a estrada? Ele disse: nós vamos fazer estrada. Mas como? Ele botou o Jeep na direção de uma árvore e foi em frente na sua direção. Eu dei o maior grito e ele bateu na árvore e a árvore caiu e ele passou adiante. Eu disse, mais que que é isso? Ele explicou que é assim que se vive em Brasília. Tudo estava por ser feito. Não tínhamos estradas, escolas, água ou luz. Muito precário. Mas foi assim que passamos os melhores dias de nossas vidas. Vivíamos um dia de cada vez e sonhando com o futuro que viria. É assim que nós passamos os primeiros anos da construção de Brasília. Fomos passando pelo cerrado com o Jeep contornando ou derrubando as árvores e fazendo a estrada. Numa área de cerrado ele disse: olha a nossa casa aí! Eu estava na W3! Viemos atravessando o que seria hoje a 207 sul até chegarmos na rua que estavam construindo a W3. Ainda só o barro.¹⁶⁷

Ela conta que escreveu o livro *Brasília, o despertar do gigante*¹⁶⁸. E diz que fez o livro em poema épico, porque ela achou que, para descrever Brasília, tinha que ser em poesia. Ela narra: “éramos uma grande família no início da construção. JK ele era um pai para gente, entende? Ele queria ajudar todo mundo, não sabia dizer não e conversava com todo mundo”.¹⁶⁹

Em relação à forma eficiente com que o presidente conduzia o Plano de Metas de seu governo com foco na integração nacional, no estímulo à maior industrialização e à defesa da interiorização, Cosete Ramos Gebrin concorda com Helena Carvalho quanto ao caráter afável e gentil do presidente:

Em 1960 a Juventude do Brasil era apaixonada com o presidente JK, e era considerado o símbolo da modernidade, principalmente naquele ano que foi o último ano dele como presidente. Eu me lembro dele naquele dia que nós chegamos no Núcleo Bandeirante, ele estava dentro de uma *Romiseta*, o primeiro carro fabricado pela indústria nacional. Parecia uma coisa do outro mundo. Era um frenesi. Ele acenando para todos, o povo querendo apertar a mão dele. Era quase um fanatismo que a gente sentia por JK. O Juscelino era muito amigo dos professores, ele nos recebia no palácio da Alvorada. Eu tenho retrato com ele no palácio e ele recebia também nas escolas na maior simpatia. Ele ia cumprimentar as professoras e crianças. Mesmo nessas pequenas festividades, ele aparecia rapidamente, mas aparecia. Ele era muito popular, era uma pessoa maravilhosa, as crianças eram doidas com ele. Na verdade, acho que todo mundo era encantado por ele.¹⁷⁰

¹⁶⁶ Entrevista com Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho (HMOVSC). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ CARVALHO Helena Maria Viveiros de Sousa. *O despertar do Gigante*. Brasília: Gráfica América, 2010. Disponível em: <<https://cerlalc.org/rilvi/brasilia-o-despertar-do-gigante-2343/>>.

¹⁶⁹ Entrevista com Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho (HMOVSC). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

¹⁷⁰ Entrevista com Cosete Ramos Gebrin (CRG). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

1.13 Desfile de Inauguração

Outro fato emocionante destacado por Helena Carvalho do início de Brasília foi o desfile da inauguração no dia 21 abril de 1960. Relembra: “buscaram todas as crianças de Brasília para desfilarem. Elas seguravam um arco, com fitas simbolizando um arco íris. A coisa mais linda do mundo. Elas levantavam e abaixavam aquele arco. Faziam uma coreografia muito bonita”.¹⁷¹ Sublinha que, naquela época, era muito comum, nas aulas de educação física, as meninas aprenderem os princípios da ginástica olímpica. Em todas as escolas públicas onde havia crianças ricas e pobres, tudo misturado, sem discriminação estudavam na mesma sala uma menina filha de um político com uma menina filha de um candango. Relata as comemorações da inauguração de Brasília:

Então o desfile foi assim: teve os militares e as primeiras crianças de Brasília que viviam em Brasília. Eu estava de vestido de grávida, estilo bem largo. Para essa ocasião as pessoas estavam vestidas mais ou menos esportiva. Depois do desfile das crianças, vieram os candangos pioneiros de Brasília. Havia muitos Jeeps com os engenheiros e suas esposas. Alguns com filhos e outros parentes. Uma alegria imensa era participar desse desfile. Havia uma excitação no ar. Fogos de artifícios, etc e tal, tinha de tudo! Na hora do desfile as esposas desfilavam porque elas fizeram muito por Brasília também, né? E então, atrás do desfile dos *Jeeps* vinham os caminhões com os operários da firma ou do órgão respectivo. O Jeep com os engenheiros na frente e depois os operários. E assim foi. E o Juscelino levantava para saudar todos que passavam. Alguns tinham faixas outros tinham bandeira.¹⁷²

Durante a noite foram queimadas toneladas de fogos de artifício, e às 21h realizou-se uma grande festa popular, relembra a parteira Ladir Carlos de Alarcão, Helena Maria Viveiros Carvalho e Salam Kosac detalham como vivenciaram a tão esperada inauguração de Brasília:

A inauguração foi linda demais. Eu fiz um parto na véspera. Eu tava com medo que a criança nascesse no dia, mas ela nasceu antes. Nós viemos 8h da manhã, cedinho. Nós viemos num caminhão, todos nós na boleia. Aí meu pai falou pra fazer um almoço, uma comida, farofa, tudo. Nós trouxemos o lanche. Nós viemos, meus irmãos, cunhadas, uma família grande de Planaltina. Nós subimos nesse caminhão, tudo e todos na boleia, e nós viemos. Nós ficamos ali perto de onde hoje é a LBV, por ali. Num tinha nada por ali, daquele lado ali. Nós acampamos lá embaixo de uma árvore, e passamos o dia lá, e lá fizemos um almoço.¹⁷³

Eu tinha uma máquina caixinha, desse tamaninho assim. Dava pra botar aqui no bolso. Com essa máquina, que eu ganhei quando era menina, com essa máquina eu fotografei fogos de artifício da inauguração, que eu não vi em outros lugares. Foram fogos muito interessantes que eles fizeram naquela Esplanada, aquela que fica depois da rodoviária. Eles puseram uns fogos que era painéis com mensagens. Quando os fogos explodiram, queimaram os

¹⁷¹ Entrevista com Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho (H MVSC). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ Entrevista com Ladir Carlos de Alarcão (LCA). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

painéis e no meio dos fogos explodiram as mensagens. Lindo e eu nunca tinha visto uma coisa assim.¹⁷⁴

Na inauguração nós fomos. Nós tínhamos caminhão-caçamba, eu tinha um carro Simca Chambord, já estava bem da vida [risos]. Então, meu marido botou os empregados, o pessoal, os homens em cima da caçamba e fomos lá. Ficamos lá na Esplanada, assistimos à inauguração, aqueles fogos de artifício, aquela alegria, aquele viva tá dentro de mim até a morte. Olha, fiquei feliz. Na verdade, eu não esqueço Brasília nunca, vim da Síria, juvenzinha. Aqui em Brasília aprendi a amar o Brasil total.¹⁷⁵

Ao buscar possibilidades de análises das narrativas elaboradas por essas mulheres pioneiras, enquanto pesquisadora percebo a pertinência das reflexões de Walter Benjamin ao nos instruir que “a História seja pensada não como uma representação do passado, mas como apresentação, uma construção que se dá a partir do presente, tempo que deflagra múltiplos elos por meio dos quais se encadeiam diversos passados¹⁷⁶”. Segundo o autor, cabe ao historiador (a) investigar os rastros de temporalidades no presente e construir imagens dentro das quais está contido o tempo: “a verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.”¹⁷⁷ Buscar esses rastros das memórias femininas do início de Brasília é o nosso maior objetivo.

1.14 A Alegria da inauguração de Brasília

Maria Coeli de Almeida Vasconcelos relembra que ela era uma adolescente quando o pai entrou em casa positivamente exaltado. "Juscelino foi colocado na parede. Agora ele vai ter de construir a capital"¹⁷⁸, anunciou. O deputado federal Manoel José de Almeida (PSD-MG) havia acompanhado o então candidato a presidente da República Juscelino Kubitschek ao comício de Jataí, no qual JK prometeu transferir a capital para o interior do país.

Dias antes da inauguração de Brasília, os Almeida deixaram Belo Horizonte. O pai veio com dois filhos de avião. A mãe preferiu vir de carro, com os outros filhos, acompanhando a Caravana da Integração Nacional. Saíram separados e por alguns dias continuariam separados na nova capital. Pai e mãe não conseguiram se reencontrar na cidade planejada. Naquela época da inauguração, a cidade estava fervilhante de visitantes de todas as partes do Brasil e do mundo. Ficaram perdidos um do outro por alguns dias, fato que mereceu matéria na revista *Time*. "Deputado perde a mulher em Brasília", foi o título da matéria, relembra Maria.

¹⁷⁴ Entrevista com Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho (HMVSC). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

¹⁷⁵ Entrevista com Salan Kosac (SK). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

¹⁷⁶ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, W. (Ed.). **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. p. 224.

¹⁷⁷ Ibid., p. 224.

¹⁷⁸ Entrevista com Maria Coeli de Almeida Vasconcelos (MCAV). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

Reencontraram-se no restaurante do SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social), na unidade em frente à Igreja Nossa Senhora de Fátima. Três dias depois, toda a família Almeida – pai, mãe e seis filhos – desceu para a Praça dos Três Poderes. "Não havia nada de barraquinha. Era só a grama limpinha e a gente cantando o Hino Nacional, tudo quanto é hino que dava vontade de cantar", lembra Maria Coeli Vasconcelos.¹⁷⁹

Desse momento histórico da inauguração de Brasília, Maria Coeli de Almeida Vasconcelos sublinha que toda a família pôde participar do memorável baile da inauguração no Palácio do Planalto. Maria Coeli Vasconcelos escolheu o seu vestido de debutante, de alcinha e até o meio da canela. Na época, a mineirinha não sabia que era linda. Ela mesma reconhece hoje – “ tanto que era muito bonita, quanto que disso não tinha noção”. O cerimonial havia convidado cadetes para dançar com as moças da festa. A bela filha de deputado passou a noite “dançando com um, de nome Muniz Freire”, a quem ela nunca mais viu. "Ele era alto, bonito e sabia conversar. Nunca perdi tempo com quem não sabia conversar, ele sabia e percebeu que eu também. Não tomei chá de cadeira, adorei."¹⁸⁰

Figura 1 – Inauguração de Brasília. 21/04/1960. Pessoas durante recepção oferecida pelo presidente Juscelino Kubitschek no Palácio do Planalto na inauguração de Brasília.



Fonte: Arquivo Público do DF.

Depois da festa, a família Almeida percebeu a importância da mudança de toda a família para a nova capital. O pai de Maria Coeli Vasconcelos, então, disse à filha: "Tudo o que você escrever aqui vai ter valor, porque não é todo dia que se constrói uma cidade no século 20. Brasília precisa de você".¹⁸¹ Nasceu aí o novo registro de nascimento da mineirinha de BH. "Desde então, passei a me sentir responsável por esta cidade".¹⁸²

¹⁷⁹ Entrevista com Maria Coeli de Almeida Vasconcelos (MCAV). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹⁸⁰ Ibid.

¹⁸¹ Ibid.

¹⁸² Ibid.

Aluna da primeira turma de normalistas do CASEB, considerado modelo de ensino público, gratuito e de qualidade da nova capital, Maria Coeli de Almeida Vasconcelos teve a ideia de que iria experimentar um novo conceito de educação quando, no primeiro dia do ano letivo, a professora de sociologia mandou que os alunos fossem à rua fazer uma pesquisa: eles deveriam perguntar aos candangos o que eles faziam com o dinheiro que ganhavam em Brasília. Maria Coeli Vasconcelos relembra que encontrou seus entrevistados na agência de Correios e Telégrafos mais próxima. Na fila, ouviu dos operários das obras o que a professora queria saber: que em Brasília eles tinham alojamento e comida. O dinheiro que recebiam, mandavam para suas famílias.

Pensando nessa resposta, ela recorda que a partir desta pesquisa passou a atentar para as precárias condições dos trabalhadores, lembrando que teve uma lição de vida inesquecível: “admirei muito a abnegação desses candangos que enviavam tudo o que recebiam para suas famílias”.¹⁸³ Maria Coeli sublinha que a primeira aula delimitava o antes e o depois na sua vida escolar. Em vez das “apostilas ensebadas” das escolas de BH, aulas ao ar livre, conhecimentos específicos pela manhã e exercícios de dança, música, desenho à tarde. E, à noite, o melhor da jornada: a primeira geração de adolescentes de Brasília caía no mundo.

Combinávamos nosso programa da noite lá no CASEB. Saíamos com a roupa do colégio e íamos para os acampamentos dançar forró. Eu só sabia o nível do rapaz pelo verbo, porque eram todos iguais. Sujos, sujos, sujos e ninguém ligava pra isso. Subia um cheiro forte de homem naqueles barracos de lâmina de madeira, os candangos usando aqueles chapelões. A gente chegava em casa às três horas da manhã. Não conheço ninguém que não tenha sido muito feliz naquela época.¹⁸⁴

1.15 Precariedades das moradias – Morro do Urubu e Dorremi

Paralela à fundação da cidade monumental e moderna que o projeto de Brasília propagava e os festejos pomposos para a sua inauguração, iam surgindo nos arredores áreas que foram ocupadas pela população menos favorecida economicamente.

A costureira Walnizia Santos, que chegou a Brasília com a família em 1959, vinda de Anápolis, relata-nos, em 2010, que foi moradora de numa área de invasão (favela), denominada *Morro do Urubu*, localizada próxima à Cidade Livre. Segundo Walnizia, as condições de vida eram muito precárias. “Não havia luz, água ou esgoto”.¹⁸⁵ Durante a noite, ela sentia medo de dormir perto das finas madeiras do barraco. Ouvia tiros na madrugada, advindos de brigas da

¹⁸³ Entrevista com Maria Coeli de Almeida Vasconcelos (MCAV). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹⁸⁴ Ibid.

¹⁸⁵ Entrevista com Walnizia Alves dos Santos (WAS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

zona de prostituição próxima da sua casa. Narra que optava “dormir no chão frio do que na cama, por ter esse medo”. Guardou por anos essas memórias e revelou que “tinha muita vergonha de contar sua história” e teve que “superar muitos traumas na vida”¹⁸⁶. Essas últimas revelações foram contadas após terminada a gravação, quando estávamos tomando um café na varanda.

Walnizia Santos, em sua narrativa, procura expressar as distinções sociais que havia naquela época entre as moradias das pioneiras. Segundo ela, “todas moravam em barracos”, porém as “casas dos engenheiros, na Rua do Sossego” considerada a “rua das famílias ricas” tinham outro padrão de acabamento se comparado com os “barraquinhos toscos feitos com restos das obras que a gente morava”¹⁸⁷

Naquela época não havia casa de alvenaria, tudo era de madeira. A cidade era toda provisória e bem precária. De certa forma, todo mundo vivia mais ou menos nessas condições. Parecia aquelas cidades de filme faroeste. O Bandeirante (Cidade Livre) era apinhado de gente. Porém algumas casas eram construídas com madeiras melhores, como na Rua do Sossego, “a rua dos engenheiros” considerada a “rua das famílias ricas” na Candagolândia. Quem tinha um pouco mais de dinheiro fazia um barraco de dois andares. Eram bem bonitinhos. O povo pintava de cores vivas, vermelhão, amarelo ou verde. Acho que um diplomata fez uma coleção de fotos dessa época. Graças a Deus, alguém fez esse registro! Acho que a maioria desses barracos ficavam na primeira avenida. Naquele tempo a cidade só tinha três ruas...pena que não foram preservadas essas moradias. Nossa história foi pro lixo há muito tempo. Daquela época só sobraram as casinhas de madeira do IAPI, o primeiro hospital de Brasília. Pelo menos isso. Hoje virou o Museu Vivo da Memória Candanga. Lugar lindo. Gosto de lembrar daquele tempo, apesar da vida não ter sido fácil. Parece que eu viro aquela mocinha de quando cheguei aqui. A minha casa, por exemplo, era feita de uma madeira fininha, casinha bem simples, entrava um frio gelado pelas frestas, quando chovia molhava tudo dentro de casa. Ficava perto da zona de prostituição. Eu tinha muito medo dos tiros vindos de lá. Tinha também casinha muito mais pobres do que a nossa, acredita? Lá na Sacolândia (Vila Amaury) os barracos eram de restos dos sacos de cimento das obras. Tem umas fotos lindas do Gautherot que mostram essas pobres moradias. Depois tudo ficou debaixo do lago.¹⁸⁸

¹⁸⁶ Entrevista com Walnizia Alves dos Santos (WAS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹⁸⁷ Ibid.

¹⁸⁸ Ibid.

Figura 2— Barraco na Vila Amaury



Fonte: Marcel Gautherot – Acervo Instituto Moreira Sales

Ao analisar os processos de narrativa sobre a memória de Walnizia, podemos observar a indicação de que ela percebia os *novos traços*, advindos de sua participação na pesquisa e revelando que participar já era “uma grande honra” e que “estavam vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência”.¹⁸⁹ Sublinha a impressão de se sentir “rejuvenescida” ao recontar as suas lembranças: “lembrar faz bem para o meu coração, parece que eu viro aquela mocinha de quando cheguei aqui” – disse-me durante a entrevista. Ao admitir que virava *uma mocinha*, ela nos leva a perceber que algumas perguntas do questionário impulsionaram a jovem que chegou a Brasília, possivelmente, com esperança de tempos melhores.

Nesse sentido, Cléria Botelho da Costa nos alerta que, no ato de “reconstrução das memórias, não podemos nos ater exclusivamente no olhar sequencial das datas, ao tempo cronológico, que ofusca as temporalidades históricas. Precisamos pacientemente observar as contradições e o que está submerso”.¹⁹⁰ Assim, a autora faz uma reflexão sobre a memória como fonte dotada de ritmos próprios, os quais apresentam visibilidade às temporalidades históricas conforme o arbítrio de quem as menciona.

Lia Sayão de Sá¹⁹¹ relembra que morou na primeira casa da Rua do Sossego, na Candangolândia, e conta que “sente muito pesar em ver a deterioração da nossa história”. Ela foi entrevistada no mesmo dia que Walnizia e pôde assistir à sua entrevista. Foi interessante que elas, mesmo não se conhecendo, e tendo classes sociais diferentes, tiveram pontos de concordância quanto ao processo de conservação das casinhas de madeira do Núcleo Bandeirante. Walnizia comentou com Lia que, pelo menos, “algumas das ruas da Candangolândia deveriam ter sido mantidas”. Segundo elas, teriam hoje condições de mostrar

¹⁸⁹ Entrevista com Walnizia Alves dos Santos (WAS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

¹⁹⁰ COSTA, Cléria B. **Um passeio com Clio**. Brasília: Paralelo 15, 2002. p. 7.

¹⁹¹ Entrevista com Lia Sayão de Sá (LSS), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto)

para as novas gerações a vida como era no início de Brasília. Ao serem indagadas quais seriam as melhores lembranças do período, ambas concordaram que gostavam de ir ao IAPI. O antigo Hospital do IAPI ou Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira – todo de madeira, porém muito bem conservado – foi preservado e transformado em Museu Vivo da Memória Candanga¹⁹². Interessante notar que as entrevistadas Lia Sayão de Sá e Walnizia Alves dos Santos compartilharam a percepção de que as condições de vidas eram bem precárias, embora com distinções visíveis e latentes. Lia concorda que as casas dos engenheiros eram bem espaçosas, construídas com madeiras de boa qualidade e que “sem dúvida a vida era mais confortável para essas famílias da Rua do Sossego”¹⁹³.

Jandira Carlos de França (2010), moradora do alojamento *Dorremi*, no acampamento pioneiro da obra do Palácio da Alvorada e do Palácio do Planalto, contribui com sua percepção sobre as moradias que ficavam próximas dos palácios que estavam *surgindo no meio do cerrado*. Para ela, o *Dorremi* era um “cortiço apertado, com tinta desgastada nas paredes, bem sujo, lugarzinho apertado e sem graça”¹⁹⁴. Jandira de França narra suas expectativas e vivências com a vinda da família migrante do Nordeste:

[...] minha vinda para Brasília significava para mim uma expectativa muito grande. Desejo de ter nossa casa própria, de ter trabalho, de ter boa escola para os filhos, dignidade de vida. Eu nem sabia como e nem quando eu conquistaria tudo isso, mas era uma expectativa, né. Quando cheguei em 57 naquele mundo de poeira, ainda estava tudo para ser construído. Fui morar no *Dorremi*, que não existe mais, só fica a lembrança né. Era os alojamentos que foram construídos para os operários perto do Palácio da Alvorada. Meu cunhado veio primeiro que a gente para trabalhar nas obras. Depois eu vim com a minha irmã, a filha dela e mais quatro irmãs. A gente ficava empilhado num alojamento bem pequenininho. Naquele tempo, quase não tinha mulheres por aqui. Que eu me lembro tinha a gente e umas professoras na Vila Planalto. No início só vinha os trabalhadores que eram apelidados de candangos. Era tudo muito precário. A gente veio na cara e na coragem. Mesmo porque não tinha outro jeito. A gente queria ter outra vida. Meu cunhado arrumou esse cantinho para a gente morar e pronto. Acho bom lembrar que fiz parte da construção de Brasília, né, fui vendo tudo crescer na minha volta, os ministérios, a Catedral, o Congresso Nacional, tudo, de pedaço em pedaço. Não éramos muito de ver a rua, de sair de casa. Mas quando a gente saía tinha que ir todos juntos com minha irmã e cunhado também né, eles são falecidos hoje, mas era sempre com aquela cautela, de muito cuidado conosco para não aproximar dos homens que eram “os devoradores”, homens que viviam aqui eram devoradores pra mulheres, porque vinham sem família, era atrás das poucas mulheres que estavam aqui, era difícil viu? Eu era muito jovem, a gente não podia sair na rua, não, porque aqui na Vila Planalto existia muito homem, trabalhadores das obras, né? Mas sabe que lembro assim dessas coisas meio

¹⁹² Inaugurado em 1990, o Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC) ocupa o lugar do primeiro centro de saúde público do Distrito Federal, o extinto Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO). Situa-se entre as Regiões Administrativas de Candangolândia e o Núcleo Bandeirante.

¹⁹³ Entrevista com Lia Sayão de Sá (LSS), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto)

¹⁹⁴ Entrevista com Jandira Carlos de França (JCF), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto)

misturado na minha cabeça, já faz tanto tempo, acho até graça de pensar nisso tudo. Fico aqui lembrando de tanta coisa que já não existe mais.¹⁹⁵

No depoimento de Jandira Carlos de França percebe-se esse movimento no presente de se referir àquilo que já não é – “fui morar no *Dorremi*, que não existe mais, só fica a lembrança –, onde observações subjetivas e objetivas se misturam: “lembro, assim, dessas coisas, meio misturado, na minha cabeça, já faz tanto tempo [...], acho até graça de pensar nisso tudo. Fico aqui lembrando de tanta coisa que já não existe mais”¹⁹⁶. Nesse sentido, Ecléa Bosi concebe esse processo da memória como uma “história de um passado aberto, inconcluso, capaz de trazer sutilezas, idas e vindas e algumas promessas”¹⁹⁷.

A autora sublinha que “não se deve julgar os testemunhos como um tempo ultrapassado, mas como um universo contraditório do qual se podem arrancar o sim e o não, a tese e a antítese”. Ela acrescenta ainda que “a rememoração é uma retomada salvadora do passado e, nos depoimentos de histórias de vida, ficam evidentes as tentativas de um processo de reconhecimento e elucidação”¹⁹⁸.

Posteriormente às entrevistas, em outras ocasiões em que foi possível encontrar com as participantes da pesquisa para discutir sobre a invisibilidade das mulheres na História de Brasília, Jandira Carlos de França revelou que o fato de ter participado do processo da pesquisa reforçou nela a “vontade de lembrar e preservar suas histórias”. Esse reconhecimento, do valor das memórias percebido por Jandira de França, estimulou os seus processos de lembrar e de entender a importância de sua história no contexto da história de Brasília, por entender o quanto as linhas do tempo dessas memórias devem ser repassadas para as futuras gerações (filhos e netos), caso queira manter vivas suas experiências. Nesse sentido, Walter Benjamin sublinha que a “memória é a responsável por fundar a cadeia da tradição, aquela que passa os acontecimentos de uma geração para outra”¹⁹⁹.

No próximo capítulo, teceremos considerações sobre a invisibilidade das mulheres na história, correlacionando com reflexões de pesquisas que evidenciam a importância do rompimento desse apagamento. Ademais, discutiremos trechos das narrativas em que apresentam formulações em que as mulheres apontam sua condição de minoritárias no início de Brasília e temas relacionados às questões de gênero.

¹⁹⁵ Entrevista com Jandira Carlos de França (JCF), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto)

¹⁹⁶ Ibid.

¹⁹⁷ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 32.

¹⁹⁸ Ibid., p. 32.

¹⁹⁹ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, W. (Ed.). **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. p. 57.

Instigou-se apreender as percepções que elas formam e informam sobre suas memórias, observando especialmente como foram elaborando a sua história pessoal em relação à fundação de Brasília, seu entendimento das relações de gênero naquele período e do “ser mulher” numa cidade que estava na fase inicial de construção.

Ao refletir sobre o ato de rememorar, tão presente nos trechos de entrevistas já expostos e os porvires, me volto a Norberto Bobbio entendendo que:

[...] o relembrar é uma atividade mental que se não exercitamos com frequência vão sendo apagados muitos dados. Por isso, é importante exercitar o rememorar. É uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...]. Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade.²⁰⁰

Em muitos momentos foi possível observar que as minhas memórias se encontravam com as lembranças das pioneiras. Um entrelaçamento de memórias de uma mulher brasiliense com mais de 50 anos, pertencente à primeira geração nascida no experimento de uma cidade nova aspirante à capital do país. Agora, ocupando a posição de *caçadora de histórias* das mulheres do início de Brasília, interessada em compreender os diálogos intergeracionais, percebo a passagem do tempo e apreendo muitos saberes com as narrativas dessas mulheres pioneiras. Nesse sentido, e em sintonia com Ecléa Bosi, percebo que entre “o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve ser reproduzido”.²⁰¹ Desta forma, durante a coleta dos depoimentos, não estava me deparando somente com histórias esquecidas de mulheres pioneiras, mas também lidando de certa forma, com a reconstrução de minha própria história.

No processo de seleção dos pontos das entrevistas a serem analisados pela pesquisa, buscamos inicialmente temas convergentes entre as narrativas. Porém, foi possível perceber que dentro do universo de temas apresentados pelas entrevistadas a busca de pontos de vista contraditórios poderia ser uma rica fonte de reflexão, bem como observar possíveis motivos de *filtros* impostos para suas memórias no momento da entrevista.

A memória aparece como “força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”.²⁰² Para tornar mais evidente a diferença entre o espaço profundo

²⁰⁰ BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 30.

²⁰¹ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 90.

²⁰² BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos). p. 157.

e cumulativo da memória e o espaço raso e pontual da percepção imediata, Bergson imaginou representá-la pela figura de um cone invertido. A base do cone representaria o conjunto total de lembranças da memória e o vértice do cone simbolizaria o ponto do presente, a ação do ato de lembrar-se. Na base estariam as lembranças que *descem* para o presente, enquanto que no vértice estariam os atos perceptuais que se cumprem no plano presente e deixam passar as lembranças.

Esse esquema procura apresentar o ponto chave da teoria de Bergson, que é o fenômeno do reconhecimento permeado pela conservação do passado na memória e a relação que se dá entre a experiência e a memória. Para ele, “a memória que imagina e aquela que repete vão lado a lado e se apoiam mutualmente”.²⁰³ Paul Ricoeur sublinha que “Bergson continua a ser o filósofo que mais se aproximou do entendimento do vínculo estreito entre o que chama de ‘sobrevivência de imagens’ e o fenômeno chave do reconhecimento”.²⁰⁴ Destarte, Bergson trouxe novas luzes para os fenômenos surpreendentes da memória individual: a lembrança, a imagem que aflora e que “torna vivo um rosto que perdemos anos atrás, uma voz ouvida na infância que retorna obsessiva e fiel a seu próprio timbre”, conforme aponta Ecléa Bosi²⁰⁵.

²⁰³ BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos). p. 157.

²⁰⁴ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. (tradução Alain François). 6ª reimpressão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 438.

²⁰⁵ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 41.

2 HISTÓRIA DAS MULHERES E O ROMPIMENTO DO SILÊNCIO

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas foram confinadas. Nessa lógica, estudar e incluir as mulheres na história é uma dificuldade. (Michelle Perrot, 2015).²⁰⁶

Atualmente, refletir sobre a importância das mulheres na história pode parecer um tanto óbvio e evidente. Embora uma história sem as mulheres possa parecer impossível em pleno século XXI, após inúmeros estudos sobre o tema, persiste no campo da história e em outras áreas do conhecimento um interesse limitado aos estudos realizados, em sua grande maioria, por mulheres, que estão empenhadas em desvendar o longo véu que cobre os acontecimentos em que as mulheres tiveram efetiva participação, e que, no entanto, são pouco lembradas ou referidas. E são essas mesmas articuladoras que atestam há algum tempo o quanto o debate poderia estar diluído e ultrapassado, e muitas vezes recorrem à fina ironia e ao sarcasmo, no intuito de conter a impaciência com as formas misóginas e androcêntricas com que são tratadas as mulheres.

Nesse sentido, até mesmo onde não seria possível supor, na subárea História das Mulheres, manteve-se e ainda se mantém a atitude de reserva, distanciamento e mesmo recusa ao gênero, como assinala Francine Descarries²⁰⁷. Para a autora, credita-se tal postura menos ao preconceito e mais à conveniência de se manter a devida distinção entre a subárea e as questões de gênero, de assegurar reconhecidos domínios, referências, que a inscrevem na legitimada área da História Social. Os ônus dessa escolha são os de reafirmar as mulheres como complemento, inviabilizar o projeto dos estudos feministas como “caminho crítico e problemático de mudança social”, desistir de seu objetivo de “produzir sujeitos mulheres autônomos, atrizes de suas próprias vidas e do jogo político em processo igualitário de liberação”²⁰⁸. Diva do Couto Gontijo Muniz questiona com pertinência se não seria este justamente o objetivo de uma história social engajada: o de transformar os agentes sociais sujeitos de suas histórias.²⁰⁹

²⁰⁶ PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 16.

²⁰⁷ DESCARRIES, Francine. Teorias Feministas: liberação e solidariedade no plural. In SWAIN, Tânia Navarro (org.). **Feminismos: teorias e perspectivas: textos de história**. **Revista da pós-graduação em História da UnB**, Brasília, v. 8, n.1/2, p. 9-46, 2000. p. 10.

²⁰⁸ *Ibid.*, p. 12.

²⁰⁹ MUNIZ, Diva do Couto Gontijo Muniz. Mulheres, Gênero e História: a constituição de uma área de estudos. In: SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; ZARBATO, Jaqueline A.M. (org.). **História das mulheres e das relações de gênero no Centro-Oeste: trajetórias e desafios/** (organizadoras) – Campo Grande, MS: Life Editora, 2020. p. 120.

No sentido coletivo do termo *história de mulheres*, não se tratando de biografias, estudos de vidas de mulheres específicas, mas “de mulheres no seu conjunto, abrangendo um longo período – somente relativamente recente, aproximadamente há poucas décadas que efetivamente as mulheres começaram a fazer parte da história”, ressalva Michelle Perrot.²¹⁰

A palavra “História”, embora pertença ao gênero feminino, costuma ser pensada em termos masculinos, segundo Jose Rivair Macedo²¹¹. O autor sublinha que seu estudo privilegia os homens – e nem todos –, enquanto as mulheres são aprisionadas em categorias vagas e imprecisas como “humanidades”, “homens” e “pessoas”. Em outras palavras, permanecem muitas vezes no segundo plano da narração, a sombra das figuras androcêntricas.

Nessa mesma direção, Mary Del Priore aponta que Simone de Beauvoir sabia que o território do historiador se manteve, durante muito tempo, exclusividade de um só sexo, ao referir-se a sua obra clássica, *O Segundo Sexo*, publicada em 1949, em que fez a notória observação paradigmática: as mulheres não tinham história, não podendo conseqüentemente, orgulharem-se de si próprias.²¹² Ela enfatizava que uma mulher não nascia mulher, mas tornava-se mulher. Para que isso ocorresse, a mulher deveria subjugar-se a um complexo processo, que, histórica e paulatinamente, foi sendo construído e que determinaria seu papel social e comportamento. Mary Del Priore sublinha as raízes históricas do machismo que, inclusive, cabe ressaltar, não é privilégio brasileiro.

Paisagem marcada por espaços entre os homens exerciam seu poder e seus conflitos, empurrando para fora destes limites os lugares femininos. Assim sendo, espaço comum de homens e mulheres, a família acabou por tornar-se uma região particular, uma espécie de geografia insular. Sobre este solo de história, as mulheres, de forma precária, tornaram-se herdeiras de um presente sem passado, de um passado decomposto, disperso, confuso.²¹³

As indagações a partir do trabalho de Simone de Beauvoir e de outras pesquisadoras serviram para fomentar os movimentos de mulheres, no sentido de apreender o passado legítimo das mulheres, introduzindo-as, definitivamente, na história, como sujeitas proponentes. Questionava-se como ouvir suas vozes, extraindo-as do limbo da memória, bem como colocando em termos históricos uma diferença dos sexos, pouco estudada pela historiografia que era produzida. Passou-se a dar destaque à diferença de sexos e às mulheres, “quando essas

²¹⁰ PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 14

²¹¹ MACEDO, Jose Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 1990. (Repensando a história). p. 09.

²¹² DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres: As vozes do Silêncio**. In: FREITAS, Marcos Cesar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 220-224. p. 217.

²¹³ *Ibid.*, p. 217.

eram tradicionalmente vistas como espectadoras do teatro no qual se defrontavam seus mestres e senhores, os homens”, enfatiza Mary Del Priore.²¹⁴

A história excluía as “mulheres praticamente de todos os possíveis campos de atuação, pois a elas não era permitido estar na história, da mesma maneira que não poderiam escrever a história”.²¹⁵ Para as autoras, as discussões e pesquisas que evidenciam a existência dos excluídos da história abriram um precedente de uma *nova escrita da história*, proporcionando campo para que as mulheres pudessem ser finalmente incluídas historicamente.

Margareth Rago²¹⁶ contribui sobre o tema das mulheres na história, questionando se existiria uma maneira feminina de escrever a história e, se, também, existiria uma memória especificamente feminina; questão que tomou de empréstimo de Michelle Perrot. Destaca que a história contada pelas mulheres permanece no campo limitado dos interessados em estudos feministas ou de gênero. Margareth Rago sublinha a importância dos estudos feministas, que buscam uma ressignificação do feminino, deixando de ser “lugar estigmatizado e inferiorizado, destituído de historicidade”, para ser social, cultural e historicamente apresentados.²¹⁷ Por conseguinte, defende que as mulheres sejam mais autênticas, contem suas histórias e fujam dos estereótipos impostos socialmente. Sugere que rompam as barreiras, o que criaria modos de existência “mais éticos, mais livres, mais verdadeiros e mais justos”.²¹⁸

É também digna de referência a emergência da história das mulheres como campo de estudos importante, como apontada por Joan Scott, que acompanhou as campanhas feministas ocidentais para a melhoria das condições profissionais e permitiu a expansão dos limites da história (1992). A autora alerta que há incômoda ambiguidade inerente ao projeto da história das mulheres, pois ele é, ao mesmo tempo, um suplemento inócuo à história estabelecida e um deslocamento radical dessa história.

Cabe compreender a história de outra maneira, ao buscar nas atitudes e sensibilidades coletivas, nos fatos e práticas cotidianas, os espaços onde se abrigavam as relações entre homens e mulheres. Esse *outro* olhar obriga, inicialmente, a identificar a mulher e suas atuações nos espaços, e eles não são poucos. É preciso nomeá-las, reconhecê-las e compreender em que

²¹⁴ DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres: As vozes do Silêncio.** In: FREITAS, Marcos Cesar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva.* São Paulo: Contexto, 1998. p. 220-224. p. 221.

²¹⁵ JARDIM, Rejane Barreto Jardim; PIEPPER. Aproximações e divergências: história social, história cultural e a perspectiva de gênero. *Métis: história & cultura, Caixas do Sul*, v. 9, n. 18, p. 87-97, jul./dez. 2010. p. 95.

²¹⁶ RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenção da subjetividade.** Campinas, SP: Unicamp, 2013. p. 65.

²¹⁷ *Ibid.*, p. 25.

²¹⁸ *Ibid.*, p. 25.

circunstâncias, nem sempre evidentes, elas foram secundarizadas na história oficial, conforme bem enfatiza Joan Scott.²¹⁹

Nesse sentido, Losandro Antonio Tedeschi destaca a importância de incluir mulheres nas pesquisas e de dar maior divulgação às suas publicações. Em especial, sugere que as mulheres apresentem temas que falem de si, podendo, assim, contar “sua própria história e de suas antepassadas”, permitindo que sejam revisitadas as origens de muitas crenças e valores, assim como de “práticas sociais frequentemente opressivas e de inúmeras formas de desclassificação e estigmatização dadas pelo gênero”.²²⁰

De certo modo, para o historiador, o passado estava enevoado pelas representações hegemônicas. Essa questão sublinhada por Losandro Antonio Tedeschi, evidencia o quanto os fatos históricos precisam ser reinterrogados a partir de novos olhares e problematizações, por meio de outras ferramentas interpretativas, criadas fora do modelo androcêntrico de história.

Para a realização dessa pesquisa, raras publicações foram localizadas sobre a atuação das mulheres nesse período e local. São os homens que, na maioria das vezes, despontam nas lembranças ou referências na nossa recente história de Brasília. As poucas mulheres lembradas são Sarah e Júlia, respectivamente, esposa e mãe do presidente JK, ou alguma esposa de outro político importante.

Darcy Ribeiro dizia que “Deus estava de bom humor quando juntou, no mesmo lugar, e no mesmo momento, Juscelino, Lúcio Costa, Israel e Niemeyer”²²¹, uma anedota que, para além das lentes do bom humor, pode ser relida pelo viés da ironia, sublinhando as referências enaltecidas ao papel dos protagonistas históricos – figuras de *grandes homens* e seus feitos heroicos. A historiografia já vem, nas últimas décadas, descentralizando os estudos a partir de pessoas *comuns*, não apenas estadistas, gerais ou ocasionalmente eclesiásticos, além de subverter o paradigma tradicional das fontes serem, exclusivamente, documentos oficiais, como declara Peter Burke.²²²

As mulheres estariam cobertas pelo manto da *invisibilidade social* a tal ponto de não serem lembradas nas narrativas historiográficas da cidade? Ou, de outra maneira, pode-se supor

²¹⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, p.5-22, 1990. p. 17.

²²⁰ TEDESCHI, Losandro Antonio. Gênero e Historiografia nos Labirintos da História. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 28, n. 2, jul./dez. 2015. p. 199.

²²¹ LAFER, 2002, p. 56 *apud* LAFER, 2002, p. 56 *apud* FONTENELE, Tânia. Mulheres na construção de Brasília: invisibilidade feminina na História de Brasília. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO. 11, WOMEN’S WORLDS CONGRESS: **Anais Eletrônicos...** Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499459015_ARQUIVO_Modelo_Texto_com_pleto_MM_FG-3-TaniaFontenele.pdfAcesso em: 20 out. 2020

²²² BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992

que a invisibilidade das mulheres na história de Brasília advém do reflexo social das relações de gênero, marcada pela sociedade patriarcal? E que o predomínio do masculino nos espaços públicos naturaliza ausências quanto ao reconhecimento da participação feminina nas atividades cotidianas ou no mundo do trabalho, durante a fase inicial da nova capital do Brasil?

Conforme apontado na introdução deste trabalho, recordar alguma personagem feminina inscrita nos anais da historiografia oficial de Brasília não é tarefa fácil. A dificuldade não decorre de possível amnésia coletiva, mas, sim, em razão dessa história ter sido escrita sob uma ótica tradicionalista, que – propositadamente – omite a participação efetiva e furtiva das mulheres.²²³ Aliás, elas nunca deixaram de existir e atuar. No entanto, coube exclusivamente aos homens, especialmente os das elites, o protagonismo de tal feito histórico – pelo menos nessa narrativa enviesada pelo masculino.

Dessa forma, destituídas do reconhecimento de suas histórias, as mulheres não puderam, conseqüentemente, orgulhar-se de si próprias e de seu trabalho, conforme observa Simone de Beauvoir²²⁴. Tal relação com o trabalho implica, também, a discussão sobre a feminização de algumas profissões – já que, historicamente e apesar de as mulheres ocuparem novos cargos e funções, ainda há a *naturalização* das habilidades e capacidades destas, frente percursos historicamente associados a lugares de gênero.²²⁵ Como bem ressalta Carlos Reis Madson:

A historiografia, construída ao longo do tempo, quer nos fazer acreditar que, em um universo de quase 60 mil trabalhadores, não existiam mulheres. Como se fosse possível, sem a participação feminina, idealizar e construir a nova capital do Brasil, no meio do nada e a 1,2 mil km do litoral. Portanto, é preciso desfazer esse falso enredo [...] quanto para substituir o imaginário machista que predomina sobre esse evento basilar da história do Brasil.²²⁶

Em consonância com a elaboração de um enredo que apresenta as mulheres participantes desse trajeto, Joel Carrion Pinheiro²²⁷ apresenta que é possível evidenciar, na década de 1950, as mulheres brasileiras correspondiam a 10% da população economicamente ativa. Entre 1950-1960, no do período da fundação de Brasília, o autor aponta que o volume de participação das mulheres no Setor Primário obteve um acréscimo de 44,9% em relação à

²²³ REIS MADSON, Carlos. **Mulheres Invisíveis**. Correio Brasiliense, Brasília, p.13, 20 Abr. 2015. p. 13.

²²⁴ BEAUVOIR, 1980, p. 35 *apud* FONTENELE, Tânia. Mulheres na construção de Brasília: invisibilidade feminina na História de Brasília. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO. 11, WOMEN'S WORLDS CONGRESS: **Anais Eletrônicos**... Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499459015_ARQUIVO_Modelo_Texto_com_pleto_MM_FG-3-TaniaFontenele.pdfAcesso em: 20 out. 2020

²²⁵ YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das Profissões e Ocupações. Brasília: Abaré, 2013

²²⁶ REIS MADSON, Carlos. **Mulheres Invisíveis**. Correio Brasiliense, Brasília, p.13, 20 Abr. 2015. p. 13.

²²⁷ PINHEIRO, Joel Carrion. **Trabalho feminino no Brasil**: análise da evolução da participação da mulher no mercado de trabalho (1950-2010). Trabalho de Conclusão de Graduação (Bacharel em Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. p. 24.

década anterior. O setor secundário e terciário teve seu crescimento expressivo a partir de 1960, com as mulheres representando 27,1% no secundário, e 80,5% no terciário, período do Brasil que reflete a transição de atividades agrárias para as industriais, conforme corrobora Felícia Reicher Madeira.²²⁸

Há um crescimento expressivo nas ocupações comerciais, com a adição de grandes estabelecimentos, atrelado também à expansão dos pequenos comércios, o que oportuniza às mulheres do período conciliar as atividades domésticas e produtivas.²²⁹ Em conformidade, Rodolfo Hoffman e Eugenia Leone (2004) expõem o perfil etário dessas mulheres entre 20 e 29 anos, com quedas nas demais idades, devido à possível primeira maternidade.

2.1 Inclusão das mulheres no campo da historiografia

A partir dos anos 1970, não obstante algumas iniciativas na década anterior, em particular nos Estados Unidos da América, “país onde, sob o impulso do militantismo feminista”, se criaram os primeiros núcleos de *women's studies*²³⁰, ampliam-se os estudos sobre o tema. Irene Vaquinhas sublinha que, ressalvadas as diferenças decorrentes de distintos contextos nacionais, são vários os fatores de natureza política, institucional e historiográfica que possibilitaram a emergência desse novo campo de estudos dedicado à história das mulheres.

Primordialmente, um dos objetivos desses grupos de estudos seria o questionamento do lugar das mulheres no processo histórico, estimulando a revisão da sua ausência como protagonista e conferindo-lhes uma visibilidade que lhes permitiu aceder ao estatuto de sujeito e à cena da história.

Nos dias atuais, os *Women's Studies* são considerados “retrógrados”, pela acusação de criarem guetos no saber científico, tendo, no entanto, a vantagem de serem mais empiristas, objetivos e explícitos, “não escamoteando as mulheres, nem branqueando sua memória histórica”, de acordo com Irene Vaquinhas²³¹. Numa tentativa de *ecumenismo epistemológico*, se designa, em alguns países, “história das mulheres e do gênero”, congregando o termo gênero por ser “mais generalista e incluir os estudos dos homens e dos grupos homossexuais, tanto masculinos como femininos”.²³²

²²⁸ MADEIRA, Felícia Reicher. **Estrutura do emprego e trabalho feminino no Brasil: 1920-1970**. São Paulo, Cebrap, 1973. p. 65.

²²⁹ PINHEIRO, Joel Carrion. **Trabalho feminino no Brasil: análise da evolução da participação da mulher no mercado de trabalho (1950-2010)**. Trabalho de Conclusão de Graduação (Bacharel em Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. p. 34.

²³⁰ VAQUINHAS, Irene. **Dicionário Crítico de Gênero**. 2.ed. Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 367

²³¹ Ibid., p. 367

²³² BOXER, Marilyn J. Women's studies aux états-Unis: trente ans de succès et de contestation de Clio. **Historie, Femmes et Sociétés**, n. 13, p. 226-229, 2001

Segundo Mary Del Priore²³³, fundada na constatação da negação e do esquecimento, a história da mulher emergiu e ganhou musculatura no bojo dos movimentos de direitos humanos e atrelada à explosão do feminismo, articulada ao florescimento da antropologia e da história das mentalidades, bem como das aquisições da história social e das pesquisas, até então, inéditas sobre memória popular. A autora enfatiza que esse “foi um período fundamental, no qual as feministas fizeram a história das mulheres, antes mesmo dos historiadores”.²³⁴

Depois de um primeiro impulso dado à questão da história das mulheres, as universidades abriram suas portas aos grupos de pesquisas, criaram laboratórios para abrigar reflexões sobre o tema, encorajando trabalhos e monografias, relembra Mary Del Priore.²³⁵ Dois polos fundamentais de reflexão ou duas preocupações estruturavam essa efervescência intelectual: fazer surgir as mulheres no seio de uma história pouco preocupada com as diferenças de gênero e demonstrar a opressão, a exploração e a dominação que sofriam e que as subjogavam. Mary Del Priore sublinha que:

A história das mulheres mais parecia um adendo à história geral; um “algo a mais”. Em várias teses, historiadores chegaram a escrever um capítulo suplementar sobre as mulheres, numa espécie de generosa esmola com que se premiava o nascente movimento feminista. Agraciavam, desta maneira, o feminismo, mas não a história das mulheres, e embora vigorasse uma confusão arditamente alimentada entre ambas era preciso separar o feminismo e sua história das mulheres, por tratar-se de dois objetos em si. A questão era: qual deles era subparte do outro, e parte de uma parte já dificilmente reconhecida pela disciplina história? A articulação entre um e outro objeto não parecia tanto mais complexa quanto o feminismo histórico parecia engolfar, com seus questionamentos, a história mesma das mulheres?²³⁶

No início dos anos 2000, de forma precursora no Brasil, Mary Del Priore pertinentemente questionava temas fundamentais na nascente disciplina História das Mulheres. Percebe-se que em muitos aspectos ainda permanecem atuais tais críticas levantadas, como, por exemplo, em relação ao fato de que majoritariamente as pesquisas sobre o tema são elaboradas por mulheres e seguem marginalizadas como campo de estudos. Cabe ressaltar que as considerações apresentadas acima por Mary Del Priore foram inspiradas em ideias desenvolvidas por Cécile Dauphin e outras pesquisadoras, num seminário no *Centre d'Études Historiques*, sobre as problemáticas entre masculino e feminino e, posteriormente, publicadas

²³³ DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres**: As vozes do Silêncio. In: FREITAS, Marcos Cesar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 220-224. p. 220.

²³⁴ *Ibid.*, p. 220.

²³⁵ *Ibid.*, p. 221.

²³⁶ *Ibid.*, p. 221.

nos *Annales* em 1986. O tema estava muito em voga e os debates floresceram com intensidade, notadamente nas universidades francesas.

A história das mulheres foi um dos “pilares em que se assentou a construção de uma consciência específica e identitárias, tendo também contribuído para a revisão crítica dos conhecimentos históricos e orientando-se para a análise histórica do associativismo reivindicativo feminino e principais conquistas”, enfatiza Irene Vaquinhas que acrescenta:

Ao pôr-se em causa os fundamentos epistemológicos do saber (sua neutralidade, a relação com o público e o privado, os conceitos da natureza e de universal etc.) dinamizou-se a renovação da ciência, assumindo o caráter político e subversivo na busca de mudança.²³⁷

A recente inclusão das mulheres no campo da historiografia tem revelado não apenas momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico, até então estreitamente estruturado para pensar o sujeito universal, ou ainda, as ações individuais e as práticas coletivas marcadamente masculinas, sublinha Margareth Rago.²³⁸ Para a autora, seria como se “a História nos contasse apenas dos homens e de suas façanhas, era somente marginalmente que as narrativas históricas sugeriam a presença das mulheres, ou a existência de um universo feminino expressivo e empolgante”²³⁹. Ela afirma que todo discurso sobre temas clássicos como a abolição da escravidão, a imigração europeia para o Brasil, a industrialização ou o movimento operário, evocava imagens da participação de homens robustos, brancos ou negros, e jamais de mulheres capazes de merecerem uma maior atenção. As pressões e demandas do movimento feminista, desde os anos 70, assim como a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e na vida acadêmica forçaram uma quebra do silêncio das historiadoras, como bem nos alerta Margareth Rago.²⁴⁰

O alargamento temático e as novas produções intelectuais resultantes merecem, hoje, uma avaliação crítica. Essa reflexão se faz tanto mais necessária quanto mais nos damos conta de que a “História não narra o passado, mas constrói um discurso sobre este, trazendo tanto o olhar quanto a própria subjetividade daquele que recorta e narra, à sua maneira, a matéria da história”.²⁴¹ Além do mais, vale dizer que se essa produção não se caracteriza como “feminista, nem significou um questionamento prático das relações de poder entre os sexos na academia,

²³⁷ VAQUINHAS, Irene. **Dicionário Crítico de Gênero**. 2.ed. Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 368.

²³⁸ RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Cultura histórica em debate**. São Paulo: UNESP, 1995. p. 81.

²³⁹ Ibid., p. 81.

²⁴⁰ Ibid., p. 81.

²⁴¹ Ibid., p. 81.

ela carrega traços evidentes de uma vontade feminina de emancipação”.²⁴² A autora sublinha que a produção historiográfica sobre as mulheres toma como ponto de partida uma referência teórico-metodológica assentada nas premissas epistemológicas da história social, fortemente marcada pelo marxismo. Assim, a partir da década de 1970, quando sociólogas, antropólogas e historiadoras procuraram encontrar os rastros da presença das mulheres no cotidiano da vida social, desponta toda uma preocupação em identificar os signos da opressão masculina e capitalista sobre elas. Especialmente valorizadas foram a temática do ingresso das mulheres no mercado de trabalho e a denúncia das formas perversas desta integração. As péssimas condições de trabalho, os salários inferiores aos dos homens, o assédio sexual, as inúmeras formas da violência machista foram temas que ocuparam as páginas das obras que se dedicaram à mulher trabalhadora e que acabaram por identificá-la como produto das determinações econômicas e sociais, vítima das injunções do sistema, dando pouco destaque à sua dimensão de sujeito histórico, consciente e atuante. Destes estudos, destaco o pioneiro *A mulher na sociedade de classes*, de Heleieth Saffioti publicado em 1962.²⁴³

Heleieth Saffioti alega que, ao longo da década de 1980, emerge o que se poderia considerar uma segunda vertente das produções acadêmicas sobre as mulheres. Floresce um conjunto de estudos preocupados em revelar a presença das mulheres atuando na vida social, reinventando seu cotidiano, criando estratégias informais de sobrevivência, elaborando formas multifacetadas de resistência à dominação masculina e classista. Confere-se um destaque particular à sua atuação como sujeito histórico, e, portanto, à sua capacidade de luta e de participação na transformação das condições sociais de vida.

Para a pesquisadora, registra-se uma forte preocupação em resgatar a presença de mulheres pobres e marginalizadas, trabalhadoras ou não, como agentes da transformação, em mostrar como foram capazes de questionar, na prática, as inúmeras mitologias misóginas elaboradas pelos homens de ciência para justificar sua inferioridade intelectual, mental e física em relação aos homens e sua exclusão da esfera dos negócios e da política.²⁴⁴ Além disso, esses estudos estiveram voltados para fazer emergir um universo feminino próprio, diferente, mas não inferior, do mundo masculino e regido por outra lógica e racionalidade. Todas as historiadoras envolvidas nesses estudos revelam uma aguda percepção do feminino e trazem enorme contribuição para a desconstrução das imagens tradicionais das mulheres como passivas e incapazes de vida racional e de decisões de peso.

²⁴² RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Cultura histórica em debate**. São Paulo: UNESP, 1995. p. 81.

²⁴³ SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 35.

²⁴⁴ *Ibid.*, p. 85.

No campo historiográfico, segundo Irene Vaquinhos²⁴⁵, a história das mulheres foi tributária da *Escola dos Annales*, dos contributos de outras ciências sociais (antropologia, demografia, sociologia, entre outras) e, em particular, da Nova História Social, de orientação antropológica, vocacionada para o estudo da vida privada, dos marginais e de todos os excluídos. Cabe ressaltar que, no contexto universitário, avançou na pesquisa de outras matérias, enquadradas pela história social, pela nova história ou pela micro história, privilegiando-se, como temas, a família, a condição jurídica e social, o trabalho, a educação, formas de sociedade, movimentos políticos e sociais. A autora sublinha que a história das mulheres foi, em parte, tributária da investigação no domínio da história da família, temática desenvolvida na esteira dos trabalhos de demografia histórica, realizados a partir dos anos sessenta do século XX.

Por outro lado, Michelle Perrot (2015) destaca que, no campo da História, as mulheres continuaram marginais em relação à revolução historiográfica trazida pela *Escola dos Annales* – como é chamado o núcleo constituído por Marc Bloch e Lucien Febvre em torno da revista *Annales*:

[...] essa escola foi bastante inovadora e rompeu com uma visão da história dominada pelo exclusivismo político. Mas o econômico e o social permaneceram como suas prioridades: seus pesquisadores não cogitavam da diferença dos sexos, que, para eles não constituía uma categoria de análise.²⁴⁶

Conforme afirmado por Michelle Perrot, na epígrafe, as mulheres foram confinadas num silêncio que cria dificuldades para que elas sejam incluídas na história. Uma das razões apontadas pela autora para a ausência de narrativas sobre as mulheres é a escassez de fontes para o período analisado por ela. As mulheres deixaram poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Historicamente, seu acesso à escrita foi tardio, e havia uma evidente desvalorização para o que se referia ao feminino. Além disso, a escrita da história vem sendo majoritariamente escrita por homens, que deliberadamente ou omitem as mulheres dos relatos históricos ou adotam atitude discriminatória em relação às mulheres.

Cabe ressaltar que a possibilidade de uma História das Mulheres foi amplamente debatida por Michelle Perrot, estimulando o debate entre feministas e historiadoras sobre a importância das relações estabelecidas entre a História das Mulheres e as distintas correntes da historiografia na produção de estudos que se voltassem à maneira com que se produziam os significados da diferença de gênero nos processos discursivos de poder – principais

²⁴⁵ VAQUINHAS, Irene. **Dicionário Crítico de Gênero**. 2.ed. Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 368.

²⁴⁶ PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 19.

organizadores e legitimadores das diferenças. A autora defende a recuperação de uma “memória feminina, corroborando com os processos de resistência à ‘hegemonia dos discursos de poder e de sistemas de representações androcêntricas presentes’”.²⁴⁷

Nesse sentido, a recuperação de uma “memória feminina” na história de Brasília coaduna com os propósitos defendidos por Michele Perrot e outras autoras apresentadas acima. Foi o mote principal para a realização das entrevistas com as 50 mulheres pioneiras, e o que nos foi possível revelar como a “recuperação desses sujeitos coloca as mulheres num processo de retomada de consciência, demonstrando a identificação do sujeito com sua experiência no processo histórico”.²⁴⁸

A questão da invisibilidade da participação das mulheres nos relatos históricos no período da fundação de Brasília, nos anos 1960, fica evidenciada pela constatação de escassas referências e publicações sobre o tema. Esse fato estimulou o começo dessa pesquisa e nos fez buscar, por meio das narrativas das participantes da pesquisa, reverter essa ausência histórica. Pode-se afirmar que a história de Brasília tem uma dívida histórica com as mulheres.

A afirmação do feminino enquanto sujeito, na tentativa de ampliar os espaços e dar maior visibilidade às mulheres, passou a ser uma das principais motivações dos movimentos de mulheres, bem como a utilização, com frequência, dos estudos de gênero como categoria analítica das relações sociais em suas produções e discussões para dar força aos embates travados também nas lutas políticas e identitárias. Nesse sentido, Diva do Couto Gontijo Muniz sublinha ser fundamental buscar “possibilidades de rompimento da lógica essencialista e binária das identidades sociais e sexuais, eixo fundante da inferioridade feminina na tradição androcêntrica e patriarcal”.²⁴⁹

Segundo Cláudia Lima Costa²⁵⁰, seria a “negação epistemológica de qualquer tipo de essência à mulher”. No caso da história, a autora aponta que o uso do termo *gênero* possibilitou, ainda, “incorporar a dimensão sexual que habita nossas práticas sociais cotidianas, até então ignoradas e/ou desconsideradas pelos estudos históricos”.²⁵¹ A utilização dessa abordagem como instrumento de análise gerou reflexões no sistema de pensamento quanto à percepção de

²⁴⁷ PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. (tradução de Viviane Ribeiro) São Paulo: Edusc, 2005. p. 16.

²⁴⁸ Ibid., p. 16.

²⁴⁹ MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: Leituras cruzadas. **OPSIS**, Catalão, v.15, n.2, p.316-329, 2015. p. 35

²⁵⁰ COSTA, Cláudia de Lima. O tráfico de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n.11, p.127-140, 1998. p. 134.

²⁵¹ RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenção da subjetividade**. Campinas, SP: Unicamp, 2013. p. 37.

caráter normatizador que moldou o feminino e masculino, ou melhor, os lugares atribuídos socialmente e culturalmente a ambos historicamente.

Importante reconhecer a relevância da problematização apontada por Cláudia Lima Costa,²⁵² para quem o uso do gênero foi simplificado, pois “ficou, por assim dizer, focado nas relações entre homem e mulher, e não nas relações de poder que estruturam o sistema de desigualdade e opressão”. Dessa forma, Diva do Couto Gontijo Muniz aponta que há um consenso entre historiadoras e feministas de que, contrariamente ao buscado, reafirmou-se o “binarismo de gênero e a ‘domesticação do gênero’”, o que acabava por comprometer seu uso frente ao “estilhaçamento do binarismo, do modo dominante de produção do conhecimento e da estruturação das relações sociais”.²⁵³

Outro aspecto relevante a ser observado e a merecer o devido cuidado é o uso da *categoria mulher* de forma generalizada e por demais abrangente, conforme alertam Rachel Soihet e Joana Maria Pedro, ao mencionar a “controvérsia em torno da história das mulheres, que parecia sinalizar a exaustão da categoria mulher, vista, muitas vezes, como generalizada e universal”.²⁵⁴

2.2 Velhice das mulheres e a reelaboração de memórias

Um dos grandes legados desta pesquisa foi o despertar do aprendizado sobre a importância das questões relativas à velhice de mulheres e a observação dos processos para a reelaboração de memórias que também são históricas, nos quais as entrevistadas tratam do próprio passado e se ocupam com a *substância* de sua vida. Relembro a ternura que sentia ao conversar com essas senhoras sobre as histórias passadas naquele difícil contexto. Concordo com Guita Grin Debert ao dizer que tal grupo:

É depositário de uma experiência e de um saber único e exclusivo dado pelos anos vividos. A memória é um bem valioso que, assim como a história, deve ser transmitida às gerações mais jovens. Por princípio, portanto sendo portador dessa memória, cada idoso deve ter sua responsabilidade recuperada e garantida diante dos mais jovens e dos que estão na mesma faixa etária.²⁵⁵

Reconheço que jamais imaginava que, ao criar espaço para analisar as entrevistas, ouvir e registrar cinematograficamente as histórias das mulheres pioneiras, com faixa etária entre 70

²⁵² COSTA, Cláudia de Lima. O tráfego de gênero. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n.11, p.127-140, 1998. p. 135.

²⁵³ MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: Leituras cruzadas. OPSIS, Catalão, v.15, n.2, p.316-329, 2015. p. 35

²⁵⁴ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa histórica das mulheres e das relações de gênero. Revista Brasileira de História, v. 27, n. 54, dez., 2007. p. 47.

²⁵⁵ DEBERT, Guita Grin. A Reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fapesp, 1999. p. 101.

e 90 anos, invisibilizadas pela historiografia da fundação de Brasília, não só aprenderia muito sobre a fase inicial da cidade, como criaria vínculos de amizade que foram se aprofundando ao longo da pesquisa.

Buscar entender a importância da preservação dessa rede de memórias não-hegemônicas brasilienses tem sido um dos grandes ganhos e motivação para a continuidade deste trabalho de pesquisa. Um verdadeiro teste de hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças de pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis; enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a pessoa de idade, conforme bem aponta Ecléa Bosi.²⁵⁶

Um aspecto importante deste trabalho de reconstrução de memórias pela pessoa idosa é posto por Bosi, quando nos adverte de que, “ao lembrar o passado, ela não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ela está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado; da substância mesma da sua vida”. Nesse sentido, complementando, Bosi cita Bergson²⁵⁷:

O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsava seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito.

Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto, “mas isso não significa que esteja em condições de evocar mais lembranças desse passado do que quando era adulto, nem, sobretudo, que imagens antigas, sepultadas no inconsciente desde sua infância, recobrem a força de transpor o limiar da consciência”.²⁵⁸ Nesse sentido, ao dialogar com questões referentes à elaboração de fatos passados pelas mulheres idosas no início de Brasília, fui percebendo as idas e vindas de suas memórias, como as ondas do oceano, conforme metaforicamente Lucília de Almeida Neves Delgado compara a identificação da memória,

²⁵⁶ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 60.

²⁵⁷ BERGSON, 1879 *apud* BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 141.

²⁵⁸ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 60.

sobretudo constatando nos depoimentos as múltiplas temporalidades, como já foi abordado anteriormente no primeiro capítulo.

Fernando Catroga²⁵⁹ ressalta que cada indivíduo participa, simultaneamente, em vários campos mnésicos, conforme a perspectiva em que coloca a sua retrospectiva. Porém, o autor alerta que esta é passível de ser reduzida a duas atitudes nucleares: a autobiográfica e a histórica. E que elas não se confundem – a última é mais extensa e transmissível. Segundo Fernando Catroga, o certo é que ambas se implicam reciprocamente, citando Maurice Halbwachs, que faz esse reconhecimento em *La Mémoire Collective*. Como consequência, “as recordações radicam na subjetividade, embora cada eu só ganhe consciência de si em comunicação com os outros, pelo que a evocação do que lhe é próprio tem ínsitas as condições que as socializam” complementa Fernando Catroga.²⁶⁰

O autor enfatiza que na experiência vivida, a memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais etc.) em permanente construção, devido à incessante mudança do presente em passado e às alterações ocorridas no campo das re-presentações (ou representificações) do pretérito. Significa isso que a recordação, enquanto presente-passado, é vivência interior na qual a identidade do eu, ou melhor, a ipseidade unifica os diversos tempos sociais que compartilha.

Dessa forma, entendo que a observância desse movimento de trazer para a luz do momento presente os fatos reelaborados vivenciados na década de 1960 pelas mulheres entrevistadas fornece elementos que estavam guardados e foram reinterpretados à luz de subjetividades em suas escolhas e das influências sociais e políticas que filtram a apresentação dessas memórias. Por outro lado, cabe reforçar “o recordado como a ponta do iceberg do esquecido”, conforme se refere Fernando Catroga²⁶¹ ao mencionar que a memória (subjetiva e/ou coletiva) tende a “olvidar-se do esquecido que constrói, bem como a não reconhecer que ela é uma espécie de ponta do iceberg do subconsciente ou inconscientemente recalado²⁶²”. E se parte deste continente submerso é passível de ser recordada, comentando o trabalho de Todorov²⁶³, Catroga escreve:

O certo é que sempre existirá a ameaça da amnésia, permanente direito de postagem que a anamnese tem de pagar ao esquecimento. E, conquanto esta

²⁵⁹ CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 10.

²⁶⁰ Ibid., p. 11.

²⁶¹ Ibid., p. 23.

²⁶² AUGÉ, Marc. **Les formes de l'oubli**. Paris: Payot, 1988

²⁶³ TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999

dialética tenha muito de espontâneo, quanto maior for a dimensão coletiva da memória, maior será a margem de manobra para o seu uso e abuso.²⁶⁴

O autor questiona como acreditar que a recordação seja voz verdadeira do pretérito e como não perceber que é ela quem dá futuros ao passado, uma atividade de re-presentificação que, se não for praticada, será devorada pela corrupção do tempo? Dessa forma, segundo Fernando Catroga²⁶⁵, “a memória poderá desempenhar a sua função social por meio de liturgias próprias, centradas em suscitações que só os traços-vestígios do que já não existe são capazes de provocar”. Portanto, conforme o autor, o seu conteúdo “é inseparável não só das expectativas em relação ao futuro, como dos seus campos de objetivação – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que o reproduzem e transmitem”²⁶⁶: o que mostra que ele nunca se desenvolverá sem a presença de registros interiores (traços) que, do exterior, os suportes materiais, sociais e simbólicos podem reavivar. Em suma: não há representação memorial (nem historiografia) sem traços.

Encerrando esse capítulo, a seguir apresentamos trechos das narrativas em que elencamos questões apontadas pelas entrevistas acerca de suas estratégias e percepções sobre o *ser mulher* na fundação de Brasília.

2.3 Memórias Femininas da construção de Brasília

2.3.1 Tópico 1: “*Aceitar trabalhar Brasília era um ato de coragem para as mulheres*”

Observa-se, por exemplo, na narrativa de Orbella de Souza Lobo, professora da Escola 21 de Abril – nome dado em homenagem ao dia da inauguração de Brasília –, sua preocupação em revelar as escavações a ser construídas na Esplanada dos Ministérios, o Palácio da Alvorada e do Planalto. Cabe mencionar que, na época da entrevista, Orbella Lobo tinha 86 anos. Nota-se que apresenta suas memórias de forma bem fluída, uma coisa puxando a outra, entremeando fatos, mesclando os tempos históricos, o passado e o presente em suas lembranças:

Eu era tão moça. Passei no concurso e queria ter minha vida própria e independente, mas eu era muito acanhada. Fui criada assim. Naquela época mulher não podia se expor muito. Ao contrário, quanto mais quieta melhor, né? Naquela época eu não tinha noção do quanto seria importante essa minha decisão de vir para Brasília. Era uma loucura..., mas ao mesmo tempo eu me orgulhava de ter vindo para cá. Hoje está tudo mudado, a cidade cresceu muito. Nem acredito em tudo que vi aqui naquela época. Vi Brasília nascer e se pudesse escolher faria tudo de novo.²⁶⁷

²⁶⁴ CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 23.

²⁶⁵ Ibid., p. 24.

²⁶⁶ Ibid., p. 25.

²⁶⁷ Entrevista com Orbella de Souza Lobo (OSL). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

A narrativa de Orbella de Souza Lobo é ilustrativa da questão do duplo movimento narrativo que, de um lado, visita em retrospecto às memórias da fundação de Brasília; e de outro, é capaz de nos situar – eventualmente – na visão prospectiva que aquelas mulheres poderiam ter em 1960, tendo o olhar de uma mulher jovem que vem para Brasília na perspectiva de planos e sonhos – e que começamos a desenvolver na introdução.

Ganha muito espaço aqui a mutação narrativa operada para a jovem começar a falar pela voz da idosa, fazendo-nos fruir a visão prospectiva, ao lembrar como ouviu falar de Brasília pela primeira vez, o que pensou, o que sentiu, o quanto hesitou, o quanto se aventurou, as dificuldades que enfrentou etc. Essas duas visões têm um hiato de tempo entre si, a mulher idosa cuja visão prospectiva ajuda a dar vida, nos responde que faria tudo de novo, que nos deixa uma lição etc., parece orgulhosa da jovem que rompeu barreiras que eram impostas para as mulheres na época, “naquela época mulher não podia se expor muito. Ao contrário, quanto mais quieta melhor” e que, apesar de “muito acanhada e o temor pelo que iria encontrar na nova cidade”²⁶⁸ buscou ter vida própria e independência, fazendo o concurso para ser professora na primeira escola primária de Brasília – a Escola 21 de Abril.

Ao narrar o seu recato e que teria gerado alvoroço ao demonstrar *coragem* em aceitar trabalhar em Brasília ainda em construção, longe do conforto e do controle familiar, Orbella de Souza Lobo²⁶⁹ tentou, na elaboração das memórias, relatar a transição de ser uma mulher numa cidade pequena do interior de Goiás, levando uma “vida recatada e sob o hábito do silêncio”, procurando manter-se comportada como toda boa moça de família da cidade para se transformar em “outra mulher depois que vim para Brasília”.²⁷⁰ Rememorando o que considera que foi um *ato de coragem* deixar família e amigos e morar num acampamento simples na Cidade Livre – hoje Núcleo Bandeirante –, ela afirma que não se arrepende de ter aceitado o desafio e de ter passado muitas dificuldades. “Me tornei uma outra mulher, bem diferente daquela bobinha que não falava nada. Não foi fácil. Achava que nem ia aguentar. Mas hoje, olhando para trás, acho que valeu a pena” – Orbella de Souza Lobo (2010) conclui, colaborando com o discurso de que o surgimento de Brasília como uma nova cidade seria um elemento desencadeador de novas possibilidades na vida dela e de outras mulheres.

Nessa mesma direção, Alice Maciel²⁷¹, enfermeira especialista em tuberculose que chegou à cidade em 1958, vinda do interior de Goiás, relata que os engenheiros e colegas de

²⁶⁸ Entrevista com Orbella de Souza Lobo (OSL). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

²⁶⁹ Ibid.

²⁷⁰ Ibid.

²⁷¹ Entrevista com Alice Andrade Maciel (AAM). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

trabalho perguntavam: “Você, uma moça tão jovem, o que está fazendo ‘nesse buraco cheio de poeira’? Aqui não é lugar para mulher” – contudo, ela diz que “hoje, pensando nisso, acho que fui muito tranquila para enfrentar essas conversas fiadas e acho que eu continuo assim sem ligar muito para as besteiras que o povo fala. Na verdade, acho que tive muita *coragem* para aceitar vir trabalhar em Brasília” (*grifo nosso*).²⁷²

Nota-se também nas lembranças de Orbella de Souza Lobo (2010) e de Alice Maciel (2010) a tentativa de demonstrar orgulho ao contar essa história quase esquecida. Percebe-se um diálogo permanente entre presente e passado, com o propósito de tornar as coisas contemporâneas, reconstruindo um longínquo fato histórico, que evidencia as conquistas e em alguns casos mostra as contradições e sutilezas em relação aos fatos vivenciados.

Cabe mencionar que, no Brasil da época da fundação de Brasília, em 1960, as conquistas sociais e trabalhistas para as mulheres eram limitadas. Ainda que algumas mulheres tivessem partilhado uma sensação de liberdade na cidade, prevaleciam as representações sociais tradicionais femininas: a mãe, a esposa, a dona de casa, atreladas ao espaço privado e ao cuidado da casa e dos familiares. Cleusa de Oliveira Menezes Senna²⁷³, radialista na Cidade Livre, chegou a Brasília em 1959 e contrapõe:

Em Brasília havia muito, mas muito mais homens do que mulheres. Então era complicado ser uma mulher aqui no início de Brasília. Cheguei aqui muito novinha. Os homens me comiam pelos olhos. Mas havia muito respeito. Nunca ouvi uma piadinha. Logo me casei e junto com o meu marido fundamos “A Voz de Brasília”. Trabalhava dia e noite. A vida aqui não era mole. Mas sabe que nem me importava com isso? A construção de Brasília era empolgante, muita vontade de resolver os problemas. Tudo era muito precário, mas isso parece que unia a gente. Todo mundo naquela poeira na Cidade Livre. Um faroeste.... No nosso programa de rádio a gente anunciava vagas de trabalho, quem tinha chegado e procurava algum parente e a gente tocava Dalva de Oliveira, Orlando Silva, Isaurinha Garcia, Ângela Maria. A rádio ficava na Cidade Livre no lugar aonde chegavam os caminhões com os candangos [trabalhadores]. Eu inventei de vender a poeira de Brasília nuns vidrinhos para ganhar um dinheirinho extra. Imagina isso? Pena que não guardei nenhum vidrinho para te dar de presente²⁷⁴.

Percebe-se no trecho acima, por meio das miudezas recolhidas da narrativa da radialista, uma ideia, ainda não muito clara, sobre o que seria o respeito às liberdades das mulheres naquele momento. Ela relata a prevalência de homens e conta como se sentia desejada por eles, pelos olhares, mas nunca por meio de um discurso mais provocativo, como seriam as piadinhas. Em seguida, casou-se. Em algumas narrativas, a associação entre o trabalho das mulheres e o dos

²⁷² Entrevista com Alice Andrade Maciel (AAM). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

²⁷³ Entrevista com Cleusa de Oliveira Menezes Senna (COMS). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

²⁷⁴ Ibid.

maridos é evocada, procurando evidenciar a importância no fato de buscar alternativas para “ganhar um dinheirinho” extra, vendendo “vidrinho com a poeira de Brasília” e o sentido de solidariedade frente às dificuldades.

Em relação ao rompimento de costumes arraigados e a suposta percepção de que Brasília favorecia a quebra de paradigmas para as mulheres, rememora Iara Pietricovsky:

Brasília inspirava grande liberdade para as mulheres e crianças. Havia poucas mulheres na cidade em construção e muito campo de trabalho, desde afazeres ligados aos serviços domésticos ou terceirizados, bem como em trabalhos administrativos na Novacap e outros órgãos públicos. [...] Brasília representou, para muitas mulheres, quebra de paradigmas. Aqui não havia os controles tão rígidos sociais e morais como em outros centros urbanos. A seleção por concurso de profissionais em todo país criou oportunidades para muitas mulheres saírem de suas pequenas cidades e terem a grande chance de conquistar sua independência econômica e social. Além do que as mulheres se ocupavam em trabalhos terceirizados e domésticos.²⁷⁵

Percebe-se o cuidado de Iara em não generalizar sua percepção dos avanços sociais em relação às mulheres. Tal postura cautelosa alerta que, embora houvesse uma atmosfera de suposta modernidade e inovação de costumes durante a fundação de Brasília, isso não significava, necessariamente, que as pioneiras tivessem uma experiência homogênea. Outra questão importante lembrada por Iara, bem como por outras mulheres da pesquisa, é o fato de que havia poucas mulheres no início de Brasília, indicado pelo Censo Experimental já anteriormente citado, realizado em maio de 1959, que encontrou um número de 17 mulheres a cada 100 homens.²⁷⁶

Apesar de estarem presentes em menor número, as mulheres pioneiras exerciam cargos de parteiras, cozinheiras, lavadeiras, engenheiras, professoras, prostitutas, donas-de-casa, dentre outras profissões, contribuindo para a história da fundação da nova capital do Brasil. No entanto, raramente foram lembradas nas narrativas elaboradas após a inauguração da cidade.

Brasília era composta em seus primeiros anos por 34,18% de mulheres, um percentual muito reduzido de mulheres em um universo tradicionalmente masculino – cerca de 60 mil trabalhadores das obras que migraram para o centro do país.

A cozinheira e lavadeira Josefa Carmelita da Silva França²⁷⁷, moradora do acampamento da Vila Planalto, relata as suas primeiras impressões, ao dizer:

Em [19]57 foi que começou a vir muita gente. Eu vim do Rio Grande do Norte de Currais Novos, apertadinha num caminhão pau-de-arara. Quando cheguei aqui não tinha nada. A vida era muito difícil. Nessa época a gente num podia

²⁷⁵ Entrevista com Iara Pietricovsky de Oliveira (IPO). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

²⁷⁶ CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Censo Experimental de Brasília**: População, Habitação. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. p. 13.

²⁷⁷ Entrevista com Josefa Carmelita da Silva França (JCSF). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

nem sair na rua [ri]. Era um perigo! [- por quê?] ah, os home pegava a gente (ri). Devoravam a gente com os olhos. É. Nessa época tinha umas três mulhé aqui em Brasília, né? Então nós ajuntava as três mulhé e ia de noite lá na beira do córrego, de noite, lavar roupa, mas tinha que os home amigos ficar lá por perto [ri]... Senão os outros invadia, sabe? Às vezes eu saía assim na porta da rua que tinha um restaurante, era bem na esquina, né, eu saía assim na porta pra olhar assim, né, pegar um ar livre. Aí os home saía correndo atrás da gente, eu vou te falar uma coisa [ri]. Havia de fato poucas mulheres. Quando dava 04 horas da tarde, mulher nenhuma ousava descer na Vila Amaury, que era cheia de gente, só homens. As mulheres não desciam, não. A mulher não dava sopa na rua, não (sic).²⁷⁸

Paralelamente, enquanto pesquisadora/observadora, percebi que os olhos de Josefa Carmelita da Silva França ficavam marejados ao rememorar sua trajetória para chegar a Brasília e buscar formas de superação dos dissabores frente às dificuldades de viver numa cidade provisória. O relato de Josefa Carmelita da Silva França colabora para retratar as precárias condições que os migrantes vivenciavam – especialmente, os nordestinos, que estavam em maior número nos primórdios da fundação. O sentimento de aventura e da elaboração de formas de superação aparece recorrentemente nos relatos das entrevistadas a despeito da precariedade das condições de infraestrutura urbana que a cidade oferecia naquele momento – destacavam os sentimentos de união e solidariedade entre os moradores, que não tinham vivenciado noutra cidade. Esse “entusiasmo”, segundo Josefa Carmelita da Silva França²⁷⁹, era compartilhado pelos amigos e colegas que foram se transformando na *nova família candanga*, vindos de várias partes do Brasil e de outros países.

É este devir de uma *memorabilia* de mulheres que reaviva os fluxos de lembranças não apenas da criação da identidade brasiliense, mas também da constituição da vida destas moradoras pioneiras, externando o lado humano da construção da cidade tida como monumental.

Algumas depoentes trazem experiências de insurgência, refutando o local tradicionalmente imposto às mulheres da época, utilizando a própria novidade e o progresso de Brasília para deslocar esses lugares comuns sobre as presenças de mulheres. Relata Iara Pietricovsky:

Brasília era símbolo do novo, aqui não se tinha o controle que nós mulheres estávamos acostumadas nas outras cidades. O comportamento social no Brasil naquela época era completamente conservador e machista. Na verdade, não se percebia socialmente o quanto as mulheres eram subjugadas e silenciadas sobre sua importância social. Brasília foi construída com o conceito do moderno e com inovadoras concepções educacionais e de gênero, ninguém se

²⁷⁸ Entrevista com Josefa Carmelita da Silva França (JCSF), Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

²⁷⁹ Ibid.

conhecia, mas todo mundo se unificava naquele novo e gerava novos padrões de comportamento.²⁸⁰

Uma das estratégias utilizadas pelas mulheres para conquistar “liberdade” foi tornar-se professora, conforme já mencionado por Maria das Neves Costa Murici (2010). Os concursos para docência cresciam em todo o país, criando maiores oportunidades de as mulheres saírem de suas pequenas cidades e terem a grande chance de conquistar sua independência econômica e social. Os salários em Brasília eram compensadores e muito maiores do que nas outras regiões brasileiras, proporcionando empoderamento e autonomia para as mulheres, que aceitaram o desafio de morar numa cidade no *meio do nada*, rompendo os preceitos sexistas comumente empregados sobre os lugares que podiam ocupar. Segundo a narrativa de Neusa França Almeida, professora de educação musical e pianista, os jovens casais, ao chegarem à cidade, tinham de encontrar meios de criar seus filhos sem apoio de avós, tios e outros familiares. A relação entre os casais precisava ser de ajuda mútua para poderem sobreviver no cenário de precariedade enfrentado nos acampamentos de madeira, onde muitas vezes faltavam água e luz, mantimentos e uma infraestrutura à qual já podiam estar habituados em suas cidades de origem.

2.3.2 Tópico 2: *Brasília é a mulher de mais de 50 anos, emancipada, com muitas contradições e que teve a coragem de ir para dentro do país e fazer o país florescer*

Em outro trecho da sua narrativa, Iara Pietricovsky apresenta sua tentativa de fazer uma metáfora do feminino com a cidade, que chega a sua maturidade ao atingir mais de meio século de existência, alcançando sua emancipação com “muitas contradições”: “Brasília é a mulher de mais de 50 anos, emancipada, com muitas contradições e que teve a *coragem* de ir para dentro do país e fazer o país florescer. Brasília é uma mulher que conseguiu expandir-se e transformar-se na capital do Brasil e colocar-se no cenário mundial.²⁸¹ Ao se referir às contradições, sejam elas relacionadas ao amadurecimento de uma mulher ou da cidade, percebe-se que Iara projeta sua percepção da condição feminina relacionada com sua passagem de vida (envelhecimento) e os percursos que foram vivenciados, que a acompanharam desde o nascimento da cidade.

Como toda narrativa, o que se percebe na fala de Iara Pietricovsky é uma possível representação sobre a cidade, produzida por uma mulher que provavelmente guarda aspectos semelhantes aos da cidade em que ela vive e ilustra narrativamente. Essa elaboração simbólica tecida por Iara entre Brasília e a imagem de uma mulher com mais de 50 anos faz perceber

²⁸⁰ Entrevista com Iara Pietricovsky de Oliveira (IPO), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

²⁸¹ Ibid.

como o processo da memória é uma busca de analogias e de semelhanças entre passado e presente. Dessa maneira, a memória constrói uma ponte de vai-e-vem, que estabelece ressignificação permanente do passado, ou seja, não se trata do vivido a partir do que se vive no presente e daquilo que se poderá viver no futuro.

Ao se referir à cidade como “uma mulher emancipada”, nota-se na narrativa de Iara a intenção de utilizar o significado de emancipação que é o de tornar-se livre e independente, tendo responsabilidade pelos seus atos, para narrar o privilégio de ser uma mulher livre em Brasília. Segundo ela, desde os 12 anos esse sentimento de liberdade foi sendo incorporado à sua vida. Cabe ressaltar que Iara é uma mulher que cresceu em Brasília e aproveitou as oportunidades educacionais, formais e informais, existentes na capital. Tornou-se uma cientista social que é capaz de, além de narrar o que foi crescer em Brasília, externar o significado que descreve sobre a capital a partir desse lugar também.

Noutro trecho da entrevista, Iara afirma que teve a oportunidade de brincar livremente “solta nos buracos das obras da construção dos blocos da SQS 107 e 108”²⁸². Graças ao “espírito libertário recebido dos pais e das escolas públicas do Distrito Federal, pôde ter consciência da importância da liberdade de expressão.”²⁸³ Diz que viu nascer Brasília e pôde crescer junto a esta:

[...] vi as árvores serem plantadas, fui crescendo com elas e agora estão maiores que os prédios. Tenho memórias do avião chegando num lugar descampado, aeroporto de madeira, a cidade toda era uma obra, muita poeira e secura, chegamos em agosto de 1960, na minha quadra só tinha o meu prédio e a escolinha classe 107. Muitos espaços vazios. A garotada vivia livre e solta nos buracos das obras. Não tinha problema de perigo. Eu parecia um tatu sempre suja de lama.²⁸⁴

Esse relato de Iara Pietricovsky fornece elementos narrativos que corroboram a comparação feita por ela entre a cidade e a emancipação de uma mulher. Sua sensação de liberdade desde criança, propiciada pelo frescor de uma cidade nova, também em processo de crescimento, pode ser percebida como um componente narrativo relevante para seu relato. Destaco, ademais, que a sua chegada à cidade se dá no conforto de um trânsito aéreo.

Sobre suas memórias de infância em Brasília, ela destaca a reprodução de padrões tradicionais de gênero nas brincadeiras entre meninos e meninas. Iara Pietricovsky relata que transgredia os padrões da época. Percebe-se sua postura crítica ao fato de que teria que se adequar às condições normativas sociais para exercer atividades que naquela época eram aceitas

²⁸² Entrevista com Iara Pietricovsky de Oliveira (IPO). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

²⁸³ Ibid.

²⁸⁴ Ibid.

para uma menina/mulher. Porém, sugere que, pelo fato de Brasília ser *símbolo do novo*, tais normativas de gênero e controles sociais seriam mais flexíveis. Mas, como já notamos em outros relatos, essa percepção é bastante relativa.

Apesar da simbologia do novo, produzida pelo discurso oficial em torno da criação de Brasília, muitos papéis atribuídos às mulheres ou assumidos pelas mulheres ainda perpetuavam modelos arraigados pela lógica de que a vocação prioritária para as mulheres seria a maternidade, a vida doméstica e eventualmente trabalhos sem maiores exigências profissionais. Conforme sublinha Carla Bassanezi:

[...]. Desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe de família e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar.²⁸⁵

Por outro lado, na fala de Iara Pietricovsky (2010) de que “aqui não havia os controles sociais e morais de outros centros urbanos”, pode-se inferir que a cidade em obras não teria tido tempo suficiente para estabelecer controles mais rígidos e enraizamentos sociais conservadores, ainda que não fosse exatamente uma cidade a priori com valores mais liberais de comportamento, principalmente.

O cotidiano da cidade era imprevisível e, em parte, invisível. Dessa maneira, pressupõe que, além do que é evidente, há a construção de narrativas com suas próprias temporalidades na cidade, sobretudo em um centro urbano novo. Criam-se, então, movimentos por diferentes indivíduos singulares, seja pela capacidade de promover novas referências para a cidade – como resgatamos, desde a concepção do que seria Brasília, a perspectiva do que Brasília era antes de cumprir o plano traçado para ela. Compreende-se que a formação de uma história local passa pela percepção e união de fragmentos que perpassam pessoas e cidades.²⁸⁶

Iara Pietricovsky ressalva que as suas memórias são de uma mulher que teve uma vida privilegiada, considerando a convivência com pessoas da cidade que eram muito comprometidas com a mudança de comportamento, como José Zanine Caldas, o Zanine (arquiteto e designer autodidata), Laís Aderne (professora da Universidade de Brasília e arte educadora do CEAM), Sylvia Ortof (teatróloga) e outros “professores da UnB que eram amigos da família e frequentavam a nossa casa”.²⁸⁷ Ouvir as conversas delas e deles, segundo ela, catapultou-a a uma visão de mundo muito mais ampla, “onde a mulher tinha que ter posição de

²⁸⁵ BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-640. p. 609.

²⁸⁶ NASCIMENTO, José Gomes. Representações de gênero em ocorrências policiais de violência contra mulheres na construção de Brasília. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 295-328, jan./abr, 2019.

²⁸⁷ Entrevista com Iara Pietricovsky de Oliveira (IPO). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

igualdade"(*idem*), tratando-se, portanto, de uma vivência diferenciada daquela das outras entrevistadas.

A narrativa trazida na fala de Iara, que traduz o sentimento de *coragem* para romper com padrões e traça um paralelo com a nascente cidade – Brasília, como uma “mulher que teve coragem”²⁸⁸, indo para o centro do Brasil, ressurgiu em vários trechos nas lembranças de outras mulheres entrevistadas para o filme, como na narrativa da professora Orbella de Souza Lobo. Ela afirma que na sua cidade “era tida como recatada, não falava nada” e que foi “um alvoroço” quando anunciou que vinha para Brasília começar uma vida nova. “Ninguém queria acreditar que eu teria coragem de vir para esse fim de mundo”.²⁸⁹

Nessas narrativas, elas procuram correlacionar a vinda para Brasília e a busca por uma certa emancipação feminina. Procuram traduzir essa emancipação como um dos fatores motivadores que a cidade em construção proporcionava e de certa forma era contagiado pelo *espírito de aventura* das pioneiras.

2.3.3 Tópico 3: *Brasília inspirava grande liberdade para as mulheres*

Segundo narrativas de algumas mulheres, havia naquela época muitas oportunidades de emprego, e as pessoas chegavam de todas as partes do Brasil e de outros países ávidas por essa facilidade de encontrar trabalho. Os setores administrativos da Novacap e das trabalhadoras responsáveis pelas obras são apontados pelas entrevistadas como locais em que as mulheres encontravam facilmente circunstâncias favoráveis ao trabalho, já que estava se erguendo toda uma cidade.

A questão do emprego ressurgiu noutra entrevista – Hilda Ribeiro da Silva, enfermeira e lavadeira que chegou a Brasília em 1959, compartilha que não havia dificuldades para conseguir emprego em Brasília:

[...] Emprego público em Brasília era assim: você sabe ler? Sei. Me dê sua carteira, você era uma funcionária pública. Na minha época tem gente que ganhava muito bem. Conheço muita gente que entrou na Novacap como contador de tijolo, foram contratados e depois foram reclassificados como engenheiros, contador, porque disseram que era contador e naquele tempo não tinha esse negócio de *diproma* (sic).²⁹⁰

Hilda Ribeiro da Silva evidencia o quanto os critérios para se obter um emprego público na cidade nascente eram flexíveis e chegaram a inspirar tiradas de humor em todo o país. Brasília foi tema de marchinhas de carnaval e charges com opiniões favoráveis ou críticas à

²⁸⁸ Entrevista com Iara Pietricovsky de Oliveira (IPO). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

²⁸⁹ Entrevista com Orbella de Souza Lobo (OSL). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

²⁹⁰ Entrevista com Hilda Ribeiro da Silva (HRS). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

nova capital. Um bom exemplo que ilustra a percepção de Hilda da Silva é a canção *Bye bye Brasil*, escrita por Chico Buarque e com música de Roberto Menescal, composta em 1979 para o filme homônimo do diretor Cacá Diegues: “Pintou uma chance legal, um lance lá na capital, nem precisa ter ginásial, meu amor”. O filme retrata a grande movimentação migratória que havia no país em direção às regiões Norte e Centro-Oeste.

No capítulo 03 nos debruçaremos sobre esta questão para as entrevistadas, fazendo o recorte da importância do trabalho para elas, mas desde já adiantamos que a oportunidade de emprego cria a independência financeira e possibilita a independência aos padrões impostos, uma vez que as mulheres agora se encontravam em locais não antes esperados por elas mesmas, no imaginário da época. O salário oportuniza condições materiais para que elas possam gerir a própria vida, da emancipação feminina aliada a contribuir com a família – esta que era e é ainda um ideal de muitas delas.

2.3.4 Tópico 4: *Tudo era muito limitado para nós. Mulher não valia nada e muito menos as mulheres casadas*

Na narrativa da professora da primeira escola de Brasília, Maria das Neves Costa Morici, é possível situar um panorama sobre o período, assim como insurgências mesmo entre as mulheres casadas.

Naquela época, a mulher só podia ser dona de casa ou professora. Tudo era muito limitado para nós. Mulher não valia nada e muito menos as mulheres casadas! A lei não permitia que mulher fosse advogada ou outra profissão qualquer, imagina uma situação dessas? Hoje seria impensável. Mas no final de 1950 as mulheres ainda estávamos muito subjugadas. Então eu optei pelo Normal, foi o jeito que encontrei para ser alguém, então completei os 05 anos de normalista em Araguari. Foi bom porque depois pude ser professora em Brasília.²⁹¹

A narrativa de Maria das Neves Costa Morici²⁹² procura questionar no momento da entrevista que *hoje seria impensável* tanta limitação para com as mulheres. Evidencia que, mesmo tendo limitada margem de liberdade na época da fundação de Brasília, ela fez pequenas escolhas que serviram de base para conquistas futuras, no caso, ser professora na primeira escola de Brasília – Escola Júlia Kubitschek, localizada na Candangolândia.

É interessante atentarmos, mesmo que pareça paradoxal, para o fecho do depoimento de Maria Morici, ao qual já aludimos. Nele, ela diz muito acerca da idosa como uma trabalhadora da memória:

²⁹¹ Entrevista com Maria das Neves Costa Morici (MNM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

²⁹² Ibid.

Eu vou deixar essa mensagem que já escrevi, sobre a idade de noventa anos, eu quero dizer que velhice é o lugar onde pode se ver com certa equidistância, avaliar a vida inteira e o tempo todo que a gente passou, sabendo escolher o bem das coisas boas – bem na natureza, o cantar dos pássaros, a beleza das flores. Eu acho que a idade, a velhice, compensa com esta complementação: a gente poder ver com clareza o que a gente plantou e o que a gente colheu, porque sem dúvida nenhuma nós colhemos aquilo que plantamos.²⁹³

Percebe-se que Maria das Neves Costa Morici fala em “ver com certa equidistância” e em “ver com clareza o que a gente plantou e o que a gente colheu”, enunciando, de certa maneira, princípios de sua *teoria* e exemplificando, também, o que Bosi desenvolve acerca da função social da pessoa que envelhece.²⁹⁴ Além disso, a formulação instaura a narradora como protagonista de uma visão retrospectiva da história, apta a narrá-la e avaliá-la, com equidistância relativa, porém, de sua personagem principal, a jovem que um dia foi e que também se instaura no texto. Vamos ver o início de sua entrevista:

O meu nome completo é Maria das Neves Costa Morici – Morici, por parte do marido. Nasci no dia 26 de julho de 1920. Pouquinho, vou agora completar no dia 26 desse mês de julho, 90 anos. Muito bem vividos e, graças a Deus, posso dizer felizes, porque eu sempre fiz... fui muito bem-criada, eu mesma quis estudar para ser professora, não tinha ainda no meu estado, que é Ipameri, Goiás, e eu me formei em Araguari, Minas. Lá eu me formei para normalista. Naquele ano, mulher só podia ser dona de casa ou professora, a lei não permitia que a mulher fosse advogada ou outra profissão qualquer, então naquele ano que eu fui estudar foi permitido escolher fazer o ginásio ou o normal, mas como era muito recente a novidade, eu optei pelo normal, então completei os cincoanos de normalista em Araguari, Minas, Colégio Sagrado Coração de Jesus.²⁹⁵

De início, Maria das Neves Costa Morici distingue em seu nome o sobrenome que ganhou com o casamento, operação que revela equidistância do nome que lhe foi dado ao nascer e do sobrenome que lhe foi acrescentado ao se casar. Ato contínuo, avalia que viveu muito bem seus noventa anos. Engata uma explicação pessoal (“porque eu sempre fiz...”), mas retorna a uma frase na voz passiva (“fui muito bem-criada”), antes de recuperar uma fala de autonomia (“eu mesma quis estudar para ser professora”). Esta fala autônoma é uma primeira manifestação da presença da jovem, com suas decisões e perspectivas – vale dizer, sua visão prospectiva – no relato da idosa. É a visão retrospectiva da idosa que lhe permite esclarecer que, naquela época, “mulher só podia ser dona de casa ou professora, a lei não permitia que a mulher fosse advogada ou outra profissão qualquer”.²⁹⁶ De fato, Maria das Neves Morici não fala “naquela

²⁹³ Entrevista com Maria das Neves Costa Morici (MNM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

²⁹⁴ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 4.

²⁹⁵ Entrevista com Maria das Neves Costa Morici (MNM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

²⁹⁶ Ibid.

época”, mas “naquele ano”, aparente impropriedade que se esclarece a seguir, quando se mostra que aquele ano foi justamente diferente e apresentou uma escolha – não à idosa que narra retrospectivamente, mas à jovem que pensa prospectivamente: “então naquele ano que eu fui estudar foi permitido escolher fazer o ginásio ou o normal, mas como era muito recente a novidade, eu optei pelo normal” (*idem*). Vamos ver a sequência da conversa, com o relato do momento que Maria das Neves decide vir pra Brasília:

Como eu sou de Ipameri, uma cidade próxima aqui, minha mãe morava em Ipameri e eu morava em Belo Horizonte. Então tinha começado esta novidade de começar a construir, a mudança da capital, do Rio de Janeiro para aqui, não sabia ainda o lugar, mas havia de ser em Minas, onde as pessoas queriam ou aqui, em Brasília. Aí a minha mãe me disse: “Pois se eu fosse você, eu saía de Belo Horizonte e me transferia pra Brasília”. Então, nessa ocasião, eu resolvi, sem nem mesmo falar com o marido, que ele mandasse a mudança que nós iríamos mudar de Belo Horizonte para Brasília. Morei no Núcleo Bandeirante, na primeira avenida do Núcleo Bandeirante. Aí mudamos pra Brasília no ano de 1957, não tinha nada ainda.²⁹⁷

É muito interessante o fato de Maria das Neves Costa Morici se colocar como protagonista da decisão de vir a Brasília. Trata-se de um momento agônico de tomada de decisão. Assim como tivera a opção entre cursar o normal ou a novidade do ginásio, diante de um conselho da mãe, a jovem resolve (“eu resolvi”), “sem nem mesmo falar com o marido, que ele mandasse a mudança que nós iríamos mudar de Belo Horizonte para Brasília”.²⁹⁸ Como isso pode ter sido, àquela época, em uma sociedade conservadora, de uma mulher tomar solitariamente uma decisão tão importante para seu destino e para o de seu marido? Em outro trecho da entrevista, Maria das Neves Morici sublinha que “gostaria de ter nascido agora para fruir das vantagens atuais da mulher” (*idem*) e diz que viu “muito machismo na família” (*idem*). Cita que a independência financeira de trabalhar fora trouxe independência também no convívio com o marido, sem que isso tenha afetado a convivência entre o *bom marido* e a *boa esposa*; que naquele tempo, em função do trabalho, as mulheres já podiam sair sozinhas; que acha que a violência contra a mulher está muito maior que antigamente; que havia bastante mulheres na cidade, que vinham acompanhadas pelos pais ou sozinhas, mesmo.

O trabalho da memória de Maria das Neves Costa Morici nos ajuda a ter mais elementos para reconstituir esta “cena de origem” mais duas vezes. Com elas, podemos ver como a teoria do *contar equidistante* dela se transforma em prática por meio da operação de precisar, de buscar a exatidão e o esclarecimento naquilo que narra.

²⁹⁷ Entrevista com Maria das Neves Costa Morici (MNM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

²⁹⁸ *Ibid.*

Em outros depoimentos de mulheres que iremos analisar, também surge a figura da esposa que protagoniza as decisões mais importantes e práticas para a vida econômica do casal. Porém, cabe ressaltar que outras vieram acompanhando o marido, “ficando à margem, como dona de casa, dando a retaguarda” conforme relata Carmela Nin de Escuder (2010). Assim, vamos rever a “cena de origem” de Maria das Neves Morici, da tomada de decisão de vir para Brasília.

A fala acontece após ter contado que morou “na primeira rua do Núcleo Bandeirante”²⁹⁹, o que nos leva a crer que era uma distinção importante, e que “deixava o portão da casa aberto para a vizinha pegar água, pois a nossa casa era a única que tinha água encanada” (*idem*). Lembra que cinco anos após sua chegada começou a trabalhar na escola do Prof. Zuza; que foi incumbida de ensinar Português aos japoneses (de crianças a adultos); que se cansava, pois passara a acumular este trabalho com aulas na primeira escola-classe de Brasília (no acampamento dos engenheiros e arquitetos, na Super Quadra Sul 308); que era um tempo de muitas festas cívicas (aniversário de Brasília, 07 de setembro, por exemplo) e cerimônias públicas, às quais professores e escolares compareciam – transportados em caminhão – com autorização dos pais dos alunos. Em um desses passeios em cima dos caminhões, Maria das Neves Morici recorda que ficou “coberta de poeira dos pés até a cabeça. Quando cheguei no Palácio do Alvorada para fazer a visita com os alunos eu parecia uma palhaça. O povo ficava rindo da minha cara quando tirei os óculos” (*idem*). Interessante notar também nas narrativas de Maria das Neves a riqueza de detalhes e a lucidez com que ela externa suas memórias.

Cabe ressaltar que Maria Morici estava com 90 anos quando foi entrevistada, sendo a mais idosa do grupo selecionado para a pesquisa. Demonstra senso crítico em relação às “moças que eram amiguinhas dos mandantes e conseguiam tudo com muita facilidade, inclusive as melhores casas ou apartamentos”³⁰⁰. Comenta que esses desvios motivaram a invasão das casas da avenida W-3 pelas professoras da Escola Normal. As casas seriam destinadas aos funcionários concursados a preços módicos, no entanto, essa distribuição não estava ocorrendo por critérios *justos*.

Segundo Maria das Neves Costa Morici, havia muitas mulheres na cidade que vinham acompanhadas pelos pais ou sozinhas, mesmo, com a promessa de ganhar uma residência; que nem todas ganharam as casas prometidas, o que favoreceu movimentos de invasão de casas geminadas na W-3; que algumas resistiram, mas outras foram retiradas pela polícia, cuja presença era forte em Brasília.

²⁹⁹ Entrevista com Maria das Neves Costa Morici (MNM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁰⁰ *Ibid.*

2.3.5 Tópico 5: *Nunca tive o menor problema pelo fato de ser mulher*

A escritora de cartas e parteira da Cidade Livre e acampamentos da Vila Dimas e Candangolândia, Cacilda Rosa Bertoni, rememora suas vivências e sua relação com as precárias condições encontradas no início de Brasília. Ela expressa tentativas de amenizar a situação vivida: “apesar de toda dificuldade, a gente vibrava com tudo o que ia sendo construído. Foi uma época difícil, de pouco conforto, mas, curiosamente, considero que a vida era boa. Olhando para trás vejo que foi duro, mas também lembro com tanto amor desse tempo!”³⁰¹ Cacilda Bertoni relembra outros detalhes sobre sua chegada à cidade em 1957:

Eu vim de ônibus em dezembro. Eu saí de Anápolis às 10:00 hs da manhã, cheguei aqui às 17:00 hs da tarde. Hoje a gente faz esse percurso em uma hora de carro. Quando cheguei em 1957 aqui não tinha nada. Só uns barraquinhos, o mercado da SAB que distribuía comida baratinha para os moradores e candangos. Lembro de uma agência do correio onde os candangos vinham para mandar a carta com dinheiro para suas famílias. Eles coitadinhos eram bem humildes, a grande maioria semianalfabetos. Eu morava perto dessa agência. Um dia estava na porta da minha casa e um moço me pediu para escrever um bilhete para enviar para o interior do Ceará um dinheirinho para a mulher e um monte de filhos, ele me contou isso sem nem me conhecer. As coisas aqui eram assim, muito puras e espontâneas. Dai correu a fama de que eu escrevia cartas. Ai todo domingo eu montava uma mesinha lá fora e fazia as cartas dos candangos. Lembro que tinha poucas mulheres aqui. Eu tinha duas crianças e tinha que cuidar da casa, das crianças e sair à noite às vezes passar a noite toda fora. Os partos demoravam. A gente tinha que combinar uma senha com o pai que batia na minha porta tarde da noite me chamando para um parto. Eu não abria a porta para qualquer pessoa. Ficava bem cansada. Às vezes numa mesma noite eu fazia mais de um parto e durante o dia tinha que cuidar de tudo na minha casa, porque não tinha ninguém pra ajudar. Eu era uma das poucas parteiras por essas bandas. Em 58, 59, 60 na inauguração, em três anos eu fiz tantos partos que eu não sei quantos foram. Atendia nos acampamentos e era longe pra sair de uma construção pra outra construção. E eu com a bolsa de parto, porque eu levava água fervida pra dar o banhozinho, chegava lá não tinha água no barraco, levava luva, o instrumental cirúrgico, água e remédio dos olhos do neném, tudo tinha que levar. Então eu fui mais útil vindo pra cá do que imaginei.³⁰²

A narrativa de Cacilda Rosa Bertoni colabora com o ponto de vista sobre a atividade profissional de uma mulher que, por força dessa atividade, passava a noite fora e *nunca teve problema pelo fato de ser mulher*. E nas poucas horas vagas cuidava da casa e dos filhos, além de escrever cartas nos domingos para os trabalhadores. Apesar das inúmeras tarefas, percebe-se, na elaboração das memórias por parte de Cacilda Bertoni, a satisfação de realizar bem seu trabalho de parteira, tendo que levar muitas vezes até água fervida, para dar um banhozinho no recém-nascido, pois em muito barracos não tinha água encanada, e desfrutando da sensação de

³⁰¹ Entrevista com Cacilda Rosa Bertoni (CRB). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁰² Ibid.

“liberdade” de ir e vir pelas ruas esburacadas dos acampamentos, mesmo que fosse durante a madrugada.

Por outro lado, a professora Therezinha de Jesus Rodrigues frisa a percepção da transição da lentidão para a emancipação feminina e a dificuldade de ter liberdade quando veio para Brasília:

Naquela época, ser mulher era uma coisa muito difícil. Lembrando que nós estamos no final da década de 1950 para 1960, que é quando começou a emancipação, dizem, a emancipação da mulher. Eu me sentia muito arrojada naquela época, sair da casa dos meus pais no Rio Grande do Sul, bem instalada, com tudo na mão, abandonado tudo para assumir um cargo de professora que lutei para ser selecionada. Porém, devido ao conservadorismo e ao machismo da época, não pude vir sozinha para Brasília. Tive que vir acompanhada de minha madrasta, pois meu pai não me deixou vir desacompanhada.³⁰³

Uma das primeiras professoras do Caseb – Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília, criada em 22 de dezembro de 1959 –, Therezinha de Jesus Rodrigues reflete uma contradição desse período histórico. Apesar de se considerar uma mulher arrojada pelo fato de ter saído do conforto da casa dos pais, no Rio Grande do Sul, e de ter conquistado meritoriamente uma vaga por concurso público para um emprego formal bem-remunerado, ela teve que obter a permissão do pai para viajar para Brasília, acompanhada pela madrasta. Essa narrativa evidenciaria que a transição da profissionalização e emancipação feminina na época da fundação de Brasília estava em fluxo e ainda marcada fortemente por valores conservadores. Porém, em outro trecho de sua entrevista, Therezinha de Jesus Rodrigues rememora sobre outro tipo de liberdade – a do vestir.

Quando cheguei em Brasília, em 1959, havia somente os esqueletos dos ministérios. Tudo era muito diferente para mim. Eu fiquei bastante surpreendida com as nordestinas, por exemplo, com as mineiras, ou as paulistas, que chegavam de calça comprida, mulher gaúcha não usava calça comprida. E eu aderi a isso. Achei coisa fantástica, maravilhosa romper com esse preconceito. Foi uma sensação de liberdade muito boa ir dar aula e sair pelas ruas de calças.³⁰⁴

Em narrativa de outra personagem, Luiza Ferreira de Souza, auxiliar de enfermagem, remete a um início na cidade mais individual e autônomo, e, talvez por isso, mais difícil. Logo de início, percebemos uma referência à invisibilidade das experiências de mulheres naquele período e, ao mesmo tempo, a necessidade de voltar às raízes ancestrais e familiares, como resposta a essa dureza inicial. Comenta que:

³⁰³ Entrevista com Therezinha de Jesus Rodrigues (TJR). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁰⁴ Ibid.

[...] o povo nem falava das mulheres, as mulheres eram assim, parece que uma coisa à parte. Quando eu cheguei em 1958 na Cidade Livre, quase que não tinha mulher. Pensei em ir embora. Mas depois vi que foi bom ter ficado. Ajudava quem precisava. Fiz muitos partos e cozinhava dia e noite para os homens que chegavam para as obras. Era bem difícil. Sem água e luz, numa casinha rústica no meio do mato (cerrado). Eu tinha um pouco de medo. De noitinha apareciam lobos-guarás, tamanduás, veados do cerrado, cobras e onças. Colecionava no meu chapéu penas que ia encontrando pelos caminhos. Sou neta de índio lá do norte do Maranhão. Minha avó me ensinava a fazer uns trançados com penas dos pássaros. No início vivia no meio do poeirão. Sentia muita falta da minha família e avó.³⁰⁵

De fato, havia poucas mulheres na cidade em obras, porém Luiza de Souza afirma que era tratada com respeito e raramente sentia-se ameaçada em suas redes de socialização. Ela enfatiza as principais dificuldades que enfrentou: sentimento de isolamento social; falta de aparato hospitalar, o que obrigava as mulheres a terem seus filhos com a ajuda de parteiras; baixa oferta de alimentos; inexistência de transporte entre as cidades provisórias (Cidade Livre, Vila Amaury, Vila Operária, Vila do IAPI, Metropolitana) e os acampamentos das edificações do Plano Piloto (Rabelo, Pederneiras, Ecisa, DFL); dentre outras. Por outro lado, em várias narrativas são apresentados também aspectos positivos e manifestado grande entusiasmo pela participação nesse momento histórico.

Como bem salientou Yerushalmi, citado por Catroga³⁰⁶, é da essência da memória o que a palavra hebraica *Zakhor* (“tu lembrar-te-ás”) traduz, a saber: a necessidade se “continuar a narrar” o acontecido através da mesma narrativa, a fim de, contra a amnésia, se manter e transmitir viva a presença do que se passou.

Cabe ressaltar que o debate historiográfico em torno da mulher enquanto sujeito histórico não é recente - este inclusive interpela a perspectiva relacional e desigual presente na sociedade, entendendo o gênero como uma construção histórica que se articula e opera através do poder e para além da mera diferença sexual.³⁰⁷ Entretanto, a historiografia extrapolou as discussões sobre o reconhecimento da mulher enquanto importante agente histórica, passando a se dedicar cada vez mais às suas experiências concretas, reforçando que essa história é parte do processo da *tomada de consciência de si*³⁰⁸ destas mulheres entrevistadas, que se percebe produtora e parte constituinte da história material da cidade de Brasília.

Por último, o eterno feminino é constituído; está demonstrado que não se impõe e não pode ser isolado do resto do pensamento sobre o mundo, destaca Arlette Farge. É uma

³⁰⁵ Entrevista com Luiza Ferreira de Souza (LFS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁰⁶ CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 27.

³⁰⁷ SCOTT, Joan Wallace. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, n. 45, p. 327-351, Dez. 2012

³⁰⁸ TEDESCHI, Losandro Antonio. Gênero e Historiografia nos Labirintos da História. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 28, n. 2, jul./dez. 2015. p. 334.

representação cuja história nós podemos explicar e que não é necessariamente aceita por todas nem por todos: forja-se através de recusas e das tomadas de posição e nada tem de inelutável.³⁰⁹

A seguir, acompanharemos os relatos das mulheres que trabalharam em diferentes atividades e exerceram igualmente um papel importante nesse momento histórico.

³⁰⁹ FARGE, Arlette. Da diferença dos sexos. *In:* _____. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 103-116. p. 115.

3 NARRATIVAS DE MULHERES SOBRE O UNIVERSO DO TRABALHO E PAPÉIS SOCIAIS DURANTE A FUNDAÇÃO DE BRASÍLIA

Era tanto serviço que não sentia falta de nada, não tinha tempo para pensar.

(Georgina Janete Câmara, 2010).

No final dos anos 1950, o local onde hoje se encontra a nova capital do Brasil era um grande canteiro de obras, para onde convergiam milhares de pessoas atraídas pela possibilidade de emprego na cidade ainda em construção. Desde esses tempos de entusiasmo e dedicação, temos ouvido muitas histórias de homens que se dirigiram ao Planalto Central para participar dessa grande aventura. Mas sabemos pouco da participação feminina nesse momento que, de certa forma, redefiniu a história do Brasil.

Selecionamos fragmentos das narrativas, e, a seguir, acompanharemos nos depoimentos das mulheres entrevistadas suas contribuições ao processo de construção de Brasília. Mulheres que trabalharam em diferentes atividades e exerceram igualmente um papel importante nesse momento histórico. À sua maneira, elas eram, também, partícipes dessa história, ao abordar as narrativas relacionadas ao universo profissional e o simbolismo do seu papel social na época da construção de Brasília. Ao promover a seleção de oito profissões, procuramos adotar critérios como o pioneirismo, a inovação dentro de profissões já existentes e o local de origem das entrevistadas (diferentes regiões do Brasil e do exterior). Para complementar as análises das narrativas, foram utilizadas algumas fotos, referências de jornais e revistas relacionadas com a participação das mulheres e a construção da Capital.

3.1 Locutora de rádio da “Voz de Brasília” – 1957

No alto-falante da rádio comunitária “A voz de Brasília”, a locutora Cleusa de Oliveira Menezes Senna anunciava vagas de empregos diversos nas construtoras e mandava recados de pessoas que chegavam à nova capital, vindas principalmente do Nordeste em caminhões pau-de-arara³¹⁰, procurando familiares ou conhecidos que trabalhavam na Cidade Livre – hoje

³¹⁰ Tipo de locomoção que ficou famosa durante os anos 50, 60 e 70 por possibilitarem o transporte coletivo principalmente de legiões de migrantes nordestinos para Brasília e outros do Sul e Sudeste. O transporte consiste na modificação da carroceria de um caminhão FNM, onde são instaladas tábuas, que servem de assento, e uma lona como cobertura para abrigar os passageiros da chuva. Segundo o folclorista e antropólogo Câmara Cascudo, o nome *Pau de Arara* se originou a partir das gaiolas usadas para transportar ilegalmente pássaros no nordeste brasileiro. As araras, por exemplo, eram transportadas em recipientes insalubres, onde tinha apenas um pau em transversal para se acomodar, “os pássaros emitiam barulhos terríveis e faziam muita sujeira”. Foi em alusão a esse tipo de prática que os caminhões adaptados ganharam o nome de *Pau de Arara*, pois geralmente os passageiros eram transportados em situação de enorme precariedade. Em um local onde caberiam no máximo 20 pessoas, acomodavam 30 e até 40 indivíduos,

Núcleo Bandeirante. Essa cidade que ia surgindo no final dos anos de 1950 funcionava como acampamento provisório durante o início da construção da nova capital. Um grande canteiro de obras, onde o intenso trabalho era acompanhado de certo sabor de aventura, de buscas pessoais e de sonhos coletivos.

Nos intervalos dos anúncios, ela tocava músicas que faziam sucesso na época, como o “Banho de Lua”, interpretada por Celly Campello. A radialista dava preferência para as *cantoras do rádio* como Dalva de Oliveira e Dolores Duran que, segundo Cleusa de Oliveira Menezes Senna, interpretavam *com a alma* – em geral eram músicas de *dor de cotovelo*. Lembra que Dilermando Reis, Cauby Peixoto e Luiz Gonzaga eram também muito tocados. Iniciava seu trabalho na rádio com o prefixo “Vocês ouvem a Voz de Brasília, serviço de alto-falante que vende sem fugir da verdade, como intuito de servir apenas à comunidade”.³¹¹

A rádio passou a ser um órgão de muita utilidade na vida da cidade que nascia. Próximas dos altos falantes foram colocadas 16 cornetas que faziam um *barulho infernal* para chamar a atenção do que estava sendo anunciado. Em geral, Cleusa Senna anunciava vagas disponíveis nas construtoras para pintores, marceneiros, serventes e outros profissionais. Ela recorda que, logo depois que fazia o anúncio das vagas de emprego, as construtoras “encostavam os caminhões e em questão de minutos já estavam lotados de trabalhadores”³¹², que seguiam para os acampamentos das obras de edificação do Palácio da Alvorada ou da Esplanada dos Ministérios. Essa era a forma mais rápida de conseguir emprego na cidade que estava toda para ser erguida.

Para a entrevistada Cleusa Senna, que chegou a Brasília em 1957 com 17 anos, recém-casada, a cidade parecia um *formigueiro* e a grande maioria da população era formada por homens, os chamados “candangos”. Ela rememora em sua narrativa que naquela época havia poucas mulheres, fato comentado nos capítulos anteriores e atestado por outras entrevistadas conforme veremos a seguir.

Cleusa Senna relata que sente muito orgulho de ter sido a primeira mulher locutora de rádio de Brasília. Embora reconheça o seu protagonismo profissional, ela recorda que, no Brasil da época da fundação de Brasília, eram poucas as perspectivas sociais e trabalhistas das mulheres, que a relegavam ao ambiente *do lar* e as afastava dos espaços públicos.

incluindo mulheres e crianças, em viagens que duravam cerca de 15 a 20 dias. Wikipédia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_de_arara_\(transporte\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_de_arara_(transporte))>.

³¹¹ Entrevista com Cleusa de Oliveira Menezes Senna (COMS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³¹² Ibid.

Alega que “naquela época era muito comum às mulheres ficarem em casa cuidando de casa ou filho. Os maridos gostavam das mulheres caseiras, era o *normal*” (*grifo nosso*).³¹³ Nesse sentido, na família-modelo predominava o modelo social em que os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres, e eram responsáveis pelo sustento da esposa e filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características da *feminilidade*, como instinto materno, pureza, resignação e doçura.³¹⁴

As mulheres com poder aquisitivo mais baixo e menor escolaridade trabalhavam como domésticas, lavadeiras, cozinheiras ou costureiras, fazendo serviço doméstico para fora de casa. Vigorava a visão de que “trabalha porque precisa”, “porque o trabalho do marido não dá”. Não porque a mulher queria trabalhar, pois “o certo é mulher ficar em casa”, “tomar conta da casa”, “cuidar do marido e filhos” – expressões usadas por Cleusa Senna (2010).

O trabalho na rádio surgiu de uma conveniência logo que chegou à cidade – recorda Cleusa Senna. O marido veio transferido do estado de Goiás para trabalhar como funcionário público na Companhia Urbanizadora da Nova Capital – Novacap. Ela explica que inicialmente ficava cuidando da casa, aguardando a chegada dele do trabalho. Segundo ela, sua vida mudou depois de se tornar funcionária de uma emissora de rádio. Esse fato seria inimaginável quando ela tomou a decisão de migrar para Brasília.

Nesse ponto da entrevista percebemos sua satisfação em afirmar que *a sorte brilhou* para o seu lado e mudou significativamente aquela sua *vidinha pacata de dona de casa*. Recorda que o vizinho tinha um alto-falante e fazia comerciais no seu carro. Ele estava tendo dificuldades em Brasília e por isso resolveu vender tudo o que tinha e voltar para Minas Gerais. “Conversei com o meu marido, que era jornalista, e vimos que seria nossa grande oportunidade para complementar nossa renda e para eu ter um trabalho enquanto ele estivesse na Novacap”, relata e acrescenta: “assim começou minha vida profissional de locutora, à qual me dediquei até me aposentar”.³¹⁵

Cleusa Senna considera que o seu trabalho na rádio auxiliou muita gente e que contribuiu também para que as obras da nova capital pudessem avançar com rapidez para atingir o plano da meta de ser concluída em mil dias, o que exigia grande contingente de trabalhadores, com os quais ela pode contribuir com seu desempenho na rádio.

³¹³ Entrevista com Cleusa de Oliveira Menezes Senna (COMS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³¹⁴ BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-640. p. 609.

³¹⁵ Entrevista com Cleusa de Oliveira Menezes Senna (COMS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

Cabe ressaltar que a fundação de Brasília proporcionou a abertura do mercado de trabalho para milhares de brasileiros, gerando uma grande onda migratória para o centro do Brasil. A Companhia Urbanizadora da Nova Capital – Novacap, fundada em 19 de setembro de 1956, mediante aprovação da Lei nº 2874/1956, sancionada pelo presidente Juscelino Kubitschek, chegou a ter trinta mil funcionários trabalhando em funções administrativas para sustentar todos os serviços demandados pelas obras na cidade, como a fiscalização de acampamentos e alojamentos, o atendimento de saúde, serviços gerais ou a produção de materiais para a construção da moradia dos funcionários.

Cleusa Senna rememora também que, quando chegou a Brasília, era *muito menina*, ainda menor de idade. “Era complicado trabalhar no meio de tantos homens, mas, como eu era mais reservada, não encontrei dificuldade nisso, pra mim não chegou a ser um problema”³¹⁶, recorda. Mesmo assim, ela narra que precisava deixar à mostra a aliança na mão esquerda no guichê da rodoviária onde trabalhava.

Nós funcionávamos na estação rodoviária. Era na avenida central e foi feito um guichezinho cercado com vidro e eu ficava ali dentro. Ainda bem que tinha um vidro, só funcionava uma portinha e eu ficava com a mão mostrando aliança, porque era muito nova e tinha alguns riscos que apareciam. Mas tinha um bar, que era da rodoviária, onde o proprietário virou o meu paizão, ele ficava sempre olhando se tinha alguém inconveniente. Ele ia lá, conversava, explicava que eu era casada e tudo mais, as coisas eram sanadas, mas com muita calma.³¹⁷

Percebemos nas narrativas de Cleusa Senna tentativas de expressar a percepção social quanto às distinções entre os papéis femininos e masculinos, a moral sexual diferenciada em relação a uma jovem mulher casada. Ela considera que a convivência, de certa forma, era pacífica e que os problemas eram resolvidos, mesmo que para isso necessitasse do vizinho que “virou um paizão” e que resolvia a situação sem maiores dificuldades, caso alguém tivesse atitudes inconvenientes no ambiente de trabalho. Avalia que viveu um tempo de muita *esperança*. Ela disse que a mudança para Brasília abriu muitas perspectivas para quem acreditou nesse *sonho*.

O trabalho na rádio foi prosperando e, depois de algum tempo, ela relata que saiu da rodoviária para um estúdio maior, na Avenida Central, com melhor acústica e com um espaço maior. Como a localização da rádio era na rua principal da Cidade Livre, onde a circulação de pessoas era bem grande e toda hora chegava mais gente de toda parte do mundo para trabalhar

³¹⁶ Entrevista com Cleusa de Oliveira Menezes Senna (COMS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³¹⁷ Ibid.

ou conhecer Brasília, Cleusa Senna comenta que teve a boa ideia de criar na frente do estúdio uma loja para vender souvenir de Brasília:

Vendíamos umas garrafinhas com a poeira de Brasília e o povo comprava, acredita? Tinha também umas fotos e cartões com desenhos do Palácio da Alvorada e outros prédios que iam ficando prontos. Vendia flores do cerrado, uns arranjos lindos feitos por minha vizinha e por outras mulheres que eu ajudava elas para ganharem um dinheirinho extra.³¹⁸

Cleusa Senna avalia positivamente a sua carreira profissional e a suas lutas por sobrevivência. O mais importante, a seu ver, é que pôde fazer muitas coisas como locutora da rádio: “o meu trabalho me proporcionou muitas alegrias, fazia algo que gostava o que me ajudou a ter independência econômica e até ser apresentadora do concurso de Miss Brasília eu fui.”³¹⁹

A citação de Cleusa aos concursos de miss nos faz recordar desse evento que tinha grande audiência e relevância para a vida social da época. Participar de um concurso de Miss “era o grande sonho de muitas jovens”, rememora Cleusa Senna (2010).

O primeiro concurso oficial de Miss Brasília ocorreu em 1959 e foi considerado um dos maiores acontecimentos na cidade. Para concorrer era necessário ter entre 18 e 25 anos e, no mínimo, 1,60m de altura. O fato de Brasília ter tido “sua própria Miss significava que a cidade já iniciava ter sua identidade”, como bem lembra Cleusa Senna (2010). A partir desse primeiro concurso de Miss ocorrido na cidade que dava seus primeiros passos, as moças de Brasília poderiam sonhar em participar da edição do concurso de beleza feminino de Miss Brasil, promovido pelos Diários e Emissoras Associados de Assis Chateaubriand. O concurso era válido para os três principais concursos de beleza internacionais da época, o *Miss Universe*, o *Miss World* e o *Miss International Beauty Pageant*.

O evento do I Miss Brasília aconteceu no dia 23 de maio de 1959, no Brasília Palace Hotel. Mais de 3 500 pessoas foram lá para ver as 16 candidatas que vieram de todas as partes do país. As moças primeiro desfilavam de maiô e depois em trajes de gala. A vencedora foi a carioca Martha Garcia, de 20 anos. Na época, suas medidas foram consideradas perfeitas: 92 cm de busto, 58 cm de cintura e 92 cm de quadril. O ideal da beleza propagado na época era da *mulher violão*: cintura fina, quadris largos, ombros roliços, seios insinuantes, pernas grossas e bem torneadas.

Nesse sentido, a imagem de um concurso de Miss Brasília (Figura 3) reflete o modelo estético seguido na época pelas mulheres. Por sua vez, a mulher retratada na capa da revista O Cruzeiro (Figura 4) em duas imagens diferentes, com prioridade ao rosto de Martha Garcia e

³¹⁸ Entrevista com Cleusa de Oliveira Menezes Senna (COMS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³¹⁹ Ibid.

ela mesma de maiô junto às colunas do Alvorada, procura associar o modelo brasileiro de beleza feminina a uma certa inspiração de modernidade observada na arquitetura de Oscar Niemeyer.

Figura 3 – I Concurso Oficial de Miss Brasília, 1959³²⁰



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Cleusa Senna relembra que Martha Garcia era uma professora de inglês, jogava tênis e vôlei e que já era famosa por sua beleza na alta sociedade do Rio de Janeiro. Como prêmio, recebeu a faixa das mãos de Carlos Medeiros, procurador-geral da República. Ganhou de presente um maiô verde Catalina e um isqueiro de ouro.

Figura 4— Martha Garcia vence concurso de Miss Brasília – Revista Cruzeiro – 1959



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

³²⁰ Da esquerda para a direita: Marcli Rosseti dos Guimarães, segundo lugar; Martha Garcia, primeira colocada; e Ivone Preussler, terceiro lugar.

Posteriormente, Israel Pinheiro, diretor da Novacap, que comandava os trabalhos de construção de Brasília, anunciou um prêmio especial para Martha Garcia: um terreno, onde seria levantado um palacete com projeto de Oscar Niemeyer. Suas fotos foram muito utilizadas na época e passaram a ser capa nas principais revistas brasileiras.

No dia da inauguração de Brasília, Martha foi escolhida para ser a primeira a dançar a valsa com o presidente Juscelino Kubitschek. Após vencer o concurso de Miss Brasília e participar de solenidades de abertura de monumentos na inauguração da cidade, viajou para a Europa para divulgar Brasília e o café brasileiro no exterior. Com o sucesso no concurso demonstrou interesse em seguir carreira de atriz de cinema. Porém, encerrou suas atividades e sonhos ao se casar com um jornalista 21 anos mais velho e ficar grávida. Após o parto, apresentou sintomas de depressão. Em 2019, ela completou 80 anos e vive num asilo de idosos no Rio de Janeiro.

Cleusa Senna lembra que a música *Sonho de Miss*, composta por Ellen de Lima, passou a ser muito pedida para ser tocada na rádio: “belas misses, seus estados representam, seus costumes, seus encantos, seus valores”³²¹, recorda. Ao rememorar os concursos de Miss em que participou como locutora, ela comenta que sente saudades do glamour dos anos 60, quando tudo parecia ser mais elegante.

Nesse sentido, ao depararmos com o imaginário social que envolvia as memórias de Cleusa Senna e a representação da mulher nos *anos dourados* da década de 1960, exibindo imagens da Miss Brasília e outras mulheres nas capas de revistas e jornais da época, poderíamos pensar em estudos futuros sobre a economia da beleza e a manipulação de corpos femininos.

A virada para os anos sessenta do século XX ficou marcada como um dos momentos mais efervescentes da vida nacional. Brasília, recém-inaugurada, passou a ser objeto de propaganda exaustivamente explorado pela mídia, sendo representada como o símbolo máximo desse processo da modernidade e da inovação no Brasil.

Imagens do início de Brasília ligadas ao feminino foram muito utilizadas no período de fundação como fonte de propaganda da cidade e de produtos. Percebemos a recorrência da utilização de imagens de mulheres correlacionas às curvas dos monumentos e ao lado de carros de 1960, da nascente indústria automobilística, como: Aero Willys, Gordini, Simca Chambord, Volkswagen Sedan (conhecido como Fusquinha) ou DKV (Figura 5).

³²¹ Entrevista com Cleusa de Oliveira Menezes Senna (COMS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

Figura 5 – Palácio do Alvorada/ Simca Chambord, 1958



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Em geral, as fotos exibiam modelos dos carros em frente aos recém-inaugurados Palácio da Alvorada, Congresso Nacional ou Palácio do Planalto. Da mesma forma, cabe mencionar que ocorriam muitas associações de imagens da nova e moderna capital do Brasil com produtos eletrodomésticos recém-lançados que ajudariam a mulher moderna a cuidar melhor do seu *lar doce lar*.

A utilização de imagens de mulheres usando trajes de banho e tendo ao fundo, por exemplo, o Palácio da Alvorada, passou a ser frequente nas revistas e jornais da época da inauguração de Brasília, conforme mencionado acima. Como exemplo, selecionamos foto de um encarte de propaganda da Revista Manchete de 1960 (Figura 6).

Figura 6 – Revista Manchete, n. 2, 1960

Brasília!

Com o mesmo espírito dos pioneiros audazes que, de ânimo inquebrantável, fizeram surgir do planalto inhóspito, a mais bela capital do mundo, — ESOL, que, com sua equipe de engenheiros sanitaristas, tem servido as grandes metrópoles do Brasil, quer construindo piscinas, em residências, colégios e clubes quer executando importantes obras ligadas à engenharia, já está presente em Brasília, onde suas realizações contribuem, decisivamente, para o dinâmico desenvolvimento da mais jovem capital do mundo!

Para gente de escol piscinas ESOL

Contorno apêndice do A. A. Banco do Brasil Rio

OBRAS ENTREGUES
1 edifício do conjunto residencial do I. A. P. I. com 30 apartamentos.
Edifício de estacionamento d'água para as unidades do Conjunto de Brasília.
Contorno apêndice do A. A. Banco do Brasil-Rio

EM CONSTRUÇÃO
Tribunal de Contas uma das mais importantes obras da nova Capital.
3 edifícios do conjunto residencial do I. A. P. I. Brasília.
Instalações hidráulicas e elétricas, telefones do Campus do Instituto Federal — SP.
Ampliação da estação de tratamento de água em Colina — SP.

A INICIAR

Fonte: Acervo Público do Distrito Federal.

No anúncio, percebemos a intenção de representar as lutas emancipatórias das mulheres, mostrando imagem de uma mulher vestida de maiô correlacionando-a com os arcos do Palácio da Alvorada (residência oficial do presidente da República).

Nos casos da estereotipação da mulher, a imagem feminina é frequentemente julgada a partir do conjunto de crenças que cercam o mundo feminino, principalmente por sua função de mãe e dona-de-casa, a posição de sexo frágil, mostrada como objeto sexual, submissa ou serviçal³²². A partir de fatores como a evolução da tecnologia, a urbanização em ritmo acelerado, a inserção da mulher no mercado de trabalho e novos hábitos de consumo – que também se transformaram com os produtos difundidos pela publicidade –, começaram a se propagar nos meios de comunicação da época outras ideias e conceito para ilustrar *a nova mulher* que surgia naquele período.

Ao exibir uma mulher usando biquíni ou maiô sem bojo e saiote, na década de 1960, principalmente em Brasília ou no Rio de Janeiro (antiga capital) em anúncios de revistas ou jornais, se buscava representar certa ousadia e quebra de paradigmas das concepções de mulher da época, segundo avalia igualmente em sua narrativa Zeni Moreira³²³ – cujo percurso

³²² BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-640. p. 607.

³²³ Entrevista com Zeni Moreira (ZM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

profissional veremos a seguir, além de um trecho de sua história vida relacionado com o uso de biquíni na fundação da cidade.

3.2 Secretária da Novacap – 1959

Em 1959, Zeni Moreira foi visitar o irmão, que morava em Macapá. Após algumas semanas, conseguiu uma carona no avião da FAB para voltar a São Paulo, onde vivia. Lembra que o avião vinha da Guiana Francesa e seguiu rota em direção à região Centro-Oeste. Quando o avião estava sobrevoando Brasília, o comandante coronel Jardim anunciou: “vejam, aqui será a futura capital do Brasil”.

Zeni Moreira recorda que olhou pela janelinha do avião e tomou consciência de que sua vida mudaria a partir dessa visão: “só se via aquela terra vermelha e o esqueleto dos ministérios. Aí eu pensei: é aqui, com certeza, que eu venho morar”.³²⁴ Ao chegar a São Paulo, narra, conversou com o amigo Alcir Sandoval, que era procurador e viajava muito a Brasília a serviço. “Falei: Alcir, eu quero ir para Brasília! Ele falou: ‘cê tá louca? Você vai fazer o quê em Brasília? Em 59, eu era novinha. Eu falei: eu quero ir para Brasília, eu me apaixonei, eu olhei que lá não tem nada ainda” (*idem*). O amigo concordou que de fato não havia nada ainda construído, porém poderia ajudar conversando com amigos políticos e que conseguiria trabalho na Novacap.

Segundo Zeni Moreira, assim começou sua história com Brasília. Recorda que, no escritório da Novacap, em São Paulo, recebeu toda a papelada para sua candidatura a uma vaga de secretária e que o diretor fez a seguinte recomendação: “Zeni, eu vou dar um conselho: você é muito novinha, bonitinha – que eu era mesmo, depois te mostro as fotos –, mas você toma cuidado com um rapaz, fulano de tal. Falei: Não se preocupe, eu vou para lá para trabalhar e não para arrumar namorado”.³²⁵

Ao chegar ao aeroporto de madeira, ela ouviu seu nome sendo anunciado no autofalante, para que comparecesse ao balcão do DAC. Comenta que ficou espantada e pensou: “uai, mas não é possível que estou acabando de chegar e já sou famosa?”³²⁶ Lembra, com bom humor, que quando o moço se identificou e pegou suas malas, viu que era o fulano de tal com quem deveria tomar cuidado. Segundo ela, “não aconteceu nada demais, o povo naquela época era muito preconceituoso com as mulheres, principalmente com as solteiras”³²⁷. Recorda que achou um “bom começo ter chegado naquele aeroporto ‘fuleiro de madeira’ e já ter um carro

³²⁴ Entrevista com Zeni Moreira (ZM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³²⁵ *Ibid.*

³²⁶ *Ibid.*

³²⁷ *Ibid.*

oficial esperando” e conclui que, “naquele mesmo dia, começou a trabalhar na Novacap. Parecia que eu estava entrando num sonho, era tudo muito diferente”.³²⁸

Relembra que morava num alojamento de madeira, muito simples, na primeira avenida da Cidade Livre, exclusivo para moças solteiras. Conta que o ambiente era muito tranquilo: “a gente dormia com a porta aberta do alojamento, nunca entrou lá um bandido, nunca ouvi falar de estupro, qualquer coisa assim. Era tudo bonitinho, eu me sentia segura na cidade, saía sozinha, ia para restaurante na W3”.³²⁹

Embora, na narrativa, Zeni Moreira expresse o sentimento de segurança e tranquilidade na cidade vivenciado por ela, cabe mencionar que, no acervo histórico do Arquivo Público do DF, por meio de pesquisa realizada, algumas fontes documentais como ocorrências policiais, livros de óbitos, carteiras de trabalho, recortes de jornais, apresentam alguns dados sobre a precariedade da segurança das mulheres na cidade. Entre 1957 e 1961 – em quatro anos –, registraram-se aproximadamente quatro mil ocorrências. O mapeamento do estudo aponta 91 registros de violência em âmbito doméstico e 145 crimes contra a pessoa e a vida fora do âmbito familiar e doméstico. Predominam os casos de violência física em espaço familiar (42), psicológica (29), patrimonial (13) e moral (7). Dos 145 registros criminais em espaços públicos incluem-se casos de lesão corporal (42) e estupro/tentativa (40). Há também outros ocorridos em relação a roubos, furtos, homicídios, denúncias de injúria, calúnia, difamação, assédio moral e constrangimento ilegal e outros.³³⁰

Em relação aos ganhos salariais, Zeni Moreira relembra que ganhava pouco, porém era suficiente para os poucos gastos. Observa que a roupa que usava no trabalho era feita por sua mãe: “ela fazia uns vestidinhos rodados e, se eu me cansava da roupa, ela desfazia e inventava outro modelo. Vivia elegante e economizava dinheiro”.³³¹ Ressalta que as “secretárias preferencialmente deveriam estar bem-vestidas e impecáveis nos seus modelitos, bem penteadas, com bastante laquê, com salto alto, meia fina e corpete para afinar a cintura”³³².

Conta que nos primeiros dias procurava andar elegante, *arrumadinha*, com salto alto e meia fina. Recorda que, ao passarem por ela, os engenheiros cochichavam: “olha a *granfininha* ali. Daqui [há] uma semana estará andando de chinelo”.³³³ Zeni Moreira reconhece que teve

³²⁸ Entrevista com Zeni Moreira (ZM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³²⁹ Ibid.

³³⁰ ALMEIDA, Larissa Brunnon; NASCIMENTO, José Gomes; SILVA, Anna Lorena M. **Representações de mulheres no contexto de construção da nova capital, Brasília (1956-1961)**. Relatório Final (Iniciação Científica) – Pós-Graduação e pesquisa, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, 2016

³³¹ Entrevista com Zeni Moreira (ZM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³³² Ibid.

³³³ Ibid.

que se adaptar à realidade. “Fui aprendendo a usar bota, calça comprida, pegar carona de *Jeep* ou caminhão, me virar; não tinha condução para ir para casa, trabalhava-se muito, cansei de sair do trabalho às dez, onze horas da noite”.³³⁴

Cabe ressaltar que os cursos de datilografia, no final da década de 1950, passaram a ser muito valorizados e eram normalmente frequentados por jovens mulheres com a intenção de agregarem conhecimentos para ingressarem no mercado de trabalho como eficientes secretárias. A entrevistada conta que o seu diploma de datilografia foi “guardado por muitos anos e tinha grande valor”. Lembra que havia moças da sua idade na Novacap que “tinham medo de chegar perto da máquina de escrever ou do telefone”.³³⁵

Zeni Moreira recorda que conheceu o marido de Cleusa Senna na Novacap e que logo as duas se tornaram amigas. Para espantar as tristezas, havia reuniões promovidas pelo marido de Cleusa Senna para integrar as equipes. Relembra que ficavam “tocando violão e tomando uma dose de Campari e comendo tira-gostos”³³⁶ nessas improvisadas festinhas. Considera que eram “muito importantes esses encontros que ajudavam a conhecer melhor os colegas vindos de todas as partes do Brasil”³³⁷.

Por outro lado, ela ressalta, na entrevista, que a grande maioria dos colegas eram solteiros, estavam longe das famílias e não podiam visitá-las, por causa da distância, da falta de estradas, que ainda estavam sendo pavimentadas, e dos altos custos das passagens aéreas. Segundo Zeni Moreira, os encontros eram o jeito mais fácil de arrumar namorado ou marido. Os casamentos, relembra, aconteciam na mesma velocidade em que a cidade ia sendo erguida. Esses encontros muitas vezes aconteciam à beira das piscinas, nos clubes que acabavam de ser inaugurados à beira do lago Paranoá, como o Iate Clube de Brasília e o Minas Brasília Tênis Clube.

Durante a entrevista, Zeni Moreira fez questão de mostrar uma foto sua de biquíni (Figura 7). Comenta sobre as mudanças nos costumes em relação às mulheres e suas contradições:

Eu fui a primeira moça em Brasília que usou biquíni. Chegava à beira da piscina do Minas Clube com minha amiga da Novacap, botava uma toalha aqui (passa a mão pelo ombro) e ia escorregando assim na beiradinha da piscina até cair na água, para ninguém ver meu corpo, né? Era uma besteira minha, das moças daquela época. A gente tinha tanta vergonha do corpo, mas, ao mesmo tempo, aqui em Brasília a gente via que estava havendo mudanças nos costumes relacionados às mulheres. A minha amiga, quando me via fazendo toda essa manobra para tirar a toalha e entrar na piscina sem ninguém

³³⁴ Entrevista com Zeni Moreira (ZM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³³⁵ Ibid.

³³⁶ Ibid.

³³⁷ Ibid.

me ver de biquíni, falava para mim: ‘Zeni, você é uma imbecil, se eu tivesse o seu corpo eu estaria desfilando por aqui...’Aí eu falei: ‘mas eu tenho vergonha’.³³⁸

Figura 7 – Zeni Moreira de biquíni, Minas Brasília Tênis Clube, 1959



Fonte: Acervo Particular da Família de Zeni Moreira.

Os sentimentos de vergonha e de culpa relatados por Zeni Moreira ao entrar pela primeira vez na piscina do clube de biquíni são complementados com a lembrança de outra passagem no Minas Gerais, quando imaginou que seria punida após ser chamada por um frequentador do clube que a viu entrar na piscina usando *aqueles* trajes. Afinal, ela avalia que era uma época de mudanças nos costumes, com novos modelos de comportamentos sociais começavam a ser percebidos, mas também onde ainda se notavam resistências às mudanças e ainda havia muitos resquícios de conservadorismo presentes na sociedade daquele momento. Relembra a cena no clube:

Nós estávamos saindo do clube e passamos por uma mesa cheia de homens. Um virou e falou assim: ‘vem aqui!’ Eu fiquei meio apavorada e logo pensei que ele ia me dizer que eu estava proibida de frequentar o clube. Perguntei o que tinha acontecido. Ele respondeu, rindo: ‘depois que a senhorita começou a frequentar esse clube com esse biquíni, já aconteceram cinco desquites!’³³⁹

Segundo Zeni Moreira, depois de ouvir aquele comentário, todos caíram na gargalhada. Porém, lembra que naquela época era uma audácia muito grande adotar modelos de comportamento e de vestimenta que eram considerados modernos. Avalia que romper com o conservadorismo não era tarefa fácil: “isso me deixava dividida; gostava por um lado de poder romper alguns valores tradicionais, mas, ao mesmo tempo, me sentia insegura fazendo algo que

³³⁸ Entrevista com Zeni Moreira (ZM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³³⁹ Ibid.

havia sido muito criticado pouco tempo antes”.³⁴⁰ Sublinha que “havia muito machismo naquela época. Muitas vezes nem os homens e nem as mulheres se davam conta de sua postura preconceituosa” (*idem*).

A reflexão crítica em relação à percepção de como as mulheres eram tratadas de forma diferenciada e preconceituosa ficou mais evidente depois de algum tempo, com o seu amadurecimento enquanto mulher e os anos de reflexão sobre as vivências dessa época em que o *novo* se impunha e estava tudo em transformação.

No final dos anos 1950, o controle social em relação às mulheres ainda era marcado por julgamentos, que classificavam as jovens em *moças de família* e *moças levianas*. O código de moralidade era de domínio geral e praticamente todos se sentiam aptos a julgar os comportamentos de uma mulher, e em especial das jovens.

Carla Bassanezi comenta esses julgamentos do comportamento das mulheres dessa época:

Ficava mal à reputação de uma jovem, por exemplo, usar roupas muito ousadas, sensuais, sair com muitos rapazes diferentes ou ser vistas em lugares escuros ou em situação que sugerisse intimidas com um homem. Também seria muito prejudicial a seus planos de casamento ter fama de *leviana*, namorada, *vassourinha* ou *maçaneta* (que passa de mão em mão), enfim, de *garota fácil*, que permite beijos ousados, abraços intensos e outras formas de manifestar a sexualidade³⁴¹.

Paralelamente aos conservadorismos da época, questionamentos sobre a condição de subjugação social das mulheres e discussões sobre a importância de mulheres buscarem autonomia econômica tomavam corpo na sociedade brasileira no período da fundação de Brasília. Conforme Rachel Soihet, “as mulheres passaram a ser pensadas para além dos papéis familiares – como pessoas com capacidades profissionais, intelectuais” (SOIHET, 2013, p. 234).

Nesse sentido, Heleieth Saffiotti sublinha que a “necessidade de preparar as mulheres para o trabalho remunerado, fora do âmbito privado, [foi] fator fundamental para se assumirem como sujeitos de sua própria história”.³⁴²

O conhecido texto de Simone de Beauvoir de 1949, *O Segundo Sexo*, já mencionava que a independência econômica era um dos caminhos para as mulheres alcançarem a liberdade. Esse aspecto pode ser percebido nas tentativas de as mulheres pioneiras buscarem alternativas

³⁴⁰ Entrevista com Zeni Moreira (ZM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁴¹ BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-640. p. 612.

³⁴² SAFFIOTTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 296.

profissionais na organização estabelecida na fundação da nova cidade, seja dentro da estrutura pública, de construção material da cidade, seja nos serviços necessários para sua implementação, como comércio, rede de saúde, serviços domésticos, divertimento, entre outros, em que o trabalho da mulher fosse requerido e absorvido.

Os depoimentos analisados sobre as memórias relacionadas ao universo do trabalho e os papéis sociais que as mulheres vivenciavam no contexto da fundação de Brasília se somam aos estudos já realizados sobre o ambiente de trabalho no país e o processo de feminização das profissões que comentamos anteriormente. Observam-se as duplas ou até mesmo triplas jornadas de trabalho, especialmente entre as que migravam para as chamadas grandes cidades ou as que buscavam oportunidades nesta cidade em fundação.

Os estereótipos sexistas, principalmente nos anos 50 e no período pós-guerra, ainda estavam nas mídias e em diversos discursos (como o de Juscelino Kubitschek, apresentado no subcapítulo anterior), mas as divisões do espaço privado e público estavam se transformando. Diluía-se *a mulher* como a entidade destinada ao espaço doméstico para esposa e mãe e se passava ao campo das disputas mais acirradas por cargos e espaços – existia, então, “um ser humano com características próprias” que reivindicava sua história enquanto indivíduo social e cidadã.³⁴³

3.3 Telefonista do Presidente JK - 1958

Georgina Janete Câmara, vinda de Goiânia em 1958, relembra que chegou a Brasília quando foi inaugurado o Palácio da Alvorada. Conta ela: “o chefe da Casa Civil ligou lá de Belo Horizonte pra minha mãe perguntando onde eu estava. Ele já conhecia nossa família por a gente ter participado da campanha do Juscelino para a Presidência”³⁴⁴.

Relembra que recebeu com muita honra o convite para trabalhar em Brasília, ainda em construção, na equipe do presidente Juscelino Kubitschek, como telefonista.

[...] primeiro eu vim em 1958 a Brasília para ver como seria a minha situação. Aí eu fui para Belo Horizonte, e depois eles me mandaram pro Rio. Fui lá no Palácio do Catete pegar a carta de apresentação pra vir para Brasília. Sabia muito pouco sobre a cidade, já havia ouvido falar dos projetos, mas só da construção, era um sonho construir Brasília. A gente lia no jornal, estava em todas as manchetes, e eu sempre achei maravilhoso, né? Me apresentei com a carta ao doutor Israel Pinheiro, aí quando eu cheguei não havia nada, na Cidade Livre, que só tinha uma rua, e a Novacap ficava no final da rua para dar entrada na minha documentação para iniciar o trabalho.³⁴⁵

³⁴³ AMÂNCIO, Lígia; CARMO, Isabel do. **Vozes insubmissas**: A história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo. Lisboa: Dom Quixote, 2004. p. 23.

³⁴⁴ Entrevista com Georgina Janete Câmara (GJC). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁴⁵ Ibid.

Ela comenta que tudo era muito simples no começo da vida profissional de telefonista. “A gente andava de qualquer jeito, naquele poirão, pegava carona, de caminhão, trator, de o que tivesse, né? Imagina ficar preocupada com peruca, meia fina ou salto alto? Isso não fazia mais parte de nossa cartilha feminina de candanga pioneira”.³⁴⁶ Rememora que, ao se apresentar a Israel Pinheiro, ele olhou para ela, ainda muito nova, e disse: “menina, o que você veio fazer aqui?” Ela respondeu: “Ah, Dr. Israel! Estou aqui para fazer o mesmo que o senhor e tantos outros. Eu vim para participar da construção de Brasília”.³⁴⁷

Após essa resposta, relembra que ele mandou chamar o seu assistente e encaminhou sua contratação para o setor de comunicação “lá do Alvorada”. Recorda que esse setor “era a coisa mais moderna do gabinete” e que logo seria encaminhada para “o cantinho onde eu ia trabalhar”.³⁴⁸

Com as garantias de trabalho providenciadas, ela tomou “o rumo de Goiânia” para trazer sua mudança. Relata que chegou com metade da família.

Eu tinha uma filha de um ano e pouco, Margarida, e só depois meu marido veio. Eu vim primeiro e fiquei na casa de uma cunhada que morava na Cidade Livre e tinha um pequeno comércio. Eu fiquei com ela nessa casa até estabilizar e encontrar casa para morar, porém não havia casa como eu conhecia, só tinha uns barracos rústicos de madeira. Mas foi encantador olhar esse cerrado, sem ter nada e hoje ver essa maravilha que é Brasília. Fico emocionada. Sou suspeita para falar, porque eu sou apaixonada por Brasília.³⁴⁹

Georgina Câmara reitera não ter tido *dificuldade nenhuma* em ser mulher e de trabalhar no meio de tantos homens. Pelo contrário, diz que naquela época havia muito respeito e solidariedade, que estavam todos muito comprometidos com o trabalho, que as mulheres podiam descer a avenida central na Cidade Livre e não se ouvia ninguém soltar *piadinha*. Ela lamenta que, nos dias atuais, infelizmente as mulheres sejam desrespeitadas e assediadas. Observa ser frequente, atualmente, assistir pela televisão a relatos de violência contra uma mulher. Comenta que não vivenciou este tipo de violação no início de Brasília.

A despeito de nas memórias de Georgina Janete Câmara não terem sido mencionadas, especificamente, questões que poderiam denotar violência contra as mulheres no período da fundação de Brasília, como agressões na zona de prostituição e outras ocorrências policiais relatadas por outras entrevistadas, percebemos que a telefonista preferiu enfatizar, nas suas narrativas, as memórias de eventos relacionados ao volume de trabalho, à efervescência da

³⁴⁶ Entrevista com Georgina Janete Câmara (GJC). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁴⁷ Ibid.

³⁴⁸ Ibid.

³⁴⁹ Ibid.

cidade que nunca parava e sublinhar a enorme empolgação e vontade de ver a cidade concluída no prazo estipulado. Rememora que se trabalhava dia e noite enquanto a cidade ia surgindo com uma *inimaginável* rapidez. “A gente ia dormir e, quando acordava, já via uma enorme loja ou um novo galpão da Novacap”, recorda Georgina Janete Câmara.

A gente trabalhava dia e noite. Quase não tinha hora livre, porque a gente trabalhava direto, né. Era no trabalho e em casa tomando conta de filho e dos afazeres domésticos. Às vezes trabalhava dobrado, a gente não podia ir embora cedo, os empreiteiros, engenheiros, deputado, senador, todo mundo ligando o tempo todo para falar com o presidente. A obra exigia muito de todos e os prazos eram muito curtos. Impressionante o frenesi e o que aconteceu aqui naquela época. Contando ninguém acredita.³⁵⁰

Georgina Câmara rememora que o equipamento de comunicação telefônica que operava era muito moderno para a época, porém, ainda assim, ineficaz. “A gente não ouvia direito o que falavam. Eu fazia as ligações ligando um cabo ao outro numa grande mesa cheia de fios. Não era fácil”.³⁵¹ Conta que, para uma ligação de Brasília para o Rio, demorava a completar e que seu trabalho exigia muita responsabilidade e sigilo: “eu nunca saí de dentro da minha linha. Trabalhava diretamente com o presidente JK. Era tanto serviço que não sentia falta de nada, não tinha tempo para pensar.”³⁵²

Figura 8 —Telefonista / Mesa de fazer chamadas – Brasília – 1959



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Percebemos na narrativa de Georgina Janete Câmara seu entusiasmo com a conquista do trabalho como telefonista. Ela observa que a fundação de Brasília abriu muitas oportunidades profissionais e de autonomia pessoal para muitas mulheres. Concorda com as outras entrevistadas sobre os desafios encontrados: “Havia de fato muita poeira, precariedade de

³⁵⁰ Entrevista com Georgina Janete Câmara (GJC). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁵¹ Ibid.

³⁵² Ibid.

moradias, isolamento social por não ter rede de apoio familiar ou de amigos, dado que a cidade ainda não existia e tudo estava por ser construído”.³⁵³ Porém, apesar das dificuldades elencadas, Georgina Câmara sugere, em suas narrativas, que os ganhos foram maiores do que as perdas.

Nesse sentido, a antropóloga Iara Pietricovisk relata semelhante percepção. Ao lembrar sua mãe e suas colegas de trabalho, elas demonstravam muito entusiasmo, um encantamento com o fato de trabalharem no começo da cidade. Iara considera que Brasília inspirava grande liberdade para as mulheres e crianças. Acredita que o ambiente da fundação de Brasília, uma cidade nova e com um *projeto revolucionário* favorecia esse cunho de esperança, de mudar o Brasil e, de certa forma, estimulava as mulheres a buscarem novas formas de relações sociais.

Brasília representou, para muitas mulheres, quebra de paradigmas. Aqui não havia os controles tão rígidos sociais e morais como em outros centros urbanos. A seleção por concurso de profissionais em todo o país criou oportunidades para muitas mulheres saírem de suas pequenas cidades e terem a grande chance de conquistar sua independência econômica e social.³⁵⁴

Relembra que muitas mulheres vieram em busca de melhorias sociais, vieram fugindo da seca, da pobreza, outras vieram em busca de oportunidades, ou porque foram concursadas ou porque vieram acompanhando seus maridos. “Havia poucas mulheres na cidade em construção e muito campo de trabalho, desde afazeres ligados aos serviços domésticos ou terceirizados, bem como em trabalhos administrativos na Novacap e outros órgãos públicos”.³⁵⁵

Tanto Georgina Janete Câmara quanto Iara consideram que havia uma convergência no sentido de que Brasília naquela época representava um *sonho* ou uma *epopeia* e, de certa forma, elas retratam isso nas narrativas, assim como retratam as inúmeras dificuldades.

As mulheres conviviam com toda sorte de precariedades, vivendo numa cidade toda em construção, em um grande canteiro de obras, morando em barracos de madeira. São frequentes as memórias referindo-se à falta de alimentos, de água e de luz. E, nessas condições, tinham que cuidar de si e dos familiares e filhos, buscar trabalho e tentar se reinventar com as oportunidades que surgiam na nascente nova capital do Brasil.

3.4 Parteira – enfermeira especializada nos E.U.A. 1959/1964

A parteira Cacilda Rosa Bertoni lembra que se sentia como uma *atração de circo* quando passava na frente das obras. Percebia que os candangos a acompanhavam com os olhos, mas era só. “Nunca tive maiores problemas com isso, fui me acostumando em ser uma

³⁵³ Entrevista com Georgina Janete Câmara (GJC). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁵⁴ Entrevista com Iara Pietricovisk de Oliveira (IPO). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

³⁵⁵ Ibid.

raridade”. Relembra que usava um chapéu grande de palha para se proteger do sol: “eu muito branca, grandona, de olhos azuis, para me proteger do sol arrumei um chapelão de palha. Andava pelas ruas empoeiradas fugindo do sol. Sentia muito o calor. Acho que acabava chamando atenção por não ter muitas mulheres por essas bandas”³⁵⁶.

Conta que, antes de vir para Brasília, teve a oportunidade de fazer curso de especialização nos Estados Unidos. “Na época do curso, jamais imaginaria que eu utilizaria meus conhecimentos para ajudar mulheres a terem seus filhos no meio da poeira de Brasília”³⁵⁷. Nas décadas de 1950 e 1960, no Brasil, muitas mulheres ainda faziam seus partos em casa, com parteiras que eram como *verdadeiros anjos* da vida para as mulheres, principalmente no começo da cidade em que não estava edificado o Hospital Distrital e não havia aparatos de saúde implementados. Cacilda Bertoni avalia que “felizmente, por conta da necessidade e da precariedade da cidade, muitas mulheres parteiras/ enfermeiras iniciaram uma rede de cuidado para dar vida a muitas crianças nos acampamentos que iam surgindo”³⁵⁸.

Cacilda Rosa Bertoni sublinha que lidava bem com o fato de ser mulher e minoritária em relação ao quantitativo de trabalhadores masculinos daquela época. “Pelo fato de ser mulher nunca tive o *menor problema*. Os homens tinham o maior *respeito*, admiração. Em geral, eram pessoas muito simples. Quando passava uma mulher por aquelas obras, eles paravam e ficavam olhando, bicho do mato. Nada além disso” (grifos nossos).³⁵⁹

Eram poucas mulheres, tanto que eu nunca tinha ninguém para me ajudar. Eu tinha duas crianças e tinha que cuidar da casa, das crianças e sair à noite para fazer os partos, muitas vezes passava a noite toda fora. Às vezes fazia mais de um parto por noite. Depois dos partos, eles bebiam de alegria, diziam que era o mijo do neném. Eu tomava uma *Crush* e ia embora.³⁶⁰

Cacilda Rosa Bertoni relembra que, por força dessa atividade, passava a noite fora e tinha que frequentemente se deslocar por beco durante a madrugada. Sublinha que andava sozinha, muitas vezes no escuro, pelas ruas da cidade, em meio às obras. Admite que tivesse certo estranhamento em relação ao seu marido, já que ele não lhe cobrava que ficasse em casa. Em sua opinião, os tempos estavam mudando para melhor acolher os avanços sociais e profissionais relacionados às mulheres.

³⁵⁶ Entrevista com Cacilda Rosa Bertoni (CRB). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁵⁷ Ibid.

³⁵⁸ Ibid.

³⁵⁹ Ibid.

³⁶⁰ Ibid.

Nesse sentido, cabe lembrar que a inserção feminina no mercado de trabalho formal no Brasil inicia-se com as profissões tidas como femininas, relacionadas ao cuidado: magistério ou cursos para normalistas, como enfermeiras, parteiras, lavadeiras, cozinheiras ou secretárias.

Para Cacilda Rosa Bertoni, o mais importante é gostar do que se faz. “No meu caso, sempre fui muito dedicada ao meu trabalho e procurava fazer o melhor para ajudar outras mulheres a terem seus filhos em paz. Me orgulho muito ter ajudado muitos candanguinhos a nascer”.³⁶¹

As memórias de Cacilda Rosa Bertoni acerca de suas experiências como parteira encontram pontos de convergência na narrativa de outra entrevistada, a parteira Ladir Carlos de Alarcão, que conta ter que feito muitos partos no meio do cerrado, em Planaltina. Recorda que as distâncias entre uma comunidade e outra eram enormes. E que antes da inauguração de Brasília, quase não encontrava ninguém pelos caminhos. O adensamento populacional era muito baixo. “Muitas vezes tive que seguir para fazer alguns partos no lombo de um cavalo. Não existiam estradas por essas bandas. Vivíamos bem isolados do mundo”³⁶².

Para Ladir Carlos de Alarcão, “foi inacreditável ver tanta gente chegando para construir Brasília. Eu não acreditava que a cidade iria sair”. Achava “que era conversa furada de político”. “Foi bom demais ter visto esse trem andando pra frente”, relata. “Com o começo da cidade fui tendo muito mais trabalho do que eu tinha antes”.³⁶³ Além de fazer partos na região de Planaltina, ela conta que passou a ser chamada para fazer partos próximos das obras no Plano Piloto de Brasília.

Eu vim aqui fazer um parto ali na Vila Planalto. Um caminhão basculante foi me buscar. Alguém soube que eu era parteira e foi me buscar pra fazer o parto. Eu deixei minha filha de dois meses com a minha cunhada e vim. Eu tinha todo aquele material: luva, até anestésico pra fazer bico. A casa era muito pobre, mas eu fiquei ali. Eu examinei, dei um banho na senhora. Eu cheguei 6h da tarde e fiquei até lá pra meia noite. As dores aumentaram e o marido dela, que já tinha chegado do serviço, estava lá sentado na sala e começou a beber, beber. Eu com ela lá no parto, paciência, paciência... Quando as dores aumentaram, ela começou a gritar, o marido dela saiu de lá, ele estava bebendo e entrou no quarto, pegou uma carabina que estava ali no canto e veio dizendo: ‘eu vou me matar e vou matar minha mulher com filho e tudo’ e eu: Meu Deus, meu Deus. Aí eu empurrei ele, tive uma força de não sei aonde, fechei a porta. Era uma tramela. Eu tremia, eu tremia. Aí voltei e daí a pouquinho e a criança nasceu.³⁶⁴

³⁶¹ Entrevista com Cacilda Rosa Bertoni (CRB). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁶² Entrevista Ladir Carlos de Alarcão (LCA). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁶³ Ibid.

³⁶⁴ Ibid.

“São inúmeras as histórias que eu tenho para contar” – disse Lair Alação, ao começar a sua entrevista. “Nem sei por onde começar. São várias novelas dentro de outras novelas”. O episódio narrado acima, segundo ela, “mostra bem o quanto a gente precisa improvisar para lidar com os problemas”.³⁶⁵

Ao reelaborar suas memórias de parteira, ela disse ter abraçado e aprendido tudo na prática, observando cada momento como algo *extraordinário*, que fora trazendo muita satisfação e sensação de plenitude.

Percebíamos que estava emocionada após mexer nos seus *baús de memórias*. Essa sensação foi uma constante nas entrevistas. Observamos que, para a maioria dessas mulheres, com idade avançada, entre 75 anos e 90 anos, narrar as memórias sobre suas vivências e atividades profissionais numa Brasília que tiveram a oportunidade de conhecer totalmente diferente da atual; elas iniciavam um processo muito intenso de tornar vivas recordações consideradas importantes para cada uma.

3.5 Motorista de caminhão/ líder espiritual – 1958

A participação feminina na fundação de Brasília rendeu algumas imagens surpreendentes. Como a de “uma mulher bonita conduzindo um caminhão enorme cheio de areia, em 1958”, segundo recorda Lia Sayão de Sá³⁶⁶, referindo-se à caminhoneira Tia Neiva³⁶⁷. Neiva aguardava com sua carga na fila que se fazia com outros caminhões na entrada das construtoras responsáveis pelas obras dos prédios icônicos projetados por Oscar Niemeyer, como o Palácio da Alvorada, do Planalto ou “do 28”, como diziam na época, referindo-se ao prédio do Congresso Nacional, com seus vinte e oito andares, ainda com sua estrutura de aço sendo levantada.

O cenário foi descrito em contornos *surreais*, com os “esqueletos dos prédios dos ministérios e os lacerdinhas” (redemoinhos de terra vermelha) rodopiando e formando um enorme *cone de poeira*, por entre os espaços abertos deixados pelos tratores, após a retirada de árvores e toda vegetação do cerrado que existia na área escolhida e planejada para ser construído o Eixo Monumental de Brasília – recorda Lia Sayão de Sá.³⁶⁸

Lia Sayão conheceu Tia Neiva ainda criança, com 13 anos de idade, quando, em 1957, veio de Goiânia para a Candangolândia (Vila Operária) com a mãe, Hilda Ribeiro da Silva, e o pai, Bernardo Sayão, engenheiro chefe das obras do início de Brasília. Relembra que a sua

³⁶⁵ Entrevista Lair Carlos de Alarção (LCA). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁶⁶ Entrevista Lia Sayão de Sá (LSS). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁶⁷ Entrevista Neiva Chaves Zelaya (NCZ). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁶⁸ Entrevista com Lia Sayão de Sá (LSS), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto)

família foi uma das primeiras famílias a morar na Rua do Sossego. Para Lia, a vida em Brasília, no início, “era bucólica, com o cerrado ainda virgem e exuberante na sua forma original, muitos bichos silvestres como o lobo guará, que posteriormente, passaria denominar a cidade do Guará.”³⁶⁹ Esses núcleos habitacionais foram erguidos pela SHIS³⁷⁰, no final dos anos 1970, para abrigar famílias de trabalhadores e de classe média baixa.

Em seu depoimento, Lia Sayão revela que Neiva ficou viúva aos 23 anos com quatro filhos. A herança deixada pelo marido foi um caminhão. Ela, sabendo da abertura das obras para a nova capital, veio com os filhos para a cidade. Montou uma pequena barraca na beira de um rio na Cidade Livre. Ela procurou o pai de Lia, Bernardo Sayão, que era coordenador das obras de Brasília, e ambos fecharam contrato para que Neiva pudesse trabalhar nas obras. Carmém Lúcia Zelaya, filha mais velha de Tia Neiva, recorda esse momento da chegada da família à cidade nos seus primórdios:

Uma manhã fria e nublada caía no Núcleo Bandeirante quando chegamos. Mamãe parou o caminhão na beira do córrego da Onça, perto da Vila Metropolitana. Em sua vida de caminhoneira na estrada, parar perto de rio significava ter água para banho e comida. Assim que descemos, tratamos sem demora de fazer uma barraca de lona para nos abrigar. Improvisamos um fogão de pedra. Depois de arrumado o acampamento, mamãe não perdeu tempo. Procurou saber onde ficava a Novacap e foi conversar com o Dr. Sayão para dizer que estava pronta para trabalhar nas obras.³⁷¹

Lia lembra que Neiva trabalhou muito nas obras e que seu pai, sabendo que estava acampada na beira do rio com os filhos, a convidou para morar com a família em sua casa, até ela conseguir um local adequado para residir. Em pouco tempo, Neiva conseguiu comprar outros dois caminhões: um Dodge e um Internacional (Figura 9) que, juntamente com o caminhão GMC, foram fichados na Novacap, garantindo assim a liberação para o transporte e fornecimento de matéria de construção para as obras, o que proporcionou melhoria da renda familiar e a fabricação de uma casa de bambu e, depois, uma de madeira melhorzinha, na Vila Operária (Candangolândia).

³⁶⁹ Entrevista com Lia Sayão de Sá (LSS), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto)

³⁷⁰ A Companhia Imobiliária do Distrito Federal (TERRACAP) produzindo solo residencial e a Sociedade de Habitações de Interesse Social (SHIS), construindo uma grande parte das unidades residenciais populares através do Sistema Financeiro da Habitação (SFH). Somente no período 1970-76, a SHIS produziu 23.004 habitações populares para conjuntos residenciais nos núcleos satélites, principalmente em Taguatinga e no Guará. (GONZALEZ, 1985, p. 83).

³⁷¹ ZELAYA, Carmen Lúcia. **Neiva: sua vida pelos meus olhos**. Brasília: Coronário, 2014. p. 92.

Figura 9 – Neiva com seus caminhões: Internacional e GMC, 1957



Fonte: Acervo família Zelaya

Segundo Lia Sayão de Sá, a participação das mulheres na fundação de Brasília revelou fatos incomuns na época. Inicialmente, observou-se que havia poucas mulheres, pois os homens chegaram primeiro. Mas algumas dessas mulheres, como Tia Neiva, desafiaram conceitos sobre o trabalho feminino. “Tinha umas que estavam na frente, por exemplo, a [Tia] Neiva que foi motorista de caminhão, as engenheiras e arquitetas, que na época não era muito comum, eu sempre digo, elas não eram da época, elas estavam na frente da época.”³⁷².

Neiva trabalhou com os pais de Lia e já era muito próxima da família desde Ceres, cidade próxima de Brasília, no estado de Goiás, onde morava com a família antes de ficar viúva em 1949. Além de cuidar dos quatro filhos – Gilberto, Carmen Lucia, Raul Oscar e Vera Lucia – exerceu as profissões de fotógrafa; motorista de ônibus, em 1956, da Frota Expresso Goiás; e caminhoneira em Goiás, em 1950, em Paranavaí (Paraná) até 1952; e em Brasília em 1958.³⁷³

Lia conta que, desde pequena, sabia que Neiva ouvia *espíritos*. Em Brasília, em meio àquele *mundaréu* de trabalhadores das obras, caminhões e poeira, “Neiva teve contato com a sua mediunidade e clarividência. Ela tinha umas visões e a gente não entendia muito o que estava acontecendo”, recorda Lia.

Atravessando os caminhos recém-abertos no cerrado virgem do Planalto Central para a fundação de Brasília, Neiva estava conduzindo seu velho Dodge, em 1958, quando teve sua primeira visão do Cacique Guerreiro Tupinambá, relembra sua filha Carmem Lucia Zelaya.³⁷⁴

Em relato no seu livro, Neiva afirma que elas seguiam tranquilamente o itinerário. “Todos cantávamos como de costume quando a mamãe deu um grito sufocado e, freando bruscamente o caminhão”, ela disse: “Vocês estão vendo essa luz? Ela quase me cegou”.

³⁷² Entrevista com Lia Sayão de Sá (LSS), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto)

³⁷³ ZELAYA, Carmen Lúcia. **Neiva: sua vida pelos meus olhos**. Brasília: Coronário, 2014. p. 41.

³⁷⁴ *Ibid.*, p. 32.

Carmen Lúcia relembra que eles não viam nada. A estrada estava limpa. Surpresos, “olhávamos um para o outro, sem entender, e já preocupados com ela. O que seria desta vez?”. Espantada, com os olhos arregalados, ela passou a contar o que via: “É um índio! Ele é enorme! Vejam o tamanho dele... é bem maior que o caminhão! Ele está vindo em nossa direção. Vou passar com o caminhão por cima dele. Vocês estão vendo?”³⁷⁵

Carmen Lúcia conta que após esse episódio, “permaneceram calados”, e que àquela altura “já estávamos começando a nos acostumar com sua vidência”. Segundo, Carmen, “ela é quem se esquecia de que não éramos capazes de ver o que os olhos registravam”. Avalia que a mediunidade da mãe era “tão intensa” que, algumas vezes, “ela acreditava que todos podiam ver o mesmo”.³⁷⁶

A partir dessas experiências, Neiva comprou um terreno para fundar a UESB – União Espiritualista Seta Branco, em 08 de novembro de 1959, na Serra do Ouro, próximo a Alexânia (GO). O terreno foi adquirido com as economias acumuladas com o seu trabalho de caminhoneira e de mascatear o máximo de dinheiro que pudesse com vendas de roupas e bijuterias pelas ruelas da cidade que nascia. Neiva contava com 34 anos e 04 filhos adolescentes. No templo, pacientes eram atendidos pelos médiuns que ali residiam, em estruturas de madeira e palha. Tia Neiva mantinha ali, também, um local de atendimento à saúde e um orfanato com cerca de oitenta crianças. Plantavam, faziam farinha e tábuas para vender, e pegavam fretes.

Em 09 de novembro de 1959, Tia Neiva ingressou na Alta Magia de Nosso Senhor Jesus Cristo. Em 1964 mudou-se para Taguatinga, onde funcionou a Ordem Espiritualista Cristã.

Hoje ela é reconhecida como líder espiritual fundadora do Vale do Amanhecer, fundado em 09 de novembro 1969, em Planaltina, que congrega cerca de 800 mil médiuns iniciados, atuantes em mais de mil templos no Brasil e em outros países.

3.6. Médica ginecologista

No dia da inauguração de Brasília, Jurema Chabalgoity Toscano Barbosa estava com o Hospital do IAPI lotado de pacientes e teve que fazer três partos. No final do dia, mesmo cansada, conseguiu uma carona de caminhão até a Esplanada para “ver o restinho da festa”. Conta que não pôde ver muita coisa, mas, de toda forma, esteve lá, presenciando “o povo feliz com a festa da inauguração”³⁷⁷.

³⁷⁵ ZELAYA, Carmen Lúcia. **Neiva: sua vida pelos meus olhos**. Brasília: Coronário, 2014. p. 87.

³⁷⁶ Ibid., p. 88.

³⁷⁷ Entrevista com Jurema Chabalgoity Toscano Barbosa (JCTB), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

A equipe que iria integrar os novos hospitais de Brasília foi selecionada por concursos de títulos e chegou a Brasília vinda dos mais diversos estados do país, na véspera da inauguração da cidade, em 19 de abril de 1960. Havia cerca de 40 pessoas, dentre elas 03 mulheres, 02 médicas e 01 enfermeira. A Dra. Jurema Chabalgoity Toscano Barbosa foi uma das selecionadas. Ela veio do Rio Grande do Sul, e ocupou a vaga da primeira ginecologista da cidade. Recorda que atendia os operários das obras e familiares no IAPI – o hospital de madeira.

Nos primeiros tempos não havia consultórios, era só parto atrás de parto. Cheguei uma ocasião a fazer 20 partos numa noite. O trabalho das mulheres, vamos dizer, foi um trabalho muito intenso, porque se trabalhava dia e noite e o hospital não tinha estrutura, não tinha nada. Sinceramente a gente trabalhava sem parar. Eu não tinha tempo pra nada.³⁷⁸

O Hospital do IAPI, popularizado pela sigla JKO, em homenagem ao presidente Juscelino, foi o grande centro médico durante as obras de fundação de Brasília, localizado próximo à Administração da Novacap, na Cidade Livre, inaugurado em 05 de julho de 1957. “O hospital era todo de madeira, era bem simples como tudo que existia no início de Brasília. Estranhei um pouco a precariedade. Porém não tinha como fugir da realidade. O certo é que havia muito trabalho e a gente nem tinha tempo para pensar.”³⁷⁹

Jurema Barbosa relembra que permaneceu em Brasília por acreditar na proposta inovadora de atendimento do paciente num sistema público de saúde. “Era uma perfeição”, recorda. “Pena que não tivemos tempo de realizar tudo como imaginamos.”³⁸⁰ Quando Jurema Barbosa chegou à cidade, o Plano Médico Hospitalar de Brasília estava sendo elaborado, e a elaborada a constituição de um Conselho de Saúde, e de um Conselho Comunitário de Saúde. O plano teria como objetivos principais eliminar a dispersão dos recursos, a valorização do doente, a moralização da profissão médica, evitar os deslocamentos dos doentes com a descentralização dos hospitais e democratizar as decisões com o acesso público ao Conselho.

Profissionalmente, Jurema avalia que foi positivo vir para Brasília, no seu início, superar dificuldades e realizar-se na sua profissão. Recorda que fez muitos partos, alguns em condições bem difíceis. “Uma vez fiz um parto nas escadarias do Hospital da Base por ter faltado luz e não tinha como entrar no centro cirúrgico”.³⁸¹

Relembra que trabalhou muito na obstetrícia, mas sua área de especialidade era a infertilidade. “Pude tratar muitas senhoras, em especial, as mais pobres e mesmo necessitando de muitos exames se conseguia tudo por aqui”. Contou, com orgulho, “fazer um parto de uma

³⁷⁸ Entrevista com Jurema Chabalgoity Toscano Barbosa (JCTB), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁷⁹ Ibid.

³⁸⁰ Ibid

³⁸¹ Ibid

mulher que sonhou e lutou para ter realizado o sonho de ter um filho, é indescritível a felicidade”.³⁸²

Sublinha que sem “querer fazer autoelogio”, considera que todos os pacientes são iguais:

Eu sempre cuidei dos pacientes indigentes ou das pessoas ricas da mesma maneira, aliás, eu sempre ensinei isso para os residentes. Independente de convênio, classe social ou raça, para mim todos merecem o melhor atendimento possível. Essa postura respeitosa e ética, eu percebia em muitos dos meus colegas do início de Brasília. Não tinha frescura, a gente trocava os lençóis das camas juntos com as enfermeiras, corria para o centro cirúrgico, nos corredores ia atendendo as dúvidas dos pacientes, um ritmo alucinante de trabalho. A gente trabalhava com gosto naquela época.³⁸³

A médica ginecologista Jurema Chabalgoity Toscano reconhece que percebia tratamento diferenciado dado a ela e ao seu companheiro: “achava curioso que sempre que precisavam fazer uma entrevista ou conversar sobre o início de Brasília, para saber melhor as histórias da época da inauguração, procuravam o meu marido como médico pioneiro”.³⁸⁴

Jurema Chabalgoity Toscano considera que havia distinção de tratamento entre homens e mulheres e, de maneira geral, os homens eram mais requisitados e respeitados. Ela recorda que fez o mesmo concurso público que o marido, chegou na mesma época, trabalhou de forma comprometida e, no entanto, ficava esquecida dessa história, mesmo tendo sido a primeira ginecologista a chegar em Brasília. Avalia que sempre ela e outras mulheres ficavam à margem. E que somente o marido era convidado para contar suas experiências no tempo da fundação da cidade.

3.7 Professoras

A imagem da professora Anahir Pereira da Costa (Figura 10) tornou-se ícone da fase inicial de Brasília ao apresentar suas primeiras aulas, no ano de 1957, sendo ministrada ao ar livre, debaixo das árvores do cerrado, para filhos dos candangos e de funcionários recém-chegados no Núcleo Bandeirante, uma vez que as escolas ainda não estavam erguidas. As primeiras aulas de Brasília aconteciam debaixo de árvores e barracões no acampamento denominado Velhacap, hoje conhecido como Candangolândia.³⁸⁵

As diretrizes didáticas do plano de educação para Brasília estimulavam a educar em vez de instruir; formar pessoas livres em vez de pessoas dóceis; preparar para um futuro incerto em

³⁸² Entrevista com Jurema Chabalgoity Toscano Barbosa (JCTB), Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁸³ Ibid.

³⁸⁴ Ibid.

³⁸⁵ SILVA, Ernesto. **História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade**. 2.ed. Brasília: Senado Federal, 1985. p. 236.

vez de transmitir um passado claro; e ensinar a viver com mais inteligência, mais tolerância e mais felicidade.

Figura 10 – Professora Anahir Pereira da Costa – primeiras aulas na Cidade Livre



Fonte: Acervo Público do Distrito Federal, 1957.

Em 1959, Brasília contava com mais de 100 professoras primárias, 4682 crianças matriculadas em 18 escolas primárias, e três jardins de infância. Para administrar o sistema educacional nascente, foi instituída a Comissão de Aperfeiçoamento do Sistema Educacional de Brasília – CASEB. No início de 1960, logo após a criação da CASEB, foi realizado o concurso nacional para seleção dos primeiros professores de ensino médio e primário. Esperava-se, dessa forma, complementar o quadro de professores atuantes da Novacap, selecionados anteriormente por meio de entrevistas e estágio docente.

O edital de convocação anunciava a seleção de professores nos seguintes termos:

Para a organização do sistema educacional de grau elementar e médio em Brasília, o Ministério da Educação e Cultura está selecionando professores, conforme as seguintes orientações gerais; A escolha de professores destinados a escolas primárias e a jardim de infância será baseada nos elementos fornecidos pelo formulário anexo, no resultado da prova escrita e de entrevista com o candidato. Os professores escolhidos firmarão contratos de prestação de serviços regidos pela legislação trabalhista e perceberão salário mensal entre Cr\$15.000,00 e Cr\$25.000,00. Os professores selecionados receberão passagem para si e sua família, ajuda de custo para sua instalação em Brasília e terão direito à residência mediante pagamento de aluguel acessível. O ensino primário e o ensino médio serão gratuitos para seus filhos. Os professores estarão obrigados a um mínimo de 6 horas diárias de trabalho, o qual constituirá em ensino, preparo das aulas e de material didático na própria

escola, orientação do estudo dirigido, participação em seminários, atividades extraclasse e outras, decorrentes da função docente.³⁸⁶

Centenas de jovens professores de todo o país compareceram às provas e entrevistas realizadas no Rio de Janeiro. Os sessenta professores aprovados para o ensino médio apresentaram-se em 08 de abril de 1960, para realização de estágio e treinamento em Brasília, no período de 08 a 17 de abril do mesmo ano. Os “60 de 60”, como ficaram conhecidos os 60 candidatos aprovados neste concurso.

Figura 11 – Professoras da Escola Julia Kubitschek – Primeira Escola de Brasília – 1957 – Candangolândia.



Fonte: Fonte: Acervo Público do Distrito Federal, 1957.

Por concurso público, no âmbito nacional, foi realizada a seleção das melhores professoras do Brasil, vindas de diversas regiões do país. Desse contingente, selecionado entrevistamos treze professoras para a pesquisa Memórias Femininas da construção de Brasília: Cosete Ramos Gebrin (RS), Esther Gums Xavier (PR), Leocádia Paradella Cardoso (RJ), Lilian Portugal Magnavita (BA), Maria Coeli de Almeida Vasconcelos (MG), Maria Inês Fontenele Mourão (RJ), Maria Marta Cintra (PE), Maria Maura Figueiredo (MG), Maria das Neves Costa Morici (MG), Neusa Pinho França Almeida (RJ), Orbella de Souza Lobo (GO), Therezinha de Jesus Soares Rodrigues (RS) e Wanda Clementina Dias Corso (MG).

Em 19 de abril de 1960, foi inaugurado, em caráter provisório, o primeiro Centro de Ensino Médio, nominado CASEB, com aula inaugural proferida pelo presidente Juscelino Kubitschek. Nas suas instalações, funcionaram cursos secundários, incluído o curso normal.

³⁸⁶ SILVA, Ernesto. **História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade**. 2.ed. Brasília: Senado Federal, 1985. p. 244.

Segundo depoimento da Professora Neusa Pinho França Almeida, pianista e autora do Hino de Brasília, “Brasília não tinha absolutamente nada, era lama e poeira. Então nós somos desbravadores mesmo, não é? Eu sou franca. [...] E nós viemos para cá sem saber nem mesmo onde iríamos ficar. Ficamos lá naquelas quadras 400 e tanto porque não havia lugar [...] Brasília tem uma educação bem diferente da que se fazia nos outros estados. Então muitos professores vieram assim curiosos, querendo ver como seria a educação em Brasília”.³⁸⁷

A professora pernambucana Maria Marta Cintra³⁸⁸ comenta que a mãe dizia que toda moça, filha de pobre, tinha que ser professora e os rapazes, médicos. Ela dizia ser a cultura da época. Em janeiro de 1960, conta que leu no jornal que haveria um *grande concurso nacional* para recrutar professoras para trabalhem em Brasília. Conta que ficou entusiasmada e rapidamente fez a inscrição no concurso. Maria Marta Cintra diz ter tido um impacto positivo na saída de sua cidade natal para as terras brasilienses.

Foi um alvoroço na minha cidade quando recebi o telegrama comunicando que eu havia sido selecionada no concurso para Brasília. Até banda de música tive no cortejo de minha despedida. Eu era uma matuta. Nunca tinha entrado numa agência bancária e nem num avião. Quando cheguei aqui me senti tão importante.³⁸⁹

É possível notar até certo deslumbramento de Maria Marta Cintra com relação à sua chegada e, não só dela, mas de toda uma *comunidade* que ia se formando ao redor da cidade. Entendiam aquele acontecimento como algo grandioso, algo que correspondia ao símbolo que Brasília começa a construir. Para além do deslumbramento, era fato que os salários eram compensadores e apresentavam vantagens maiores do que os da média nacional. Lembra que o seu salário como professora era muito maior do que qualquer outra pessoa da sua família. “Eu ganhava cinco vezes mais do que a professora mais gabaritada de minha cidadela em Pernambuco. Me sentia uma Farah Diba, a última imperatriz do Irã. Só faltava eu andar com a coroa no meio da poeira”, recorda Maria Marta Cintra (2010), dando uma gargalhada.

O fato de essas mulheres terem sido selecionadas por concurso público lhes dava legitimidade para buscarem sua autonomia econômica e pessoal. Muitas delas viviam ainda na casa dos pais e, em termos profissionais, tinham dificuldades de romperem padrões culturais da época, conforme lembra Therezinha de Jesus Rodrigues.

Naquela época, ser mulher era uma coisa muito difícil. Lembrando que nós estamos no final da década de 1950 para 1960, que é quando começou a emancipação, dizem, a emancipação da mulher. Eu me sentia muito arrojada naquela época, sair da casa dos meus pais no Rio Grande do Sul, bem

³⁸⁷ Entrevista com Neusa Pinho França Almeida (NPFA), Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

³⁸⁸ Entrevista com Maria Marta Cintra (MMC). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁸⁹ Ibid.

instalada, com tudo na mão, abandonando tudo para assumir um cargo de professora que lutei para ser selecionada. Tive que vir acompanhada de minha madrasta, pois meu pai não me deixou vir sozinha.³⁹⁰

Essa narrativa evidenciaria que a transição da profissionalização e emancipação feminina na época da fundação de Brasília estava em fluxo, e marcada fortemente por valores conservadores.

O processo educacional em formação, em Brasília, contou com educadores inovadores, como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Considerado o principal idealizador das grandes mudanças que marcaram a educação brasileira no século 20, Anísio Teixeira (1900-1971) foi pioneiro na implantação de escolas públicas para todos os níveis. Afirmava ser necessária “uma educação em mudança permanente, em permanente reconstrução”, e Darcy Ribeiro (1922-1997) foi criador da Universidade de Brasília.

Lilian Portugal Magnavita³⁹¹ relembra que a primeira escola em que lecionou foi na Candangolândia. “Era numa escola de madeira bem espaçosa”. Conta que se sentia *orgulhosa* de ter conseguido uma vaga para lecionar nessa escola. “Eu vim da Bahia, e lá, falavam muito bem do Anísio Teixeira. Foi muito bom ter participado dessa história”. E continua:

Quando se cogitou a transferência da capital no Rio para cá, no Centro- Oeste brasileiro, fiquei muito encantada. Com isso, fui fazer o concurso de âmbito nacional, lá na Bahia, foram mais de 80 candidatas. Para a minha surpresa foi única que conseguiu classificação, saí da minha cidade muito abraçada por todos.³⁹²

Porém, sublinha que as condições no início de Brasília eram muito precárias: “para escrever, os alunos pegavam uns pedaços de madeira queimados e escreviam no papel que a gente dava para eles”, recorda Lilian Portugal Magnavita (2010).

Com a notícia da fundação de Brasília, a dinâmica social das cidades próximas foi transformada pela expectativa de abertura de oportunidades de trabalho e de crescimento econômico. A professora Orbella de Souza Lobo³⁹³ relata que, apesar da timidez e do e de certa insegurança, agarrou *com unhas e dentes* a oportunidade de fazer o concurso para ser professora na primeira escola primária de Brasília – a Escola 21 de Abril. Como algumas depoentes já citadas, fez desse um caminho alternativo de vida. Considera que foi um *ato de coragem* deixar família e amigos e morar num acampamento simples, na Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante).

³⁹⁰ Entrevista com Therezinha de Jesus Rodrigues (TJR). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁹¹ Entrevista com Lilian Portugal Magnavita (LPM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁹² Ibid.

³⁹³ Entrevista com Orbella de Souza Lobo (OL). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

Cerca de 30% das mulheres que aqui chegaram eram solteiras. Nos relatos percebemos que muitas dessas mulheres chegavam com sua autoestima elevada por estarem conquistando sua independência socioeconômica. O fato de terem sido selecionadas por concurso público comprovava sua competência e ainda as fazia contribuir para a nova capital por meio do exercício de suas funções como professoras, médicas ou enfermeiras. Os salários oferecidos eram bem maiores que a média nacional.

Brasília era uma cidade que dava dobradinha para o professor, para o professor se animar e trabalhar melhor. Então eu fui muito estimulada a sempre ser professora alfabetizadora. Naquela época valia a pena muito ser uma professora alfabetizadora.³⁹⁴

Pedagogicamente, as professoras eram estimuladas a terem uma nova visão da psicologia infantil. O próprio ato de aprender, dizia Anísio Teixeira³⁹⁵, durante muito tempo significou simples memorização. Depois passou a incluir a compreensão e a expressão do que fora ensinado. Por último, envolveu algo mais: ganhar um modo de agir. Segundo a nova pedagogia, só se aprende quando se assimila uma coisa de tal jeito que, chegado o momento oportuno, se sabe agir de acordo com o aprendido.

A professora gaúcha Therezinha de Jesus Rodrigues recorda que a experiência de ter sido pioneira do ensino em Brasília foi algo *extraordinário*. Avalia que “aprendeu muita mais do que ensinou”:

Os alunos eram uma coisa muito importante para mim, eram filhos dos engenheiros, pequenos comerciantes, dos candangos, tudo misturado. A maioria eram nordestinos e goianos. Isso era novo para mim. Vim do Rio Grande do Sul, nunca tinha visto um nordestino. Apreendi muito com eles, foi uma troca de aprendizagem muito grande.³⁹⁶

Algumas das professoras selecionadas no concurso nacional que moravam no Rio de Janeiro tiveram aulas de iniciação musical com a pianista Neusa França Almeida e fizeram cursos que estimulavam a relação entre professora e aluno mais integrativa. “Eu cheguei inovando com coisas que eu tinha aprendido lá no Rio, contando e cantando com os meninos, mandando eles sentarem no chão para ouvirem histórias”, recorda Orbella de Souza Lobo (2010). Conta que as colegas ficavam observando suas aulas criativas e avaliando como algo estranho para os padrões a que estavam acostumados. Considera que outras professoras mais tradicionais viam criticamente o seu trabalho, discordando totalmente de deixar as crianças mais

³⁹⁴ Entrevista com Maria Coeli de Almeida Vasconcelos (MCAV). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

³⁹⁵ MORAES, Raquel de Almeida; WIGGERS, Ingrid Dittrich. **Anísio Teixeira: educação, tecnologia e produção cultural**. In: **Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa** (1956-1964). (Organizadores: Eva Wairos Pereira et al.). Brasília: Universidade de Brasília, 2011. p. 67.

³⁹⁶ Entrevista com Therezinha de Jesus Rodrigues (TJR). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

soltas, brincando no chão. Para elas o certo seria colocar os alunos sempre em fila e exigir disciplina e muita atenção nas aulas.

Apesar das resistências às inovações educacionais por parte de algumas professoras, cabe ressaltar que as professoras que vieram para Brasília possuíam, de modo geral, sólida formação intelectual e profissional, além de revelarem certas características pessoais que as distinguiam, como: espírito aventureiro, abertura para o novo, disposição para a mudança. A decisão de vir para Brasília exercer o magistério era, para os professores e as professoras pioneiras, um ato de consciência sobre as possibilidades de inovar em matéria de educação.

Percebemos que a principal motivação do grupo de professoras foi o fato de vivenciarem a criação de uma cidade nova, com diretrizes inovadoras para a educação, arquitetura e relações sociais. O ensino estaria completamente em aberto para a experimentação, proporcionando às professoras a possibilidade de começar um ensino sem amarras e tentando criar uma proposta nova de ensino.

O fato de a cidade ter sido edificada *do nada e da noite para o dia* contagiava a todos. Entre os quase 1500 professores inscritos para a seleção para o Curso Normal recrutados em todo o território nacional, trezentos foram eliminados.³⁹⁷ Os docentes classificados apresentavam reconhecidamente elevado nível cultural e pedagógico e estavam mais abertos para o ensino em uma escola moderna. O diretor- executivo Armando Hildebrand, do Centro de Ensino Médio, que passou a denominar-se CASEB, sintetiza a proposta educacional:

Nosso desejo é que se formasse um espírito novo, consciência pedagógica, uma equipe que viesse fazer obra nova em Brasília. Tal apelo sensibilizou muitos candidatos, pessoas que deixaram posições boas nos seus Estados e vieram para a nova jornada, nova experiência, nova ação no campo do ensino, como grandes idealistas.³⁹⁸

É importante assinalar que foram oferecidas condições atraentes para os candidatos, como ajuda de custo de moradia, salários melhores que a média nacional, passagens para toda a família, condições de educação para os filhos etc., conforme mencionado anteriormente pelas professoras Maria Marta Cintra e Maria das Neves Morici. Não obstante, para além das vantagens oferecidas, Brasília representava muitos sacrifícios e disposição para abandonar o conforto e as atrações culturais e de lazer que outras cidades já estruturadas ofereciam.

³⁹⁷ PEREIRA, Eva W.; HENRIQUES, Cinira M. N. A primeira escola pública do Distrito Federal: memória e história. **Revista de Estudos sobre a Educação Pública**, Brasília, v. 1. n. 1, ago., 2013. p. 183.

³⁹⁸ HILDEBRAND, Armando. **Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar irregularidades no sistema educacional de Brasília**. Brasília: Câmara dos Deputados, 18 jun. 1963 (Projeto Resolução n. 53).

A professora Maria Inês Fontenele Mourão³⁹⁹, que chegou à cidade em 1960, aos 24 anos, recém-casada, reconhece que, passados 40 anos desde quando chegou a Brasília após ter sido selecionada por concurso para ser professora de Geografia, valeu a pena ter vindo e enfrentado tantos desafios. Porém, lamenta que tenha deixado o tempo escorrer pelos seus dedos, devido à carga intensa de trabalho e cuidados com família e filhos. Ela trabalhava em duas escolas públicas: A EIT – Escola Industrial de Taguatinga e na Escola Classe 28. Segundo Maria Inês Mourão (2010), o “tempo era curto para dar conta de tudo”. Conta que passados mais de cinquenta anos desde que resolveu “fazer o concurso e vir Brasília”, tentou fazer contato com antigas colegas do *Sacre Coeur de Marie*, colégio em que dava aulas no Rio de Janeiro antes de vir para Brasília, e, para sua surpresa, não conseguiu encontrar nenhuma delas ainda viva.

3.8 Agricultora japonesa – 1958

Quando chegamos à chácara de d. Florinda, no Núcleo Bandeirante, para realizar a entrevista, ela estava cuidando das suas mudas de flores e ervas medicinais que cultivava desde que chegou à cidade, em 1958.

Sua casa de madeira, num canto do terreno, permanecia do mesmo jeito de quando veio para Brasília, segundo ela. Pedi permissão para tirar uma foto dela com a casa ao fundo. Ela não aceitou a proposta. “Está velha e feia”, disse, no seu português com seu forte sotaque japonês.

Conta que chegou do Japão num grande navio no porto de Santos, aos nove anos de idade. Nunca mais voltou, nem pensa em voltar à terra de seus antepassados. Ela alega que está velha, ir para lá é muito longe. Vai lembrar de muitas coisas e não vai encontrar nada mais. Ir para o Japão é procurar tristeza, reflete. Ficar melhor aqui no cerrado com suas flores.

D. Florinda é um pouco maior que uma roseira e mais forte que uma vitória-régia. Desta forma poética, a jornalista Conceição Freitas (2018, p. 9) descreve uma das primeiras japonesas a chegar a Brasília. Na certidão de nascimento, ela se chama Take Yabushita Ofugi⁴⁰⁰. *Take* quer dizer bambu. O nome em português nasceu do envolvimento dela com as flores.

Relembra que trabalhava dia e noite nas plantações, melhorando o solo seco do cerrado fazendo um adubo natural com folhas de mamona, que cresciam com facilidade na área em que moravam. Da decomposição das folhas misturadas com cinzas dos gravetos que colhia do cerrado, fazia um potente adubo, que ajudava as suas hortaliças serem as mais bonitas da região.

³⁹⁹ Entrevista com Maria Inês Fontenele Mourão (MIFM). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

⁴⁰⁰ Entrevista com Take Yabushita Ofugi (TYO). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

Trabalhar com a terra, cuidar dos filhos e das tarefas domésticas sempre foi o trabalho da vida toda de Take Yabushita Ofugi.

As verduras, flores e ervas foram fonte de renda para Take Yabushita Ofugi ajudar nas despesas. Ela as vendia na Feira Permanente do Núcleo Bandeirante até se aposentar, aos 82 anos. Atualmente, com 103 anos, ela mora com a filha Harco Ofuji Rodrigues⁴⁰¹, que cresceu entre as flores de sua mãe na chácara em que plantavam de tudo. Relembra com carinho da mãe, que sempre fez a própria comida e cuidou das plantas e da casa. Quando algum filho sugeria que contratasse uma ajudante, dizia que não gostava de ficar vigiando e mandando em ninguém.

Take Yabushita Ofuzi é viúva de Ichizo Kazumi Ofuzi, um dos primeiros japoneses que, a convite de Juscelino Kubitschek, implementou o *cinturão verde* da nova capital. Relembra que o presidente Juscelino caminhava como seu marido pelo cerrado, em 1955, quando perguntou: “pois é japonês, a *japonesada* vem ou não para Brasília?”. Ele respondeu: ‘Mas aqui, presidente, a terra é muito ruim’. Aí o presidente Juscelino respondeu: ‘se fosse a terra boa não precisava de japonês’ [risos]”.

Foi assim que começou a história da colônia japonesa, recorda Take Yabushita Ofugi. O marido veio em 1956 domar a aridez do cerrado e liderar a colônia japonesa. Os brasileiros o chamavam de João. Logo que pôde, ele trouxe a família para morar na chácara da Cidade Livre.

No início vieram 20 famílias, que criaram a Cooperativa Mista Agrícola de Brasília, responsável pela criação do *cinturão verde* da nova capital, abastecendo com verduras e alimentos os trabalhadores e famílias. A cooperativa ocupou as terras no Riacho Fundo e na Cidade Livre. “Na primeira colheita fomos levar uma cesta farta de verduras para o presidente JK. Ele ficou contente [...]. Repetiu várias vezes: ‘traz mais japonês, traz mais japonês’”, afirmou Take Yabushita Ofugi.

A relação afetiva com as famílias japonesas é lembrada pela professora Maria das Neves Morici (2010). Ela deu aulas de português para os agricultores japoneses que chegavam no final do dia na escola Júlia Kubitschek. Conta que “chegavam cansados da longa jornada de trabalho iniciada nas primeiras horas da manhã”. Lembra que um dia sentiu falta de um dos alunos. “Era um menino pequenininho, com olhar muito vivo, bastante inteligente. Não sabia falar português. Fui encontrar ele no banheiro da escola. Ele tentava beber água do vaso. Relembro que, passados muitos anos, eu fui comprar verduras no Núcleo Bandeirante. Quando fui pagar

⁴⁰¹ Entrevista com Harco Ofuji Rodrigues Ofugi (TYO). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

e o rapaz me disse: você não paga nada. Você foi minha professora de português”, recorda, emocionada.

Muitas mulheres acompanhavam seus maridos, como d. Florinda e outras entrevistadas. Percebemos a recorrência no discurso de que, naquela época “mulher obedece [ao] marido”, como relata Take Yabushita Ofugi:

Meu marido veio no início da cidade com o Juscelino. Ele foi o fundador da colônia japonesa. Eu vim depois de dois anos. Cheguei com todos os filhos, todos pequenos. Era tudo pagão os meus filhos, não eram batizados. Aí o padre falou que precisa batizar para fazer exames e poder entrar na escola. Cada um arranhou uma madrinha e o Padre Roque batizou todos os meus filhos. Naquela época, mulher obedecia ao marido.⁴⁰²

Por outro lado, há o reconhecimento de que, “se elas não estivessem aqui, lutando lado a lado com os homens, eles não teriam resistido à solidão e às agruras do trabalho nas construções”, conforme relembra a professora Maria Maura Figueiredo⁴⁰³ (2010), que auxiliava nos trabalhos sociais com as famílias dos trabalhadores conduzidos pelo Padre Roque na Cidade Livre.

As contradições da transição dos papéis sociais nos anos iniciais da construção da Brasília atribuídos às mulheres, no tocante a subjugação aos maridos, é comentado por Iara Pietricovsky de Oliveira, em relação aos sentimentos de sua mãe vivenciados no período.

Minha mãe [Golda] realizou o sonho da vida dela, que era trabalhar e ser autônoma, de ser uma mulher emancipada, a despeito que, na época de 1960, ela não podia comprar nada sem autorização do meu pai. Não se abria crédito para mulheres sem assinatura do marido. Ela era muito revoltada com essas coisas. Ela buscou a emancipação dela. Acredito que a vinda para Brasília ajudou muitas mulheres a repensarem suas vidas e as condições discriminatórias que lhes eram impostas.⁴⁰⁴

Cabe ressaltar que o período inicial da construção da cidade foi marcado por situações de intensa dificuldade, tanto em relação ao extenuante trabalho nas obras, como em relação à precária infraestrutura urbana da cidade. As mulheres vivenciavam dentro de casa as agruras sofridas por maridos, filhos ou parentes.

Percebiam o quanto eram sofridas suas jornadas de trabalho e que muitas vezes enfrentavam condições desumanas de trabalho. Todos sofriam com a pressão dos prazos para a conclusão das obras e exigências da rapidez e perfeição da obra, conforme reconhece Ernesto Silva, no livro *História de Brasília: Um sonho, uma esperança, uma realidade* (1985). Nessa

⁴⁰² Entrevista com Harco Ofuji Rodrigues Ofugi (TYO). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

⁴⁰³ Entrevista com Maria Maura Figueiredo (MMF). Brasília, 2010. (Fonte deste projeto).

⁴⁰⁴ Entrevista com Iara Pietricovsky de Oliveira (IPO). Brasília, 2010 (Fonte deste projeto).

obra, ele relata suas memórias de quando exercia a direção da Novacap – empresa responsável pelo gerenciamento de todos os serviços da fundação de Brasília.

A remoção da terra e da vegetação do cerrado para a realização das obras da cidade produzia muita poeira, *pó avermelhado quase sufocante*. Aliada ao calor e à baixa umidade do ar da região, isso contribuía para inúmeros acidentes e desconforto dos trabalhadores das obras da fundação ocasionados pelo trabalho extenuante e pelas pouquíssimas horas de descanso dos operários.

Concluindo esse capítulo, nos perguntamos: o que podem ter em comum essas memórias e quais significados procuram preservar?

Percebemos perspectivas diferentes entre si, mas em alguns momentos convergem aspectos em comum. Em grande maioria, as mulheres relatam que se mudaram para Brasília acompanhando os maridos e/ ou familiares, alguns por terem sido contratados para trabalhos em órgãos públicos ou nas obras, outros apenas movidos pelo espírito de aventura para tentar uma vida nova na capital que abria muitas frentes de trabalho.

Após chegarem ao Planalto Central, as mulheres perceberam que podiam buscar o que elas mesmas poderiam fazer, além de acompanhar os maridos.

Em relação aos seus papéis sociais, as mulheres no período relatam que se viam como subjugadas aos maridos, embora aleguem que, aos poucos, iam acontecendo distensões dessas relações em 1960, ano da inauguração de Brasília. Percebemos que, para algumas, foi motivo de orgulho terem tentado alguma ação ou adoção de comportamentos sociais que proporcionaram oportunidades, como que testando os limites dos costumes da época e quebrando paradigmas.

É o caso da locutora de rádio Cleusa de Oliveira Menezes Senna, que aproveitou a oportunidade aberta para trabalhar em algo que não planejara até então. Ou então, o questionamento comportamental lembrado pela secretária Zeni Moreira do uso do traje de banhos de duas peças – biquíni, que na época significava um ato de rebeldia ou atrevimento. Vivenciar esse fato no tempo da fundação de Brasília gerava julgamentos internos e externos sobre algo que hoje é comum.

Outro exemplo é o da professora Therezinha de Jesus Rodrigues, vinda do Rio Grande do Sul, que conta ter usado, pela primeira vez na vida, calças compridas, depois de ver suas vizinhas ou colegas de outros estados que já faziam uso com naturalidade, caminhando pelas ruas empoeiradas da cidade em construção. Ela recorda que usar calças compridas não era permitido para as mulheres gaúchas.

Por outro lado, a japonesa Take Yabushita Ofuji ressaltava seu papel de dona de casa e

de ajuda ao marido. Porém, ela mesma comenta que aproveitou as chances para aprender uma nova língua – o português – e exercitar a jardinagem e ter seu sustento econômico garantido com a venda de suas hortaliças.

De toda forma, cabe ressaltar que cresceu no final da década de cinquenta a participação feminina no mercado de trabalho, especialmente no setor de serviços de consumo coletivo, em escritório, no comércio ou em serviços públicos. Surgiram então mais oportunidades de emprego em profissões como as de enfermeira, professora, funcionária burocrática, médica, assistente social, vendedora, etc⁴⁰⁵. Dentre as entrevistadas muitos relatam suas vivências exercendo essas profissões elencadas. Para ingressarem nessas profissões, exigia-se que as mulheres tivessem certa qualificação. Essa tendência demandou uma maior escolaridade feminina e provocou, sem dúvida, mudanças no *status* social das mulheres.

Entretanto, observamos que eram nítidos os preconceitos que cercavam as atuações das mulheres, seja no âmbito privado ou no público. No imaginário social da época vigorava a visão das mulheres como donas de casas e mães zelosas, e de que seria incompatível conciliar casamento com vida profissional. Um dos principais argumentos dos que viam com ressalvas o trabalho feminino, segundo Carla Bassanezi⁴⁰⁶, era o de que, trabalhando, a mulher deixaria de lado seus *afazeres domésticos* e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só à organização doméstica como também à estabilidade do matrimônio.

Lugar de mulher é o lar [...] a tentativa da mulher moderna de viver como homem durante o dia, e como mulher durante a noite, é a causa de muitos lares infelizes e destroçados [...]. Felizmente, porém a ambição da maioria das mulheres ainda continua sendo o casamento e a família. Muitas, no entanto, almejam levar uma vida dupla: no trabalho e em casa, como esposa, a fim de demonstrar aos homens que podem competir com eles no seu terreno, o que frequentemente as leva a um eventual repúdio ao papel feminino. Procurar ser a noite a esposa e mãe perfeitas e funcionária exemplar durante o dia requer um esforço excessivo [...]. O resultado é geralmente a confusão e a tensão reinantes no lar, em prejuízo dos filhos e da família.⁴⁰⁷

Outro perigo alegado era a perda da *feminilidade e dos privilégios do sexo feminino* – respeito, proteção e sustento garantidos pelos homens –, praticamente fatal a partir do momento em que a mulher entra no mundo competições antes destinadas aos homens, conforme sublinha Bassanezi⁴⁰⁸. Segundo a autora, essas questões foram muito utilizadas pelas revistas da época

⁴⁰⁵ BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-640. p. 624.

⁴⁰⁶ Ibid., p. 624.

⁴⁰⁷ REVISTA QUERIDA, nov. 1954 *apud* BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-640. p. 624.

⁴⁰⁸ BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-640. p. 624.

para influenciar as mulheres que trabalhavam fora “não perderem sua reputação pessoal e não se descuidassem da aparência e soubessem manter-se femininas”.

Preocupação nenhuma, nem trabalho de qualquer espécie devem obscurecer o que o namorado, o noivo e o marido procuram fundamentalmente na eleita do seu coração [...] a mulher, a companheira amorosa que governe sua casa, a mãe de seus filhos e depois, então podem vir as demais qualidades)⁴⁰⁹.

[alguns] homens rejeitam a ideia de casar-se porque acham que as mulheres se tornaram muito independentes. [...] [pensam eles que] as mulheres hoje são quase agressivas. Disputam conosco a primazia nas repartições, nos escritórios, nos esportes e na vida social. Se em vez de companheiros, seremos competidores, para que casar?⁴¹⁰.

Ao se refletir a respeito do papel social das mulheres e a sua inserção no mercado de trabalho, com especial ênfase às casadas, na década de sessenta, em geral, percebemos que essas mulheres passaram a conviver com muitos conflitos, devido à quebra de paradigmas. Contra visões conservadoras, se delineava nova realidade social, que estimulava a entrada no mercado de trabalho e uma maior qualificação profissional e educacional. Notamos, assim, que se abriam às mulheres maiores possibilidades de independência econômica, para suprir necessidades de consumo pessoal e familiar.

⁴⁰⁹ JORNAL DAS MOÇAS, 05 ago. 1954 *apud* BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-640.

⁴¹⁰ (O CRUZEIRO, 14 fev. 1959 *apud* BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-640.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu acho que Brasília não teria sido construída como foi naquela rapidez se não tivesse mulher... não é que iam bater martelo, carregar tijolo. Não é isso. Muitas estavam lado a lado dos homens, outras davam a retaguarda para os homens [...] e, ao mesmo tempo, procuravam encontrar oportunidades para exercer seus ofícios para além das tarefas domésticas.

(Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho, 2010).

Ao criar condições para o registro e valorização das memórias femininas da construção de Brasília, evidenciando o olhar feminino sobre os fatos históricos da cidade, quebra-se um paradigma: a lógica predominante da narrativa masculina sobre o processo da fundação de Brasília. Deste modo, constata-se a premência de ampliação de pesquisas e maior aprofundamento sobre o *lugar da mulher* na história e na história de Brasília.

Essa pesquisa evidenciou que a memória age como articulador entre presente e passado, para além do que é elaborado como história pública, e conhecimento unânime da cidade. Desta forma, ambicionamos fortalecer o campo de estudos sobre a história das mulheres de Brasília. Proporcionando, assim, reflexões sobre o reconhecimento da participação das mulheres no processo inicial da cidade, contribuindo para a retirada do feminino do silenciamento de suas atuações na memória social, nos anos de 1960.

De certa maneira, percebemos tentativas das entrevistadas de reproduzir em suas narrativas inquietudes com as mudanças sociais e culturais que estavam ocorrendo em relação ao papel social das mulheres. Notamos também algumas semelhanças nessas narrativas, em especial no que diz respeito ao *orgulho de ser mulher e de ter vindo para Brasília*, como se as difíceis condições iniciais da cidade, mais rudimentares, tivessem contribuído para uma transformação positiva nas vidas dessas mulheres.

Cabe ressaltar que, nas narrativas elaboradas pelas entrevistas, as relações de gênero em Brasília evoluíram num momento de contradição: enquanto muitas mulheres enfrentaram dificuldades distintas e tentaram recriar relações patriarcais tradicionais dentro dessa sociedade emergente, outras sentiram-se fortalecidas pela distância física dos centros urbanos tradicionais, o que as motivou nas suas buscas de crescimento pessoal e de maior emancipação financeira. No entanto, mesmo entre as mulheres que reivindicavam maior *liberdade*, elas reproduziram e reforçaram, em diferentes graus, os papéis e expectativas tradicionais de gênero e classe. Além disso, a extensão da liberdade pessoal e do empoderamento variou de acordo com a raça e a

classe social de cada uma mulher, em padrões que ressoaram com as relações históricas de gênero no Brasil.

Nesse conjunto de relatos das mulheres que participaram da fundação de Brasília, podemos perceber a dificuldade em se estabelecer numa cidade em construção, a pouca presença de mulheres nesse ambiente e os diferentes papéis assumidos. Enquanto algumas mulheres tiveram a oportunidade e a coragem de adentrar a esfera pública, executando trabalhos antes só feitos por homens, outras fizeram um trabalho de retaguarda para os homens. Percebe-se ainda a ocupação das mulheres relacionadas com atividades operacionais e secundarizadas. Esses entendimentos são, aqui, apreendidos como uma “forma de ser e de estar num mundo sob o signo da alteridade e da diferença do tempo, sem o que não é possível a reconfiguração do passado”, como bem assinala Paul Ricouer (1994, p. 41).

Cabe ressaltar que a criação de Brasília proporcionou fenômeno único gerador de um forte fluxo migratório no Brasil para uma região no centro do país, até então, na década de 1950/60, com baixa densidade populacional e desenvolvimento econômico. Ou seja, há, de fato, um signo da alteridade em trânsito naquele momento e lugar.

Outras narrativas apresentam as mulheres orbitando em torno da figura masculina, executando trabalhos domésticos e que são pouco reconhecidos como trabalho, mas, sim ligados a afazeres ditos comuns que uma mulher deveria executar para ser a “gerente do lar”, no bem servir ao marido e a família.

Observamos ainda que as mulheres estão mais cientes da possibilidade de exercer um novo papel social, como exemplificadas por Golda e Iara Pietricovsky de Oliveira. Outras tentaram mostrar suas buscas de criar certo protagonismo, com a ideia do “estar ao lado” dos maridos, cumprindo um papel estabelecido pelo patriarcado, e ao mesmo tempo procurando abrir espaço para sua autonomia profissional, como defende a arquiteta, Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho.

Como bem evidencia Losandro Antonio Tedeschi⁴¹¹, integrar a categoria gênero no estudo da história “não está associado a abordar a questão feminina como um questionamento exótico. Não é interessante, nem justo com a realidade, manter uma perspectiva única sobre a condição da mulher. O interessante é integrar a mulher ao processo histórico”. Atrelado a isso, se faz necessário compreender a temporalidade contada na fala dessas mulheres ao relatar sobre sua trajetória, ou de outras mulheres que não foram alcançadas por pesquisas como estas. As análises das narrativas apontaram para questões relativas à percepção dos papéis sociais

⁴¹¹ TEDESCHI, Losandro Antonio. Gênero e Historiografia nos Labirintos da História. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 28, n. 2, jul./dez. 2015. p. 65.

adotados pelas mulheres de acordo com regras marcadas pelo machismo da época que, por conseguinte, ditaram o tamanho de suas participações nos registros públicos.

A ativista dos direitos humanos Iara Pietricovsky, que chegou em 1960, com apenas seis anos na cidade, toda empoeirada, oferece uma interessante avaliação do significado simbólico de Brasília:

Brasília é uma mulher emancipada nos seus cinquenta anos de idade, com muitas contradições, mas influenciando o comportamento [social] do Brasil e do mundo, é uma mulher que foi capaz de se expandir e transformar na verdadeira capital do Brasil, ao mesmo tempo que se colocou no âmbito da sociedade internacional (IARA PIETRICOVSKY DE OLIVEIRA, 2010).

A metáfora encaixa perfeitamente. Tal como as suas mulheres pioneiras, Brasília teve de ultrapassar muitos obstáculos para existir. A criação de Brasília, como bem avalia Larissa Pires⁴¹² “refletiu muitas contradições sociais, culturais e mesmo políticas e acabou por não cumprir plenamente a sua promessa utópica, mas no final, as pessoas que chegaram no início puderam participar do momento histórico de verem Brasília se transformar em uma capital totalmente inovadora”.

Destarte, nos relatos de cada entrevistada foi possível se aproximar da relevância social que há nessas memórias, as inquietações em relação ao seu papel social na consolidação da nova capital do Brasil. As narrativas trazem questões referentes à solidariedade, à coragem, às proibições, às aventuras de viver num espaço em construção, por meio do qual se tornou objeto de estudos históricos. Mesmo que sejam reconhecimentos pautados em fragmentos, José Jorge Carvalho⁴¹³ aponta que são “fragmentos que implicam subjetividade, relações hierárquicas, que compõem nossa realidade”, o que pode ser visto ao percebemos que o deslocamento das mulheres que habitavam Brasília é muito maior do que tem sido dado a ela.

Ainda foi possível abordar formas de vivências de resistência de forma plural e individual. Como o resgate das organizações que se formaram durante o período de fundação de Brasília, mas também sob a ótica dos movimentos singulares que foram realizados pelas narradoras, como o *Grupo das Dez na Vila Planalto* (acampamento pioneiro responsável pela edificação do Palácio do Planalto). O movimento político em prol da permanência da Vila Planalto foi encabeçado por dez mulheres pioneiras, dentre elas a professora Wanda Clementina Dias Corso, a lavadeira e cozinheira Josefa Carmelita da Silva França, Maria Vicentina de Cássia (Maria do Chapéu), Celina Quitéria Zeferino e Jandira Carlos de França, que tivemos a

⁴¹² PIRES, Larissa. **Gender in the modernist city: shaping power relations and national identity with the construction of Brasília.** Iowa State University, History of Technology and Science. 328 p. 2013. p. 302.

⁴¹³ CARVALHO, José Jorge. **Poder e silenciamento na representação etnográfica.** Brasília: UNB, 2002

honra de entrevistar e incluir suas narrativas nesse trabalho. Cabe lembrar que, no projeto da fundação de Brasília, os acampamentos das construtoras seriam “cidades provisórias”. Terminadas as obras, esses espaços seriam desativados. Ocorre que em muitos desses acampamentos o contingente de famílias foi sendo ampliado muito mais do que o previsto, e a permanência no local foi sendo requisitada por esses moradores. No caso da Vila Planalto, a atuação das mulheres foi fundamental para que os moradores não fossem retirados e transferidos para a periferia de Brasília.

Outro movimento de resistência e luta política de mulheres nesse período da fundação de Brasília foi a mobilização, em 1960, de um grupo de lavadeiras, que se organizaram para defender uma bomba d’água, na cidade-satélite de Taguatinga. A bomba é, então, requisitada pelo engenheiro Israel Pinheiro para auxiliar na irrigação de seu parreiral na Granja do Ipê, provocando uma forte reação das lavadeiras e a intervenção da Guarda Especial de Brasília (GEB). Os guardas foram expulsos da região a pauladas dadas pelas mulheres, e a bomba ficou garantida pela vigília permanente das lavadeiras, até quando Sarah Kubitschek conseguisse o registro de doação da bomba d’água para Taguatinga. Esse episódio foi retratado, em 1982, no filme *Taguatinga em Pé de Guerra*, curta metragem em 35 mm, COR, 18 min, com direção de Armando Lacerda. Uma das atrizes interpretando a lavadeira em suas lutas pela defesa da bomba d’água, na cidade-satélite de Taguatinga é a entrevistada Maria Coeli de Almeida Vasconcelos, que rememora nessa pesquisa suas vivências como jovem professora do CASEB, em 1960.

Acredito que é fundamental, depois da elaboração da tese, ir além dos eixos temáticos aqui eleitos e desenvolvidos – silenciamento das memórias femininas na história da construção de Brasília, relações sociais desiguais entre homens e mulheres, os cantos da memória, a fundação da nova capital pela perspectiva das mulheres – que deram a ver e a ler algumas possibilidades para constar as histórias das mulheres pioneiras selecionadas para esse estudo.

Percebe-se a necessidade de ampliação de discussões para melhor compreender as mulheres como sujeitos políticos visíveis, pois, mesmo prestando contribuições no decorrer da história, elas não têm encontrado o devido lugar nas reflexões acadêmicas, jornalísticas e/ou orais. Nesse sentido, destacamos que foi possível recuperar informações, frequentemente não comentadas, que demonstram que, mesmo no discurso do presidente Juscelino Kubitschek, ao pontuar que não sabia para quem se erguia a cidade, ou a referir-se a Brasília como “cidade 2000”, uma clara referência ao modernismo e futuro, nota-se que não se discutia, promovia ou revelava-se a situação das mulheres pioneiras, que estavam dedicando-se com afinco às

inúmeras tarefas para concretude da nova capital e, muitas vezes, sendo expostas diariamente a situações em condições precarizadas.

Consideramos simbolicamente que os estudos das memórias femininas da construção de Brasília constituem um rio, cujas águas foram represadas por mais de 50 anos e que agora alguns caminhos se abrem à procura da geração de significados históricos. A realização desse trabalho proporcionou fazer uma travessia para outra margem do rio – buscando uma terceira margem ao sair da condição de documentarista para transitar nos caminhos da história em que valorize as experiências das mulheres, seus percursos, encontrando beleza nas pequenas coisas, sonhos e lutas. Trata-se da adoção de uma prática historiográfica que inclua a produção de discursos e de ensino aprendizagem, conforme defendido por Durval Muniz:

Um discurso historiográfico que, como redemoinho, atravesse os monturos da memória social, os faça serem postos em movimento, relançando-os para novas agitações, para adquirirem novas configurações. É preciso um discurso historiográfico que revolva os depósitos, os repositórios, os lugares de memória, e faça desmanchar aquele relevo já cristalizado, revelando os ciscos e os vermes que os trabalham e os habitam. Uma história capaz de descobrir beleza no pequeno, no ínfimo, no pobre, no traste, no abandonado, no trapo, no vil, no chão (ALBUQUERQUE, 2007, p. 94).

É importante assinalar a importância de novos estudos que possam identificar grupos de mulheres moradoras nas regiões do Gama, Ceilândia, Planaltina, Paranoá e Brazlândia, apresentando, no discurso e nas práticas sociais ocorridas durante a fundação de Brasília, uma visão “fora do Plano Piloto”. Desta forma, a ampliação da pesquisa, fazendo a intersecção entre história e a participação das mulheres, proporciona maior conhecimento desses núcleos habitacionais pioneiros que também tiveram sua importância histórica nesse período e que, no entanto, foram poucos estudados.

Outra possível linha de investigação diz respeito às mulheres surdas que vieram para Brasília, como a irmã Helena, e que participaram do processo de edificação do espaço comunitário onde hoje se localiza o Instituto Nossa Senhora do Brasil (INSB), na 914 Sul. Sabe-se pouco acerca das condições de vida e dos espaços de convivência dessas mulheres durante a fundação da capital federal. Saber quais as expectativas e possibilidades destas mulheres em relação aos espaços urbanos da capital pode trazer informação importante sobre a relação ambiente e espaço pessoal de um ponto de vista da surda usuária de língua de sinais. Quão novos e acessíveis foram os signos da nova capital para surdas vindas do Rio de Janeiro no final dos anos 50? Estas informações encontram-se na memória das primeiras freiras que vieram para Brasília.

Sugerimos também estudos comparativos entre diferentes gerações, que poderiam proporcionar reflexões relevantes a partir do diálogo das matriarcas pioneiras, que “comeram poeira do início de Brasília” com as filhas e netas, sendo que estas últimas vivenciam uma realidade muito diferente da relatada por suas avós.

Esperamos que as narrativas apresentadas nesse estudo possam proporcionar oportunidade de reflexão sobre a valorização e a preservação de memórias femininas sobre essa etapa inicial da construção da nova capital do Brasil. Ao dialogar com as primeiras mulheres que chegaram a Brasília, percebe-se exatamente esse processo do recontar a história da história – mencionado por Paul Ricoeur⁴¹⁴. Em certos momentos, podemos constatar que algumas histórias relatadas já faziam parte de enredos idealizados ou inventados, para justificar o que já vinha sendo contado recorrentemente. Ou mesmo a repetição de um enredo sem ter a certeza quanto à veracidade do fato. Desta forma, notamos o antigo dilema dos historiadores, que nos faz atentar, na prática, o que seria a verdade histórica de uma memória enquadrada? Em um número do *Journal de Psychologie* dedicado à construção do tempo humano I. Meyerson⁴¹⁵ ressaltava que a memória, enquanto se distingue do hábito, representa uma invenção difícil, a conquista progressiva pela pessoa do seu passado individual, como a história constitui para o grupo social a conquista do seu passado coletivo.

Enfim, acreditamos que reconhecer a importância da preservação das memórias femininas da construção de Brasília e respeitar a sua relevância na história de Brasília poderá contribuir para evidenciar o quanto a história da fundação da capital do Brasil precisa ser revisada, gerando uma reorganização de suas interpretações. Cabe conferir visibilidade pública à presença das mulheres nessa história, preservando a memória da cidade e contribuindo para a retirada do apagamento de suas atuações na memória social. Assim sendo, damos um passo importante para que o silenciamento historiográfico praticado em relação às mulheres da fundação de Brasília seja algo do passado.

⁴¹⁴ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v. 1.

⁴¹⁵ I. MEYERS. **Le temps, la mémoire, l'histoire**. Journal de Psychologie, 1956, p.335.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBURQUERQUE, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Campinas, Unicamp, 2007.
- ALMEIDA, Larissa Brunnon; NASCIMENTO, José Gomes; SILVA, Anna Lorena M. **Representações de mulheres no contexto de construção da nova capital, Brasília (1956-1961)**. Relatório Final (Iniciação Científica) – Pós-Graduação e pesquisa, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, 2016.
- ALVES, Lara. A construção de Brasília: uma contradição entre utopia e realidade. **Revista de História da Arte e Arquitetura**, Campinas, p.123-132, 2005.
- AMÂNCIO, Lígia; CARMO, Isabel do. **Vozes insubmissas: A história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo**. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- AUGÉ, Marc. **Les formes de l'oubli**. Paris: Payot, 1988.
- BARBOSA, Ignez. **Brasília: mitos e contradições na história de Brasília**. **Brasília**: [s.n], 2010. v. 50.
- BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-640.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BENJAMIN, Walter. **New Left Review**. 48.ed. London, 1968.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, W. (Ed.). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos). p. 157.
- BIZELLO, Maria Leandro. Imagens de convencimento: cinejornais e filmes institucionais nos anos JK. **ArtCultura**, Uberlândia, v.11, n. 18, p. 43-58, jan-jun. 2009.
- BOBBIO, Noberto. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOMENY, Helena. Utopias de cidade: as capitais do modernismo. In: **O Brasil de JK**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

BORGES, Jorge Luis. **Antologia Crítica del Cuento Hispanoamericano del siglo XX: 1920-1980**. Madrid: Alianza, 2003.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

CAMPOS, Victoria. **Virtudes públicas**. Madrid: Piliar Cortés, 1996.

CARDOSO, Elna. **"Nós também fazemos parte desta História"**: Memória de Mulheres Negras em Brasília. 196 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia e desenvolvimento: Brasil JK-JQ**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CARVALHO Helena Maria Viveiros de Sousa. **O despertar do Gigante**. Brasília: América, 2010. Disponível em: <https://cerlalc.org/rilvi/brasil-0-despertar-do-gigante-2343/>.

CARVALHO, José Jorge. **Poder e silenciamento na representação etnográfica**. Brasília: UNB, 2002.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

CHÂTELET, François. **Século XX**. In: História da Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COELHO, Christiane Machado. **Utopias urbanas: o caso de Brasília e Vila Planalto**. Revista Cronos, v. 9, n. 1, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Censo Experimental de Brasília: População, Habitação**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

COSTA, Cláudia de Lima. O tráfego de gênero. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n.11, p.127-140, 1998. p. 135.

COSTA, Cléria B. **Um passeio com Clio**. Brasília: Paralelo 15, 2002.

COSTA, Cléria Botelho. Nos jardins da memória: Brasília nos anos de 1960 e 1970. In: COSTA, Cléria Botelho; BARROSO, Eloísa Pereira. **Brasília: diferentes olhares sobre a cidade**. Brasília: UnB, 2015. p. 29-57.

COUTO, Ronaldo Costa. **Brasília Kubitschek de Oliveira**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DE'ISOLA, Luiz Humberto de Faria; BOIANOVSKY, Noemia Barbosa. **A Bailarina Empoeirada** Brasília: Annabel Lee, 2013. v.1.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fapesp, 1999.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**. São Paulo, v. 6, p. 9-25, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres**: As vozes do Silêncio. In: FREITAS, Marcos Cesar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 220-224.

DEPLANGE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. A “**Querelle des Femmes**” da Europa à América: do literário e político nos escritos de Christiane de Pizan e Soror Juana de la Cruz. In: _____ (org.). **As intelectuais da Idade Média**: pensadoras, místicas, cientistas e literatas. João Pessoa: UFPB, 2015.

DESCARRIES, Francine. Teorias Feministas: liberação e solidariedade no plural. In SWAIN, Tânia Navarro (org.). *Feminismos: teorias e perspectivas: textos de história*. **Revista da pós-graduação em História da UnB**, Brasília, v. 8, n.1/2, p. 9-46, 2000.

DIAS, Etevaldo. **Do concreto ao papel: o nascimento de Brasília na imprensa mundial**. Brasília: Santafé Idéias e Comunicação. 2010.

FARGE, Arlette. Da diferença dos sexos. In: _____. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 103-116.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; Alberti, VERENA. **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

FISHER, Sylvia. Algumas Brasília. In: FILS, Alexander; ECKSTEIN, Beate; MERLINGER, Martina (Org.), **Brasília, Architektur der Modern in Brasilien**: Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Roberto Burle Marx. Bonn: IFA. 2000. p. 9-25.

FONTENELE, Tânia. **Memórias Femininas da construção de Brasília**. Catálogo Expositivo – 10 de abril a 02 de junho de 2013 - Museu Nacional dos Correios – Ministério da Cultura – Brasília – DF.

FONTENELE, Tânia. Mulheres na construção de Brasília: invisibilidade feminina na História de Brasília. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO. 11, WOMEN'S WORLDS CONGRESS: **Anais Eletrônicos**... Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499459015_ARQUIVO_Modelo_Texto_completo_MM_FG-3-TaniaFontenele.pdfAcesso em: 20 out. 2020.

FONTENELE, Tânia. **Poeira e Batom no Planalto Central**: 50 mulheres na construção de Brasília/ Tânia Fontenele Mourão e Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira. Brasília: 2010. 100p.: il.color.; 24 cm x 24 cm. CDD: 305.4

FREITAS, Conceição. Longa jornada de um sonho. *Correio Braziliense*, 04 de junho de 2011. Cidades, 32/33. In: _____. **Catálogo Memórias Femininas da construção de Brasília**. Brasília: Athalaia, 2013, p.81-84.

FREITAS, Conceição. **Bravos Candangos**. Brasília: Da autora, 2018.

FREITAS, Conceição. **Nem no céu nem na arquitetura**: a mais bela Brasília está sob nossos pés. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/conceicao-freitas/nem-no-ceu-nem-na-arquitetura-a-mais-bela-brasilia-esta-sob-nossos-pes>. Acesso em 28 out. 2021.

FREITAS, Conceição. **André Malraux caiu do céu para nos mostrar onde está a esperança**. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/conceicao-freitas/andre-malraux-caiu-do-ceu-para-nos-mostrar-onde-esta-a-esperanca>. Acesso em: 28 out. 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Dizer o tempo. In: _____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 69-80.

GLUCK, Sherna. What's so Special about Women? *Women's Oral History*. *Frontiers. A Journal of Women Studies*, v. 2, n. 2, p. 3-17, 1977.

GOMES, Ana Lúcia de Abreu Gomes. **Brasília: de espaço a lugar, de sertão a capital (1956-1960)**. Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, 2008.

GONZALEZ NETTO, Suely Franco As formas concretas da segregação residencial em Brasília. In: PAVIANI, Aldo (Org.). **Brasília, ideologia e realidade**: espaço urbano em questão. São Paulo: Projeto, 1985. p. 81-100.

HARTOG, François. “Ver e dizer: a via grega da história (séculos VI-IV a.C.)”. In: **Evidência da história. O que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HILDEBRAND, Armando. **Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar irregularidades no sistema educacional de Brasília**. Brasília: Câmara dos Deputados, 18 jun. 1963 (Projeto Resolução n. 53).

HOFFMAN, Rodolfo. LEONE, Eugenia T. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade de renda familiar per capita no Brasil: 1981-2002. **Revista Nova economia**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 35-58, maio/ago. 2004.

JARDIM, Rejane Barreto Jardim; PIEPPER. Aproximações e divergências: história social, história cultural e a perspectiva de gênero. **Métis: história & cultura**, Caixas do Sul, v. 9, n. 18, p. 87-97, jul./dez. 2010.

KUBITSCHKEK, Juscelino. **Diário de Brasília 1956-1957**, Serviço de Documentação da Presidência da República, Rio de Janeiro, 1960.

KUBITSCHKEK, Juscelino. **Meu caminho para Brasília: 50 anos em 5**. Rio de Janeiro: Block, 1978. v. 3.

KUBITSCHKEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, 2000.

KUCK, Cláudio. O mundo no nascimento de Brasília. *In*: DIAS, Etevaldo (Org.). **Do concreto ao papel: o nascimento de Brasília na imprensa mundial**. Brasília: Santafé Idéias e Comunicação. 2010.

LAFER, Celso. **Brasil, Brasília e os brasileiros**. Brasília: Itamaraty. 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Candangos e Pioneiros**. Série Antropologia, n. 203. Brasília, 1996.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte (MG): UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

LEITE, Francisco Barboza. **O Pau-de-arara: tipos e aspectos do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1966.

LISPECTOR, Clarice. **Brasília. Para não esquecer**. São Paulo: Siciliano, 1992.

MACEDO, Jose Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 1990. (Repensando a história).

MADEIRA, Felícia Reicher. **Estrutura do emprego e trabalho feminino no Brasil: 1920-1970**. São Paulo, Cebrap, 1973.

MAGALHÃES, Alessio Nancy. **Mulheres presentes na história de Brasília: direito à vida**. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

MANES, Facundo. Así funciona a memoria. **El País**, 10 de mar. de 2016. Disponível em: <https://elpais.com/autor/facundo-manes/>. Acesso em: 20 out. 2020.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. São Paulo: EDUSC, 2002.

MEYERS, Irwing. **Le temps, la memorie, l'histoire**. *Journal de Psychologie*, 1956, p.335.

MORAES, Raquel de Almeida; WIGGERS, Ingrid Dittrich. **Anísio Teixeira: educação, tecnologia e produção cultural**. *In*: **Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. (Organizadores: Eva Wairos Pereira et al.). Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Luiz Cruls, o homem que marcou o lugar**. Brasília: Qualidade, 2003.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo Muniz. Mulheres na historiografia brasileira: práticas do silêncio e de inclusão diferenciada. *In*: STEVENS, Cristina *et al* (org.). **Gênero e Feminismos: convergências (in) disciplinares**. Cristina et al. Brasília: Ex Libris, 2010. p. 65-78.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: Leituras cruzadas. **OP SIS**, Catalão, v.15, n.2, p.316-329, 2015.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo Muniz. Mulheres, Gênero e História: a constituição de uma área de estudos. *In*: SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; ZARBATO, Jaqueline A.M. (org.). **História das mulheres e das relações de gênero no Centro-Oeste**: trajetórias e desafios/ (organizadoras) – Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

NASCIMENTO, José Gomes. Representações de gênero em ocorrências policiais de violência contra mulheres na construção de Brasília. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 295-328, jan./abr, 2019

NAVARRO; SWAIN, Tania. Histórias feministas, história do possível. *In*: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane de; ZANELLO, Valeska (org.). **Estudos Feministas e de Gênero**: articulações e perspectivas. Florianópolis: Mulheres, 2014.

NAVARRO; SWAIN, Tania. O que a história não diz, nunca existiu? as amazonas brasileiras. **Caminhos da História**, Montes Claros, v. 9, p. 29-48, 2004.

NEVES, Margarida de Souza. História e memória: os jogos da memória. *In*: MATTOS, Ilmar Rohloff (Org). **Ler e escrever para contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Acces, 1998.

NUNES, Brasilmar Ferreira. **Brasília**: a fantasia corporificada. Brasília: Paralelo, 15, 2004

OLIVEIRA, M. **Brasília**: o mito na trajetória da nação. Brasília: Paralelo 15, 2005.

OLIVEIRA, Tony Marcelo Gomes de. Marcas do processo de formação do espaço urbano de Brasília. **Universitas Humanas**, Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 49-76, jan. /dez. 2008.

PAIVA, Joaquim. **Foto na Hora: Lembranças de Brasília**. Editora Caixa Cultural, 2010.

PEREIRA, Eva W.; HENRIQUES, Cinira M. N. A primeira escola pública do Distrito Federal: memória e história. **Revista de Estudos sobre a Educação Pública**, Brasília, v. 1. n. 1, ago., 2013.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. (tradução de Viviane Ribeiro) São Paulo: Edusc, 2005.

PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

PINHEIRO, Joel Carrion. **Trabalho feminino no Brasil**: análise da evolução da participação da mulher no mercado de trabalho (1950-2010). Trabalho de Conclusão de Graduação (Bacharel em Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

PINTO, Pimentel Julio. **Uma memória do mundo**: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

PIRES, Larissa. **Gender in the modernist city: shaping power relations and national identity with the construction of Brasília**. Iowa State University, History of Technology and Science. 328 p. 2013.

PRADO, ADELIA. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenção da subjetividade. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Cultura histórica em debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

REIS JÚNIOR, Reinaldo de Lima. **Cidade, trabalho e memória**: os trabalhadores da construção de Brasília. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008,

REIS MADSON, Carlos. **Mulheres Invisíveis**. Correio Brasiliense, Brasília, p.13, 20 Abr. 2015.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: UnB, 2008.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v. 1.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. (tradução Alain François). 6ª reimpressão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

RODRIGUES, Georgete Medleg. **Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília**. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1990.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. O direito à memória: a história oral de mulheres que lutaram contra a ditadura militar (1964-84). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n.10, p.108-113, jul/dez., 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, Michele do. **A construção de Brasília nas tramas de imagens e memórias pela imprensa escrita (1956-1960)**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, 2008.

SANTOS, Milton. **A cidade nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de Araújo. História oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, n. 6, p. 191-201, jan./dez. 2007.

SARLO, Beatriz. **O tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tiempo Pasado**: Cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

SCOTT, Joan Wallace. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, n. 45, p. 327-351, Dez. 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, p.5-22, 1990.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília**: um sonho, uma esperança, uma realidade. 2.ed. Brasília: Senado Federal, 1985.

SIMÕES, Josanne Guerra. **Sirênio Canto**: Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SOHIET, Rachel; COSTA, Suely Gomes. **Interdisciplinaridade**: história das mulheres e estudos de gênero. **Gragoatá**, Niterói, n. 25, p. 29-49, 2008.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa histórica das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 54, dez., 2007

SOHIET, Rachel. **História das Mulheres**. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo (Org.). Domínios da história. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOHIET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Passanezi; PEDRO, Joana Maria Pedro (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUZA, Nair Heloísa Bicalho. Construtores de Brasília. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 24, n. 2, p. 53-53, 1984.

SWAIN, Tânia Navarro. Histórias feministas, história do possível. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues; ZANELLO, Valeska (org.). **Estudos Feministas e de gênero**: articulações e perspectivas. Florianópolis: Mulheres, 2014. Disponível em: <http://www.coloquiofeminista2014.com>. Acesso em: 09 maio 2020.

SWAIN, Tânia Navarro. **O que a história não diz, nunca existiu?** as amazonas brasileiras. **Caminhos da História**, Montes Claros, v. 9, p. 29-48, 2004.

TAMANINI, L. Fernando. **Brasília**: memória da construção. 3.ed. Brasília: Do autor, 2009.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Gênero e Historiografia nos Labirintos da História. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 28, n. 2, jul./dez. 2015.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TORRES, Mateus Gamba; BARROSO, Eloísa Pereira A Democracia em questão: com a fala, as mulheres militantes de esquerda durante a ditadura militar nos anos de 1964 a 1985. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 45, n. 1, p. 74-90, jan./abr., 2019

VAQUINHAS, Irene. **Dicionário Crítico de Gênero**. 2.ed. Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

VARHAGEN, Francisco Adolfo. **A questão da capital**: marítima ou no interior?, 3. ed. Brasília, Thesaurus, 1978.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das Profissões e Ocupações. Brasília: Abaré, 2013.

ZELAYA, Carmen Lúcia. **Neiva: sua vida pelos meus olhos**. Brasília: Coronário, 2014.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

A CIDADE É UMA SÓ? Direção: Adirley Queiróz. Documentário, Brasília- DF, 2011. (70 min)

A INVENÇÃO DE BRASÍLIA. Direção: Renato Barbieri. Documentário, Brasília- DF, 2001. (55 min).

A SAGA DAS CANDANGAS INVISÍVEIS. Direção: Denise Caputo. Documentário, Brasília-DF, 2008. (15 min e 5 segs.).

BRASÍLIA, A ÚLTIMA UTOPIA. Direção: Pedro Anísio *et al.* Documentário, Brasília- DF, 1989 (97 min).

BRASÍLIA CAPITAL DO SÉCULO. Direção: Gerson Tavares. Documentário, Rio de Janeiro, 1959. (11 min).

BRASÍLIA, CONTRADIÇÕES DE UMA CIDADE NOVA. Direção: Joaquim Pedro de Andrade Documentário, 1967. (22 min).

BRASÍLIA SEGUNDO FELDMAN; Direção: Vladimir de Carvalho. Documentário. Brasília-DF, 1979. (21 min.)

BRASILÍARIOS; Direção Zuleica Porto. Experimental, Brasília- DF, 1986, (10 min).

BYE BYE BRASIL; Direção: Cacá Diegues. Comédia. Brasil, 1979. (1 h 05 min).

CONTERRÂNEOS VELHOS DE GUERRA; Direção: Vladimir de Carvalho. Documentário. Brasília- DF, 1990. (1 h 54 min.)

NOSTALGIA DA LUZ; Direção: Patrício Guzman. Documentário, Drama. Chile, 2010. (1 h 30min.).

OS ANOS JK: UMA TRAJETÓRIA POLÍTICA. Direção: Silvio Tendler. Documentário, 1980. (110 min).

POEIRA E BATOM: 50 MULHERES NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA; Direção: Tânia Fontenele. Documentário, Brasília –DF, 2010. (58 min.)

TAGUATINGA EM PÉ DE GUERRA; Direção: Armando Lacerda. Drama. Brasília – DF, 1982. (18 min.)

REFERÊNCIAS DAS ENTREVISTAS

ALARCÃO, Ladir Carlos de. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

ALMEIDA, Márcia de Souza. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

ALMEIDA, Neusa Pinho França. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

BARBOSA, Jurema Chabalgoity Toscano. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

BERTONI, Cacilda Rosa. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

CÂMARA, Georgina Janete. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

CARDOSO, Leocádia Paradela. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

CARVALHO, Braulina Mendes de. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

CARVALHO, Helena Maria Viveiros de Sousa. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

CINTRA, Maria Marta. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

CORSO, Wanda Clementina Dias. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

ESCUDEIR, Carmela Nin de. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

FIQUEIREDO, Maria Maura. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

FRANÇA, Jandira Carlos de. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

FRANÇA, Josefa Carmelita da Silva. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

GEBRIN, Cosete Ramos. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

FERREIRA, Isis de Maria Lopes Guimarães. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

GUMPRICH, Gerda. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

KOUSAK, Salan. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

LOBO, Orbella de Souza. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

MACIEL, Alice Andrade. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

MOREIRA, Zeni. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

MORICI, Maria das Neves. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

MOURÃO, Maria Inês Fontenele. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

PARADA, Gláucia. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

PARADA, Mercedes Ribas. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

RODRIGUES, Ione. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

RODRIGUES, Therezinha de Jesus. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

SANTOS, Walnísia Alves dos. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

SAYÃO DE SÁ, Lia. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

SENNA, Cleusa de Oliveira Menezes. **Entrevistada do filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

SILVA, Hilda Ribeiro da. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

SOUZA, Luiza Ferreira de. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

VASCONCELOS, Maria Coeli de Almeida. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

VASCONCELOS, Sônia. **Entrevista para o filme Poeira e Batom.** [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, entre 24 de maio a 26 de junho de 2010. 1 arquivo. Mp3.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA – APRESENTAÇÃO DOS
PRINCIPAIS TERMOS ABORDADOS NAS ENTREVISTAS COM AS
MULHERES**

1. Identificação: nome, idade e local de origem.
2. Quando ouviu pela primeira vez falar da construção de Brasília?
3. Quais os motivos que estimularam a vinda para Brasília?
4. Como foi a chegada na cidade? Qual o meio de transporte usado?
5. Quais foram as primeiras impressões ao chegar na cidade?
6. Quais foram as percepções sobre o “ser mulher” numa cidade em construção nessas terras longínquas e cheias de poeira?
7. Quais as dificuldades enfrentadas?
8. Percebeu algum tipo de discriminação pelo fato de ser mulher?
9. Quais as lembranças mais significativas do início de Brasília?
10. Qual sua percepção sobre a relação entre homens e mulheres no período da construção?
11. Qual a memória mais significativa desse período que gostaria de compartilhar?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Depoimento 1

ALICE ANDRADE MACIEL (enfermeira e esposa de engenheiro)

*Chegou a Brasília em 1958

E eu devia ter mais ou menos doze pra quinze anos. Eu tinha um tio que, apesar do interior, é uma pessoa muito inteligente. Então ele falava sobre a construção da capital federal no Planalto Central, mas eu nunca, é... não sei, levava aquilo na brincadeira, ouvia, não pensava que isso um dia pudesse acontecer né? Talvez fosse sonho das pessoas mais velhas, se fosse uma história... e começou uma campanha para o presidente Juscelino Kubitschek e eu votei lá em Porto Alegre Juscelino Kubitschek sem saber quem era e nunca imaginei... e me lembro que uma das promessas dele falando com alguém de Goiás que cobrou dele a capital federal e ele disse que ia sair a capital federal, mas eu nunca imaginei que ia casar com um engenheiro e que viesse parar e ajudar a construir a capital federal. Em 58 começou os acampamentos e, pra você ter uma ideia, a minha condução era um jipe e um jipe de capota de pano e eu andava assim com uma camisa tipo camisa de homem amarrada aqui que é muito calor e óculos, né, poeira demais! Quando eu chegava em casa, que eu tirava o óculos, eu continuava de óculos branco, né? A inauguração de Brasília foi assim uma, é... eu achei uma coisa muito interessante porque a gente conversava, tinha muita gente a favor e muita gente contra, principalmente políticos. Eu mesma assisti e entrei em debates assim de político que era contra a erradicação da capital aqui, eles ainda tinham vontade de voltar a capital pro Rio, eles achavam isso aqui um absurdo, um fim de mundo. Olha, e eu fui uma mulher assim muito avançada para minha época, porque aqui em Brasília eu aprendi a ser independente entendeu? É.. uma mulher assim que podia expressar no meio político é... como é que eu vou dizer? No meio social, no meio dos empresários que estavam em Brasília eu podia chegar pra eles e reivindicar direitos para os empregados deles, entendeu? Eu me lembro da inauguração do Brasília Palace Hotel, até na inauguração o presidente Juscelino dançou com todo mundo e eu tive o prazer de dançar com ele, sabe? Se ele era conquistador eu não sei dizer, mas ele era muito simples, muito simpático, e assim ele conservava aquele Q de gente do interior, era uma simpatia. Olha, era o vestido de noite e eu me lembro que eu fui com um vestido lilás pra esse baile da inauguração, a gente foi de luva, carteirinha, a gente se vestia bem na época e eu sempre fui muito vaidosa também, né? Foi muita gente, gente de Goiânia, vinham aviões é fretavam aviões para trazerem o pessoal. Aqui mesmo em Brasília eu atendia muito acidentes do nosso acampamento, era carro que tombava, era a máquina que despencava. era o tratorista que às vezes se machucava, então quando eu podia fazer alguma coisa que eu podia resolver como enfermeira eu resolvia, caso contrário era encaminhado. Logo no início era encaminhado eu levava, eu e Alice, levava sabe pra onde? Luziânia, sabe para um hospitalzinho que tinha em Luziânia, e quando morriam, faleciam também os trabalhadores a gente levava para serem sepultados em Luziânia. Eu consegui no Gama 62 lotes que foram doados para os trabalhadores da Coeja, então foi selecionado aqueles que primeiro vieram, os mais necessitados, e depois eu consegui que aquelas casas de madeira que eles moravam no acampamento fosse desmanchada e construída naqueles lotes para eles lá no Gama. Então foi tudo ao mesmo tempo, construção do Núcleo Bandeirante pra atender os candangos, né, construção de um núcleo lá junto da barragem no Lago Paranoá, se você me perguntar o nome da firma eu não me lembro, mas era uma firma americana. E mais o hospital, a Vila Iapi que foi construída né, para funcionários que vieram transferidos, depois teve a Vila do Planalto também, que foi programada para o pessoal que vinha para a construção dos edifícios, dos palácios e aqueles ministérios. Aquela turma ficou mais como se fosse assim em um acampamento, foram formando acampamentos que hoje são cidades-satélites, não é que faz parte, mas naquela época eram acampamentos. Olha, nós íamos porque a gente recebia muitos visitantes, então eu não tinha nada a ver assim como o Catetinho,

mas era um ponto turístico pras pessoas que vinham conhecer Brasília, mas é assim... a gente se desmanchava em amabilidade para convencer aquela agência de que em Brasília era a solução pro Brasil, né.

Nós fomos assim verdadeiros cabos eleitorais do presidente na época para o entusiasmo da construção de Brasília e a aceitação da construção de Brasília né a minha mensagem é a seguinte cuidem de Brasília respeite os prédios públicos que muitas vezes eu passo vejo pixado eu fico triste né porque eles não sabem o que nós passamos com entusiasmo, com amor, carinho pra construir o que eles têm hoje, sabe? E gostaria de dizer que pra mim foi gratificante a experiência que eu tive de ver nascer uma cidade e de estar acompanhando o crescimento, agora de vez em quando uma tristezazinha de ver o que está acontecendo em Brasília naquela época a palavra da gente era palavra era lei era respeitada né e o só o que eu penso é isso que eles cuidem que valorize porque Brasília é um patrimônio valioso. Muita gente deu a vida deu sangue aqui em Brasília, meu marido mesmo foi um que terminou ficando pra sempre aqui em Brasília.

Depoimento 2

BRAULINA MENDES DE CARVALHO (funcionário da Novacap)

*Chegou a Brasília em 1957

Brasília surgiu pra mim com uma Esperança de vida porque eu uma garota ainda jovem querendo mudar de vida e o Brasil estava muito atrasado precisando de melhorar surgiu aprovação de Brasília. Começou então a construção e Bernardo Sayão que foi o diretor executivo diretor de obras um dos diretores dos 4 diretores nós estávamos morando em Anápolis eu garotinha jovem e então meu pai veio com Bernardo Sayão para Brasília e meu pai veio com ele em 57 construiu um barraco pra nós um barracão lá na Candangolândia que inclusive toda diretoria da Novacap também morava lá menos Juscelino que foi morar no catetinho né eu tenho muitas saudades muitas saudades mesmo do início da construção que era assim tipo um piquenique mutirão gostoso aqui era uma festa você não se sentia cansado a gente trabalhava sábados e domingos também não existia fim de semana não a nossa moda da mulher daquela época era aquela calça jeans grosseira e bota e chapéu porque era poeira e barro a gente procurava estar sempre arrumada mas naquela época não tinha como você botar um vestidinho não você saía dali para ir trabalhar voltar pra casa eu tenho de andar no barro olha que pena que saudade desse tempo maravilhoso de um tempo romântico né de um tempo respeitoso era de onde saía muitas poesias, nós tivemos também muitas músicas lindas aqui. É tanto que Juscelino também se divertiu muito com a gente aqui. Encosta tua cabecinha no meu ombro e chora e conta suas mágoas para mim, quem chora no meu ombro eu juro que não vai embora, que não vai embora porque gosta de mim. Porque você não tinha diversão né então a gente se reunia o grupo assim um pegava um violão era alegre ninguém tinha maldado com nada era tudo respeito eu fui muito respeitada graças a Deus eu tive colegas apaixonados por mim que eu só fiquei sabendo depois de velha. Ser mulher naquela época era como se você fosse um botão de rosa perfumado ali naquele lugar ali na presença deles sabe, porque eles admiravam e sentiam a alegria de ter um perfume de uma flor ali por perto né o que seria desses trabalhadores se não tivesse essas mulheres ali disposta a suar e trabalhar também. Renúncia a palavra renúncia, nós que largamos a nossa cidade, largamos a nossa juventude, foi uma renúncia. Largar sua cidade sua vizinhança seus amigos de infância, você largar tudo e vim aqui pra Brasília, então foi uma renúncia muito grande. Pra mim foi uma renúncia muito grande sair da minha turma, do meu convívio e vim aqui pra Brasília, mas meus pais vieram e foi gratificante eu não sentia solidão porque todos ali estavam com o mesmo sentido o mesmo propósito de ajudar construir Brasília a gente estava assim com muita esperança de vencer, de fazer, de criar, como mulher eu achei

muito bom eu fui premiada né hoje eu vejo que eu fui premiada em ter sido uma pioneira, por ter convivido com tanta gente boa, então eu tenho muito orgulho de ser pioneira. Tinha naquela época na serenata tinha um grupo que ia lá pra casa no fim de semana, no domingo só no domingo, eles iam e tocavam o dia todo. E eles já chegavam lá em casa já sem dormir já tinham feito serenata lá em casa e já tinham saído pra todo canto, eles botavam numa caminhonete, nós tínhamos excelentes músicos naquela época em Brasília. O primeiro ensino em Brasília foi do La Salle no Núcle Bandeirante. O pessoal da Novacap estudava lá, depois então é que foi inaugurado o CASEBRE que a gente veio um bom grupo veio pro CASEBRE. No último ano de vida do Juscelino Kubitschek no último dele ano, Deus me premiou também ele me convidou pra ir pra fazenda lá em Luziânia e eu passei meu aniversário lá no último ano de vida dele isso foi um presente de Deus. A gente amava todo povo que conviveu com ele, a gente da Novacap convivia muito com ele, ele ia muito lá, visitar, conversar com o Israel Pinheiro resolver pra poder conversar com diretoria, então quando ele ia era aquele tumulto de gente ele abraçava todo mundo, a gente ver essa coisa popular essa simplicidade esse carinho só ele mesmo e ele levou com ele.

Depoimento 3

CACILDA ROSA BERTONI (enfermeira especializada - parteira - escrevedora de cartas)

*Chegou a Brasília em 1957

Eu vim de ônibus em dezembro eu saí de Anápolis às 10:00 hs da manhã cheguei aqui às 17:00 hs da tarde. Hoje a gente faz esse percurso em 1 hora de carro. até mas era só que eu vi aqui era enchente e que a ponte tinha caído e que o caminhão de arroz tinha ficado perdido é que tu disse conversava no ônibus é a gente fazia compra num único mercado que tinha então indo é meu papel é mercado do Núcleo tinha o cine o cinema né e o mercado as duas coisas que tinha de maior e o correio onde os candangos vinham para mandar a carta tinha o correio tinha aquela pessoa que sabia escrever a carta e lia direitinho botava uma mesinha todo domingo e fazia as cartas dos candangos seguia o dinheiro estou bem certo e no mercado onde a gente encontrava os frangos que vinha do interior carne que vem aí do Rio porque daqui uma charqueada então mandava o filé para Brasília filé é não dá charque então foi o tempo que nós tínhamos mais filé que é uma carne mais barata.

sim poucas relativamente poucas mulheres tanto que ninguém não tinha nunca tive empregada me ajudar eu tinha 2 crianças e tinha que cuidar da casa das crianças e sair à noite às vezes passar a noite toda às vezes alguma noite fazer mais de um parto e durante o dia tem que cuidar de tudo porque não tinha ninguém pra ajudar porque tinha pouca mulher nunca tivemos o menor problema com os homens que vieram do interior aqui de Goiás do nordeste no norte é tinha o maior respeito eles tinham admiração quando passava uma mulher para aquelas obras disparavam para não ficar olhando parecia que era um bicho do Mato novidade de circo. Mas aí ficamos lá 58, 59, 60, na inauguração três anos eu fiz tantos partos que eu não sei quantos foram. Atendia em acampamentos e era longe pra sair de uma construção para outra, o caminhão que eu estava indo parou às 2:00 da manhã e a dona estava no acampamento esperando que cada lugar assim era um acampamento então mandava buscar a gente de Jipe ou de caminhão era novo e estava perdendo gasolina e não perceberam parou ali perto daquele conjunto e nós ficamos, o chofer que eu tinha visto pela primeira vez e eu com a bolsa de parto que eu levava até água fervida pra dar um banhozinho chegava lá não tinha água às vezes então era luva com aquele instrumental cirúrgico para levar água aquele remédio dos olhos de neném a gente levava e ficamos lá esperando que aparecesse alguma coisa dá sinal. Sobre a falta de respeito na primeira noite fiquei lá quase 2 horas com homem e nós naquele interino parecia viva alma até que o jipe veio do acampamento porque o engenheiro desconfiou que tinha

acontecido alguma coisa porque já era pro caminhão ter ido e voltado aí nos encontrou lá no setor que hoje é o setor de indústria depois do tempo parado mas me levou ainda eu cheguei com o tempo de fazer o parto as coisas eram assim a respeito de como nós vivemos ali na W3 que hoje é eu vim do núcleo Bandeirante também para um acampamento eu estava convidada pra comer um angu em plena W3 sentir mal e precisava porque precisava de um banheiro aí eu virei pro chofer do Jipe que era do engenheiro Dr. Valdemar e agora eu preciso de um banheiro a senhora teve foi com sorte que aqui pertinho tem uma proteção feito de papel de cimento é ali que a gente quebra um galho quando passa aqui nessa que era a futura W3 trecho não tinha nada só o caminho era coisa assim que a gente passava necessidades fisiológicas que eu tinha que enfrentar o que tinha. No dia da inauguração eu não assisti coisa alguma da inauguração veio inaugurar um cinema inaugurar as luzes aquela coisa uma festa né foguetório o mais que eu vi foram os fogos ou explodir os foguetes porque lá ocupada desse jeito, mas felizmente foi muito útil né então eu fui mais útil vindo pra cá do que eu imaginei.

Sabe que era um tanto serviço que eu não sentia falta de nada. Tinha tanto o que fazer a gente e fazia o que aparecia! A principal recomendação era que tínhamos que fazer tudo rápido é acabar logo que assim já tinha outra coisa a fazer, então era tanto a fazer que eu não tinha tempo de pensar em morrer dou graças a Deus porque venci tanta dificuldade, eu diria para as pessoas que nascem Brasília que já tão jovens agora adolescentes e tal que é um privilégio nascer em Brasília nascer numa cidade nova como Brasília é um privilégio ter oportunidade que Brasília dar e que aproveitem essa oportunidade não desperdicem a mocidade com tolices prejudicando a visão de Brasília que muita gente que está fora de outros estados dizem que aqui nós somos todos ladrão e não é verdade, os ladrões que aparecem em Brasília vieram de fora porque eu moro aqui desde 57 nunca fui roubada nunca fui assaltada de jeito nenhum tenho todo Patrício aqui é meu irmão no hospital de base eu trabalhei lá comecei como enfermeira até chefia geral os médicos que já estão indo todos grandes amigos admiradores então é um privilégio de ter uma capital nova que deu as coisas que nós temos hoje aqui.

Quando a gente veio em 59 meu marido já estava aqui então que ele era da polícia federal daí eu vim com meus filhos meus parentes vinham pra cá nós entrávamos até lá no Palácio do governo o Juscelino deixava a gente entrar até no quarto dele ele permitia que a gente entrasse lá sabe? o meu pessoal de Curitiba ficava encantado né então eu vi muito daquilo ali nascer a gente andava com Juscelino na W3 ele ficava olhando uma coisa e outra gente junto com ele né como se eu fosse irmão como se né era tudo a gente tinha essa liberdade toda quando era época de Natal de Carnaval é faziam os desfiles na W3 e iam pra lá depois né aí aquela igreja aquela torre lá eu vi nascer e crescer.

Depoimento 4

CARMELA NIN DE ESCUDER (veio de Barcelona – Marido veio trabalhar nas obras da construção do Palácio da Alvorada

*Chegou a Brasília em 1957

Eu comecei a escutar falar de Brasília primeira vez lendo no jornal estava na Espanha morava na Espanha. Brasil vai construir outra capital que se chama Brasília e caseiro ia morar no Brasil quando eu cheguei ao Brasil fique bem diria sozinha em São Paulo porque meu marido ia pra Brasília e eu tinha que esperar porque não sabia o que ia aparecer aqui em Brasília se tinha casa ou não tinha casa, mas estava chegando o Natal e eu pensei olha eu não vim da Espanha pra ficar sozinha passando na tela sozinha e comprei uma passagem para o Lorelio por um telegrama que não chegou até hoje né eu cheguei a Brasília mas como o telegrama não chegou não tinha ninguém me esperando no aeroporto aí foi um desastre porque eu me perder aí no meio do mundo mas tinha os comissários que sabiam falar em espanhol e perguntaram pra onde eu ia e eu falei que meu marido trabalhava eu pensei que tinha um hotel mas não tinha

nada. Tinha uma Senhora que o marido dela estava esperando ela e morava no mesmo acampamento que meu marido. Então me colocaram num jipe lá para Pacheco estavam construindo a Pacheco Fernandes e aquela Senhora falava que beleza que beleza e eu só via barro Mato eu pensava, mas que beleza o que me eu não vejo beleza nada. Aquilo eu não entendia eu não via nada de bonito, mas cheguei lá no acampamento surpresa pelo meu marido que não me esperava né mas me arrumaram uma casa e eu fiquei, no dia seguinte na hora que eu abrir a janela né abrir a janela eu vi aquele mato e eu só tinha roupa da cidade porque eu pensei que ia morar em São Paulo eu estava acabada de casar e eu vim de Barcelona e eu pensei e agora como é que eu vou sair no mato com essa roupa, pus uma calça porque eu só tinha uma calça Comprida porque eu não gostava de calça comprida eu só tenho uma, pus aquela uma e uma camisa do meu marido quando eu estava arrumadinha daquele jeito combinava demais com o cenário que era o mato chamaram umas vizinhas três senhoras que tinham chegado àqueles dias para que ajudasse elas a fazer a ceia de Natal e ajuda era tinha uns rapazes que trouxeram uns perus não sei de onde. Trouxeram mortos, os rapazes mataram, mas nós tínhamos que tirar as penas dos perus. Aí eu nunca tinha tirado umas penas do peru né, eu tinha uma navalha e eu não entendia nada do que elas falavam e eu fui puxando aquelas penas com navalha e eu ficava pensando não sei o que eu faço aqui nesse mato eu poderia estar na Espanha tranquila não tinha que fazer isso tudo pelo que podia estar lá bonitinha, mas que que se vai fazer né ninguém me obrigou a vir a me casar aí eu tinha que aguentar né. Nós não fazíamos nada a gente né aí eu fui lá na cidade livre comprar 2 calças compridas porque eu não tinha né só tinha uma e eu era noiva e tinha acabado de me casar então tinha roupas bonitas, casaco de pele porque os meus presentes não foram para casa foi coisas para mim porque eu vinha para o Brasil e eu não vinha com lençol e toalhas. Essas coisas a gente comprava aqui ó então eu trouxe colar de pedras bolsas bonita roupa bonita quando a gente casa o que eu tinha velho eu deixei na Espanha e aí como que agora aquele jeito aqui eu já fui 2 camisas do meu marido comprei uma segunda calça daquelas BRIM CORINGA.

Comprei na cidade livre e comprei uns panos e fiz costurado a mão umas cortinas para aquela casinha minha, ninguém tinha cortina só eu a minha casa. Era um modelo quando vinha uma visita, eu mostrava minha casa. Olha não tinha cozinha, né, porque não ia fazer um acampamento novo. Aquele, na Pacheco, que ainda existe, só que muito diferente do que era e era uma casa de madeira, tinha um quarto, uma sala e um canto que me trouxeram um fogão elétrico de São Paulo e a minha pia era uma bacia de zinco com um cano embaixo, né, disse assim, na madeira, né, então, aquela era a cozinha porque eu fiquei aquela comida não me digeria bem, me traziam filé para me agradar. Eu dizia que a carne estava podre e dava pro cachorro. Tempo chato, né? Eu saía pra cidade livre, pra fazer compras. Andava no jipe e nós íamos na cidade livre ter um quadro só. Chegávamos a comprar coisas para fazer o bolo, comprávamos uns ovos que vinha tudo embrulhadinho. Cada ovo. Um parecia uma pamonha, embrulhadinho, o milho para não quebrar, mas queria uns ovos desses caipiras mas tinha uns podres. A gente abria assim, né, porque sair daqui a pouco muito e fazíamos o bolo, aquela coisa, a gente vai no meio daquela poeira horrível. Um dia, o motorista veio e perguntou: o marido da Senhora mandou perguntar se não quer um trem da cidade. Aí eu pensei: mais um trem, eu não sabia o que era um trem. Naquela época, né, eu pensei que um trem era um trem mesmo. Eu disse: não, eu não quero nada pra mim. Quando ele chegou, o meu marido diz: mas você não mandou nada, não encomendou nada para o Pedro. Olha ele veio aqui e falou: olha, a senhora quer um trem da cidade. Se ele falava que queria um navio, eu já estava voando para Barcelona, né, mas de trem eu não chegava era nunca. Tinha o mar no meio porque tinha muita poeira, se não era poeira era barro. Eu comecei a gostar, né? Não demorei muito gostar, me tratavam bem. Comecei entendendo um pouco mais, né? Você entender um pouco mais eu, né, e gostava. Eu gosto de Brasília, gosto muito da cidade livre. Se eu pudesse voltar e passar por

tudo aquilo que eu passei eu voltaria mesmo assim. É uma experiência muito interessante e eu passaria de ferro com ferro, eu diria da poeira e faria tudo de novo.

Depoimento 5

CLEUSA DE OLIVEIRA MENEZES SENNA(radialista - a voz de Brasília)

Brasília havia muito mais homens do que mulheres, então era assim complicado a mulher aqui Brasília com tantos homens e, mas eu como era mais reservada eu nunca tive dificuldade com isso né. Então havia na cidade livre um senhor que ele tinha um alto-falante mas era um alto-falante mesmo era uma boca de alto-falante para falar e ele fazia comerciais alguma coisa de comércio assim com o carro e tudo ele então adquiriu esse alto-falante que era chamava-se a voz de Brasília e ele transformou esse pequeno alto-falante em uma Rádio Comunitária porque a cidade livre tem sempre Ela Foi criada com 4 avenidas primeira segunda terceira avenida central né primeiro segundo terceiro então e quarta né quarta avenida então ele colocou nas 4 ele colocou 16 cornetas era infernal para quem era agradável para quem gostava também incomodava um pouco para quem não gostava muito de músicas é a cidade toda era ouvia a voz de Brasília, com o tempo logo depois ela começou a ser algo de muita utilidade na criação da cidade de pública mas foi um grande serviço que ele prestou porque as construtoras necessitavam de operários e nós fazíamos um nós tínhamos publicidade fazíamos publicidade das empresas de imobiliárias, das empresas construtoras, do comércio então era uma rádio com comercial e tudo mais, pagava-se alvará pagava-se tudo, era tudo legalizado como se fosse uma mini rádio, tinha um estúdio com acústica fazíamos entrevistas, então ela funcionava como uma rádio e as empresas encostavam os caminhões e em questão 10 minutos ela já estava lotada com todos os trabalhadores, então ela prestava 2 serviços para quem precisava trabalhar e para as empresas que estavam procurando trabalhadores, é eu sei vocês ouvem a voz de Brasília serviço de alto-falante que vende sem fugir da verdade e é com intuito de servir apenas a comunidade aí botava uma musiquinha e depois uma propaganda publicidade e era toda musical. Na parte da manhã eu funcionava eu era locutora então funcionava de 9 às 11:00 aí eu ia pra casa fazer almoço. Nós tínhamos um acervo enorme Calvi Peixoto era muito pedida, Celi Campelo com banho de lua aquelas músicas dela que era muito tocada e tínhamos também Carlos Gonzaga. Quando a rádio nacional chegou a Brasília pra inaugurar houve um problema com o caminhão que estava trazendo os discos deles e as estradas eram péssimas e o caminhão ficou na estrada e a rádio tinha horário para inaugurar, então nós emprestamos para eles uma porção de discos e eles usaram na inauguração da rádio. Nós funcionávamos na estação rodoviária, nessas Rodoviária era na avenida na minha central e foi feito um guichezinho cercado com vidro e eu funcionava ali dentro, então era protegido ainda bem que tinha um vidro, tinha uma portinha e eu ficava com a mão mostrando a aliança né porque era muito nova e tinha uns assim que apareciam, mas tinha um bar na Rodoviária que era um senhor que era proprietário e ele era meu paizão então ele ficava sempre olhando se tinha alguém inconveniente ele ia lá e conversava explicava que eu já era casada e tudo, então era solucionada, mas com calma muita calma as coisas em Brasília eram muito boas. Olha naquela época já havia algumas mulheres e elas viam para trabalhar em restaurantes, esses restaurantes que montavam para servir os candangos. Eu, na minha época não tinha outra rádio ou outro alto-falante e as mulheres trabalhavam no comércio, havia mulheres logicamente muito poucas porque primeiramente vinham os pais de família né e chegavam aqui e se animavam um pouco e acabavam demorando muito para buscar as famílias, então a população era feita quase sempre com homens.

Eu morei na terceira avenida era uma casa de madeira, quando eu cheguei a Brasília eu morei numa sala, quando eu cheguei em 1957 eles estavam exatamente a cidade livre estava sendo construída toda logicamente tudo em madeira e havia pessoas que tinham vindo acredito que investir também e eles construíram galpões enormes assim grandes e separados em salas era um salas com um cômodo único com um banheiro lá no final do corredor. Depois, um tempo

depois saímos da Rodoviária e passamos construímos um estúdio na Vila Central que era realmente maior que foi feito um estúdio com acústica e era uma mini rádio bem instalado e nós botamos uma lojinha de souvenir na frente tinha uma loja de souvenir, nós vendíamos poeira em vidro. Todos que aqui estavam tinha um único objetivo estava imbuído com o objetivo de construir uma nova cidade então não se via algazarra, não se via brigas, não se via parece pessoas com estresse, pessoas agitadas então só se viam trabalhadores todo mundo com a mesma ideia de trabalhar e se congratular, não havia ninguém estressado assim como hoje né então era uma época difícil de pouco conforto mas muito agradável muito trabalho era uma cidade que ninguém aqui estava desempregado né todos que chegavam e o interessante é porque se viam de todos os encontros do país do principalmente nordestinos e aqui era imediatamente empregados não havia mais do que 10 minutos quem veio acreditou porque realmente muitas pessoas não acreditaram, voltaram né e muitas pessoas que estavam aqui não acreditava também e não adquiriram nada porque não acreditava porque a ideia e o que se falava era que é a capital depois que Juscelino saísse a capital ia retornar para o Rio de Janeiro. Juscelino é o ser humano e o maior estadista que nós já tivemos e um ser humano inigualável né porque é uma pessoa simples, humilde, singela, veio e lutou pra chegar onde estava né sempre lutou de uma família maravilhosa era um filho maravilhoso porque dava muito valor.

O Juscelino todo o palanque dele tinha a mãe, as filhas e a esposa né elas estavam sempre perto era as mulheres da vida dele. E ele andava na w3, na época de aniversário essas coisas havia os palanques para se comemorar e ele era uma pessoa que não tinha receio de ninguém né andava livremente, então isso é uma coisa é uma recordação maravilhosa. As festas eram a festa da cidade que era o aniversário né havia as comemorações que comparecia os governadores, senadores, deputados né a nata a alta cúpula comparecia no salão vermelho do hotel nacional, as festas eram muito boas e muito bonitas.

O concurso de Miss também naquela época era uma decoração muito bonita porque eu fiz mais de 20 anos o concurso de Miss eu e meu marido fazíamos juntos, éramos coordenadores que trabalhamos a vida toda juntos. Vivemos juntos e passamos a vida toda trabalhando juntos, então nós coordenávamos essa parte de Miss Brasília e fizemos o Miss Brasil também. O Miss Brasília o primeiro foi 1960, mas não houve foi uma miss e veio uma miss para o concurso, mas foi feito uma festa e ela representou Brasília agora os anos posteriores foi feito o concurso aqui em Brasília mesmo. Tínhamos poucas moças aqui, mas apesar de poucas já havia moças. Havia vários locais, mas os primeiros foram feitos no teatro nacional, havia um salão ali que hoje é teatro, havia uma parte bem grande que se fazia, que poderia fazer o concurso lá. Foi feito lá vários anos depois passou nós fizemos também antes do ginásio esporte que foi depois bem mais tarde né já era um concurso grande que era um Miss Brasil foi feito aqui 5 anos então esse era feito no ginásio de esporte e antes era feito no teatro nacional foi feito em clubes e no hotel nacional, foi feito em vários locais antes do ginásio. Era um era uma coisa muito concorrida o Miss Brasília daquela época era coordenado pelo diário social, era um complexo muito poderoso porque envolvia os jornais, a televisão, o rádio, então ele podia exatamente dar esse nível ao concurso porque ele tinha apoio de todos né? Brasília é uma cidade maravilhosa é uma cidade que já viajo muito e sempre observo que nós temos aqui uma qualidade de vida diferente a maneira de viver em Brasília é diferente aqui nós vivemos livres e não temos que você não tem aquela preocupação de ficar dando satisfação a ninguém que aparece cada um cuida da sua vida então eu acho que Brasília propicia às pessoas uma liberdade que talvez em outras cidades eles não tenham e essa abertura esse verde maravilhoso esse céu só tem a oferecer de bom pra quem veio né eu acho que a pessoa tem que vir e amar a nossa cidade.

Depoimento 6

COSETE RAMOS GEBRIN (professora CASEB)

*Chegou a Brasília em 1960

Em 1952 o doutor Getúlio Vargas constituiu uma comissão para pensar Brasília o meu pai o deputado Rui Ramos era do partido do Getúlio e ele era um entusiasmado pela ideia da nova capital ele achava que o Brasil tinha que se mover para o interior que o interior do Brasil era interior rico que era um interior maravilhoso que precisava mover. Nós viemos pra cá em fevereiro, toda a família e ficamos praticamente acampado porque não tinha nenhum prédio estava pronto só pra ter ideia os prédios que era pra ser dos deputados na 206 só ficou pronto meses depois. Não tinha rua nós levamos 3 dias pra conseguir chegar direto no prédio que a gente estava porque aquelas eram de Pinot tudo igual quando eu cheguei aqui eu desci me chamou a atenção eu olhei assim do aeroporto aquela vegetação seca, aquele cerrado eu achei bonita, vegetação mais rasteira, o chão tudo vermelho, a gente não estava acostumado né, no Rio Janeiro era rua toda calçada e a areia.

Saímos do aeroporto e deu um Vendaval de vento, o vento pegou a poeira e fez o que a gente chamava na época de lacerdinha eu fiquei toda vermelha, todinha. Todinha quer dizer a roupa de dentro também viu a roupa de dentro era vermelho, o sapato, o dedo do pé, tudo. Então a minha primeira experiência com Brasília foi uma experiência de me tornar vermelha pelo lacerdinha entrando por dentro do meu corpo todo. Em 60 a Juventude do Brasil era apaixonada com o presidente JK, o símbolo do JK principalmente naquele ano que foi o último ano dele de presidente. Eu me lembro dele naquele dia que nós chegamos no Núcleo Bandeirante, ele estava dentro de wolksvagem com a cabeça pra fora da capota de chapéu chovendo cercado de candango e esperando a coluna que vinha no nordeste, não tinha televisão então o

JK fez uma coisa que a caravana da integração nacional, esses foram um dos momentos históricos mais bonitos do Brasil saiu uma caravana do nordeste, outra caravana do sul, outra caravana do Oeste e outra caravana do norte e essas caravanas deviam se encontrar aqui em Brasília antes da inauguração e o JK recebia aquelas caravanas. Vinham de carro, claro que houve muitos que vieram de cavalo, de bicicleta, de ônibus, isso tudo vinham, mas esse pessoal veio de carro sabe por que? Porque esses carros foram os primeiros carros produzidos no Brasil, foi a indústria brasileira que botou os carros a disposição desta caravana, foi sugestão inclusive da indústria automobilística nacional. E como é que nós jovens sabíamos? Pelo rádio você acredita que nós ficávamos no rádio assim ouvindo olha a caravana do nordeste atravessou a cachoeira de Paulo Afonso, olha a caravana do sul já está em Três Marias, olha a caravana do norte já atravessou o Rio Amazonas e a gente acompanhava pelo rádio pela paixão que a gente tinha por esse momento histórico.

As mulheres eu vejo assim 2 grupos bem distintos um grupo que veio acompanhando o marido e ficou meio a margem, mas veio, outro grupo de mulheres que foram mexer com flores foram mexer com cabelo, foram mexer com agrimensura, então essas mulheres se engajaram, elas chegaram trazidas pelo marido, mas não ficaram parada esperando o marido andar não elas começaram a se mexer, não vou ficar parada não vou trabalhar vou entrar na luta e foram pra luta. A quantidade de professoras que largaram os maridos e se mudaram pra Brasília e ficaram aqui, os maridos vão embora e elas ficaram aqui permaneceram com os filhos muito corajosas um grupo grande de muita mulher corajosa, agora eu queria valorizar aquela mulher que mesmo que ela não era uma profissional talvez ela não entre nas estatísticas, mas era aquela mulher que estava no fogão, era aquela mulher que estava lutando, era aquela mulher que lavava a roupa da vizinhança toda. Os homens iam trabalhar e vinham imundos imagina a roupa, então essa mulher que eu gostaria de valorizar porque era ela que ia lá pra fora num fogão a lenha e que fazia comida pra 10 12 enfim ela que lavava pra 10 20 homens a roupa. A gente precisa uns dos outros era um começar era um momento ímpar de uma cidade começar do zero então realmente havia muita solidariedade muita um ajudando uns ficam com os filhos outros ficam com os filhos. Eu diria que é claro que violência há em todo lugar e em qualquer, mas eu havia mais solidariedade do que hoje. O que é bonito são três festas que eu gostaria de falar do 21 de abril que eu assisti praticamente todas eu vi aquela da multa depois dançando no

meio da rua, na esplanada dos ministérios o povo dançava no meio da esplanada música do Nordeste com música do sul era grito olha era uma farra era um baile popular. Gente essas músicas de baião só davam baião naquela época. 3 eventos eu acho que foram importantes que eu quero frisar no 21 de abril, o primeiro evento que eu acho que é um evento cultural, da maior qualidade é a orquestra sinfônica, 4 orquestras. Então foi um grande concerto e você vai parar pra ver e eu vou te contar que o povo assistiu calado, candango que não tinha nem a alfabetização, extasiados, como se eles soubessem que estavam vivendo um momento tão diferente na vida que talvez nunca mais fosse ter algo tão diferente. Aí tava tudo pronto no congresso as duas cúpulas. Então as duas cúpulas foram palco no teatro, foi chamado as três capitais.

O JK ficou na primeira fileira, meu primeiro vestido de baile olha só que eu jamais poderia esquecer um vestido cor de rosa de uma princesa linda maravilhosa aí eu botei o vestido quando eu cheguei foi recebida pelo presidente JK e dona Sarah.

Então essa escola foi inaugurada no dia 19 de maio de 1960 foi a primeira escola oficial do Distrito Federal e o JK fez um discurso brilhante foi ovacionado por 500 pessoas, nós fizemos 2 grandes colunas e abriu a porta da casa do portão e JK entrou. Você sabe o que é eletricidade os alunos começaram a berrar e a gritar JK presidente e ele foi no meio e segurando num segurando no outro e o povo gritava assobiava, olha gente era uma emoção tão fantástica. Nós nos formamos dia 15/12/1960, nove professoras formadas, as primeiras professoras formadas em Brasília no curso normal da CASEB. Eu era a oradora da turma, o meu discurso foi um discurso de uma menina apaixonada pelo Brasil apaixonada pela ideia de Brasília apaixonada pelo que estava fazendo aqui. E o presidente começou a falar e começou a chorar, pegou o discurso que ele ia falar e disse esse era o discurso que eu ia falar, mas eu não vou fazer esse discurso e guardou no bolso de novo. fez um discurso de improviso e aí é que vem, quando ele acabou ele sentou deram um caderno que ainda está lá na CASEBRE e ele escreveu alguma coisa que pra minha vida fez toda a diferença do mundo. E escreveu assim a solenidade por si só justificava a emoção que eu senti diz JK o discurso da oradora da turma no entanto trouxe uma nota admirável a reunião, revelou tal altura intelectual, tal maturidade de cultura que eu olho agora mais tranquilo o destino da educação no Planalto.

Depoimento 7

GEORGINA JANETE CÂMARA (telefonista - trabalhou no Palácio do Planalto com o presidente JK e todos os outros presidentes até o Presidente Lula quando se aposentou)

*Chegou a Brasília em 1958

Cheguei em Brasília em 1958 vim como telefonista da presidência aí eu chegando aqui naquele tempo não tinha nada era cidade livre lá no Núcleo Bandeirante só tinha rua né então pra vim pra Novacap para apresentar eu tinha que vir de carona é de caminhão a gente andava de qualquer jeito aqui trator o que tivesse né, aí eu me apresentei Pra Israel e a resposta é doutor Israel olhou pra mim eu era nova naquela época aí ele vira pra mim menina me diga que você veio fazer aqui eu falei olha doutor Israel eu preciso trabalhar ele perguntou 3 vezes o que eu vim fazer aqui na terceira vez eu falei pra ele dizer que o mesmo que o Senhor está fazendo para construir Brasília. 1000 vezes que forem construir cidades, me chama que eu vou. Foi uma experiência maravilhosa é muito bom chegar olhar aqui o cerradão sem ter nada né e hoje ver essa maravilha que é Brasília, eu sou suspeita de falar porque eu sou apaixonada por Brasília, pra mim não me chama pra ir para fora para viajar porque eu quero é Brasília, eu estando aqui no meu cantinho Brasília pra mim é o paraíso. O espírito da época, o povo aquela alegria a gente trabalhava 24 horas por dia não tinha hora e ninguém se preocupava em ganhar hora extra aí trabalhava mais sabe queria trabalhar e ver a obra, Brasília era 24 horas né tinha a turma que trabalhava de dia e a outra de noite para poder dar conta do serviço. Eu como mulher eu nunca

não é só agora não eu nunca achei dificuldade de ser mulher pelo contrário entendeu e lá era muito, olha aqui era muito respeito a gente descia aquela avenida central que antigamente era avenida central você não ouvia ninguém soltar piadinha era muito respeito era muito amor que tinha muito amor no ar tinha sonho que Juscelino passou pra todo mundo é imagina na época lá no Núcleo Bandeirante quando era domingo o pessoal da obras, tinha os acampamentos né, aquele pessoal pobrezinhos, eu morava perto do correio eles queriam escrever pra família né que estavam no Norte muito deles vinham pedir pra gente escrever a carta pra eles. Quero mandar notícias pra minha mãe aí eu sentava como é que chama sua mãe aí ele dizia fulana aí eu escrevia e quando terminava eles diziam quanto que é? A inocência deles né aí eu dizia nada eu quero que sua mão receba a carta que ela seja feliz. Uma mão vai receber uma carta do filho né, olha por isso que eu digo eu volto 1000 vezes. No dia que inaugurou a luz na w3, eu assisti, aí vai todo pra fora né, vai ligar! Quando ligou aquela luz toda, todo mundo feliz, progresso todo progresso que trazia para Brasília a gente vibrava, então quando a pessoa falava Pra Ele não vai dar tempo aí a gente sofria, a gente sofria né aí tinha gente que dizia não vai não via dar certo aí eu dizia vai todo mundo embora e me deixa mesmo aqui sozinha em Brasília, quando eles falavam que não ia dar, mas é isso Brasília é meu lugar preferido é meu cantinho do céu.

Quando o pessoal dizia que o lago não ia encher por exemplo, queriam fechar o Lago e sem o lago Brasília não teria condições de vida porque o clima era de deserto, era muito seco, então o lago foi a primeira providência era encher para umedecer, aí o pessoal dizia que não ia dar, aí a gente ficava naquela tensão e aí depois de um certo 59 até 60 choveu tanto em Brasília num fim de 59 foi uma chuva assim, foi demais, a gente morava num barraco e o barraco mofava as paredes e eu só tenho que agradecer a Deus como eu agradeço todo dia por eu ter vindo e por eu estar aqui até agora, então desde 58 é muita coisa né. Quando Juscelino foi cassado é acho que foi uma tristeza geral para o povo brasileiro sem exceção essa foi uma tristeza teve que foi da história né agradeço a Deus a Dom Bosco que o sonho dele se tornou realidade e tenho muito orgulho de ter participado dum grãozinho de areia da construção de Brasília. Você nunca leu o sonho dele? O sonho dele era a construção de Brasília, então é o meu sonho também é Brasília eu tenho muita honra e muito mais honra de vocês terem me chamado para falar aqui.

Depoimento 8

GERDA GUMPRICH,

* Chegou a Brasília em 1957

Nasci na Silésia, província uma província na Alemanha. Meu pai faleceu na guerra e minha mãe fugiu conosco para Bavária. E ela lá uma Senhora do Rio de Janeiro que era amiga da minha mãe quando ela soube que minha mãe faleceu também e deixou nós 3 irmãos eu sou a mais velha. Ela propôs é se a gente não tem vontade nós três de vir pro Brasil se a gente não se adapta eles iam pagar viagem de volta para Alemanha. Depois eu fui a Friburgo e lá eu conheci meu marido ele trabalhava no Banco do Brasil nós procuramos uma nova moradia porque naquela época não era o costume de simplesmente viver junto o pai dele que mora em Niterói no princípio do ano 57 telefonou para o meu marido e disse escuta eu li no jornal que vai abrir agência provisória no Núcleo Bandeirante o Banco do Brasil onde vai ser vai ser construída a nova capital uma vida nova que nós queremos começar e uma capital nova a ser construída se combinava vamos se aventurar o meu marido arrumou as coisas dele pegou o Jeep vem para cá demorou 5 dias 5 noites e me mandou uma foto de um barraco aqui nós vamos morar eu levei um susto e susto primeiro depois eu fiquei rindo eu disse é um galinheiro velho é impossível pessoas morar lá ele foi me buscar nós viemos de avião também demorou das 7 de manhã via Rio SP – Uberaba – Uberlândia - Goiânia até chegar aqui era 6 horas da tarde eu cheguei na no Núcleo Bandeirante e eu vi que é verdade aquele barraco que servia para guardar o material para construção daquele banco provisório ele pegou nossas coisas nós começamos daí a nossa vida mesmo nesse barraco nós arrumamos esse barraco que era comprido era um

barraco de um lado era o gerador que não tinha luz esse foi dia 17/06/1957 quando eu botei os pés em terra brasiliense aqui não tem nada como nós vamos viver aqui? A minha tia no Rio disse que cada é sempre bom uma mulher fica independente procura logo um serviço eu não sabia onde trabalhar ai meu marido disse não se quebra cabeça com isso a gente vai sobreviver nesse Núcleo Bandeirante tinha 19 barracos tinham uns 2 hotéis ou 2 bancos uma venda que vendia tudo um posto de gasolina nós fizemos boas amizades com as colegas e eu resolvi cozinhar pra todos porque todos queriam fazer economia é nossas compras então é foi um dividido entre quantas pessoas almoçavam lá mas é a mesa e os bancos eram de caixote mas eu sempre tinha uma toalha branca em cima lá tinha o fundamental tinha arroz feijão tinha carne é verdura era muito muito pouca como era muito pouco meu irmão quando chegou com o sócio dele primeira coisa eles fizeram uma horta coisa assim a beterraba porque os homens gostavam de comer beterraba junto com a cerveja de vez em quando a gente ia em Anápolis e trazia uma caixa pequena de verdura é 3 caixas grandes de cerveja aquela época não tinha como fazer comida alemã né Éramos poucas mulheres lá uma da de outra do banco da lavoura e nós fizemos um pouquinho de amizade né e nosso divertimento era em incomum com os homens nos é sábados ou domingos os homens faziam pipas soltavam pipa a gente juntava coisas ia no Paranoá tomar banho lá na cachoeira na passagem para lá a gente passava no aeroporto nós tínhamos meu marido e eu tinha um amigo era uma é uma pessoa muito alegre a gente passava no aeroporto ele tinha um violão e cachorro cantava dá uma esmola a um pobre cego e ele não dava nada a cego mas de brincadeira todo mundo sabia dava uns tostões no fim a gente comprava a cachaça e levava para o Paranoá é dona Guerda queria ser muito inteligente uma vez pegou a garrafa botava no Rio para esfriar que era um dia muito calor e fazia muito calor de repente alguém gritou olha nossa garrafa tava andando no meio do Rio e meu marido deu um mergulho pegou garrafa e diz achei mas estava sem fundo imagina que que os homens fizeram comigo mas estava tudo na brincadeira né assim o espírito mesmo de pioneiro de ajudar um ao outro eu acho que não é não tinha egoísmo nem nada disso né e no mínimo eu não sentia nada disso eu me senti bem eu todos os todos os colegas do meu marido me respeitavam e nós tínhamos muitas brincadeiras juntos é eu podia te contar durante horas e horas esta é a besteiras que a gente fazia então a igreja do padre Roque vivia cheia e um dia nós fomos nós todos fomos a domingo de manhã na igreja porque não sei porque e as crianças berrando lá e o padre Roque disse escuta levam essas crianças lá fora até eu acabar aqui essa prática depois traz eles para cá para batizar. estava bem eu eu acho que eu sou uma pessoa de aceitar a vida como ela aparece é meu irmão é sócio dele meu marido sim notei que ele tinha ido tomar banho no riacho né porque a gente não tinha casa eu lavava botava louça dentro de uma bacia levava numa fonte lavar lá com o Jeep e banho é era no riacho a gente gostava é essa terra do Juscelino também quando eu vinha a visita a gente ia no catetinho Dr. Juscelino quando eu estava lá tomava um café na cozinha ou oferecia a gente também cafezinho né ele foi exilado e ficou em Paris então na sua primeira viagem para Alemanha foi via Paris vou cumprimentar ele né eles viviam num apartamento bem confortável com o tinha vários deputados brasileiros lá junto e a dona Sara recebeu a gente com muita gentileza e aí logo em seguida chegou Juscelino e nós conversamos mais um pouco a gente se despediu não queríamos abusar muito tempo escreveu uma dedicatória eu só saí de lá eu falei três dias não vou lavar minha mão Dr. Juscelino beijou minha mão eu encontrei uma Terra Natal em Brasília eu gosto muito da minha Terra Natal, mesmo agora aqui encontrei de novo uma terra natal

Depoimento 9

GLÁUCIA PARADA (Paisagista – Filha da pioneira Mercedes Ribas Parada)

*Chegou a Brasília em 1957

Cheguei em Brasília no dia primeiro de abril de 1957 nasci em Ipameri Goiás viemos de Goiânia já morava em Goiânia em 57 quando nós viemos para Brasília é a viagem demorou

mais ou menos 10 horas era uma estrada de Terra como se diz de carro de boi que passava porque era só os trilheiros de no meio da estrada era o capim por um lado era só árvore por aí a gente veio e chegamos hoje Candangolândia antigamente Novacap Na estrada quando a gente estava vindo é tinha bastante assim animais uma hora era uma cobra que passava no meio da estrada outra hora era o lobo-Guará que tinha muito aqui em Brasília hoje já extinto é o tamanduá-bandeira as pontes eram horríveis você tinha a impressão que ia cair mas graças a Deus chegamos bem quando chegamos na Novacap hoje Candangolândia como eu disse a nossa casa ainda não tinha janela nem porta dormimos sem porta e sem janela aquela noite no outro dia já colocaram as portas e as janelas. Nossa rua chamava Rua do Sossego na frente dessas três casas ao lado esquerdo mais ou menos uns 500 m nós tínhamos o sapes que era onde os candangos iam almoçar e lá também se faziam os bailes de carnaval mas eu lembro de uma passagem de uma do início do início do início nós né nessa casa pequena ainda que um dia eu dormi quando eu acordei tinha um almoxarifado enorme na nossa frente já pronto e na noite não tinha nada, então da noite pro dia se faziam coisas em Brasília. Era o almoxarifado aonde iam receber as professoras o alojamento das professoras que viriam para fazer o Júlia Kubitschek que a primeira escola foi o é Júlia Kubitschek na verdade pelo que eu lembro não foi o Júlia Kubitschek o primeiro público foi o Júlia Kubitschek. Mas o doutor Sayão mandou fazer com as tábuas que tirou do Palácio da Alvorada para fazer o ginásio de Brasília. No Núcleo Bandeirante eu fui a primeira a ser matriculada no colégio no Ginásio Brasília e eu ia a pé da Novacap ao Núcleo Bandeirante e passava por uma pinguela por cima de Vicente Pires. O Juscelino era uma pessoa assim como se diz difícil de falar porque ele andava como nós andamos hoje na rua da classe média anda o Juscelino andava em Brasília em todo lugar que você tá aparecia ele sem segurança sem ninguém. A fazenda do Gama foi um dos primeiros contatos pra marcar aonde seria o catetinho que seria a moradia do Juscelino ele morava no Palácio do Catete daí o Catetinho né a primeira construção em alvenaria em Brasília foi a Ermida Dom Bosco porque antes era tudo de tábua e essa a Ermida foi marcada pelo Jofre Parada e o engenheiro Bernardo Sayão é Brasília venta muito e ventava mais ainda hoje devido os prédios e tudo o vento praticamente desapareceu e com a movimentação de terras faz estrada pra cá faz pra ali então havia os rodomoinhos enorme igual tornado dá era o rodomoinho daqui e a nossa diversão era entrar dentro do rodomoinho de short descalço então a perna os braços ficavam tudo marcadinho de pedrinha porque a velocidade dele é grande então aquelas Pedrinhas da areia batia era nossa diversão mais era isso e andar pelo cerrado é uma vez eu lembro de uma travessura que eu fiz que eu era muito Santa e eu peguei a minha bicicleta porque eu fiquei sabendo que na esplanada dos ministérios tinha chegado uma máquina muito grande e eu sempre gostei muito de máquina então eu fui de bicicleta sem a mamãe saber pra esplanada dos ministérios chegando lá era uma máquina que ela cortava o o terreno e tinha uma esteira longa que jogava em cima do caminhão a Terra isso pra fazer ali à esplanada porque não era retinho como é que você vê hoje né terraplanagem mas não era um trator e ela tinha uma plataforma grande e eu fui para cima dessa plataforma então é não tinha menina não tinha ninguém e uma mãe saiu procurando já tinha dado a hora do almoço cadê a Gláucia nada e uma das passagens que foi quando logo que foi logo que nós chegamos meu pai foi até com o jipe num lugar que era um cerrado e tinha um caminhozinho muito pequeno e ele parou o jipe e falou assim grava isso na sua mente tira fotografia disso que você tá vendo tirou eu falei tirei aqui vai ser a avenida mais movimentada de Brasília era a w3 a mamãe eu acho que das mulheres que eu conheci porque poderiam ter outras que eu não tive acesso minha mãe trabalhava à noite quase a noite inteira em cima de uma prancheta é fazendo a medição das fazendas ajudando o meu pai porque ele saía para o campo e ela ficava em casa então ela passava o tempo todo é fazendo esses mapas e datilografando naquela época não tinha computador para dar é para desapropriar as terras daí é que você poderia dar o começo então a Brasília.

Naquele tempo entre 1957 e 1958 havia poucas mulheres. Eu lembro é que nós trazíamos empregada de Goiânia para mamãe teve uma que nem dormiu em casa já arranhou um casamento então toda a empregada que vinha era um dois dias saía casada a falta de mulher em Brasília era enorme a zona que falavam era lá no núcleo Bandeirante na placa da Mercedes por que a placa da Mercedes porque havia uma placa muito grande da Mercedes Bens que a placa das Mercedes fica ali depois Divinéia né Ixe e quando a gente chegava lá era assim era muito feio o que eu via porque elas sentavam de qualquer jeito e já todas já esgotadas da noite né bom para para fechar eu não tenho nada aqui além de dizer que como eu disse para vocês que eu me orgulho muito é praticamente nasci aqui com 10 anos eu vim para cá aqui a minha cidade e da qual eu tenho recordações só boas.

Depoimento 10

HARCO OFUGI RODRIGUES (Advogada)

*Chegou a Brasília em 1959

Em 55 meu pai já falava em Goiânia meu pai ele frequentava uma roda de amigos inclusive políticos e nessa época já se ventilava a mudança da capital para Brasília então Juscelino circulando aqui com ele e disse assim pois é e aí japonês a japonesada vem ou não vem para Brasília meu pai foi e disse assim, mas a Terra aqui é muito ruim aí o Juscelino respondeu se fosse boa não precisava de japonês. Então foi assim que deu início a vinda da colônia japonesa aqui pra Brasília de início 20 famílias, na cidade livre, era a princípio 20 famílias e foi quando foi recebida as primeiras chácaras na cidade livre mesmo. Olha um fato que me marca e eu penso de repenso até hoje, hoje a gente vê as pessoas essa exploração econômica do distrito federal e na época os trabalhadores que vinham muito simples e aventureiros até, mas ninguém se pensava em acumular riqueza tanto é que nós temos exemplo ali na Vila Planalto mesmo de pessoas que chegaram na época que hoje continua morando no seu barraco de madeira porque não tinha aquela ambição, alegria o que motivava essas famílias era justamente construir a nova capital. Eu estudei no ginásio Brasília e a minha vida eu fui Bandeirante trabalhei muito na fixação do Núcleo Bandeirante na cidade livre e a minha vida era o colégio e nós tínhamos lá 2 cinemas então o lazer que nós tínhamos era somente o cinema matinê né e encontro com os colegas, amigos ia pescar no Lago Paranoá final de semana às vezes a gente fazer caminhada a gente ia para esplanada, estavam construindo a esplanada dos ministérios só tinha os esqueletos então a gente vinha a pé da cidade livre então se restringia a isso porque não tinha muito o que se fazer não existia também mas se vivia muito uma vida como se dizer é bem ingênua na época sabe então brincava de pique esconde amarelinha porque meu pai fazia questão cabelo que eu me enturmasse minto com a colônia japonesa com a Juventude da colônia japonesa e isso é eu achava um contrassenso porque eu estudava no colégio brasileiro eu tinha meus amigos minhas amigas por que eu tinha que? então eu achava isso para mim, isso de certa forma livre me violentava meu lado brasileiro, eu dizia que eu nunca iria casar com japonês como de fato eu não casei. E pra eu casar eu tive que fugir. Então eu acredito que hoje se estivesse vivo Bernardo Sayão e Juscelino, eu acredito que do outro lado eles estão vibrando para que Brasília retorne a ser o que era, né? Sem tanta violência, criança na Rodoviária dormindo eu fui tirar meu passaporte ali no Na Hora uma criança de manhã aquele pedacinho de gente ali perto da banca de revista ele dormindo ali num pedaço de jornal aquele bolinho de gente e a gente fica com receio de chegar... Na república você confiava, você podia dar carona...

Depoimento 11

HELENA MARIA VIVEIROS DE SOUSA CARVALHO (escritora/ arquiteta)

*Chegou a Brasília em 1959

Vim pra Brasília recém-casada com meu marido que era engenheiro. Com a finalidade de construir Brasília ajudar na construção como pioneiro eu cheguei em 27/01/1959. Meu marido veio no final de 1958 ainda solteiro já para preparar a nossa vinda de casados né. Fizemos uma viagem memorável filme de jipe do Rio de Janeiro até Brasília DF. Foram 7 dias dentro de um Jeep e é por estradas que não existia que nós criamos. Quando chegamos em Goiânia depois de aventuras 1000 algumas muito perigosas corremos risco de vida várias vezes, lá as pessoas não acreditavam que nós tivéssemos vindo do Rio de Janeiro. Quando nós chegamos era uns 3 blocos de lama meu marido era um bloco era outro e o Jeep era outro e começaram a perguntar de onde nós tínhamos vindo nós dissemos que era do Rio de Janeiro eles disseram que não podia ser porque até então só tinha chegado em Goiânia só carros como caminhão ônibus carros grandes carros pequenos nunca tinham vindo do Rio.

Um dia que viajamos a tarde inteirinha para chegarmos a um precipício e pra vermos que ali seria futuramente o viaduto mas que era princípio de um precipício e aí tivemos que voltar tudo para que no dia seguinte procurar outro caminho. Viajamos muito assim estradas de carroça né que era para carro de boi que formava aquelas trilhas e nós seguíamos os trilhos até um certo ponto dava depois não dava mais.

A primeira visão de Brasília quando cheguei lá de longe vi uma série de casinhas de madeira. Era o Núcleo Bandeirante aí saltei do Jeep e fiquei olhando. Vi a Cidade Livre na época era esse nome dado para o primeiro acampamento que existiu aqui. Aí eu fiquei olhando e me apaixonei certamente foi amor à primeira vista eu gostei de Brasília desde o primeiro instante que eu cheguei aqui nunca me arrependi e agradeço a Deus ter inspirado essa nossa vinda. Lá no Rio falavam do clima que era muito seco em Brasília. Claro que era bem diferente do nosso clima que vivíamos perto do mar. Mas no início de Brasília o clima era muito bom. Bem sadio eu acho porque é frio e seco é um clima ideal para muitas pessoas que saem do Brasil e vão pra Europa procurar um clima destes quando precisam então aqui tem de tudo! Tinha na época que podia seguir pelo calendário certinho. Dia 19 de março acabava as chuvas e começava a seca. Nós marcávamos porque era uma chuva realmente imensa e meu marido que era mineiro já conhecia. Ele chamava de enchente das goiabas. O acampamento tinha um restaurante e um cineminha. A noite olhando as estrelas a gente sentava nos bancos de madeira e víamos filmes que passavam nos grandes centros. Lembro de um filme que mostrava as festas juninas, a festa do Carnaval... A gente tinha tanta esperança naquela época, era aquela febre de construir Brasília aquela febre entende de fazer alguma coisa para o país e aquele sonho de melhorar as condições porque havia necessidade imensa de interiorizar a capital. Não era possível continuar o Brasil crescendo só no litoral como se fosse caranguejo não tinha condição. O Brasil é um país imenso né! Nós já teríamos perdido o Brasil se não tivesse interiorizado a capital.

Eu também acho que se não houvessem as mulheres em Brasília, Brasília não teria sido construída como foi e sinceramente não é que as mulheres fossem para as obras pegar no pesado, mexer com betoneira, pegar martelo, bater prego não é isso. Mas elas davam retaguarda sem a qual os homens não teriam o suporte emocional para fazer bem o trabalho deles entende? Por exemplo, eu muitas vezes ia levar um lanche para o meu marido às 6:00 da manhã pois ele varava muitas noites trabalhando, a construção era uma intensidade de trabalho impressionante. Trabalhava-se dia e noite. Se eu não levasse esse lanche ele ia cair de fome. E as mulheres não ficavam somente na retaguarda cuidando da casa e marido. Elas participavam também em muitos trabalhos nos serviços de organização das obras na Novacap, trabalhando em serviços técnicos, fazendo mapas e plantas dos prédios, trabalhando como parteiras, cozinheiras e em serviços operacionais. Trabalho não faltava. Havia muitas mulheres que trabalhavam no comércio e nas pousadas que iam surgindo.

Teve um dia que o meu marido realmente havia em Núcleo Bandeirante atual que era a cidade livre ali esse agora eu vou te levar você vê a nossa futura casa e ele está tudo bem mas eu olhava assim a volta só via o que para mim era mato. Eu vim do Rio de Janeiro sabe o que é nunca tinha visto aquelas coisas que era o cerrado. Eu bem carioca pensava logo não tem perigo? Não tem assaltante? Ele disse não tem assaltante nenhum, aqui é uma tranquilidade. Então eu disse está bom então vamos. Ele entrou com Jeep o que pra mim era mato por onde você vai cadê a estrada? Ele disse: nós é que vamos fazer estrada. Mas como? Ele botou o Jeep na direção de uma árvore e foi em frente na sua direção. Eu dei o maior grito e ele bateu na árvore e árvore abaixou e ele passou eu disse mais que que é isso? Ele explicou que é assim que se vive em Brasília. Tudo estava por ser feito. Não estradas, escolas, água ou luz. Muito precário. Mas foi assim que passamos os melhores dias de nossas vidas. Vivíamos um dia de cada vez e sonhando com o futuro que viria. É assim que nós passamos os primeiros anos da construção de Brasília. Fomos passando pelo cerrado com o Jeep contornando ou derrubando as árvores e fazendo a estrada. Numa área de cerrado ele disse: olha a nossa casa aí! Eu estava na W3 viemos atravessando o que seria hoje a 207 sul para W3.

Eu escrevi um livro Brasília *o despertar do gigante*. O livro eu fiz em poema épico porque eu achei que ir pra descrever Brasília tinha que ser em poesia. E éramos uma família. JK ele era um pai pra gente entende. Ele queria ajudar todo mundo, não sabia dizer não e conversava com todo mundo. O Israel Pinheiro que tinha que fazer funcionar direitinho. Se alguém ia pedir para algo ele dizia assim ó Israel dá uma casa pra esse aqui e o Israel ficava doido coitado.

O enchimento do Lago é uma história interessante. Nós vivíamos nesse fundo de lago né quando não tinha água era as nossas trilhas eu chamava minhas velhas trilhas e teve um ponto lá que já estava mais ou menos com fundinho e aí eu disse a água vinha com uma velocidade impressionante. Os técnicos achavam que esse lago iria levar mais de 1 ano até que enchesse mas levou poucos meses. Na época da feitura do lago teve muita chuva aí. Eu disse ao Aluizio olha isso aqui tá um pouco perigoso arranja um pinguela qualquer pra gente sair já estava mais ou menos na região do Lago Norte aí ele viu uma pinguela já mais ou menos coberta pela água e disse vamos por alí mas chegou lá não dava mais pra ver a pinguela assim as tábuas no chão mas dava pra ver os corrimões eu vou pelo corrimão e segura aí colocou o Jeep na direção e avançou rápido passou mas passou já em cima da água já eu acho que depois de nós ninguém passou por aquela pinguela quando eu olhei para trás e vi as águas vindo assim forte eu não sei o que que era aquilo mas se formava até mais ondinhas e aí vem uma coisa interessante num morro que ia ser coberta pela água uma mansão linda tava lá eu só não entendo porque não tiraram as telhas poderiam ter tirado essas telhas de barro vermelho e aproveitado em outro lugar uma mangueira enorme ao lado e aquela mansão linda para ser coberta pelas águas. O lago também cobriu a Vila Amaury⁴¹⁶ que era chamada de Sacolândia. Era toda feita de madeira e sacos de cimento. Muitas pessoas moravam nessa invasão creio que umas 2000 pessoas.

É ainda com o espírito ideal aquela coisa pode ser o candango como é que eu vou te dizer o que era candango para muitas pessoas eram adjetivo depreciativo para muitas pessoas era chamava de candango não sei lá o que diariamente pelos danos aqui eu acho que se fosse acho que Juscelino era candango meu marido era candango e eu também sou com muito orgulho

⁴¹⁶ A Vila Amaury, criada por um dos funcionários da Novacap, o Amaury Almeida, que na época conduzia o movimento pró-moradia, era o responsável por organizar a chegada dos novos migrantes e alojá-los nas cidades. Em 1959, perto da inauguração, havia um fluxo muito grande de pessoas no centro, e como a cidade estava perto de ser inaugurada, o funcionário formou a então vila, como explica a sua filha, Elizabeth Pinheiro. “A Vila era um aglomerado de barracos feitos de restos de madeira usadas nas obras. Lá tinham ruas que eram becos e que não dava para passar nenhum carro. Mas ali tinha comércio, tinha uma sala de cinema, que era um barracão de madeira e o piso era de chão batido, era um lugar simples mesmo”. Depoimento do ex- morador Miguel Machado (Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal)

candanga. É quem chegou com espírito o pioneiro é questão de época e o candango questão de alma entende chegou ama Brasília gosta de Brasília e do que Brasília dá entende? Porque esse é o verdadeiro candango eu acho aquele que tem a Terra de Brasília no sangue não precisa ter nascido aqui esse eu acho que é o candango.

A inauguração de Brasília foi uma emoção só. A missa foi tão emocionante que Juscelino chorou tapou os olhos com a mão e soluçou e aí aconteceu outro fato muito interessante esse fato quando eu conto muita gente não acredita mas o fato é que eu descobri uma foto que confirmou quando nós chegamos lá como eu disse eu estava grávida do meu filho mais velho e chegamos a praça estava lotada. Não tinha espaço nem para pensamento era gente por todo o lado não tinha uma cadeira nenhum banco nem nada eu meu Deus eu não vou aguentar essa missa em pé e me encostei assim porque foi na Praça dos 3 poderes né e o altar ficava encostado ao Supremo Tribunal Federal é uns 4 meu marido eu e mais um casal amigo isso se não Vai Ficar de pé isso aí não tem condição mas eu estou perto da cabeça de jeito nenhum experimentei o trinco de uma porta de madeira fechado eu pensei olha e se uma dessas está aberta eu preciso dar um jeito de sentar aí fui pra segunda abri eu disse pro pessoal aqui a porta está aberta abrir a porta entrei os outros 3 atrás de fechar a porta mas mesmo naquele piso inferior daquela escada então quando chegamos no primeiro andar vimos que era fachada toda de vidro e a praça ali a em frente aí pegaram quarto poltronas puseram junto da janela e nós nos sentamos assim sentada na janela aqui na nossa frente espetáculo todo ali embaixo camarote mesmo está muito melhor até do que o Juscelino que estava em frente embaixo de nós em baixo era o altar e nesse altar eu tirei uma foto dessa janela da Cruz de Cabral a cruz que veio para o Descobrimento do Brasil a primeira missa no Brasil em 1500 aquela Cruz estava lá e essa cruz veio para missa de inauguração de Brasília e fiquei ficamos lá assistindo a missa mas bem diferente no vidro né lá já pro final da missa surgiu um segurança ele entrou muito delicado chegou e disse olhe é o seguinte os fotógrafos mandaram pedir se vocês podiam se retirar porque você está interferindo no cenário das é realmente o cenário era aquele cenário iluminada aquela janelas todas as luminárias bonitas né então eu tinha uma máquina “caixotinha” está aqui no bolso com essa máquina que eu ganhei que eu era menina com essa máquina eu fotografei fogos de artifício da inauguração que eu não vi outros lugares foram os fogos muito interessantes que fizeram naquela esplanada aquela que fica depois da Rodoviária. Eles puseram uns fogos que eram um painéis com mensagens quando os fogos queimaram surgiram as mensagens lindo nunca tinha visto uma coisa um dos momentos mais emocionante da minha vida foi o desfile de 21 abril eu estava vestido é bom estava grávida estou vestido com vestido de grávida que existe bem largos né da época é essa e é mas é e todo mundo tá vestindo mais ou menos esportiva então o desfile foi assim teve os militares primeiras crianças de Brasília todas as crianças de Brasília desfilaram. agora então foi o início do desfile com o arco-íris e as crianças vieram é baixando em seguida as criancinhas de Brasília depois vieram os militares vieram os candangos pioneiros de Brasília e a vieram assim havia Jeep com os engenheiros esposas na hora do desfile as esposas desfilavam porque elas fizeram muito por Brasília também né e então atrás desse Jeep vinham os caminhões com os operários da firma ou do órgão que fosse é respectivo né O Jeep com os engenheiros depois os operários E assim foi e o Juscelino levantava para saudar o que é que é a gente dele alguns tinham faixas outros tinham bandeira é nós tínhamos alguns caminhões né porque eram vários e um caminhão Jeep um caminhão tem que operar então alguns time e depois que ele foi o final foram ficando os pioneiros de Brasília né não sei eu sempre achava que ele se entrosava mais com os candangos buscando e eu gostaria de agradecer a Deus em primeiro lugar por ter permitido isso por ter inspirado isso porque realmente acho que eu acho que foi a parte mais certa que eu fiz na minha vida porque eu não me arrependo não gostaria de ter criado os meus filhos em qualquer outro lugar. Brasília é meu pedaço do céu.

Depoimento 12**JOSEFA CARMELITA DA SILVA FRANÇA** (lavadeira e cozinheira)

*Chegou a Brasília em 1960

Vim de Currais Novos Rio Grande do Norte lá mesmo no Nordeste o pessoal estava vindo quase todo mundo pra cá de pau de arara uma lona e tem banco assim no carro né e a gente vai sentando juntinho, vai sentando, vai sentando até completar aquele caminhão de gente, o joelho vai encostando nas costas um do outro, para alimentar a alimentação eles colocavam no saco, coloca no canto ou atrás ou na frente ou do lado. Menino vem no colo ali espremidinho eu mesmo vim grávida com um barrigão que só vendo eu estava de 7 meses. O povo se afobava uma briga tinha hora e essa luta, quando chegava num lugar que a gente era a gente descia todo mundo assim no mato e perto de um córrego quem tinha comida pronta dava um jeito de esquentar a panela trazia. Esquentava se alimentava, primeiro dava banho na turma, nos meninos ou tomava banho pelo córrego por ali e ficava descansando enquanto secava as roupas pra vestir novamente, terminamos a viagem com 10 dias. Lá a minha sogra matou galinha, fez farofa, trazia rapadura, trazia queijo, batata doce, essas coisas né que não ofende guardar e quando acabava aquela comida a gente dava um jeito de comprar. Meu marido não trazia um tostão, mas o motorista arrumava dinheiro né aonde a gente ficasse, ele cobrava né, a gente trabalhava e pagava pra ele né. Foi dura mermã passamos 10 dias no caminho com chuva as vezes a ponte caía aí a gente esperava mais 3 dias para concertar aquela ponte e quando concertava a gente vinha e a viagem era essa. Eu vim com o meu marido e 2 filhos. Vila Amauri que era só de papelão, de pedaços de tabuas, gente morando lá quase um por cima do outro, vendendo, outros comprando, poucas mulheres tinham aqui. Dava 4 horas mulheres não podiam descer na Vila Amauri era cheia de gente porque tinha muito homem e era poucas as famílias que tinham né não tinha essa vila aqui não tinha alojamento para família, tinha só para rapaz né e mulher não descia não, as mulheres não davam muita sopa não. Não que a gente tenha encontrado uma pessoa má, todo mundo se respeitava muito, então não tenho que dizer desse povo naquele tempo porque trabalhavam demais, trabalhavam de dia e de noite. Eu trabalhava lavando roupa para os piões porque era o que a gente mulher vivia né porque aqui não tinha emprego pra quem não tinha estudo, vinha de longe que não tinha estudo ia lavar roupa e ia dá comida para os piões, fazer marmitta, tinha gurita um quadradinho que a gente botava de manhã a comida na rua pro carro passar lá e pegar e levar pra obra. Aquele tempo é difícil dizer quantos eu lavei ia aparecendo ia lavando nunca tenho ideia da conta, era todo Santo dia levanta às vezes as 3 horas da manhã eu levantava para lavar roupa esfregar fazer 1 fogo no quintal botar uma vasilha grande assim para ferver porque tinha roupa que só limpava com a água fervida porque era muita poeira, até de óleo a gente botava sabão e fervia aquela roupa. Lenha tinha muito né e a gente lavava quando era 10 horas tinha roupa estendida pra todo lugar aí era hora de desocupar os tanques para uma dona da casa era serviço aí vamos passar roupa tinha que usar meu ferro de brasa, ele é feito de ferro tem uma grade a gente tem que levantar a tampa assim enche de brasa e tampa, tem um buraco do lado do vento e ali o vento assopra aquela brasa mais esquentar tudo que é uma beleza né. Eu cheguei aqui sem nada e hoje eu tenho minha casa, meus filhos vixe. Falei Deus me tirou muito daquele lugar tão difícil, eu morava na casa dos outros lá e me botou numa casa sozinho com meus filhos e meu marido, minha família coisa que eu mais desejo porque eu não tinha minha mãe nem pai né tive a trabalhar fora na casa dos outros, mas pra mim foi uma benção.

Depoimento 13**HILDA RIBEIRO DA SILVA** (auxiliar de enfermagem)

*Chegou a Brasília em 1959

Eu nasci Teresina Piauí e lá eu fiquei sabendo de Brasília que era soldado que naquele tempo não era por isso se viu né não era polícia civil militar da polícia federal era GEB é era

polícia especial de Brasília ele achou por bem me trazer para cá que era uma cidade nova iniciando e eu era jovem podia fazer algum curso se eu cheguei aqui 12/07/62 já tinha alguns lugares mas não tão que nem hoje os ministérios estava que nem são hoje a Câmara e Senado também estava mas esse outros casa quartel esse negócio não existia era poeira pura meu irmão invadiu um apartamento na Asa Norte que o nome era COFAPE não era COABE não era Novacap era COFAPE aquela turma não tinha casa e se juntou aquela porção de gente da GEB e nós fomos lá botamos um bocado de colchão da GEB e fomos dormir tudo lá dentro nós parecíamos um animal aí dormindo nesse alojamento lá no Núcleo Bandeirante todo mundo ali trabalhava tinha gente que pegava a roupa dos policial e vivia daquilo pra lavar era 6 conto eu não me lembro o nome do dinheiro eu lavava roupa do meu irmão e do pessoal que era pra mim ganhar dinheiro porque eu tinha que mandar o dinheiro do Piauí poxa eu tinha que trabalhar. Era! Eu achava fácil demais para o que nós estamos vivendo hoje era fácil demais. Você comia comida fresquinha você ia para aquele armazém união foi aquele que pegou fogo em 64 em 65 né que é aonde hoje é o mercadão do Núcleo Bandeirante que ali não tinha aquilo não. Eu achava que Brasília ia evoluir com minha pouca escolaridade que eu tinha mas era tão fácil dinheiro naquele tempo você pegava assim eu não sei dizer o nome só sei dizer eu não trouxe minha carteira para mim ver é que tá os dados tudinho dos meus empregos lá tudo eu não tenho dinheiro né era muito fácil você lavava aquele Monte de roupa a polícia te dava seis mil reis era dinheiro demais eu mandava não sei quanto para minha Terra e ainda ficava com o dinheiro e eu só andava bonita eu ia ao cinema comia bem sobrava dinheiro tinha muito mais facilidade o emprego público em Brasília você sabe ler? Sei, me dê sua carteira, você já era funcionária pública na minha época tem gente aí que era muito bem que entrou na Novacap cortador de tijolo carregando para fazer a casa do dr Valdoir e pra fazer a casa do doutor Ernesto fazer a casa do doutor Jaime que eram os engenheiros que morava ali no caminho do Gama foram contratados foram reclassificados engenheiro, contador, por que? disseram que era contador e naquele tempo não tinha negócio de traz seu diploma não, hoje em dia tudo precisa do diploma. Uma porção de pão de Brasília, de Teresina, Piauí, do Maranhão, Fortaleza, de todo canto porque Brasília foi feita de nordestino que ela dizia ser o nome aqui nordestino e não Brasília a Rabelo Pacheco que foi as 2 que brigaram os pinhão que teve morte lá que lá por causa das obras de lá não era aquele pessoal todo bruto né não tinha nada qualquer coisinha tavam lá se matando né minha filha aquilo ali deu pano pras mangas, dizem que morreu gente ali que foi jogado no lago e que até hoje ninguém sabe. A GEB fez parte dali porque era a única polícia que tinha aí a GEB foi teve que ir comandar lá né porque era ela que comandava Brasília. Abertura das compotas eu estava aqui naquele tempo eu estava morando na Asa Norte meu irmão estava trabalhando lá e disse que foi Coisa Mais Linda do mundo uma Coisa Mais Linda parece que estava chegando Deus aqui dentro de Brasília aquela compota ali dentro tem casa, mas no tempo o doutor Juscelino estava dizendo eu vou abrir e vou abrir ninguém acreditou então levou a Vila Planalto toda de cabo a rabo não ficou um para contar a história até meu cunhado saiu de lá na carreira e ainda hoje tem coisa dele lá,

A placa da Mercedes aonde era a posso falar? A casa das prostitutas a vida parafuso ali só tinha mesmo o mulheril né os homens iam tudo pra lá era aquela coisa doido para lá né, mas era dividido elas eram proibidas de vir para cá para o Núcleo Bandeirante elas só para frequentavam a Vila Parafuso e a placa da Mercedes. O papel das mulheres naquela época uma seriedade Fora de Sério era uma coisa muito boa, era um conjunto assim parecia uma família. Representava muita coisa, naquela época uma Senhora não sabia quem era o bom quem era o ruim todo mundo era igual parecia uma irmandade. A dona Sarah Kubitschek ela não teve o privilégio de morar numa casa, num sobrado, num Park way, no SMPW, não ela morou numa casa de madeira, então eu digo pra senhora todo mundo era igual, mas hoje em dia tem a discriminação eu era igual a Senhora se a Senhora trabalhava no hospital a Senhora era a médica eu era auxiliar de enfermagem mas nós éramos iguais, igual para igual a Senhora só tinha um DR e eu um AX

era ali tal tal mas hoje em dia a senhora chega no hospital cada um levanta o seu nariz como pode. O papel do nordestino foi uma coisa maravilhosa só em nós entrar numa capital de cerrado e as nossas próprias mãos construir isso é muito importante a tecnologia era isso aqui ó isso aqui foi mãos nordestino é nordestino eu me orgulho de ser nordestina porque eu ajudei construir Brasília que eu Hilda construir, muitas crianças nasceram aqui nessa mãozinha, são doutores, engenheiros e tudo me respeita na hora que me vê e me aperta e diz oh nega velha você perdeu a perna. Conheço vários tem um Junior o doutor Avelar Júnior aquele ali foi eu que cortei o umbigo dele assim fiz o creder bonitinho e entreguei pro pediatra com os remédios. Isso é muita honra para mim demais da conta e outros por aí tem um Renato engenheiro civil.

Depoimento 14

ISIS DE MARIA LOPES GUIMARÃES FERREIRA (tabeliã)

*Chegou a Brasília em 1958

Nasci aqui no Distrito Federal mas em Planaltina Goiás que na época era Goiás mas agora é Distrito Federal e a minha família Guimarães ela ela contribuiu muito para a o crescimento de Brasília ela era proprietário de muitas terras aqui nessa região essas terras fora desapropriada não é a preço muito baixinho para a consolidação né do Distrito Federal e todo mundo fez com muita satisfação com muita alegria porque seria para um bem maior que seria a trazer para o centro-oeste né o progresso que não faltava aqui para a gente e na minha casa daquele período da hora do Brasil mas aquilo a gente ficava sabendo Tudo que aconteceu no país de tudo que se passava todos os planos do governo todos os decretos aquelas coisas todas que para a construção de parte de Brasília então a gente sabia da missão que veio para cá inclusive essa missão que veio que eu conheci todas as pessoas que ajudaram a viajar nesses sítios todos aí foi na época que veio essa comissão de Paulo Coelho para verificar os sites do local direitinho que vai ser aqui essas coisas todas pontuar tudo e não tinha um hotel que Planaltina era uma cidade muito pequena muito sem recursos num é e tudo então essa comissão foi hospedado pelo dr Hozona Guimarães na fazenda dele chamada larguinha que teve também um senhor chamado em Planaltina chamado Viriato de Castro que também prestou grande serviço atendendo nesta comissão inclusive viajando com eles apenas pelo sertão para para fazer a demarcação das terras onde seria onde ficaria demarcado o porque o Distrito Federal é um quadrilátero lá né essa comissão toda fazia tudo isso aí a cavalo era uma comissão que até na quase chegando a formosa nós temos uma minha mãe tinha uma fazenda um sítio as terras aqui na Goiás não foi desapropriada para fazer a fazenda modelo sabe então essa desapropriação era muito barata mas eu quero contar uma história sobre como eu conheci como eu fiquei sabendo da mudança da capital que é o seguinte a minha mãe era entusiasta desse assunto ela seguir isso e falava com as pessoas a capital federal vai mudar para cá e tudo ela ouvia que ele falava capital mas isso antes do Juscelino ser presidente da República e as pessoas falavam a Dra Amelia tá ficando doida ela tá falando que a capital vem para cá mas era porque ela era uma mulher culta inteligente preparada eu ouvia muito o rádio ouvia a hora do Brasil sabia do que estava acontecendo Juscelino fez um comício em Jataí né e o Toniquinho⁴¹⁷ perguntou se ali na promessa que Juscelino fez se ele prometia mudar a capital para o planalto central como estava na Constituição e ele falou que era uma promessa dele para o meu casamento foi Na Na um dos primeiros casamentos aqui da igreja nossa senhora de Fátima no dia 31/07/1959 está prontinho aí sabe e então minha mãe era a proprietário do cartório e Juscelino pediu para trazer o cartório para cá e tinha muito candango muitas pessoas que vêm para cá não tinha documento nenhum então o cartório vinha 2 vezes por semana era sexta e sábado e um a

⁴¹⁷ Pergunta do Toniquinho ficou conhecido como o marco desencadeador para a declaração por parte do Presidente Juscelino Kubitschek para oficializar a construção de Brasília durante comício na cidade de Jataí – GO em

condução da Novacap nos buscar e a gente vinha para cá eu conheci o Juscelino de perto de falar com ele muitas vezes é que tinha um local ali na onde era possível hotel né que não tinha nada depois quando fechava tudo que acabara de noite não tinha nada e Juscelino gostava muito de violão eles levavam violão cantava tocava eu estava casada mas não tinha filhos então a gente ia pra lá eu gostava muito porque daquelas coisas que a tia Dalva de Oliveira cantava que a Marlene cantava que a Emilinha Borba cantava sabe eu sei que o repertório era esse sem contar o peixe vivo né ele era o prato do dia não é ai lá no Bandeirante que foi a primeira cidade a primeiro local onde as pessoas ficavam os primeiros hotéis de madeira era tudo em madeira lá também chegaram para cá as prostitutas é claro que elas vieram para cá e moravam lá numa rua que era uma praticamente era um local só para elas eu conheci uma Senhora que tinha um hotel lá perto que ela dizia que o marido dela tinha tanto respeito Por as prostitutas e eles vieram para a ca com sua filha já mocinha que ele dizia ninguém vai brincar com elas e também não seria ela merece o respeito da gente atenção as prostitutas elas moravam ali onde que tem é uma placa da Mercedes e até onde tinha formação da vila era onde elas ficavam né e tudo agora mais tarde Elas Foram levadas para Planaltina No Núcleo Bandeirante ficavam mais aquelas pessoas que vieram para comércio agora as pessoas que vieram trabalhar em Brasília com profissões liberais não é tudo é ficava mais era mais Velhacap⁴¹⁸ casa tanto restaurante das pessoas eram ali na Velhacap tinha também e receber o lote como foi construído muito rápido minhas casas para as pessoas morarem aqui na w3 sul então praticamente a gente não tinha eu não tinha muita convivência com o Bandeirante hoje é tanto ato de violência contra a mulher aqui veio trabalhar só homem mas a gente não via eu pelo menos nunca ouvi falar em violência de contra a família contra as mulheres escuto essas coisas todas nunca ouvi falar não existia isso sabe depois que eu tenho saudade que era bom as pessoas se respeitavam sabe eu nunca ouvi falar agora hoje é muito triste uma coisa triste que aconteceu naquela época foi uma chacina que houve na Pacheco Fernando houve lá um massacre de operários que estavam no restaurante de lá comendo que era da construtora Pacheco Fernando existem muitas versões a respeito a gente sabe que houve uma briga aí chamaram a GEB aí foi um tiroteio dizem que foi um tiroteio danado morreu vários operários ali naquele dentro restaurante então isso no meu entender no meu conhecimento foi a primeira coisa ruim que aconteceu foi com esses operários ali então a morte de Sayão também foi uma coisa muito triste para Brasília, mas naquele em Brasília não tinha não tinha assalto não tinha mortes não tinha as moças as Senhoras com medo de sair na rua essas coisas não tinham Sim eles não usavam capacete não usava cinto no peito para ficar preso naqueles andaimes naquelas coisas e de vez em quando morria um e era aquela coisa toda e era muito triste também porque é como se fosse uma espécie de abandono quando a construtora deixava botava para trabalhar sem dar aquela assistência devida, então morria né morria muito operário.

Tinha óbito de modo geral eu não tenho assim muito dado assim se era de mulheres não mas naquela época muita mulher morreu de parto é morria de parto muito grande muito forte não estava bem cuidado e tudo e outra coisa que muita gente chegava essas pessoas mais tempo queria ter filho em casa né que muito tem muita gente que fala.

Depoimento 15

JUREMA CHABALGOITY TOSCANO BARBOSA (primeira médica ginecologista – IAPI – Cidadã de Livre)

*Chegou a Brasília em 1959

Sabíamos que aqui tudo era rápido do dia para a noite então quando em julho de 59 vi os ministérios todos ainda em formação e a cidade toda não existia. A rodoviária era um movimento de terra só isso eu lembro assim vagamente, mas como tudo aqui se fazia do dia

⁴¹⁸ VELHACAP

para a noite eu acreditava que realmente ia ficar pronta a cidade no dia da inauguração né era de eu acreditava né na cidade de Brasília então eu achava uma coisa fantástica no meio da terceira extensão enorme de verde está saindo uma cidade aí começa a dificuldade de tudo a surpresa só na realidade a fim de ficar o que estava aqui e continuou não pensou em voltar porque acreditou que Brasília porque acreditamos em Brasília porque na verdade não dava pra acreditar. Começa que nós chegamos não tinha ainda apartamento para os médicos em geral já tinha uns instalados lá nesse prédio aí da 111. JK chamava favela colorida, naqueles prédios ali da 400 e ali então ficamos num apartamentozinho com um quarto bem precário sem nada e apenas uns 2 extrados de solteiro e cobertas que tinha assim um outro colega veio nos ajudar e trazer umas cobertas pra nós ali tudo isso em lua de mel. O hospital lá era de madeira é de madeira tudo critério também né mas sempre era o que tinha porque ele atendia era IAPI naquela época, que atende os funcionários os empregados das obras na verdade os primeiros tempos o que havia não havia consultório era só parto atrás de parto, para chegar em alguma fazenda já cheguei a fazer 24 partos numa noite. Então não tinha pacientes do hospital, o trabalho em um hospital no trabalho das mulheres vamos dizer foi um trabalho muito intensivo porque se trabalhava dia e noite e o hospital não tinha estrutura ele não tinha nada nós ficamos por aqui porque nós acreditávamos que tudo ia dar certo e o plano hospital médico hospitalares de Brasília era perfeito era o ideal para atendimento de paciente, sempre promessa só que nada disso se realizou, valeu a pena ver nunca nos arrependemos não é porque a gente continuou sempre com o entusiasmo de conseguir ainda realizar e lutar pelo próprio plano durante muito tempo. A maioria de quem estava aqui estava acreditando mesmo em Brasília, nunca tivemos dúvida que a cidade seria inaugurada em abril porque o resto do Brasil mesmo não acreditava né mesmo lá no Sul de onde nós viemos, não acreditavam que fosse inaugurar a cidade.

Depoimento 16

LADIR CARLOS DE ALARCÃO (parteira e professora primária)

*Chegou a Brasília em 1960

Dr. Jayro Pano me convidou para trabalhar na Novacap como enfermeira lá em Planaltina estavam construindo um posto de saúde então nesse dia 9 nós fomos pra Planaltina. Ah! não quando nós estávamos na fazenda da Granja do torto aí como é que eu chegar muita gente pra morar ali aquele a gente não acreditava nós não tivemos aí eu nunca pensava que ia ser uma coisa tão maravilhosa na nossa simplicidade a gente ficava encantada mas também assustada com tanta gente chegando mas eu não acreditava que Brasília ia ser o que é hoje não francamente porque a gente nasceu em Planaltina né cidade do interior né mas nunca foi muito linda eu tinha feito um parto na véspera eu estava com medo da criança nascer segunda num dia mas nasceu antes nós viemos 8 horas da manhã mas a criança nasceu à noite o dia 21 aí meu pai nós viemos no caminhão todos nós na boleira aí meu pai falou pra mim preparar o almoço aí comida farofa tudo bem trazer o lanche é aí nós viemos meus irmãos cunhada então a família grande de Planaltina viemos aí foi lá buscar nesse caminhão subimos todo mundo na boleia e viemos e nós ficamos ali perto onde hoje é um achô que não tinha a LBV ali não tinha por ali daquele lado ali nós acampamos debaixo de uma árvore e passamos o dia lá e lá fizemos um almoço depois da missa né depois nós assistimos a missa a missa lá no Cruzeiro nós fomos acostumados com a poeira e com a lama né muita lama também né então estávamos acostumados tomada porque a gente tomava banho passava um pó aí é um batom e vinha né e era tudo muito mais simples né a gente gostava muito de ir no Núcleo Bandeirante aí a gente gostava muito de ir cá das lojas né dali e ver o povo na rua é fazer compras nas lojas que eu gostava aqui era um shopping da época. eu tive a felicidade de pela Novacap e conseguir apartamento na 112 sul como enfermeira aí eu trabalhava em Planaltina ajudava todo mundo e tudo e conseguir assim aquele apartamento né que até hoje eu moro né uma maravilha. Brasília hoje é uma maravilha é uma Bênção de Deus né é um lugar privilegiado né.

Depoimento 17

LIA SAYAO DE SÁ (Chegou criança – filha do Bernardo Sayão)

*Chegou a Brasília em 1956

Meu nome é Lia Araújo de Sá eu solteira sou Sayão filha de Bernardo Sayão. Eu cheguei em Brasília aos 13 anos de idade com o meu pai foi a primeira família de engenheiro a chegar em Brasília. Nós morávamos em Goiânia eu minha mãe e meus três irmãos, ele chegou em casa e disse amanhã nós vamos Brasília de mudança aí minha mãe disse vamos a gente chegou em novembro de 1956 e a gente foi direto pra uma casa que ele disse que estava toda pronta e quando nós chegamos lá a casa não estava pronta, ainda faltava colocar as janelas mas já era uma casa ele disse que tinha roupa de cama que tinha tudo e nós chegamos e não tinha ele saiu correndo pro catetinho buscar a roupa de cama pra gente poder dormir e eu me lembro que era bastante frio uma coisa estranha pra Brasília porque mudou muito o clima e aí a gente ficou durante o ano de 57 a gente ficou indo e vindo todo final de semana e férias porque não tinha escola e 1958 ele conseguiu fazer o ginásio Brasília pra que as famílias pudessem trazer os filhos que era o maior problema da época. No Núcleo Bandeirante foi a primeira escola de ginásio que tinha o jardim a escola primária, mas ginásio segundo grau na época não existia. Então a gente já estudou em 57 ficamos nessas idas e vindas. Uma poeira muita poeira, minha mãe não deixava a gente ele tinha um aviãozinho porque ele era diretor da Novacap, mas minha mãe não deixava a gente andar de avião porque ela achava que o avião ia cair então a gente não andava de avião a gente andava de jipe quatro horas daqui pra Goiânia de Goiânia para cá. Era uma luta a sobancelha chegava marronzinha, mas a gente lembra de tudo muito o carinho né porque meu pai era uma pessoa muito alegre pra ele tudo era festa Felicidade tudo bem. Viemos pra cá em 58 e já estudando no Ginásio Brasília eu me lembro que eu adorava era ótima, mas o meu pai ainda estava aí, quando foi em janeiro com 59 ele faleceu e aí abriu o colégio Dom Bosco e a gente foi da primeira turma do Dom Bosco. Estudamos no Dom Bosco e em 1960 abriu as escolas oficiais e nós fomos estudar já no CASEBRE, mas eu voltei de novo pro Dom Bosco enfim. Brasília era aquela coisa que só se falava em gente vir e da possibilidade de Brasília não vingar aqui não se realizar que havia uma campanha enorme conta, então as pessoas, a preocupação maior do meu pai era fazer com que as pessoas viessem para Brasília e morassem aqui em Brasília. Não tinha nada né então era meio difícil meio complicado. Foi um choque para todos nós né porque um acidente assim a gente nunca pensa, ele tinha 58 anos e foi um acidente na estrada, uma coisa muito inesperada e minha mãe ficou completamente sem chão né e eu tinha 14 a minhairmã tinha 7, o meu irmão 15 e o outro tinha 17 então nós éramos todos muito jovens, meus irmãos foram logo trabalhar porque a gente não pensão, não tinha nada, não tinha como fazer. Minha mãe também foi logo trabalhar e o presidente Juscelino deu pra gente essa casa que a gente mora até hoje no Lago. E nós viemos pro Lago antes do Lago porque eu morei no Lago antes da inauguração de Brasília. Das 15 primeiras casas projetadas por Oscar, eram 5, 5 e 5 em cada rua tinha 5 casas três de um lado e duas do outro e todo mundo mudou né porque ela era assim como tudo do Niemayer tudo muito aberto e também não era uma casa muito grande todo mundo modificou. Na época a gente não dava muita bola pra isso não porque depois ficava muito comum. Tudo aqui era Niemayer quem fazia né eu trabalhei na esplanada dos ministérios e foi ele quem projetou, eu acho ele muito artista como todo mundo, mas ele pra mim não é nada prático para uma dona de casa muito vidro muita luz muito calor e ele é muito eu acho que ele é mais um talvez escultou pra exterior do que o verdadeiro arquiteto na praticidade da coisa. Eu me casei em 1966 ainda não existia catedral não existia nenhuma igreja a única igreja que funcionava pra casamento era a Santo Antônio. Era uma Capelinha onde todo mundo casava. Primeira aluna do Ginásio de Brasília, primeira aluna do colégio Dom Bosco quando eles entraram depois a gente foi pra CASEBRE eu fiquei um mês lá mas achei tudo muito tumultuado resolvi terminar meu primeiro grau no colégio Dom Bosco e eu fui da

primeira turma do Elefante Branco e aí quando meu pai faleceu em janeiro de 59 eles quiseram fazer o primeiro baile de debutantes lógico né, eu não tinha nem 15 anos ainda eu estava ainda bem chocada com a morte do meu pai, mas insistiram muito e a gente foi eu fui com eu acho que era 14moças na época. Fizemos fotos lá no Palácio da Alvorada, o baile de debutantes foi no Brasília Palace e foi ótimo e veio esse Repórter do Cruzeiro que tirou as fotos e na volta teve um acidente horrroso ele faleceu, mas fotos foram salvas. A participação das mulheres na construção de Brasília foi de uma grande importância porque vieram primeiro os homens então as mulheres que vieram no início eram muito poucas elas tiveram várias que não vieram e essas que não vieram correram grande risco como as que vieram conseguiram grandes conquistas. Eu sei de muita gente que casou, que fez família, mas muitas vieram desde o início e ajudaram porque o marido acaba desistindo. Então eu acho que é aquilo mesmo como diz o ditado a mulher tá sempre por traz dando uma força né sem ela não vai mesmo não. Eu acho que elas tiveram uma grande importância ajudando a construção de Brasília e tinha outras que estavam na frente teve engenheira, teve um monte de mulher que na época não era uma coisa muito comum, aquelas a frente da época. A Neiva mesmo que fundou isso aqui, a Neiva a gente se conheceu em Goiânia e ela veio pra Brasília ser motorista de caminhão, então tinha mulheres assim, é porque ela trabalhou com minha mãe com meu pai, a gente conheceu ela muito antes dessa coisa da religião. Ela tinha mesmo umas visões e era uma pessoa muito corajosa, depois ela fundou a religião mudou um pouco, mas eu conheci ela antes da seita né da religião. As músicas da época é um começo do Roberto Carlos, na minha a minha Juventude era o Elvis Presley que eu era apaixonada e sou até hoje e acho a voz dele maravilhosa e gosto muito também. Nas festas tocava muito já um pouquinho depois do Ray Conniff, o Nat King Cole, um pouquinho até hoje não perdeu o que é não ficou, a bossa nova porque a gente conheceu aqui o Vinícius de Moraes, o Antônio Carlos Jobim, mas aí já foi uma fase, eles iam muito para o Brasília Palace e a gente ouvia falar. Eu conheci bem o presidente Juscelino de ir ao aeroporto para recepcioná-lo porque aqui não tem muita gente pra ir vê-lo aí a gente tinha que ir aí a gente ficava disputando quem ganhou o beijo quem não ganhou o beijo dele porque ele era muito simpático, muito charmoso e a gente era menina a gente achava o máximo né ir lá ver o presidente chegar e tal. Não existia qualquer separação principalmente no Núcleo Bandeirante e eu me lembro bem que a gente ia pro cinema à noite era muito engraçado porque meu pai ele era um paizão. Ele trabalhava o dia todo ele acordava 4 horas da manhã e de noite ele chamava a gente vamos ao cinema, aí quando a gente chegava ao cinema tinha aquela fila de menino. Porque ele tinha aquela permanência, ele entrava de graça e a turma toda queria entrar de graça no cinema. Aí ele dizia esse tá comigo, esse tá comigo aí e botava aquela fila toda pra assistir no cinema mas ele mesmo não assistia porque ele dormia, mas ele ia com a turma e eu não me lembro na época de ver essa diferença não eu me dava tanto com e me dou até hoje com milhões de pessoas que eu conheci na época, não sei se é porque meu pai não fizesse essa diferença meu entrava na casa de não importa quem fosse, ele era o mesmo ele tratava as pessoas da mesma maneira e talvez por isso esse carisma dele, porque pra ele não tinha mesmo essa diferença e a gente foi criado assim, não fazia diferença, tanto que uma vez o presidente Juscelino chamou ele em palácio que queria conversar com ele, chegou lá o guarda disse eu que ele não podia entrar porque não estava de terno e gravata, aí ele voltou aí o presidente ligou lá para casa você não foi eu chamei e você não foi, eu fui mas não me deixaram eu entrar. Ele não tinha essa coisa de se valer da autoridade e na época era uma coisa assim, era muito porque ele era como se fosse o governador, era quem ficava mais aqui, a família e isso eu tô falando antes da inauguração. Depois da inauguração mudou um pouco. Mas mesmo no comecinho não tinha não, a gente tinha colega que era filho de ministro, tinha colega que era filho de deputado, tinha colega que o cara era comerciante, não tinha, e a gente mesmo não fazia essa divisão. Muito pouco, graças a Deus né porque eu acho isso uma coisa excelente, eu detesto quando tem essa diferença.

Depoimento 18

LILIAN PORTUGAL MAGNAVITA (professora de teatro)

*Chegou a Brasília em 1960

Vim da Bahia uma Terra muito querida gosto muito da minha terra, mas hoje eu me considero Brasiliense. Fui convidada exatamente pelo ministério da educação e cheguei aqui no dia 16 de abril de 1960 antes da inauguração e aqui estou até hoje. Eu quando cheguei assustei um pouco porque estava tudo muito seco, foi no mês de abril. Vim no voo inaugural da cruzeiro do sul e olhei assim tudo muito seco, não tinha folhas verdes e no aeroporto eu escrevi um poema sobre isso. Busco o verde das folhas numa busca sem fim, mas o que eu busco por certo é o verde dentro de mim. Busco o verde das águas e nele mergulho por fim, mas o que eu quero por certo é o verde dentro de mim. Assim em busca do verde eu vou ao encontro do fim porque eu não tenho por certo o verde de dentro de mim. Esse poema está no primeiro livro que eu escrevi aqui. Eu escrevi em 1960 exatamente no galpão porque não havia aeroporto ainda em Brasília. Então eu escrevi lá numa mesa torta de madeira, eu sentei e fiz esse poema e eu mandei pra minha família na Bahia. Aqueles candangos, exatamente eu me refiro àqueles que construíram Brasília e depois de em um determinado presidente que sucedeu a Juscelino o Jânio Quadros eles foram, eles voltaram para suas terras natal. E ao passar que eu dirigia, eu tinha carro ao passar ali pela Rodoviária eu vi gritos de pessoas muitas mulheres chorando, homens tirando o chapéu e gritando que não queria voltar, eles eram colocados naqueles caminhões pau de arara como se chamava antigamente e voltava às suas Terra Natal. Voltavam assim por ordem do governo Jânio Quadro, então eu me revoltei e voltei pro carro e escrevi esse poema. Esse poema está intacto como eu escrevi no volante do meu carro. Aqueles candangos, eu os vi chegar carregando o peso da crueldade, arrastado pela força da miséria, era homens, mulheres e crianças com trastes de receio e esperança, abatidos quase nus traziam na pele tostada marcas sangrenta dos mandacarus. Era marcha forçada para o Oeste que levantava o norte e sul de leste em grupos eles iam vencendo o caminho onde tombava um homem, erguia-se uma cruz dos braços na estrada abertos para a luz e na linha longínqua do horizonte ouvia seu grito da Alvorada. Avante! Será Brasília. Menina que crescia sob a roupagem azul do céu sem fim, mostrando a face iluminada de esperanças que o pobre sertanejo fez chorar. Intimas lágrimas, lágrimas de alegria, cristalina, orvalho em noite de luar, era a alma sertaneja que sorria, era conquista do pão de cada dia, o nordestino bravo e forte fez-se candango desbravou a Terra, construiu aqui um baluarte da fé. Brasília menina, Brasília Mulher! Depois eu os vi partir estavam mais sujos, mais rotos, mais fincado as covas dos seus rostos, nada restava daqueles seres, nada. Eram sombras místicas que se desagregavam como partículas soltas de noite sem destino. A minha alma ultrapassava o abismo intacta, simples e misturável e eterna. Esta senhores é a outra face de Brasília mergulhada na sombra da miséria. Primeiro fui pra escola parque, lá eu fiquei em teatro, como professora de teatro, depois como professora de teatro eu até fiz peças teatrais da minha autoria e foram levadas aqui tenho meus direitos até autorais respeitado. Muitas coisas eu levava na escola parque porque lá havia muita dificuldade porque muitas coisas eu tinha que levar de casa, para exatamente eu preparar um ambiente de teatro né depois eu fui convidada para ser diretora cultural do Elefante Branco. Na época como era tudo início era a dificuldade de tudo exatamente de tudo, mas havia pessoas aqui também que junto comigo colaboravam. Eu comecei a iniciar a vida cultural daqui. Eu trouxe por várias vezes e fazia em residência do pessoal da Novacap, nós levávamos cantores como Orlando Silva como Junior Caldas a gente fazia um sarau, eu fiquei como diretora perpétua do clube da madrugada. Primeiro carnaval foi em 1961 eu concorri trazendo o trio elétrico trazido da Bahia, quer dizer os músicos vieram e aqui nós arrumamos o caminhão, enfeitamos e etc., naquele tempo não faltava pessoas para ajudar e ver Brasília crescer, tenho muita saudade disso, ver as seriemas correndo pra todo lado, os redemoinhos, lacerdinhas...

Depoimento 19**LUIZA FERREIRA DE SOUZA** (cozinheira e auxiliar de enfermagem)

*Chegou a Brasília em 1959.

Eu cheguei em Brasília no dia 11/11/1959, ah! Mas eu gostei muito de Brasília quando eu cheguei aqui. Meu marido que ouviu falar e veio para cá ele já estava aqui há mais de ano e eu nem perguntei para ele se ele queria que eu viesse. Arranjei uma Senhora pra tomar conta dos filhos e deixei os meninos lá peguei um avião de São Luís e cheguei em Anápolis 5 horas da tarde aí peguei um ônibus e vim aqui pro Núcleo Bandeirante nessa época só tinha um bloco da 108 pronto tinha um da 208 defronte, mas não tinha sido inaugurado ainda só tinha um bloco na 108 muita poeira e quando o vento vinha levantava as telhas daqueles barracos onde você ia procurar longe, muita poeira. O seu Antônio me pediu e disse Luísa não vai embora daqui agora que minha mulher vai ganhar neném e não tem ninguém aqui, não tem mulher não tinha quase mulher aqui, não tem ninguém aí eu disse tá bom, aí eu disse o que é que eu vou fazer? Aí ele disse eu vou arranjar uns homens pra tu dar comida aí arranjou nas firmas por ali umas 10 pessoas eu cozinhava a carne verdura e feijão tinha uns fogões tinha uns fogõezinhos redondos assim com um o negócio no meio assim que eu botava querosene, era um fogareiro. Uma Senhora me chamou para alfabetizar pelo MEC ela era diretora e o professor dirá do MEC estava procurando gente pra alfabetizar na invasão e como o Núcleo Bandeirante era muito cheio assim gente eu vim e fiz um barraco lá na invasão do IAPI. Aí eu comecei a alfabetizar pelo MEC na invasão do IAPI. Aí meu marido fez uma casa grande e começou a vir nordestino aí recebia muitos Nordestino e estão tudo muito bem aqui dentro de Brasília só trabalhava para dar comida a esse povo, barraco de madeira sala quarta cozinha. Bem pertinho de um córrego na cidade livre, nesse lugar que nós morávamos não tinha água encanada, tinha luz e tinha um córrego perto que era onde a gente pegava água. Eu fui mas não cheguei perto não é como eu digo vi de longe porque eu não podia nem chegar perto porque era muita gente, mas foi muito bonito muito bonito mesmo eu estava com um vestido quase igual esse aqui é estampadinho que foi exatamente o que eu peguei o avião em São Luís no solo isso sabe que as mulheres a gente nem falava nas mulheres as mulheres era assim parece uma coisa à parte quando eu cheguei não tinha quase mulher, os homens que lavavam as roupas deles e depois na inauguração chegou o pessoal somente pra assistir e depois da inauguração é que foi chegando o pessoal para é ocupar os prédios e quando eu cheguei ainda era o aquele é o Senado e a Câmara era só aquelas grades assim de ferro sabe o povo chamava os prédios de ferro, gente caindo de lá de cima né morria muita gente muitos trabalhadores e caía lá dos prédios de ferro, tinha muito vento, a pior lembrança eu engravidei e nessa época que eu estava para ganhar neném o meu marido foi trabalhar em São Paulo a firma que ele trabalhava estavam acabando as coisas daqui e eu fiquei só com os meninos aqui perto ganhar neném aí no meio de ganhar neném eu tive um prolapso de cordão e caminhei quase 1 km andando para chegar no IAPI e o hospital do IAPI só tinha e não tinha anestesista o menino estava de barriga e não tinha não tinha anestesista e eu com contração direto eu olhava assim para imagem de nossa Senhora eu não dizia ai nossa Senhora eu estou dizia hum! Hum! Hum! aí já era 11 horas cheguei seguinte era 11 horas aí a médica disse não tem jeito aí me botaram na mesa me amarraram as pernas me amarraram os braços e meteram o bisturi no seco me tiraram esse menino que eu chega sentia o sangue quente correr na barriga, olha eu passo aí 6 anos traumatizada quando eu me lembrava do que eu passei lá eu estava rindo conversando com você aí de repente aquilo pode acabar e não fechava cara.

Depoimento 20**MARIA APARECIDA LEITE** (auxiliar de enfermagem)

***Chegou a Brasília em 1958**

O cinema era lá no Núcleo Bandeirante tudo de madeira não tinha nada de cimento não. Era muita poeira... a contribuição das mulheres foi muito boa porque elas estavam muito feliz por serem autônomas, por terem emprego. A gente não tinha nada para fazer aqui além de trabalhar ... porque assim tinha muita oferta de emprego né... no início poucas mulheres aceitavam vir para cá. Tinham medo. Eu não tive ... queria mudar minha vida. Aproveitar as oportunidades. Acho que fiz bem. Agora a gente tem que lembrar que não tinha nada nada nada... a gente ia fazer compra no Núcleo Bandeirante que não existia nenhum outro lugar. Brasília era um vazio no meio desse planalto. A gente foi muito corajosa. Morar naquele barraco no meio do cerrado, sem luz ou água. Ouvindo de noite os lobos guará rodeando a casa e outros bichos... cobra, tamanduá, paca, capivara e uns outros bichos que nunca tinha visto. Aqui era só mato. Os bichinhos ficavam assustados com as máquinas derrubando as árvores... a cidade precisava ser construída. ...

Brasília é uma cidade boa pra gente envelhecer né como eu envelheci né estou com 85 anos. O presidente JK era muito popular, conversava com todo mundo. Ele era uma pessoa maravilhosa. As crianças eram doidas por ele ... onde ele chegava era uma agitação... Aconteceu muitos acidentes com os operários. Recebi no hospital caminhão cheio de operário com a perna quebrada, cabeça quebrada, outros mortos, de todo jeito. Muitas vezes a gente dava plantão a noite inteira... e quando saía de manhã aí via chegando outro caminhão cheio de homens feridos, quebrados. A gente tinha que voltar pra ajudar as pessoas. Trabalhava dia e noite. Dureza pra todo mundo.

Depoimento 21

MARIA MARTA CINTRA (professora – vinda de Pernambuco)

***Chegou a Brasília em 1960**

Isso foi janeiro de 60 aí eu disse ah se surgisse em concurso de professor em Brasília ele disse pois surgiu quarta-feira eu vi no jornal que vai haver um concurso nacional pra recrutar professores para Brasília, se você tiver coragem de ir e de passando viajar e ir embora eu mando na hora eu disse eu tenho, com 15 dias depois chegou um telegrama do MEC me convocando para o concurso para a prestação das provas. Eu recebi num domingo de manhã e até hoje eu tenho esse telegrama eu fui fazer o concurso quando voltei que estava certa que ia demorar muito o resultado às vezes com alegria outras vezes com tristeza medo de não passar 15 dias depois eu recebi um telegrama pra ir a Recife receber ajuda de custo pra comparecer aqui em Brasília que nosso contrato começaria a vigorar a partir de 23 de abril 2 dias depois da inauguração. Eu ia ganhar 25 conto de reis uma professora de gabarito em Recife ganhava 3 e eu vim pra cá menina pra ganhar 25 e eu fui das 5 professoras contratadas do Pernambuco. Eu era professora do primário no embarque era a primeira vez que eu ia ver não era andar não era ver e ficamos alojados naqueles apartamentos JK nas quitinetes, mas o povo chamava JK como se o nome fora em homenagem ao Juscelino, mas não era, era janela e quitinete. Tinha transporte para nos levar. Era uma área do Ministério da Educação que se chamada CASEBRE que significa comissão de administração do sistema escolar de Brasília. A gente saía de manhã não tinha asfalto era aquela vermelhidão aquele barro vermelho quando a gente voltava a noite já tinha asfalto, o ritmo de Brasília era isso, então era um entusiasmo. Todo mundo muito cheio de esperança nós pegávamos carona e não tinha esse negócio esse medo de ser nenhuma assediada, encurralada nunca ouvir falar em assédio sexual, assédio moral, nada, nós pegávamos uma carona com os motoristas como se da família fossemos. E Juscelino houve época que ele mesmo dava carona, ele e seus ministros as vezes davam carona, ainda mais pra professoras que era uma categoria que tinha uma certa consideração. O ensino era uma utopia era Darcy Ribeiro, era Juscelino, era Anísio Teixeira. Só se falava nisso fazia Carlos Lacerda

movia uma campanha violentíssima para a permanência de Brasília, então a gente tinha o maior medo que essa capital não vingasse e os professores do ensino médio invadiram numa noite invadiram comandados pelas lideranças já pretensas lideranças sindicais invadiram essas casas e o governo acabou cedendo até hoje tem remanescente, muitos professores ainda moram naquelas quadras da w3 sul. As nossas aulas eram calcadas muito em cima da cachacinha não sei nem se lembra daquele que a gente passava as folhas, o mimeógrafo, que era movida a álcool toda escola tinha, era um computador de hoje era a impressora do computador de hoje, mas deve ser sempre feita pra resolver isso aí está aí fazendo acho que muito já na época. A grande revolução foi a mulher, na década de 60 fez a revolução desse país e taí fazendo. A mulher tá com tudo e já na época mostrou, então criamos esse sindicato e as mulheres fizeram parte maciçamente da diretoria dos sindicatos. Brasília foi uma coisa emocionante que eu digo sempre que se eu ganhasse na Mega-Sena eu compraria um apartamento de Nova Iorque e um em Paris mas o imposto de renda a receita federal iam continuar me achando aqui em Brasília porque eu sou apaixonada pela cidade apesar de tudo, disso dessa cidade no que ela foi transformada nos últimos 20 anos é porque acho que nem a revolução gastou tanto em Brasília como nesses últimos administradores que nós tivemos aí apesar disso Brasília vale ainda é uma cidade privilegiada a qualidade de vida de Brasília em relação às outras cidades é sensacional.

A gente não tinha onde passear então a gente ia passear na cidade livre era onde tinha Restaurante, boate, era tão adiantada pelo menos pra mim que a primeira vez que eu era muito míope eu a primeira vez que eu botei os óculos de grau escuros eu botei lentes de grau verde eu me senti diva, eu me senti fora de época, era uma cidade auto-suficiente o Núcleo Bandeirante com seus barraquinhos quando a gente chegou é transitava nas entre quadras umas kombis tocando músicas, tinha os alto-falantes e os microfones e eles ficavam à tarde quando escurecia aí essas kombis ficavam circulando, isso pra quem estava saudade que tinha deixado uma cidade, uma família, os amigos, um amor, isso era mesmo que matar. Eu não sentia solidão eu sentia saudade, eu tinha tanto orgulho, a gente tinha tanto orgulho sabe de ser pioneiro de ser tratada como tal. Uma carta pra chegar daqui lá na minha cidade era uma notícia de morte era 15 dias pra chegar, os telefones começaram a funcionar naquela época de forma muito precária sabe, então era tudo através de cartas né, aquelas cartas contando as maravilhas de Brasília, quando eu cheguei tinha só aquela quadra ali o cine de Brasília, um pouco dos prédios dali da 106 a 105 tinha uns deputados que moravam na 105 sul, onde houve a primeira festa foi naquele espaço ali onde era o cine Brasília. No auge da ditadura nós fomos enterrar Juscelino. Ali foi a primeira grande demonstração que Brasília estava preparada para a democracia, foi muito bonito, muito emocionante. A ditadura que foi pesado nas escolas, foi pesado, a gente tinha hora que eu falava sonho de JK de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira a gente não vai resistir a essa ditadura. A diretora era terrível, parecia que a gente tinha se formado na ditadura.

Depoimento 22

MARIA DAS NEVES COSTA MORICI (Professora)

*Chegou a Brasília em 1957

Eu morava em Belo Horizonte então tinha saído a novidade de começar a construir a mudança da capital do Rio de Janeiro aqui, mas eu não sabia o lugar, mas havia de ser em Minas como algumas pessoas queriam né ou aqui em Brasília aí a minha mãe me disse pois se eu fosse você eu saía de Belo Horizonte e me transferia para Brasília. Então nessa ocasião eu resolvi sem nem mesmo falar com o marido que ele mandasse a mudança que nós íamos mudar de Belo Horizonte e assim nós mudamos aqui pra Brasília no ano de 1957, morei no Núcleo Bandeirante na primeira avenida não tinha ainda nada e nós então conseguimos uma casa de madeira muito simples, só nessa minha casa no Núcleo Bandeirante tinha água, nas outras não tinha, estava começando o Núcleo Bandeirante ventava muito, tinha muita poeira, então havia muito incêndio perto da casa da gente, casas incendiavam porque eram casas de madeira. Eu me

ofereci pra trabalhar como professora porque morava em frente do ginásio do Núcleo Bandeirante, outros diziam Ginásio do professor Zuza que era diretor então eu fui a primeira professora lá desse ginásio, dos alunos, tinha reunião dos professores, tinha a reunião com os pais dos alunos, era tudo ginásio tudo muito bem organizado aí o professor Zuza falou que nós temos que arrumar uma professora boa para ensinar a comunidade japonesa falar português e nós escolhemos a senhora, então, quando a senhora vem a noite pra conhecer os japoneses, tinha japoneses até 7 anos e idosas também e os japoneses não saíam da aula enquanto não fosse tomada a lição deles. Um dia eu estava muito cansada porque eu lecionava de manhã e eu já era professora escola do Júlia Kubitschek a primeira escola classe de Brasília. A primeira escola classe era no acampamento dos engenheiros, ela ainda existe essa foi reformada ela chama escola Júlia Kubitschek por causa da mãe do nosso presidente puseram o nome na escola. A escola era muito bem organizada era de 2 andares servíamos lanche porque era o propósito dos pioneiros da educação de Brasília de mudar a maneira de ensinar no Brasil então quiseram começar por Brasília, que era para a criança ficar o dia todo na escola. Quem era as crianças que frequentavam desde filho de médico até o filho de empregado iam descalço, sem camiseta, não sabiam se alimentar a gente tinha que ensinar de tudo para os alunos. Então essa época foi um pouco difícil porque quando havia reunião com os pais, eles ficavam com vergonha e não iam quem administrava era a dona Santa Alves Soia e Estela Guimarães que morreu a pouco tempo. Eu trabalhava no Núcleo Bandeirante no primeiro ginásio na parte da manhã, não podia largar porque foi meu primeiro emprego e era de um grande amigo professor Zuza e aí eu fui contratada para trabalhar no ensino era na parte da tarde foi um tempo muito bom porque as professoras eram muito amigas e a gente trabalhava assim com muito o gosto mesmo. Tinha muitas festas, as festas quando fazia o Aniversário de Brasília as escolas arranjavam um caminhão para levar as professoras e a gente ia de caminhão para assistir a festa de 2 anos de Brasília de 3 anos de Brasília mais, a gente ia em cima do caminhão junto com os alunos. Nós viemos na inauguração do Palácio, então quando a gente estava na festa a gente tinha que dar demonstração então houve uma ocasião que eu estava com os alunos de volta fazendo ginástica com eles e aí eles filmaram, então ficou uma foto muito bonita da professora no meio e os alunos em volta, saiu no jornal, saiu na revista. A gente percebia, ficava muito entusiasmada com o crescimento das ruas quando fez por exemplo a w3 pra nós que morava no Bandeirante foi uma Vitória porque aí os ônibus passavam na w3 ficava mais fácil né? E o Juscelino era muito amigo dos professores, ele nos recebia no Palácio eu tenho retrato com ele aí no Palácio e ele recebia também nas escolas, ele ia nas pequenas festividades ele aparecia rapidamente, mas aparecia. Lá no professor Zuza que nós devíamos fazer um uniforme calça preta e blusa branca e aí todas as professoras iam de calça preta e blusa branca, mas não era obrigatória quem não quisesse ir não ia. Houve invasão naquelas casas geminadas da w3. Como a proposta era que quem viesse para Brasília tinha direito a residência pelo governo muitas vieram e chegaram aqui não foi cumprida totalmente, cumpriu para aqueles que eram amiguinhos dos mandantes né mas assim no geral não foi doado casa para toda as senhoras ou moças que vieram, então o que elas faziam era reunião de professores de homens e mulheres e invadiam e entravam dentro das casas fechadas e moravam. Que existiu isso existiu realmente, mas elas foram retiradas das casas, umas resistiram e conseguiram ficar, mas algumas foram realmente tiradas das casas. Eles davam comida estragada e eles foram fizeram um levante de verdade de não se alimentar mais daquela comida né e aí a polícia foi lá, havia muita rixa entre eles por causa de emprego, por causa de mandar embora, muitos cargos. Eles sempre lutavam muito por causa de emprego né? Olha eu me lembro da inauguração da Igreja Nossa Senhora de Fátima porque foi a dona Sarah que pediu pra ser feita porque ela tinha feito uma promessa e tinha sido atendida. Olha era muito bonitinha porque ela tinha o fundo dela o azulejo, os mármore era tudo uma decoração especial que veio do exterior então a igreja tinha os bancos, os mármore decorados em volta do altar. Quem celebrou a missa foi o padre Roque era uma pessoa especial, muita

dedicação, muito amor e muito carinho pelos pobres. O passeio principal era trabalhar e andar de carro para ver o que estava sendo feito, o que estava sendo construído. Então a gente ia pra essas construções grandes que realizava aqui em Brasília quando chegava domingo a gente ia até o local para visitar pra ver e saber como é que estava a obra. Tinha muita festa porque Juscelino mesmo era muito festeiro né, tinha muita música, era alto-falante na rua né lá nesse Núcleo Bandeirante onde eu morei tinha um alto-falante que tocava e a pessoa dedicava música pro namorado. As prostitutas elas vinham e eram obrigadas a fazer exames antes de entrar em serviço e muitas não gostavam de ser examinadas, pessoas simples e ignorantes né, tinham vindo mesmo para esse fim né então elas eram obrigadas a serem examinadas, então a que estava em condição recebia a autorização e a que tinha qualquer problema o médico realmente não permitia, mas o que incomodava mais a gente mesmo era a poeira, você podia varrer sua 1000 vezes que 1000 vezes tinha poeira porque era uma poeira, você já ouviu falar em redemoinho? A gente às vezes saía de casa para ir para aula quando no caminho um redemoinho pegava a gente e acabava com o cabelo, agora em Brasília tem pouquíssimo, mas no começo era um a cada cinco minutos porque ventava muito por não ter casas e o vento então fazia o redemoinho. Então eu comprei um vestido azul listrado de branco e comprei um óculo e aí teve a festa lá de inauguração eu fui e o professor Zuza falou a senhora quer vir comigo no carro? Tem lugar. Eu falei a obrigado professor, eu vou em cima do caminhão porque eu vou olhar minha filha em cima caminhão e fui em cima do caminhão. Lá do Núcleo Bandeirante é uma viagem para o Palácio aí quando eu cheguei lá eu estava de óculos escuro né, toda cheia de dengo, aí eu fui e tirei meu óculos e todo mundo olhava para mim e ria eu pensei o que está acontecendo aí olhei e estava tudo certo e elas olhavam e riam, mas riam mesmo na minha cara então eu fui lá no banheiro eu olhei no espelho quando eu cheguei lá no banheiro eu estava toda amarela e com o lugar do óculos branquinho e eu dava aula pra esses japoneses, eles eram legais sabe, mas muito difícil de falar a nossa língua né aí um dia eu estava cansada aí eu peguei e coloquei uma continha de somar no quadro, fiz um tanto número mais tanto dá tanto e aí o japonês olhou assim bem na minha cara um japonês mais idoso e disse não precisa japonês sabe de tudo. No Núcleo Bandeirante tinha um mercadinho que vendia tudo né verdura todas as verduras fresquinhas e a gente ia lá eles tinham pego do outro dia na chácara, então eu comprava muito lá aí eu cheguei lá numa loja e vi que ela era japonesa comprei alface couve tudo que tinha direito, aí eu falei quanto que eu tenho que pagar? não precisa pagar nada, já pagou, você é professor meu porque as pessoas eram muito amigas.

Depoimento 23

MARIA INÊS FONTENELE MOURÃO (professora)

*Chegou a Brasília em 1960.

Brasília era muito falada no Nordeste né eu sou do Nordeste sou do interior e era de praxe pessoas virem pra cá pra ajudarem na construção de Brasília. Então a gente eu ouvia falar na a fundação de Brasília já desde 57 foi quando se mais falava eram onde né caminhões e caminhões que vinham lá do Nordeste somente no interior da cidade do Ceará vindo pra cá com pessoas para trabalharem aqui na construção de Brasília o espírito da época era um trabalho mesmo as pessoas vinham pra trabalhar vinham para desenvolver alguma coisa o que precisasse para aquela cidade que estava se formando. Taguatinga por exemplo acho que teve uma coisa muito interessante nós estávamos na hora do Recreio e uma professora chegou e disse assim nossa a administração era do lado bem pertinho da escola o administrador está dando lote pra todo mundo e não deu outra a gente pediu pra a diretora e fomos lá e recebemos os lotes e era assim aí cada um recebeu seu lote né e ia construir não tinha essa paternidade de hoje que eles dão as telhas não tinha nada era a gente mesmo e nesse período da associação comercial eu fui convidada pra Ser diretora da associação comercial e foi um caso primeiro que uma mulher ocupar um cargo um cargo de diretora numa associação comercial. supermercado não existia

tinha um supermercado era super bem bom uma coisa assim e a Tânia só tomava o SMA e nós não tínhamos condução a gente fez de onde ele vinha aqui pra comprar o leite. Os ônibus eram precários demais eram todos furados. a gente tinha que vir como professor a gente vinha receber o pagamento aqui no Banco do Brasil né naquele banco central e os ônibus eram todos furados e a poeira e aquela pista bonita que hoje liga Taguatinga ao Plano Piloto, nossa era uma pista só. Ai eu acho que a cidade nota 10 Brasília né ela dá toda condição pro jovem, pro idoso, pessoas em geral e ter liberdade de entrar né num comércio, numa igreja, eu acho uma cidade bem franca, eu gosto muito de Brasília.

Depoimento 24

MARIA VICENTINA DE CÁSSIA (MARIA DO CHAPÉU) (líder comunitária da Vila Planalto)

*Chegou a Brasília em 1960

O meu nome é Maria Vicentina de Cássia, mas só que tem apelido é Vulgo d Maria do chapéu sou de Minas e minha cidade Catas Altas de Noruega na época que eu vim pra cá era município de Conselheiro Lafaiete hoje já passou a cidade e a minha idade é eu vim pra cá né com 23 anos hoje vou fazer é 73, mas eu vim pra cá no mês de maio

Aroeira tinha muito, mas mais pra cá de onde a gente morava aqui na Vila. A Vila não era asfaltada e a gente comia uma poeira amuada. Agora está um céu na terra e eu cheguei o divertimento era um baile, nós se arrumava, se produzia todinha né pra poder ir pro baile dançar e era bom demais era tudo muito amigo. Era muito difícil, era muita dificuldade né a gente tinha que lavar roupa pra poder sustentar o marido igual foi meu caso né ele ganhava pouco eu doente ainda era muito doente, mas venci. A Vila significou pra mim muita coisa que eu não tinha uma família e aqui eu construir uma família, eu não tinha ninguém era sozinha sem família. Não me arrependo de nada, faria tudo de novo. Eu não saio daqui eu amo Brasília. Eu amo as pessoas né porque aqui é uma língua só.

Eu cheguei aqui em 57 certo e quando eu cheguei aqui em Brasília cheguei naquele mundo de poeira faz uma poeira eu tinha alergia sabe demais a poeira que a gente engolia, mas eu morava aqui na realidade na Vila Planalto no dó ré mi era umas quitinetes pequenas para as pessoas que viam com a família que era lá embaixo perto do Palácio da Alvorada, mas eu sempre quando saímos juntos com minha irmã e meu cunhado mas era sempre com aquela cautela e muito cuidado conosco para não aproximar muito os homens que eram uns devoradores os homens que existiam aqui porque eles vinham sem família. A gente estudava aqui na escola da Vila Planalto uniformizada com a saia pinçadinha tudo impecável a meinha não entrava se não estivesse uniformizada.

Depoimento 25

MERCEDES RIBAS PARADA (desenhista dos mapas das desapropriações das terras)

*Chegou a Brasília em 1957

Eu nasci em Ipameri Goiás. Houve uma campanha dos goianos ajudar Brasília né a mudança essa época eu vim com ele só nós dois nós tínhamos uma caminhonete a viagem foi horrível né era é tipo estrada de carro de boi eu andava quero cumprir meu aqui o outro aqui e ela sei que ele sabe ouvir mas eu todo era novidade e eu gostava gostei de acompanhar e de então no caminho nos encontrávamos de quantas vezes um carro de boi era com boi 4 uma junta que eles chamam 4 bois assim juntos na frente e lá atrás do corpo era de bem grande o carro para carregar mantimentos pra fazer mudança era o carro de boi. eu fazia a medição só para

desapropriar as fazendas desenhava calculava é ia ajudando naquilo que eu podia atender trabalhávamos dia e noite porque o Juscelino ele me deu um prazo eu quero para 5 anos o que deveria ser em 50 eu chegava falava eu quero vai ser vai começar O Palácio então quero isso para depois da manhã essa esse levantamento e não era pouca coisa para levantar para fazer esse levantamento era demorado mas a gente tinha que trabalhar e andar dia e noite pra dá conta e dava mas todo não tinha quase nada recurso nenhum na mais no nosso caso que era uma condição era desapropriada Velhacap nós vamos ficar primeiro tinha rua que o Dr Sayão pois nome de rua do Sossego rua da Descida rua da Subida estou brincando tudo parecia que tava brincando de casinha era muito bom quando eu vejo a fotografia daquele tempo eu me emociono muito sabe com saudade é com tristeza não sei uma mistura de coisa tudo de coisa tudo eu achava muito bonito aquele povo chegando aqueles caminhões chegando levantando poeira que cobria o Sol tampava ficava vermelho achava tudo bonito tudo bom tudo era novidade e trabalhando muito o que mais me chamava a atenção e o que eu gostava mesmo era de trabalhar lá de casa da dava para ver bem perto onde parava os caminhões de gente que tava vindo e ali parava e descia ah eu achava uma beleza ver ali a poeira subir uma coisa que me chamava a atenção era ver como é que eles faziam a barba era numa tábua também deitado que eu nunca tinha visto né que eu falei o barbeiro fazendo a barba do outro deitado falei meu Deus do céu e chegava aquele horror de caminhões de homens a maioria e fazemos falar mal. Toda hora aparecia moças lá em casa procurando um emprego vou arranjar um emprego ela ficava um dia dois e chegava para mim olha dona Mercedes eu não posso ficar mais posso ficar aqui com vocês porque encontrei com meu primo que nada era namorado e vieram pra também pareciam que pra arranjar marido porque lá tem muito homem eu vou arranjar um marido. Num mês eu contei eu tive umas 21 empregadas aí chegou uma chegou cedo lá foi despejada e foi lá em casa gostei da moça aí quando foi a tardezinha. Ela foi lá no portão pra dar uma olhada, ela voltou e chegou pra mim e disse: dona Mercedes tô indo embora porque ela falou que não porque encontrei com meu primo e ele meu deu ofereceu um lugar para morar.

Depoimento 26

NEUSA PINHO FRANÇA ALMEIDA (professora de piano - autora do hino de Brasília)

*Chegou a Brasília em 1960

Brasília estava sendo falada né eu morava no Rio de Janeiro Ipanema. O projeto de Brasília já vinha sendo elaborado algum tempo através de jornais eu estava sabendo das coisas, meu marido trabalhou inclusive com Vítor Leal e a esposa dele a Julimar era professora de iniciação musical como eu era da escola nacional de música do Rio de Janeiro e uma vez Brasília já reconhecida mesmo não só pelo Brasil mas pelo mundo né e aí naturalmente houve concurso para os professores né virem pra cá, eu tive sorte que eu fui das primeiras de música fui logo chamada para o primeiro colégio Casebre. Ser mulher em Brasília no começo não era fácil porque faltava tudo na realidade e meu marido resolveu comprar uma kombi porque nós íamos frequentemente na cidade livre Núcleo Bandeirante pra comprar carne, não tinha um açougue aqui. Não tinha nada. Nas quitandas comprar legumes fruta tudo isso e colocávamos tudo na kombi daí a uma semana voltava para refazer então não era fácil. Eu dava aula no Casebre nos dois turnos de 8 a meio-dia meu marido me buscava ele me buscava pra almoçar no Casebre, eu tinha de meio-dia às 2 para almoçar. Quinze pra 2 eu saía para correr pra começar o outro turno da tarde então eu ficava em 2 turnos 40 horas por semana. Eu só tinha o sábado e o domingo pra mim. Sábado os alunos queriam dar aula de piano então eu praticamente ficava o sábado repleto de alunos de piano de manhã e a noite. Eu só tinha o domingo para descansar então a minha vida correu assim. Bom, quando eu cheguei em Brasília, Brasília não tinha nada, eu vou ser franca com você. Eu fiquei assim um pouquinho desanimada né, mas essa cidade, bom naturalmente tinha tudo para inaugurar né, tinha a catedral, tinha a praça dos três poderes, mas tudo assim né encaminhado, mas você sabe que a gente eu vim aqui com muita Esperança

no coração adorando a obra de Juscelino né aliás a minha família toda que ela estava morando nessa época lá na w3 e a minha mãe junto né eu era filha única e a minha mãe sempre junto, então uma vez as 7:30 da manhã ela foi atender o telefone e eu só ouvir quando ela disse assim mas a essa hora estão querendo passar um trote aqui absolutamente não que Juscelino que nada porque é um qualquer que tá passando trote a essa hora, eu tenho mais o que fazer e desligou pá! Aí meu marido chegou assim a minha mãe ela chamava-se Olga o apelido dela Nonoca. Nonoca mais quem telefonou? não um rapazinho aí que queria passar trote dizendo que era Juscelino Kubitschek e eu disse a ele que 7 horas da manhã não era hora de passar trote em ninguém ainda mais falando o nome do presidente. Dona Nonoca era ele! Como era ele? É porque ele ficou de telefonar aqui esse horário para falar sobre um processo que está na minha mão que ele vai ter que assinar. Minha mãe ficou toda chorosa, aí que horror! Aí daqui a pouco toca de novo pode deixar que eu vou atender aí meu marido oh presidente desculpe a minha sogra pensou que fosse alguém fazendo trote, achou impossível que fosse o presidente da república a ligar aqui as 7 horas da manhã. Ele disse mas eu sorrir muito dela ele chama ela e disse dona Nonoca olha eu não tô zangado com a Senhora não eu rir muito da senhora pensar que eu queria fazer um trote pra senhora aí ela ficou toda contente sabe que o presidente falou comigo, aí falava pra todo mundo o presidente falou comigo. Coisas de Brasília. Brasília é uma cidade que nós que viemos pra cá temos que ter ela em nossos corações porque foi uma grande obra. Juscelino Kubitschek que por sinal foi um grande presidente. Então Brasília pra mim que já estou aqui a tanto tempo, mas mesmo aqueles que não estou morando aqui eu creio que deveríamos valorizar ao máximo essa construção da capital que saiu de perto do mar que era né para o coração do Brasil. Estando no coração do Brasil deve estar no coração dos brasileiros também. Então essa obra mestra de Juscelino então essa obra mestra dele por Brasília eu acho que mesmo quem não mora aqui ou que não nasceu aqui mas quem conhece a história deve ter Brasília no coração um símbolo é que nosso país que é imenso e que mereceu essa grande capital que não existe no mundo igual cuja arquitetura de Niemayer e Lúcio Costa e Ernesto Silva aqueles primeiros grandes nomes que aqui estiveram que estão sendo reverenciado que merecem nossa reverência então eu acho que todo brasileiro deve ter muito amor mesmo os cariocas que alguns são um pouco assim um pouco balançado porque o Rio de Janeiro já foi capital retirar beleza do Rio de Janeiro beleza natural que ninguém tira mas a beleza arquitetônica de Brasília está sendo reconhecida pelo mundo porque não há no mundo uma cidade igual.

Depoimento 27

SALAN KOUZAK (comerciante – Proprietária do Armazém Siriana)

*Chegou a Brasília em 1959

A primeira notícia que tive de Brasília eu morava em Síria ainda eu era asmática demais e o meu médico doutor Domingos que Deus tenha falou pra mim eu não quero ganhar seu dinheiro não. Se você quer sarar vai para Brasília em um lugar que projetaram uma cidade que vai ser a capital do Brasil que se chama Brasília essa primeira vez eu encantei eu sou aventureira sair da minha Terra com 19 anos pra casar com um jovem igual, pra vim para o Brasil de uma vez tem que ser o primeiro né chegamos da cidade linda meu marido já tinha feito uma casinha para nós uma casinha uma sala 2 quarto 1 banheiro uma cozinha sem fogão. Armazém nós botamos armazém porque era o que nós queremos trabalhar, tinha de tudo, o dinheiro deu foi para fazer uma parte porque deixamos dinheiro lá em Síria, mas tudo propriedade meu marido gosta muito de propriedade e eu gosto muito mais. 1957 em que as vagas no acampamento estavam cheios, na cidade não tinha muita gente era pouca a gente, então eu ficava na porta falava vamos entrar vamos conhecer a siriana e fiquei conhecida esse meu nome. Nós começamos assim, eles entravam e não deixava ninguém sair sem comprar um cafezinho, uma água, almoço, uma fruta é comecei cativando a freguesia, meu marido não ficou parado foi para

outro lado, falou você toma conta, você é e ativa consegue porque aqui naquela época um ano e 10 anos pode ter certeza não dormia 4 horas por noite então quando meu marido começou a trabalhar fora ir para o Mato eu fiquei sozinha armazém. Chegava um freguês pra comprar e eu não dou conta eu era pequenininha magrinha, pesava 52 kg 49kg por aí... ele falava eu quero isso pede falei é eu gostei quem é que vai fazer isso? fala eu faço é quando chega as pessoas vão companhia para comprar eles falam trás com vocês gente pra pegar aqui não tem não traz. Me sentia maravilhosa, eu juro porque nunca ninguém me afetou nunca ninguém me maltratou nunca ninguém me abordou nunca, era seguro, tranquilo, maravilhoso quem fala dos candangos é porque ele não conhece os candangos. Tem um senhor que nós conhece ele porque nossa casa se tornou referência para todos os Sírios e Libaneses que vem de fora esse senhor vinha todo dia depois que trabalhava assim um dia não sei o que ele vendia mascate passava a tarde ficava lá comigo lá no armazém, falei Carlinho eu vejo uma coisa aqui abaixo do seu ombro o que é e ele falou máquina de escrever pequenininha, falei você sabe escrever ele disse sei, senta aqui pra você poder escrever, tinha uma papelaria está aqui até agora a distribuidora jardim, eu atravessava a rua descia para a outra rua, está na esquina das ruas, então eu perguntei vocês tem cartão de Natal? Tem e muito eu comprei seis mais um envelope, algumas coisas e uns cartões bonito e eu fui para minha casa. Falou o que houve dona Sônia? Eu falei você vai sentar e escrever pra mim eu pegava as latinhas tirava o nome e o endereço o nome da empresa e dava para ele o endereço desejando Feliz Natal aguardando visita de vocês ano que vem. E mandei pra todo mundo que eu comprava dele de segunda mão. Em janeiro choveu vendedor ninguém magia da cidade para primeira avenida porque nunca ninguém mandou o cartão para ele que eu mandei cartão é tem um amigo meu que fala eu nasci fazendo marketing. Na inauguração nós fomos, tinha caminhão, caçamba, tinha um carro cinza, já estava bem de vida ele pra mim ele é meu marido botou empregadas, os pessoais, os homens que vai para caçamba e nós tinha 2 sofás naquela época e fomos lá ficamos lá na esplanada assistindo a inauguração, os fogos no céu aquela alegria aquele viva está dentro de mim até a morte, na verdade eu não esqueça Brasília nunca porque ela me ensinou a amar o Brasil. Você sabe quantas lata de gasolina nós botava lá fora no tempo? Nem 1200 latas de querosene usando só isso já acendeu a cidade, cachaça vendia para 100 200 e 300 a 500 12 13000 porque o Candango vivia na cachaça. Brilhantina nós comprávamos 10 15 20 1000 brilhantinas de uma vez, espelhos nem se fala o tanto de Flamengo não se fala né? Era isso que o candango quer né? eu vou essa campanha tratava eles na palma da mão, melhores anos da minha vida no Brasil esses 4 anos que vivi na cidade livre, amo cidade livre porque Dinamite realmente era livre cidade livre não podia comprar dele, mas é uns fiscais da prefeitura vinha e ensinava a gente que não faz assim muito aberto comercio é perigoso e não fica bem nem pra nós e nem pra vocês, então eu falei assim pra ele fala banana porque banana não é dinamite? Eu entendo o que vocês querem eu vendo para você. Eu tenho uma coisa pra falar pra você que um dia chegou Camargo Corrêa primeira vez que eu vendi pra ele em 58 estavam começando a fazer a barragem ele pegou chegou em casa comprador o senhor não me lembro de nada eu não preciso de seis mil sacos de cimento. Naquela época nós acabamos conhecidos em Brasília toda, ele falou você pode me arrumar? Eu falei eu tenho meio saco serve pra quebrar galho? você sabe que pagando eu posso arrumar para você e dentro de 2 dias de Anápolis eu voltar e arrumo 10000 sacos para você. Sem saber se tem cimento lá falei pra ele vai ter que vai mandar trazer mais o frete para mim eu vou aumentar o frete e ele falou eu vou porque eu estou precisando muito. Escrevi um papelzinho para um profissional de nosso partido né ele levou esse senhor esse jovem moço que nós amamos muito do nosso partido que é de nosso partido a gente tem um preferência dele mais que um irmão que não é do nosso partido nós aprendemos assim, então ele saía pra rua comprou todo cimento da coisa arranjou 8 mil sacos, o homem voltou e disse mas dona Siliana a Senhora tem carta branca demais, todo mundo conhece você, eu falei eles querem vender eu compro eu pago como não ter carta. Aconteceu muita coisa na nossa vida, muita coisa, se você me

perguntar se faria tudo eu faria casar de novo e aventurar como eu aventurei, mas aventurar para vir para Brasília faria tudo do mesmo com mais carinho, com mais amor, eu já falo melhor português porque naquela época não falava muito.

Depoimento 28

SÔNIA VASCONCELOS (funcionária Caixa Econômica)

*Chegou a Brasília em 1960

Eu me chamo Sonia Vasconcelos. Estou em Brasília desde 60. Vim de férias 2 vezes em 58 e 59. Sou de Minas Gerais. Fiquei sabendo de Brasília quando JK se candidatou a presidente. Ele foi lá na minha terra, em Leopoldina, pra fazer campanha e eu tive a honra, o prazer, a alegria imensa de dançar com ele e falar pra ele que eu ia contar pros meus filhos e pros meus netos que eu tinha dançado com o presidente da república. Ele disse: mas como você acha que eu vou chegar lá? E eu disse: é claro que você vai chegar lá. Então, a primeira vez que eu falei de Brasília foi com ele. Assim dançando porque teve uma festa e tinha as escolhidas pra dançar com ele. E ele elogiou: mas você é tão magrinha. Sua cintura é magérrima, a orquestra toca tango? Eu falei: não sei. Pedi a Deus, dentro de mim, que não tocassem porque eu não sabia dançar tango. Mas paramos em frente a orquestra porque era muito conhecida na região da cidade. Perguntei se eles tocavam um tango. Não tocavam. Ele queria que dançar um tango comigo, é inesquecível isso não é eu adoro esse homem. Brasil não tem outro igual, nunca teve outro igual. Hoje bom, né, infelizmente ele não teve filho do homem, né? Filha mulher, única, morreu, né? Deixou outra filha, né? E ficou só uma neta, mas foi assim que, então, em 60 eu consegui vir para Brasília. Eu trabalhava no Ministério da Fazenda. Estava em Juiz de Fora, não era onde eu morava em 55. De 55 a 60 fui transferida para Juiz de Fora. Pedi minha transferência para Brasília e o Ministério da Fazenda me deu uma resposta terrível e eu, muito boazinha, não aproveitei aquela resposta. Respondeu que o Ministério não viria para Brasília. Se eu quisesse eles me levariam para Belo Horizonte. Então simplesmente rasguei a resposta, pedi demissão, vim para Brasília Eu já tinha experiência de serviço público, 7 anos de serviço público. A Caixa Econômica estava contratando através de um teste e eu fui aprovada e trabalhei na Caixa Econômica Federal até me aposentar. As primeiras impressões que eu tinha em Brasília foi da reunião de todos porque se você tivesse parado na beirada da calçada e passasse com o carro, eles paravam e ofereciam uma carona. Não sei se vocês conhecem essa história. Então o povo era muito unido, muito solidário, era uma alegria geral em todos, havia muito ânimo, sabe, em todos as pessoas. Então a solidariedade sempre foi muito grande período em Brasília. Infelizmente hoje não é no Brasil inteiro, não é mais nada.

Depoimento 29

THEREZINHA DE JESUS SOARES RODRIGUES (Professora do Caseb)

*Chegou a Brasília em 1960

Em fevereiro de 60 o MEC lançou o concurso nacional para professores dia primeiro de primário escola primária e do ginásio e para executar esse concurso chamou, criou-se então uma comissão de administração do sistema educacional de Brasília CASEBRE e em fevereiro foi feito esse concurso nacional nas capitais eu olhei Brasília e fiquei assim espantada, eu já tinha ouvido falar de Brasília quantos anos isto é desde o quarto ano primário e se em 46 eu tinha 10 anos quando eu comecei, quando eu ouvi a primeira vez a palavra Brasília capital do Brasil está aqui mostrava a professora mostrava e eu fiquei encantada vendo o quadrilátero. Vendo essa vontade da mudança é um ocorreu já antes da confidencia mineira com o aeroporto da época né, hoje é onde é a base aérea né e não tinha nada para descer a não ser aquelas escadas e os candangos da época aquelas vezes desde 56 57 que depois de saber eles faziam filas ali olhando as pessoas descerem. Olha eu sou gaúcha e o gaúcho é um pouco fechado né pouco ou

muito não sei e não viaja não viajava muito portanto eu ali tomei conhecimento dos candangos que a maior parte é vindo de lá do Nordeste eu nunca tinha visto um nordestino na minha vida. A emoção foi muito grande e como eu disse se não fosse a minha madrastra que me segurou eu não sei se eu ia descer aquela escada. Naquela época ser mulher era uma coisa muito difícil lembrando que nós estávamos no final da década de 59 pra 60 que era quando começou a emancipação da mulher, então quem era rojada como eu fui naquela época saí da casa dos meus pais bem instalada, com emprego fixo, universitária, bem diferente das outras né eu estava sendo e eu iria então no caso para o centro do país para trabalhar aqui após seleção né e eu fiquei bastante surpreendida das nordestinas por exemplo ou com as mineiras as Paulistas que chegavam de calça Comprida, gaúcha não usava calça comprida e eu aderir a isso coisa fantástica, maravilhosa, que aliás para mulher isso é muito importante em qualquer setor em qualquer época, então houve uma coisa interessante que várias moças chegaram sem marido sem um filho e várias professoras vieram casadas e com filhos e de acordo com o que estava escrito no MEC era ordem rigorosa a classificação para pegar e escolher onde ia escolher trabalhar, mas as professoras mães pediram para as professoras solteiras que dessem uma oportunidade delas não ir trabalhar tão longe. As professoras solteiras foram pra Taguatinga, Fercal uma série bem longe assim a gente foi pra lá cedendo lugar para as colegas mães. Filhos dos pioneiros né, filhos dos candangos, tudo misturados, então era uma experiência fantástica sim porque realmente essa parte foi a maior experiência foi 2 crianças, os meninos de primeira série, segunda série e eu achei que eles tremiam muito de frio, eu vinha lá do sul eu não tremia de frio né às 8 horas da manhã, mas eles tremiam de frio então o que eu fiz fiquei fazendo caminhada e ginástica com eles para se aquecer antes de começar a aula porque se não eles ficavam encarregado com a gente dizia, não conseguia escrever e tremia de frio e tinha gente que até de fome e eu aprendi com isso Nossa Senhora. Uma coisa que eu nunca tinha ouvido falar os trens, professora eu posso pegar os meus trens aí eu sei que o trem no Rio Grande do Sul é o trem da viação térrea né eu até pensei, mas como trem aqui, mas depois de ver o que que é não aí ele pegava o caderno, o lápis aí eu aprendi que trem era um conjunto de apretescos escolares né então se estabeleceu ginástica logo em seguida a gente pedia a merendeira pra fazer a renda pra eles tomarem leite, o chocolate ou qualquer coisa pra então começar o estudo gente porque não era fácil o frio que fazia aqui eu sou acostumada fui acostumada porque hoje eu sinto frio. Participamos da primeira festa dos estados entre a 104 e a 105 em 60 junho e eu achei muito interessante aquelas danças maravilhosas que tinham pessoas que moravam ali nos blocos 104, 105, 106, 107 por ali tudo. As escolas faziam os professores faziam os doces, salgados, as pessoas da família dos alunos faziam também e tudo era as primeiras festas, depois falou-se em festas dos estados com danças e todo mundo junto, eu era uma pessoa que eu não sabia dessa existência dessa troca de conversar com todos integração muito grande e que eu fui aprendendo cada vez mais e na minha análise de hoje eu fui começar a ser humana vamos dizer a partir de Brasília.

Depoimento 30

ORBELLA DE SOUZA LOBO (professora)

*Chegou a Brasília em 1957

Meu pai ele veio na Comissão Cruis e falei assim vão fazer a capital do Brasil aqui pertinho da gente, a comissão só marcou o lugar né e ele falou assim a capital Vai Ficar aqui perto da gente Brasília vai chamar Brasília a gente pegava muita carona que ninguém tinha carro não tinha ônibus, toda gente que passava dava carona pra gente e era normal, natural eles davam sem segunda intenção sem nada, ele perguntavam pra onde a senhora vai eu não levo, era de jipe de caminhão diz qualquer coisa a gente pegava a carona e o pessoal muito alegre muito amigo não é toda a gente assim entusiasmado com Brasília. Aula oral e às vezes pra escrever eles pegavam um pedaço de papel assim os pedaços de madeira o que estivesse por ali por exemplo colocava

no papel para escrever e agora eu cheguei até inovando coisas que eu tinha aprendido lá no Rio e coisa cantando com os meninos mandando eles sentarem pelo chão para contar história então as outras professoras do modo mais tradicional me criticavam e os meninos das outras salas ficavam querendo passar pra minha sala por causa dessas novidades, um bando de menino caminhando e então os outros ficam querendo. Eu gostava do entusiasmo, da alegria, que era quase geral que é toda a gente feliz ninguém reclamava de quase nada, que o primeiro edifício que foi construído na w3 é o edifício Sagitário, foi o primeiro construído na w3 de tijolos. Na minha cidade era tida como recatada, calada, não falava e quando eu vim pra Brasília eu comecei outra vida, porque a cidade do interior tudo que faz é comentado, moça direita não pode fazer isso.

Depoimento 31

ZENI MOREIRA (funcionária da Novacap)

*Chegou a Brasília em 1958

Peguei um avião em Macapá. Quando sobrevoou Brasília me falaram: olha aqui será a futura capital do Brasil. Aí eu olhei assim... só tinha aquela terra vermelha vazia né ...os esqueletos dos ministérios e o traçado das primeiras avenidas. Aí eu falei é pra cá que eu venho. É aqui que eu quero viver e morrer.

Eu era muito elegante só andava de meia fina até pra ir na farmácia eu botava a meia toda arrumadinha né. Aí os engenheiros passavam por mim e cochichava um pro outro para olha a Granfininha ali ó daqui a uma semana está andando de chinelo no meio da poeira...E sabe que depois fui entendendo essa lógica do despojamento. Aqui não dava para ser arrumadinha como a gente estava acostumada em outras cidades. Aqui não tinha nada. Era muito poeira. Um cenário muito estranho, meio faroeste. Aos poucos fui vendo que a vida era outra. Aprendi a ser muito mais solta e não ter muita frescura.

Nós trabalhávamos de sábado a sábado. Muito trabalho! As mulheres fizeram muita coisa aqui no início da cidade. Às vezes a gente fazia uma caminha improvisada no escritório do acampamento. A gente trabalhava pesado ... muitas vezes ficava até 10 horas da noite e não tinha condição para ir embora.

Na noite de sábado a gente ia para uma boate pequenininha. O Vicentino que era motorista da Novacap pegava a gente na porta do alojamento onde só moravam mulheres solteiras. Meninas vamos dançar! Vicentino pegava as moças todas botava dentro do Jipe e levava para uma boate no Brasília Palace. Aquele hotel que ia todos os estrangeiros e convidados do Presidente JK. Lembro da visita da Simone de Beauvoir e Sartre, acredita? Quando era meia noite ele pegada a gente de volta para o alojamento. Ela dizia olha a meia noite todo mundo aqui na porta... quem não estiver aqui vai ficar ao relento! Porque não tinha ônibus, não tinha nada né. Era bom ... a gente dançava e paquerava...todo mundo numa solidão medonha. Cada um vinha de uma parte do Brasil, sem família. Os casamentos aconteciam da noite para o dia. Aqui não tinha dificuldade para conseguir um par.

Me lembro de tudo com muito carinho dessa aventura de ter vivido nessa cidade no seu início. Nós éramos vistas com coisa rara ... havia poucas mulheres que topavam vir “para o fim do mundo” era assim que falavam de Brasília ... mas sabe que ao chegar aqui fiquei é verdade achando tudo meio estranho. Mas depois fui gostando...aqui era o maior respeito da paróquia com a gente. Nós dormíamos as mulheres com a porta aberta do alojamento nunca entrou lá um bandido nunca você ouviu falar estupro ou qualquer coisa era tudo bonitinho. Eu me sentia segura na cidade. Eu saía sozinha aqui no Núcleo Bandeirante, saía também com minhas amigas íamos para os restaurantes na W3 tinha minha turminha né. A vida era boa apesar da precariedade. Estava tudo em construção, mas havia uma alegria no ar. Um pulsar de vida! Todo mundo muito empolgado com a nova capital. O presidente JK passava muito entusiasmo e a gente via que estava todo mundo se esforçando para ver nascer uma cidade totalmente

diferente. Desde o povo mais graduado até os peões (candangos) todo mundo muito engajado em ver a cidade pronta em menos de 5 anos. Uma coisa fora do comum...

Tem uma coisa que quero te contar. Eu ir pra o Clube Minas Brasília pra piscina eu fui a primeira pode contar? Eu fui a primeira moça de Brasília a usar um biquíni ...eu chegava na beira da piscina com a minha amiga. Botava assim uma toalha aqui me cobrindo toda...ia escorregando assim pela beiradinha da piscina até cair na água para ninguém ver meu corpo né ... a gente era cheia de pudores naquela época. Mas eu via que mesmo discretamente estava todo mundo de olho na gente...

Fui trabalhar no Palácio Planalto na secretaria particular do presidente Jango trabalhei lá 4 anos. Na véspera da revolução eu estava lá eu me lembro que trabalhei o dia inteiro fui para a casa quando cheguei em casa isso pode contar também? Eu estava em casa 7 horas da manhã. Meu chefe liga pra mim: Zenir não vai ao Palácio hoje porque os militares se apoderaram do poder. O presidente teve que fugir, os telefones foram todos cortado. Havia polícia para todos os lados. Um horror...na minha quadra na esplanada. Olha era uma coisa os militares invadindo a cidade que tanto lutamos para construir ... quando cheguei no palácio, o cenário era de caos... os militares tinham jogado tudo pelo chão... estava uma bagunça. Eles atacaram o Palácio à noite. Me lembro que eu fui ao banheiro quando saí encontrei com 2 colegas no corredor. Ficamos ali as 3 secretárias conversando um pouco. Daí passou um militar daqueles de dois metros de altura e gritou para a gente: já pra dentro! Mais de dois é comício! Imagina isso? Uma loucura!

ANEXO A – APRESENTAÇÃO DAS MULHERES QUE NARRARAM SUAS MEMÓRIAS



Fonte: MOURÃO, Tânia Fontenele. *Poeira e Batom no Planalto Central: 50 mulheres na construção de Brasília*. Brasília, 2010, p. 83-95



Alice Andrade Maciel, enfermeira. Chegou a Brasília em 1958.

"Eu sou do interior de Goiás, de Jaraguá. Eu tinha um tio que, apesar de ser do interior, era muito inteligente, então ele falava sobre a construção da Capital Federal do Planalto Central, mas eu não pensava que isso um dia pudesse acontecer. Talvez fosse sonho das pessoas mais velhas."



Braulina Mendes de Carvalho, funcionária da Novacap. Chegou a Brasília em 1957.

"Brasília surgiu pra mim como uma esperança de vida, porque eu era garota ainda jovem, querendo mudar de vida, e o Brasil tava muito atrasado, precisando melhorar."



Cacilda Rosa Bertoni, enfermeira-parteira. Chegou a Brasília em 1957 .

"Estou com 91 anos de idade. Felizmente fui mais útil vindo pra cá do que imaginei. Sabe que era tanto serviço que eu não senti falta de nada. Eu tinha tanta coisa pra fazer que não dava tempo de pensar. Eu fiz tantos partos que eu nem sei quantos foram."



Carmela Nin de Escuder. Chegou a Brasília em 1957.

"A primeira vez que eu escutei falar de Brasília foi lendo o jornal. Morava na Espanha ainda e li que Brasil ia ter nova capital e ia se chamar Brasília. Eu nunca pensei que ia parar em Brasília."



Jandira Carlos de França, lavadeira. Chegou a Brasília em 1957.

"Tenho 61 anos. Eu vim do Rio de Janeiro, cheguei naquele mundo de poeira, só comendo poeira. Eu tinha alergia demais, mas estava feliz de estar aqui."



Cleusa de Oliveira Menezes Senna, radialista. Chegou a Brasília em 1957.

"Eu vim do estado de Goiás, tenho 69 anos. Nós tínhamos uma rádio comunitária na Cidade Livre. A rádio prestava serviços para quem precisava trabalhar e para as empresas que precisavam contratar trabalhadores. As empresas encostavam os caminhões e em questão de minutos elas já estavam lotadas com todos os trabalhadores."



Cosete Ramos Gebrin, professora do CASEB. Chegou a Brasília em 1960.

"Em 60, a juventude do Brasil era apaixonada pelo presidente JK, então estava todo mundo ligado no que estava acontecendo em Brasília. Se o pessoal velho era contra Brasília, para os jovens a paixão era Brasília. Então, a gente já veio com o coração pronto para aceitar Brasília."



Esther Gums Xavier, professora. Chegou a Brasília em 1959.

"A gente tinha muita liberdade e a gente entrava nesses edifícios grandes quando estavam construindo. A gente acompanhou a construção. Eu adorava Brasília, não queria nem voltar mais pra minha terra."



Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho, escritora. Chegou a Brasília em 1959

"Sou carioca, vim para Brasília recém-casada com o meu marido, que era engenheiro com a finalidade de construir Brasília. Fizemos uma viagem memorável, viemos de jipe. Passamos 7 dias dentro de um jipe, porque estradas não existiam. Nós fomos criando a estrada, derrubando árvores. Quando chegamos em Goiânia, as pessoas não acreditavam que a gente tinha vindo do Rio de Janeiro. Nós chegamos em Brasília e éramos três blocos de lama. Eu era um bloco, meu marido era outro e o jipe era outro."



Harco Ofugi Rodrigues, advogada. Chegou a Brasília em 1959.

"Tenho 64 anos, vim pra Brasília em 59, com 12 anos, de Goiânia. Minha juventude foi muito rica, eu estudei no Ginásio Brasília, fui bandeirante, trabalhei muito na fixação do Núcleo Bandeirante. Nós tínhamos dois cinemas. A diversão era principalmente o cinema, matinê, e encontro com os colegas, amigos. Ia pescar no Lago Paranoá e fazia caminhadas. Estavam construindo a Esplanada dos Ministérios, só tinha os esqueletos, então a gente ia a pé da Cidade Livre até a Esplanada."



Hilda Ribeiro da Silva, auxiliar de enfermagem. Chegou a Brasília em 1959.

"...eu tinha um irmão aqui, que era soldado da GEB – Guarda Especial de Brasília. Ele achou por bem me trazer para cá, porque era uma cidade nova, iniciando, e eu era jovem, podia fazer algum curso. Tenho muito orgulho de ser nordestina, porque eu ajudei a construir Brasília. Aqui deveria se chamar nordestina."



Iara Pietricovsky de Oliveira, ativista de direitos humanos e atriz de teatro, filha de Golda Pietricovsky. Chegou a Brasília em 1960.

"A gente brincava muito no cerrado, no lago Paranoá. Usava muito as árvores tortas, era muito especial, porque tinha umas tortas que davam uma forquilha ótima. A gente brincava muito. Brasília tinha muitas cigarras, o que marcava a mudança da chuva para a seca eram as cigarras. Até hoje isso é muito forte aqui. Isso fazia parte do imaginário sonoro, era aquelas cigarras uníssonas cantando, anunciando as chuvas."



Ione Rodrigues, gerente de casa de encontros. Chegou a Brasília em 1960.

"Eu nasci em Belo Horizonte, em 1920. Já trabalhava no Rio quando recebi a proposta: - Olha, eu vou mandar a passagem pra você e você vai pra minha boate. Se você gostar, você fica. Se você não gostar, eu te dou a passagem e você volta. Eu respondi: mas eu não ando de ônibus não, falei com ela, eu ando só de avião. Aí ela pegou e mandou a passagem em 14 de julho. Agora fazem 50 anos estou aqui."



Isis de Maria Lopes Guimarães Ferreira, tabeliã. Chegou a Brasília em 1958.

"Tenho 69 anos. A minha família Guimarães contribuiu muito para o crescimento de Brasília. A minha família, pelo lado paterno, era proprietária de muitas terras aqui na região, muitas terras. Paranoá, Sobradinho, Planaltina e por aí vai, e essas terras foram desapropriadas a preço muito baixinho para a consolidação do Distrito Federal."



Celina Quitéria Zeferino, do lar. Chegou a Brasília em 1960.

"Tenho 76 anos bem vividos. Quando eu cheguei, o divertimento era o baile. A gente se produzia todinha para poder ir pro baile dançar. Era bom demais, porque era tudo muito amigo."



Josefa Carmelita da Silva França, lavadeira. Chegou a Brasília em 1960.

"Tenho 74 anos. Vim de Currais Novos, Rio Grande do Norte. Eu vim com meu marido e dois filhos e grávida. Vim de pau de arara, com dois filhos e grávida de sete meses. O menino veio no colo, ali espremidinho. Foi duro, minha irmã. Passamos 10 dias no caminho com chuva. A gente ia sentado juntinho nos estrados de madeira, até completar aquele caminhão de gente. O joelho encostando nas costas do outro. A alimentação, a gente colocava num saco e colocava num canto, ou atrás, ou na frente, ou do lado."



Jurema Chabalgoity Toscano Barbosa, médica. Chegou a Brasília em 1959.

"Nasci no Rio Grande do Sul, em Santa Vitória do Palmar. Nós ficamos aqui porque nós acreditávamos no plano médico hospitalar de Brasília, que era perfeito, era o ideal para o atendimento de pacientes e para o médico. Mas no início tudo era precário. Nós chegamos e não tinha ainda apartamento para os médicos e o hospital era de madeira. Mas era o que tinha aqui, o IAPI era o que atendia os empregados das obras naquela época."



Ladir Carlos de Alarcão, enfermeira. Chegou a Brasília em 1960.

"Eu fui morar na fazenda do Torto com o meu marido. Eu tinha uma filha, e lá tinha uma escolinha. Eu era professora primária e lá também apareciam muitas pessoas que precisavam de injeção. Também me chamavam pra fazer partos nas fazendas ali perto do Torto. Eu ia a cavalo ou a pé."



Leocádia Paradela Cardoso, professora. Chegou a Brasília em 1958.

"Completei 91 anos. Sou professora e vim do Rio de Janeiro. Em 1958 o povo falava de Brasília as piores coisas, mas se tivesse tanta maldade, o Presidente da República não ia levar as pessoas amigas dele para conhecer a nova capital."



Lia Sayão de Sá, funcionária pública aposentada. Chegou a Brasília em 1956.

"Solteira, sou Sayão, filha de Bernardo Sayão. Eu cheguei em Brasília aos 13 anos de idade, com meu pai. Nós fomos a primeira família de engenheiros a chegar em Brasília. Morávamos no acampamento e depois numa casa projetada pelo Niemeyer."



Lilian Portugal Magnavita, professora de teatro. Chegou a Brasília em 1960.

"Tenho 89 anos, nasci na Bahia, uma terra muito querida. Gosto muito da minha terra, mas hoje me considero brasiliense. Fui convidada pelo Ministério da Educação, no governo de Juscelino Kubitschek. Cheguei aqui no dia 16 de abril de 1960, antes da inauguração, e aqui estou até hoje, ajudando."



Luiza Ferreira de Souza. Chegou a Brasília em 1959.

"Nasci no dia 12 de setembro de 1930. Eu sou maranhense, de Caxias do Maranhão. Meu marido tava aqui há mais de ano e eu não perguntei pra ele se ele queria que eu viesse. Arranjei uma senhora pra tomar conta dos filhos e deixei os meninos lá. Peguei um avião em São Luiz e cheguei em Anápolis 5h da tarde. Aí peguei um ônibus e vim aqui pro Núcleo Bandeirante."



Maria Aparecida Leite, auxiliar de enfermagem. Chegou a Brasília em 1958.

"Nasci em 19 de junho de 1927. Brasília é uma cidade boa pra gente envelhecer, como eu envelheci, já estou com 85 anos."



Maria Coeli de Almeida Vasconcelos, professora e cineasta. Chegou a Brasília em 1960.

"Ninguém acreditava em Brasília. As revistas da França falavam dos projetos de Niemeyer, do Lucio Costa, mas dentro do Rio de Janeiro havia uma campanha muito grande contra Brasília e ninguém imaginava que pudesse surgir uma cidade em tão pouco tempo. O mais impressionante em Brasília foi a rapidez com que foi feita. Três anos é muito pouco para se construir uma cidade."



Maria das Neves Costa Morici, professora. Chegou a Brasília em 1957.

"Nasci no dia 26 de julho de 1920. Vou completar 90 anos. Naquele ano, mulher só podia ser dona de casa ou professora. A lei não permitia que mulher fosse advogada ou outra profissão qualquer. Então, naquele ano que eu fui estudar, o que foi permitido escolher, fazer o ginásio ou normal. Mas como era muito recente a novidade, eu optei pelo normal. Então completei os 5 anos de normalista em Araguari, Minas, colégio Sagrado Coração de Jesus."



Márcia de Souza Almeida, do lar. Chegou a Brasília em 1957.

"Cheguei oficialmente para a inauguração de Brasília. Vim acompanhando o meu esposo, que era deputado federal, companheiro de Juscelino e um apaixonado mudancista, porque naquela época havia muito rejeição da mudança da capital do Rio de Janeiro pra Brasília. Fiz parte dos comitês femininos pra campanha JK, em Belo Horizonte."



Maria Inês Fontenele Mourão, professora. Chegou a Brasília em 1960.

"Estou com 72 anos. Cheguei aqui em 1960, recém casada e concursada, para ser professora. Brasília era muito falada no Nordeste e as pessoas vinham pra cá pra ajudar na construção de Brasília. Eram caminhões que vinham lá do Nordeste com pessoas pra trabalharem na construção de Brasília."



Maria Katuko Haga Torres, auxiliar de enfermagem. Chegou a Brasília em 1958

"Eu já moro aqui em Brasília desde 58, há 51 anos. Em Brasília, as pessoas, era tudo fantástico, nordestino, bahiano, gaúcho, mineiro, a gente era uma grande família, muita amizade, muito aconchegante."



Maria Marta Cintra, professora. Chegou a Brasília em 1960.

"Vim de Pernambuco, duma cidade do agreste meridional de São Bento do Una. Fica a 250 km de Recife. Fica entre Caruaru e Garanhuns. Quem fez a revolução foi a mulher. A mulher, na década de 60, fez a grande revolução desse país. E tá aí fazendo. Acho que a mulher tá com tudo e já na época mostrou."



Maria Maura Figueiredo, pedagoga. Chegou a Brasília em 1960.

"Estou completando 60 anos. Nós viemos de Minas Gerais. Em Brasília tudo parecia uma orquestra, sabe? Parecia que todo mundo tocava muito bem e alguém comandava, e esse maestro era o Juscelino. As pessoas eram felizes, apesar das dificuldades, era uma solidariedade muito grande."



Maria Vicentina de Cássia, Maria do Chapéu, comerciante. Chegou a Brasília em 1960.

"Meu marido me falou: 'Olha, Maria, eu vou trazer você pra cá, só que você vai estranhar, eu já vou avisar como é a vida aqui a Brasília. Não tem casa de alvenaria, aqui você vai morar num barraco de tábua, e é muito movimento de homem, poucas mulheres. Você fica sabendo tudo para quando chegar aqui você não ficar pensando que quer voltar.' Quando cheguei, gostei muito e estou aqui até hoje."



Mercedes Ribas Parada, calculista e desenhista de mapas. Chegou a Brasília em 1956.

"Eu nasci em 28 de setembro de 1924. Eu sabia que ia mudar a capital. Meu pai gostava muito de me contar as coisas, que eu fui filha única. Nos éramos pobres, mais meu pai era muito cuidadoso. Moramos numa das três primeiras casas da Candangolândia: a nossa, a do doutor Sayão e a do doutor Bessa. Vim para fazer as demarcações das terras para a nova capital junto com o meu marido. Trabalhava dia e noite."



Neusa Pinho França Almeida, professora de música. Chegou a Brasília em 1960.

"Fui uma das primeiras professoras de música em Brasília. Eu dava aula no CASEB, dois turnos, 40 horas por semana, de 8 às 12h. 13h45, eu saía pro outro turno da tarde. Sábado, os alunos queriam aula de piano, então eu só tinha o domingo pra descansar. Minha vida correu assim, muito trabalho."



Orbella Lobo, professora. Chegou a Brasília em 1957.

"A gente ficava num barracão de madeira, o alojamento dos professores, na Candangolândia. A gente pegava muita carona, porque ninguém tinha carro, não tinha ônibus. Todo mundo que passava dava carona, sem segundas intenções, era de jipe, de caminhão. E o pessoal muito alegre, muito amigo. Toda a gente entusiasmada com Brasília."



Palmerinda Donato, escritora. Chegou a Brasília em 1957.

"Eu nasci em Anta, uma pequena cidade no município de Sapucaia no estado do rio de janeiro, antes de falar como eu conheci Brasília vou falar como eu conheci Dona Sarah, eu tinha 24 anos era recém formada e recém casada, e em 1955 no início do ano eu fui a um salão de beleza, cortar o cabelo, fazer as unhas e chegando lá a gente só conversava sobre política, porque tava começando a sair a campanha do presidente Juscelino Kubitschek."



Salan Kozac, comerciante. Chegou a Brasília em 1957.

"Tenho 82 anos. Vim da Síria. Eu fui conhecer Brasília na primeira missa, depois andamos em Brasília. Tinha muita terra, muito tijolo. Eu me encantei, eu sou aventureira. Saí da minha terra com 19 anos para casar com um jovem igual a mim."



Sônia Vasconcelos, empregada da Caixa Econômica. Chegou a Brasília em 1960.

"Estou em Brasília desde 60 e vim de férias duas vezes, em 58 e 59. Sou de Minas Gerais. Fiquei sabendo de Brasília quando JK se candidatou a Presidente. Ele foi lá na minha terra, em Leopoldina, para fazer campanha e eu tive a honra e o prazer, a alegria imensa de dançar com ele."



Wanda Clementina Dias Corso, professora e líder comunitária. Chegou a Brasília em 1957.

"Tenho 84 anos, vim de Belo Horizonte pra Brasília. O cerrado era maravilhoso, flores de toda espécie, parecia uns lençóis de flores amarelas, brancas, era lindo. Tinha a tal de canela de ema, um espetáculo, parece orquídea, animais também eram muito bonitos, siriema, ema, veado. Aí passei no concurso."



Take Iabushita Ofugi (D. Florinda), agricultora. Chegou a Brasília em 1959

"Tenho 92 anos, eu vim de Goiânia. Meu marido veio com o Juscelino e foi o fundador da colônia japonesa. Eu vim depois de dois anos. Era tudo pagão os meus filhos, não era batizados. Aí o padre falou que precisa batizar para fazer exames e poder entrar na escola. Cada um arranhou uma madrinha e o Padre Roque batizou todos os meus filhos. Naquela época, mulher obedecia marido."



Therezinha de Jesus Soares Rodrigues, professora do CASEB. Chegou a Brasília em 1960.

"Naquela época, ser mulher era uma coisa muito difícil, lembrando que nós estamos no final da década de 50 para 60, que é quando começou a emancipação da mulher. Então, optar para vir para Brasília sozinha foi algo muito arrojado. Sair da casa dos meus pais não foi fácil."

As Homenageadas



Guiomar de Arruda Camara - Membro da Comissão Poli Coelho - 1946



Fumiko Kannegae - Agricultora - Membro das Primeiras famílias japonesas convidadas pelo Presidente JK para a implantação do cinturão verde da nova capital.



Tia Neiva - Líder espiritual do Vale do Amanhecer.



Irmã Olga - Chegou em 1957 - Moradora da Vila Operária - Candangolândia - membro da Congregação Religiosa Católica que trabalhou na fundação das Pioneiras Sociais.



Walnizia Alves dos Santos, escritora. Chegou a Brasília em 1957.

"Eu sou goiana e cheguei em Brasília aos dez anos de idade. Minha mãe começou a costurar e as primeiras freguesas eram as senhoras de funcionários que tinham vindo para Brasília. Então, eu aprendi a costurar com 11 anos. A iluminação eram lamparinas e então eu aprendi também como abastecer lamparinas. Eu ficava acompanhando minha mãe e trabalhava até onze, meia noite."



Zeni Moreira, funcionária da NOVACAP. Chegou a Brasília em 1959.

"O avião que vinha de Goiânia me pegou em Macapá e eu vim. Quando chegou aqui em Brasília ele sobrevoou Brasília e falou: 'Olha, aqui será a futura capital do Brasil', aí eu olhei assim e só tinha aquela terra velha, o esqueleto dos ministérios. Eu falei: é aqui que eu fico."

ANEXO B – CAPA FILME POEIRA E BATOM

POEIRA & BATOM

NO PLANALTO CENTRAL

50 mulheres na construção de Brasília

História recuperada, contada pelas mulheres com os seus impressionantes depoimentos, repletos de sentimentos, anseios e inquietações vividos nos primórdios de Brasília.

São mulheres das mais diferentes profissões e classes sociais que aqui chegaram entre 1956 e 1960.

Pela perspectiva do olhar feminino apresenta-se um enfoque inovador da saga da construção de Brasília.

Brasília, 2010

Direção: Tânia Fontenele e Quaresma

POEIRA & BATOM

NO PLANALTO CENTRAL

50 mulheres na construção de Brasília

Poussière et Rouge à lèvres au Plateau Central
50 femmes au coeur de la construction de Brasília

Dust&Lipstick in the Central Plateau
50 Women in the construction of Brasília

Polvo y Pintalabios en la Meseta Central
50 mujeres en la construcción de Brasília

Tânia Fontenele
Instituto de Pesquisa Aplicada da Mulher
Tel: 55 61 33673320 / 55 61 92152477
taniafontenele@gmail.com
Brasília DF Brasil

POEIRA&BATOM NO PLANALTO CENTRAL – 50 Mulheres na Construção de Brasília

ANEXO C – AS DESBRAVADORAS

metrô

06

BRASÍLIA

BRASÍLIA, QUINTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2013
www.readmetro.com

As desbravadoras

Sob o véu da invisibilidade. Elas não puseram as mãos no cimento literalmente, mas construíram a capital de muitas outras maneiras. Uma exposição histórica no Museu dos Correios leva os brasilienses a uma viagem no tempo para dentro da vida das pioneiras

Juscelino Kubitschek sonhou com a nova capital. Lúcio Costa planejou a cidade do futuro. Oscar Niemeyer concebeu as curvas de seus prédios. Athos Bulcão decorou suas paredes, e Burlle Marx, seus jardins. Israel Pinheiro a administrou. Darcy Ribeiro a fez mais intelectual.

Há algo de errado nessa história? A pesquisadora Tânia Fontenele achou que sim. E o pecado mora aqui: a história é contada só com personagens masculinos.

Tânia, uma das primeiras mulheres a nascer na nova capital, queria mostrar que elas também tiveram papel relevante nessa saga, mesmo que escondidas sob o manto do machismo. Entrevistou cerca de 50 mulheres pioneiras

na capital e descobriu não só como elas viviam no período entre 1956 e 1970, mas como deram sua parcela na construção de Brasília.

O resultado de sua pesquisa está exposto, a partir de hoje, no Museu dos Correios. São fotografias, objetos, cartas e vestimentas que faziam parte de seu cotidiano. Como em um túnel do tempo, o espectador pode entrar em seus ambientes de trabalho e suas casas e conhecer um pouco mais da história que ninguém contou ainda.

Aqui, o *Metro* revela alguns detalhes sobre essas primeiras candangas.

NANA QUEIROZ
METRO BRASÍLIA



Mulheres modernas: trabalhadora posa diante de seu carro

FOTOS: ARQUIVO PÚBLICO DO IAC



Orgulhosas de Brasília, mulheres posam diante de maquete de engenheiros



Exposição leva a uma viagem por uma casa da década de 1960

RELATO: MARQUES/METRO BRASÍLIA



Mulheres passeiam pela Brasília dos anos 1960: elas tinham as mesmas atividades de lazer que os homens

À frente de seu tempo

As mulheres que vinham para Brasília tinham uma característica em comum: eram exploradoras e um tanto aventureiras. Chegavam com modas brasileiras comuns, mas logo se diferenciavam das mulheres do restante do país. Segundo Tânia, a maioria delas trabalhava, dividia as tarefas domésticas com os maridos e tinha independência financeira. "Muitas delas eram concursadas e ganhavam salários maiores do que as profissionais de suas cidades natais. E Simone de Beauvoir já dizia que é na independência econômica que nasce a emancipação feminina."

As prostitutas

Nos primórdios de Brasília, todo operário solteiro ou sem a família sabia onde encontrar conforto: era só passar a "Placa da Mercedes", onde hoje é o Riacho Fundo, para descansar nos braços de uma prostituta. Tânia descobriu que não só elas vieram de todos os cantos do Brasil, mas de vários outros países, como EUA, China, Itália, Japão, entre outros. "Naquela época, a capital era um local muito solitário. Eram elas que aplacavam a solidão dos operários", explica Tânia.

Mão na massa?

Tânia não encontrou nenhum relato de mulheres que trabalhassem diretamente nas construções. Elas estavam muito envolvidas com o canteiro de obras, no entanto. Eram atendentes de cantinas, professoras dos filhos dos operários e enfermeiras e médicas que atendiam aqueles que adoeciam ou se feriam nas obras.

Há espaço para as mulheres entre os mitos?

Se os brasilienses quiserem cultivar suas heroínas, há pelo menos 11 fortes candidatas. A primeira delas é Neusa França, compositora do hino de Brasília. "Ela foi professora de piano de Brasília inteira, era uma mulher notável", afirma Tânia. É difícil não lembrar também das 10 mulheres que se organizaram para lutar pela permanência do acampamento de operários que depois se tornou a Vila Planalto. "A Vila Planalto só existe hoje graças a elas", opina Tânia. "De toda forma, eleger apenas uma (para se tornar mito) seria leviano."

ANEXO D – RELATO SOBRE AS MULHERES DE BRASÍLIA

CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, terça-feira, 8 de março de 2016 • **Opinião** • 17**ARI CUNHA**

DESDE 1960

VISTO, LIDO E OUVIDO

aricunha@dabr.com.br
 com Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

Poeira e batom

O que tinham de discretas, as mulheres pioneiras tinham de fortes. O que tinham de simples, completavam com a solidariedade. No ambiente hostil do Planalto Central, elas entraram de corpo e alma. O espírito inovador construía a Capital da Esperança. Copacabana deu lugar a apartamento tão pequeno que o piano, ferramenta de trabalho, não entrava. Assim foi com a autora do *Hino de Brasília*. Neusa França veio do Rio de Janeiro e teve sua música aprovada em concurso público. Palmerinda Donato, toda garbosa, chegou com sapato aveludado para a inauguração da cidade. Caprichou no visual. Logo no primeiro passo, atolou o pé no barro. Era presságio de que nada seria fácil. Mas também venceu.

Muitas dessas mulheres estariam cobertas pelo manto do anonimato não fosse a garra de Tânia Fontenele, nossa homenageada hoje. No ambiente doméstico, nascida e crescida em Brasília, Tânia percebeu que, quando o assunto era a construção de Brasília, os nomes que vinham eram sempre de Juscelino, Lucio Costa, Niemeyer. Dona Júlia e Sarah Kubitscheck eram citadas também, mas com pouca ênfase. Inquieta, Tânia resolveu buscar informações com dona Inês Fontenele Mourão, a mãe, que tinha participado da criação da primeira associação de mulheres empresárias da nova capital. Ela era fonte rica sobre as batalhadoras da cidade.

Em 1985, o primeiro filme de Tânia Fontenele foi *Corrida das 5.300 mulheres*. O fato de ter sido, na década de 1990, professora da Enap também contribuiu para os valiosos contatos que iam aparecendo. Ela participava de programas de capacitação de ordem técnica e gerencial para mulheres que ocupavam cargos importantes no setor público. Desenvolveu, até no mestrado, o tema mulheres no topo da carreira — flexibilidade e persistência. O estudo foi marco na atenção às mulheres. A Secretaria da Mulher, na

Presidência da República, publicou 3 mil exemplares que foram espalhados por todo o país. É possível acessar o trabalho no seguinte endereço eletrônico: <http://www.spm.gov.br/arquivos-diversos/publicacoes/publicacoes/topo-carreira-fim.pdf>.

Em 2007, Tânia participou da criação do Instituto de Pesquisa Aplicada da Mulher (Ipam), onde hoje é coordenadora. Em 2009, no aniversário de Brasília, pesquisa patrocinada pela Petrobras e GDF mostrou a invisibilidade das mulheres que participaram ativamente da construção da cidade. Para Tânia elas eram invisíveis, mas, nas entrevistas, ela pôde perceber que estavam satisfeitas pelo trabalho que realizaram, e mais ainda naquele momento em que teriam a memória oral registrada para as próximas gerações. A cultura da época foi desafio para Tânia. Com fotos lindas nas mãos, o registro dizia sr. Manoel d'Andrade e esposa. Nunca, ou quase nunca, a mulher tinha nome e sobrenome.

As pioneiras sabem a importância do trabalho de Tânia Fontenele e colaboram como podem. Cedem ou emprestam fotos, objetos, textos, o que têm em casa desde os anos 1960. Assim, como um cerrado em pequenas peças, as famílias pioneiras vão ocupando o espaço na História de Brasília. Isoladas, longe da cidade em que viviam, a relação humana que deu início à nova capital era diferente de qualquer lugar no Brasil. As pessoas se ajudavam mutuamente, um grupo que tinha carro aguardava os novos moradores no aeroporto para o deslocamento, médicos atendiam as emergências em qualquer hora ou lugar. O espírito de solidariedade era a regra. Todos se cumprimentavam, se conheciam, conversavam.

Poeira e batom é um filme de Tânia que mostra a saga da construção de Brasília. Uma decisão política e econômica de grande envergadura que chamou para si o esforço de cada brasileiro. Brasília é vista como cidade arquetonicamente moderna, com espaços livres, mas é importante que os jovens saibam que o cenário de desenvolvimento era muito diferente do que se vê hoje. Tânia discorda dos que dizem que Brasília nasceu no meio do nada. Tribos indígenas, pessoas que já estavam aqui desde o século 18 também não são parte da história da capital por falta de conhecimento.

Brasília tem muito mais do que a arquitetura para mostrar. Acreditando na capacidade da educação em promover o ser humano, um projeto social e político, com os educadores mais modernos do país, implementou o melhor sistema educacional do Brasil. Educação em tempo integral, a nata da intelectualidade participou dos projetos inovadores. A Escola Parque, que deveria estar espalhada pela cidade, a Escola de Música, que deveria ter dezenas espalhadas pelas quadras. A base era uma cidade humanizada. Arte, conhecimento, convivência. O investimento de alto nível em termos de propostas e inovação. Alto nível, explica Tânia, não quer dizer muito dinheiro. Ninguém ostentava nada.

Tudo o que era de alta qualidade tinha o toque da simplicidade. Assim como os traços de Niemeyer. As escolas eram simples e aconchegantes. A criação das crianças era mais socialista do que nunca. Na mesma sala de aula, filhos de ministros e filhos de operários brincavam sem dar importância para status. A cidade vai além do que é visto. A cidade foi criada com conceitos de cordialidade. Aqui não se buzina. As tesourinhas foram criadas para dar oportunidade de os motoristas cederem a vez, os porteiros moravam nos prédios. As pessoas que chegam e dizem que Brasília é uma cidade fria é porque nunca experimentaram dar um sorriso com um bom-dia.

Tânia prepara o doutorado sobre as memórias femininas de Brasília e já arruma a bagagem para se mudar para o Arquivo Público, que sempre a recebeu de portas abertas. Faltam mesmo para completar o projeto de registro da história da capital apoio institucional e financeiro do GDF ou do governo federal para a construção da sede da memória feminina na construção de Brasília. A autoestima das pioneiras é visivelmente valorizada com esse projeto. As próprias famílias descobriram as avós e bisavós, vendo o valor daquelas mulheres tantas vezes sozinhas, mal ouvidas e até deprimidas.

Venham conhecer Tânia Fontenele na projeção do filme *Poeira e batom*. De 8 a 15 de março a partir das 18h30. Documentário e exposição homenageiam pioneiras no Dia Internacional da Mulher. Pela primeira vez o filme *Poeira e batom* vai ser exibido com legenda em francês, e a mostra Memórias Femininas da Construção de Brasília ganha nova configuração. Entrada franca, na Aliança Francesa, SÉPS 708/908. O nosso muito obrigado a essa brasiliense. Que o governo reconheça o trabalho providenciando sede fixa para um centro de pesquisa, de exibição e exposição da memória feminina que contribuiu para a construção de Brasília.

»» História de Brasília

As casas de armas de Goiânia e Brasília venderam, nestes últimos dias, todos os estoques de balas de todos os calibres. (Publicado em 1/9/1961)

ANEXO E – CRÔNICA BRASÍLIA – CLARICE LISPECTOR

BRASÍLIA

Brasília é construída na linha do horizonte. – Brasília é artificial. Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado. Quando o mundo foi criado, foi preciso criar um homem especialmente para aquele mundo. Nós somos todos deformados pela adaptação à liberdade de Deus. Não sabemos como seríamos se tivéssemos sido criados em primeiro lugar, e depois o mundo deformado às nossas necessidades. Brasília ainda não tem o homem de Brasília. – Se eu dissesse que Brasília é bonita, veriam imediatamente que gostei da cidade. Mas de digo que Brasília é a imagem de minha insônia, vêm nisso uma acusação; mas a minha insônia não é bonita nem feia – minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto. Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil; eles ergueram o espanto deles, e deixaram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério. – Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo. Havia um táxi parado. Sem chofer. – Lucio Costa e Oscar Niemeyer, dois homens solitários. – Olho Brasília como olho Roma: Brasília começou com uma simplificação final de ruínas. A hera ainda não cresceu. – Além do vento há uma outra coisa que sopra. Só se reconhece na cristação sobrenatural do lago. – Em qualquer lugar onde se está de pé, criança pode cair, e para fora do mundo. Brasília fica à beira. – Se eu morasse aqui, deixaria meus cabelos crescerem até o chão. – Brasília é de um passado esplendoroso que já não existe mais. Há milênios desapareceu esse tipo de civilização. No século IV a.C. era habitada por homens e mulheres louros e altíssimos, que não eram americanos nem suecos, e que faiscavam ao sol. Eram todos cegos. É por isso que em Brasília não há onde esbarrar. Os brasiliários vestiam-se de ouro branco. A raça se extinguiu porque nasciam poucos filhos. Quanto mais belos os brasiliários, mais cegos e mais puros e mais faiscantes, e menos filhos. Não havia em nome de que morrer. Milênios depois foi descoberta por um bando de foragidos que em nenhum outro lugar seriam recebidos; eles nada tinham a perder. Ali acenderam fogo, armaram tendas, pouco a pouco escavando as areias que soterravam a cidade. Esses eram homens e mulheres menores e morenos, de olhos esquivos e inquietos, e que, por serem fugitivos e desesperados, tinham em nome de que viver e morrer. Eles habitaram as casas em ruínas, multiplicaram-se, constituindo uma raça humana muito contemplativa. – Esperei pela noite, noite veio, percebi com horror que era inútil: onde eu estivesse, eu seria vista. O que me apavora é: é vista por quem? – Foi construída sem lugar para ratos. Toda uma parte nossa, a pior, exatamente a que tem horror de ratos, essa parte não tem lugar em Brasília. Eles quiseram negar que a gente não presta. Construções com espaço calculado para as nuvens. O inferno me entende melhor. Mas os ratos, todos muito grandes, estão invadindo. Essa é uma manchete nos jornais. – Aqui eu tenho medo. – Este grande silêncio visual que eu amo. Também a minha insônia teria criado esta paz do nunca. Também eu, como eles dois que são monges, meditaria nesse deserto. Onde não há lugar para as tentações. Mas vejo ao longe urubus sobrevoando. O que estará morrendo meu Deus? – Não chorei nenhuma vez em Brasília. Não tinha lugar. – É uma praia sem mar. – Mamãe, está bonito ver você de pé com esse capote branco voando (É que morri, meu filho). – Uma prisão ao ar livre. De qualquer modo não haveria pra onde fugir. Pois quem foge iria provavelmente para Brasília. Prenderam-me na liberdade. Mas liberdade é só que se conquista. Quando me dão, estão me mandando ser livre. – Todo um lado de frieza humana que eu tenho, encontro em mim aqui em Brasília, e floresce gélido, potente, força gelada da Natureza. Aqui é o lugar onde os meus crimes (não os piores, mas os que não entenderei em mim), onde os meus crimes não seriam de amor. Vou embora para os meus outros crimes, os que Deus e eu compreendemos. Mas sei que voltarei. Sou atraída aqui pelo que me assusta em mim. – Nunca vi nada igual no mundo. Mas reconheço esta cidade no mais fundo de meu sonho. O mais fundo de meu sonho é uma lucidez. – Pois

como eu ia dizendo, Flash Gordon... – Se tirasse meu retrato em pé em Brasília, quando revelassem a fotografia só sairia a paisagem. – Cadê as girafas de Brasília? – Certa cristação minha, certos silêncios, fazem meu filho dizer: puxa vida, os adultos são de morte. – É urgente. Se não for povoada, ou melhor, superpovoada, uma outra coisa vai habitá-la.

Clarice Lispector

ANEXO F – O QUE A MEMÓRIA AMA FICA ETERNO

O que a memória ama fica eterno

Adélia Prado

Quando eu era pequena, não entendia o choro solto da minha mãe ao assistir a um filme, ouvir uma música ou ler um livro. O que eu não sabia é que minha mãe não chorava pelas coisas visíveis. Ela chorava pela eternidade que vivia dentro dela e que eu, na minha meninice, era incapaz de compreender.

O tempo passou e hoje me emociono diante das mesmas coisas, tocada por pequenos milagres do cotidiano.

É que a memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos. Crianças têm o tempo a seu favor e a memória ainda é muito recente. Para elas, um filme é só um filme; uma melodia, só uma melodia. Ignoram o quanto a infância é impregnada de eternidade.

Diante do tempo, envelhecemos, nossos filhos crescem, muita gente parte. Porém, para a memória, ainda somos jovens, atletas, amantes insaciáveis. Nossos filhos são crianças, nossos amigos estão perto, nossos pais ainda vivem.

Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos dentro da gente. Quando nos damos conta, nossos baús secretos – porque a memória é dada a segredos – estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo.

A capacidade de se emocionar vem daí, quando nossos compartimentos são escancarados de alguma maneira. Um dia você liga o rádio do carro e toca uma música qualquer, ninguém nota, mas aquela música já fez parte de você – foi o fundo musical de um amor, ou a trilha sonora de uma fossa – e mesmo que tenham se passado anos, sua memória afetiva não obedece a calendários, não caminha com as estações; alguma parte de você volta no tempo e lembra aquela pessoa, aquele momento, aquela época...

Amigos verdadeiros têm a capacidade de se eternizar dentro da gente. É comum ver amigos da juventude se reencontrando depois de anos – já adultos ou até idosos – e voltando a se comportar como adolescentes bobos e imaturos. Encontros de turma são especiais por isso, resgatam as pessoas que fomos, garotos cheios de alegria, engraçadinhos, capazes de atitudes infantis e debilóides, como éramos há 20, 30 ou 40 anos. Descobrimos que o tempo não passa para a memória. Ela eterniza amigos, brincadeiras, apelidos... mesmo que por fora restem cabelos brancos, artroses e rugas.

A memória não permite que sejamos adultos perto de nossos pais. Nem eles percebem que crescemos. Seremos sempre “as crianças”, não importa se já temos 30, 40 ou 50 anos. Pra eles, a lembrança da casa cheia, das brigas entre irmãos, das histórias contadas ao cair da noite... ainda são muito recentes, pois a memória amou, e aquilo se eternizou.

Por isso é tão difícil despedir-se de um amor ou alguém especial que por algum motivo deixou de fazer parte de nossas vidas. Dizem que o tempo cura tudo, mas não é simples assim. Ele acalma os sentidos, apara as arestas, coloca um band-aid na dor. Mas aquilo que amamos tem vocação para emergir das profundezas, romper os cadeados e assombrar de vez em quando. Como disse na introdução do blog, somos a soma de nossos afetos, e aquilo que amamos pode

ser facilmente reativado por novos gatilhos: somos traídos pelo enredo de um filme, uma música antiga, um lugar especial.

Do mesmo modo, somos memórias vivas na vida de nossos filhos, cônjuges, ex amores, amigos, irmãos. E mesmo que o tempo nos leve daqui, seremos eternamente lembrados por aqueles que um dia nos amaram.